



LEANDRO SILVEIRA DE ARAUJO

A EXPRESSÃO DA **ANTERIORIDADE** **TEMPORAL** EM ESPANHOL

**UMA ANÁLISE
SOCIOLINGÜÍSTICA**

EDU FU

A expressão da anterioridade temporal em espanhol:
uma análise sociolinguística



Universidade Federal de Uberlândia

Reitor

Valder Steffen Jr.

Vice-reitor

Carlos Henrique Martins da Silva



Diretor

Alexandre Guimarães Tadeu de Soares

Conselho Editorial

Alexandre Guimarães Tadeu de Soares (Presidente)

Amon Santos Pinho

Arlindo José de Souza Junior

Carla Nunes Vieira Tavares

Mical de Melo Marcelino

Sertório de Amorim e Silva Neto

Wedisson Oliveira Santos

Coordenação Editorial

Eduardo M. Warpechowski

Revisão de Língua Portuguesa

Lúcia Helena Coimbra Amaral

Revisão de Provas

Cláudia de Fátima Costa

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Heber Silveira Coimbra

Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1S

Campus Santa Mônica

CEP 38400-902 | Uberlândia-MG

Tel.: + 55 (34) 3239-4293

www.edufu.ufu.br | edufu@ufu.br

Leandro Silveira de Araujo

A expressão da anterioridade
temporal em espanhol:
uma análise sociolinguística



© 2023, EDUFU

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido
por qualquer meio sem autorização escrita da Editora.

Imagem da capa: Adobe Stock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663e Araújo, Leandro Silveira de.
A expressão da anterioridade temporal em espanhol [recurso eletrônico]
: uma análise sociolinguística / Leandro Silveira de Araujo. – Uberlândia:
EDUFU, 2023.
258 p.: il.

ISBN: 978-65-88055-00-7

Livro digital (e-book)

Disponível em: doi.org/10.14393/EDUFU-978-65-88055-00-7

Inclui bibliografia.

1. Sociolinguística. 2. Língua espanhola – Sintaxe. 3. Língua espanhola
– Dialeto. 4. Linguística histórica II. Título.

CDU: 801:316

Paulo Sérgio Coelho de Sá Filho – CRB 6/933
Bibliotecário/Documentalista

Editora associada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Introdução	9
 1 A expressão da anterioridade em espanhol	15
1.1 A linguagem e o tempo	15
1.1.1 <i>Tempus</i> : dêixis temporal e combinações referenciais	17
1.1.2 <i>Tempus</i> e o verbo	19
1.1.3 O sistema reichenbachiano	21
1.1.3.1 O sistema verbal da língua espanhola pela ótica reichenbachiana	26
1.1.4 A teoria temporal de Guillermo Rojo.....	28
1.1.4.1 O sistema verbal da língua espanhola pela ótica de Guillermo Rojo....	30
1.2 A anterioridade temporal em espanhol	31
1.2.1 O passado absoluto	33
1.2.1.1 O <i>pretérito perfecto simple</i> : entre o passado absoluto e outros valores	36
1.2.2 Antepresente	39
1.2.2.1 O <i>pretérito perfecto compuesto</i> : entre o antepresente e outros valores	46

2 O estudo da língua em uso: a variação das formas do pretérito perfecto	57
2.1 A variação entre as formas do <i>pretérito perfecto</i>	57
2.1.1 A variação na Península	58
2.1.2 A variação na Argentina	60
2.1.2.1 Buenos Aires	62
2.1.2.2 San Miguel de Tucumán	64
2.2 Contribuições da sociolinguística para o estudo da variação e mudança linguísticas	65
 3 Percurso e história do passado em espanhol	75
3.1 Breve história dos passados: do latim ao espanhol contemporâneo	75
3.1.1 A definição da auxiliaridade dos tempos compostos de anterioridade em espanhol	86
3.1.2 O desenvolvimento da oposição PPS e PPC no espanhol	91
3.2 A gramaticalização e os pretéritos no espanhol	95
3.2.1 Mecanismos de gramaticalização	100
3.2.2 Os mecanismos de Heine	111
3.2.3 Indicadores de gramaticalização	113
 4 Aspectos metodológicos	119
4.1 Grupo de fatores empregados na análise multivariada	119
4.1.1 Grupos de fatores linguísticos	120
4.1.2 Grupo de fatores extralinguísticos	126
4.2 <i>Goldvarb Yosemite</i>	129
4.3 O <i>corpus</i> de análise	131

5 Análise sociolinguística135

5.1 Análise do comportamento do PPC e do PPS no antepresente.....	136
5.1.1 A expressão do antepresente imediato	138
5.1.1.1 Análise multivariada da expressão do AP imediato em San Miguel de Tucumán	142
5.1.2 A expressão do antepresente específico	150
5.1.2.1 Análise multivariada da expressão do AP específico em Buenos Aires	156
5.1.2.2 Análise multivariada da expressão do AP específico em San Miguel de Tucumán	161
5.1.3 A expressão do antepresente ampliado	168
5.1.3.1 Análise multivariada da expressão do AP ampliado em Buenos Aires	176
5.1.3.2 Análise multivariada da expressão do AP ampliado em San Miguel de Tucumán	182
5.2 Análise do comportamento do PPC e do PPS no passado absoluto	187
5.2.1 Análise multivariada da expressão do PA em Madri	194
5.2.2 Análise multivariada da expressão do PA em Buenos Aires.....	200
5.2.3 Análise multivariada da expressão do PA em San Miguel de Tucumán	206

Considerações sobre as variedades da Argentina e da Espanha213

Referências229

Introdução

O interesse pelo estudo da expressão da anterioridade temporal na língua espanhola decorre da dissonância entre a descrição por parte da norma gramatical do castelhano e o uso observável das formas simples (*escribí*) e composta (*he escrito*) do *pretérito perfecto* em diferentes variedades do idioma.

De um lado, há estudos que afirmam que “no espanhol moderno baseado na melhor prática e nas melhores normas” (KANY, 1970, p. 199) emprega-se o *perfecto simple* (PPS) para referir-se ao passado absoluto (PA), isto é, para “designar fato sucedido no passado e que teve limite neste mesmo marco temporal” (ALARCOS LLORACH, 1980, p. 33), sem manter, portanto, relação “com o momento de fala ou com a pessoa que fala” (LENZ, 1920, p. 440). Nessa direção, atribui-se ao *perfecto compuesto* (PPC) a expressão do antepresente (AP), pois com essa forma é feita a referência a situações passadas que mantêm relação com algo que ainda vigora (BELLO, 1972, 2004), isto é, “uma forma do passado que se projeta para o presente” (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p. 428), porque a situação anterior é observada a partir de uma perspectiva de presente, com a qual mantém uma relação de coexistência. Em síntese, a distinção proposta mais comumente pela *norma-padrão* da língua espanhola defende que o PPS e o PPC coincidem em significar ação pretérita, diferenciando-se, contudo,

[...] por marcar el primeiro perfectividad y falta de conexión con el presente y el segundo la realización de dicha acción como un proceso, imperfectivo, que perdura (objetiva o subjetivamente) en un espacio de tiempo que [...] incluye al hablante (DE GRANDA, 2003, p. 203).

Os comportamentos das duas formas podem ser observados nos enunciados (1) e (2), em que os advérbios “*ayer/hoy*” evidenciam a leitura do PA e do AP, respectivamente.

- (1) *La niña que ayer tocó con él “Get Back” y protagonizó uno de los momentos más lindos del recital, habló con varios medios [...].* (La Nación/Buenos Aires)
- (2) *La ópera prima del director indio ha ganado hoy la Butaca de oro del Premio Principado de Asturias [...].* (El País/Madrid)

Por outro lado, como demonstram estudos descritivos, o uso efetivo das formas do *pretérito perfecto* em variedades diatópicas do espanhol nem sempre se comporta de maneira rígida como retratado por parte da norma-padrão. A observação do emprego dos pretéritos em variedades da língua revela um comportamento diferente do descrito por algumas gramáticas, posto que se encontra tanto o PPS coocorrendo em contextos de antepresente (*hoy*) como o PPC no âmbito de passado absoluto (*durante los años anteriores*), conforme exemplificam os enunciados (3) e (4), respectivamente:

- (3) [...] *también habla de la nota que salió en perfil hoy revelando la reunión que tuvo De Narváez con Aranda del Clarín.* (Radio Cooperativa/Buenos Aires)¹
- (4) *Durante los dos años anteriores he tenido una buena relación con el Mister. He trabajado muy bien.* (Radio Cope/Madri)

Considerando essa divergência entre norma e uso, este estudo analisa e descreve uma variedade da língua castelhana na Espanha (Madri) e duas variedades na Argentina (Buenos Aires e San Miguel de Tucumán). O contraste entre essas três variedades da língua é um exemplo evidente de que a diversidade no comportamento das formas do *pretérito perfecto* é uma realidade que caracteriza seu funcionamento no sistema da língua espanhola.

Em complemento, os dados finais deste estudo mostram que esse dinamismo é consequência de um comportamento histórico que ainda está em desenvolvimento

¹ Os exemplos utilizados neste livro foram extraídos de notícias de jornais e entrevistas radiofônicas de diferentes países, entre 2008 e 2017. Os nomes dos jornais e rádios serão citados entre parênteses, assim como a cidade de origem. Os casos contrários estão citados nas notas de rodapé.

nas variedades do espanhol. Isso se deve a que o PPC percorre um *continuum* de mudança que o conduz de uma base de funcionamento exclusivamente aspectual, de valor resultativo (5), até a expressão de anterioridade (6), passando, assim, a veicular o valor de antepresente e, finalmente, o de passado absoluto (HARRIS, 1982). Por conseguinte, a observação diacrônica do PPS revela um rearranjo histórico de seu uso à medida que a forma composta avança por contextos temporais antes reservados exclusivamente a ele.

(5) *Grant cosa as perdida*.²

(6) *Este año han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos.*

(Radio Cadena 3/Córdoba)

A opção pela análise da variedade castelhana (Madri) deve-se a que normalmente ela é tomada como referência para a composição da norma-padrão³ da língua espanhola, de modo que, ao considerá-la, não só encontramos oportunidade para refletir sobre a referida aproximação, mas também sobre a possibilidade de considerá-la como uma espécie de grupo de controle. Por sua vez, a opção pelas variedades da Argentina deve-se, em primeira análise, à necessidade de reavaliar um discurso pouco preciso e equivocado sobre o comportamento das formas do *pretérito perfecto* segundo o qual haveria uma norma comum de uso para todo o país, de forma que o uso do PPC seria escasso ou inexistente.

O cenário delineado pela conclusão da análise dos dados revela, entre outras informações, que, conforme a variedade diatópica, a relação de variação entre o PPS e o PPC modifica-se. No que se refere ao âmbito de antepresente, observamos um uso aparentemente categórico do PPC na variedade madrilenha e diferentes graus de variação conforme o subâmbito de antepresente considerado nas variedades argentinas. Quanto ao passado absoluto, observamos em Buenos Aires um uso quase categórico da forma simples, ao passo que em Madri e San Miguel de Tucumán a forma composta apresenta maior recorrência – apesar de ainda assim permanecer menos recorrente que o PPS.

Em síntese, a problemática orientadora deste estudo procede não apenas do desencontro entre a norma-padrão e o uso efetivamente observado das formas do

² Coletado por Alarcos LLorach (1980), do *Libro de Alexandre*, uma obra em verso da primeira metade do século XIII, que narra a vida de Alexandre Magno, rei da Macedônia.

³ Embora reconheçamos que a língua espanhola viva uma era relativamente “policêntrica”, isto é, sujeita ao surgimento de muitas normas regionais (FANJUL, 2011), parece que os manuais gramaticais ainda não recuperam ou explicitam efetivamente essa diversidade normativo-diatópica, apresentando, por isso, uma norma que ainda reproduz, direta ou indiretamente, um ideal normativo pan-hispânico.

pretérito perfecto em espanhol, mas também do reconhecimento de um complexo e extenso processo de mudança histórica das formas do *pretérito perfecto* nas línguas românicas, de modo geral, e nas variedades do espanhol, mais especificamente. Além, é claro, da observação sincrônica da variação existente entre o PPS e o PPC sob as diferentes dimensões extralinguísticas de análise, com especial destaque à dimensão diatópica – muitas vezes abordada de modo impressionista e generalizador.

A fim de proceder ao estudo da expressão de anterioridade na língua espanhola sob uma perspectiva sociolinguística, este livro será organizado em cinco capítulos. No primeiro, “A expressão da anterioridade em espanhol”, discutimos a categoria de tempo (*tempus*) e como ela se constrói na linguagem, observando, em especial, a temporalidade linguística estruturando-se no sistema da língua espanhola. Finalmente, definimos os âmbitos de antepresente e de passado absoluto e observamos como o *pretérito perfecto simple* e o *compuesto* podem se relacionar tanto em relação a esses âmbitos temporais como a outros valores.

No segundo capítulo, “O estudo da língua em uso: a variação das formas do *pretérito perfecto*”, resenhamos como o estado da arte descreve, sob diferentes perspectivas e objetivos, a variação entre as formas do PPC e do PPS nas variedades do espanhol. Em seguida, introduzimos a concepção de linguagem adotada, isto é, vista como um instrumento comunicativo com profunda e indispensável vinculação social. A partir dessa definição, relacionamos o estado variável do PPC e do PPS com a característica heterogênea da língua e de sua comunidade de fala. Desse modo, estabelecemos os pressupostos para descrever a variação entre as formas do *pretérito perfecto* como um comportamento encaixado na estrutura da língua e da sociedade, permitindo verificar que os fatores relativos à informação temporal e à origem diatópica, entre outros, são importantes para compreender o uso do PPC e do PPS.

Em seguida, no capítulo “Percurso e história do passado em espanhol”, apresentamos um breve panorama da origem e do desenvolvimento do PPC e do PPS do latim até às línguas românicas, com especial atenção ao espanhol e às suas variedades. Em seguida, refletimos sobre o processo de gramaticalização do *pretérito perfecto compuesto* e buscamos fundamentos teóricos para identificar o atual estágio de uso das duas formas do *perfecto compuesto* como pertencente a uma das etapas de um longo processo de mudança linguística que, aparentemente, ainda se constrói na língua espanhola.

No penúltimo capítulo, expomos alguns “Aspectos metodológicos”. Assim, explicamos como as abordagens semasiológica e onomasiológica são fundamentais

para a compreensão do fenômeno em variação. Ademais, definimos o modelo de análise assumido, além dos demais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos considerados ao longo do exame dos dados. Por último, apresentamos e justificamos o uso de entrevistas radiofônicas como um *corpus* linguístico pertinente para o estudo da expressão da anterioridade em espanhol.

No capítulo final, expomos a “Análise sociolinguística”. Dessa forma, discutimos progressivamente o comportamento do PPC e do PPS nos âmbitos temporais em que se observa variação entre as formas e, paralelamente, exibimos dados da análise multivariada em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Por fim, apresentamos algumas “Considerações sobre as variedades da Argentina e da Espanha”.

A expressão da anterioridade em espanhol

O interesse em analisar a expressão do tempo em uma língua conduz à reflexão teórica sobre como essa categoria se estrutura na língua. A elaboração dessa fundamentação teórica traz uma melhor compreensão da complexidade que envolve o sistema temporal do espanhol, por se tratar de “uma língua muito rica em formas de flexão, o que torna muito complexo o aprendizado do verbo tanto em seu aspecto puramente formal como, sobretudo, semântico e sintático” (PORTO DAPENA, 1989, p. 29).

Abordamos, neste capítulo, o conceito de tempo, como ele se constrói nas línguas naturais e, mais especificamente, no espanhol. Finalmente, atemo-nos com maior atenção à descrição das concepções temporais de antepresente e de passado absoluto, para então verificarmos como a norma gramatical do espanhol descreve sua expressão.

1.1 A linguagem e o tempo

Segundo Benveniste (2006, p. 71), o homem relaciona-se com o tempo em quatro instâncias: física, psíquica, crônica e linguística. Sobre o tempo físico, diz ser o tempo do mundo, o qual assume uma forma contínua, uniforme, infinita, linear e segmentável. Essa concepção temporal teria um correlato mental segundo o qual o tempo é visto como detentor de duração infinitamente variável, que cada

indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior. A essa apreensão chamamos tempo psíquico.

Sobre o tempo crônico, o autor afirma ser o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida. É esse tempo que permeia a visão do mundo e de nossa existência pessoal, possibilitando, por meio de uma referência⁴ preestabelecida, localizar e distinguir algo que é anterior ou posterior a esse marco referencial. A importância dada ao ponto de referência deve-se ao fato de informar a posição objetiva dos acontecimentos e de determinar nossa situação em relação a eles.

Benveniste (2006) observa o esforço que o homem dedica para objetivar a terceira concepção do tempo; isso ocorre porque se vê no tempo crônico uma condição necessária para a sobrevivência da sociedade. Um exemplo da objetivação do tempo crônico é o calendário, que assume um importante evento sócio-histórico (nascimento de Cristo, por exemplo) como referência e, a partir dele, organizam-se na linha do tempo os eventos menores e mais individualizados.

Antes de introduzir a perspectiva do tempo linguístico, Benveniste (2006, p. 74) lembra que é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, e o tempo linguístico manifesta-se irredutível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico. Desse modo, salienta-se a dependência que temos da língua para experienciarmos o tempo, tanto na sua concepção crônica como na física. Mais que mera representação referencial dessas concepções temporais, o tempo da língua permite a percepção, a apreensão e a compreensão dos tempos à medida que os estrutura no sistema linguístico. Nesse processo de sistematização, o tempo na língua assume características peculiares que o transformarão no “tempo da língua”.

Para Benveniste (2006, p. 74), na definição do tempo linguístico, deve-se observar “o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso”. Em outras palavras, diferentemente do tempo crônico, que determina sua referência socialmente e que segue a contínua linearidade do tempo físico, o tempo linguístico, arbitrariamente, tem seu centro na instância da fala. Um centro que é ao mesmo tempo gerador e axial, origem e referência. Logo, ao enunciar, construímos implicitamente o tempo linguístico, o presente, que será reinventado a cada vez que um alguém fala, porque é realmente um novo instante.

⁴ Que pode ser definida individual ou coletivamente, haja vista que podemos assumir um evento de relevância pessoal ou ainda adotar uma convenção social como referência.

A partir desse tempo presente, que se desloca acompanhando o ato discursivo, constrói-se uma referência que

[...] constitui a linha de separação entre dois outros momentos engendrados por ele e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento não é ainda presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção (BENVENISTE, 2006, p. 75).

Em outros termos, tal qual o presente, também o passado e o futuro da língua dependem do momento de fala e da referência instaurada nele. O primeiro caracteriza a concomitância à enunciação, enquanto os outros dois (passado e futuro), a não concomitância, que se articula em anterioridade e posterioridade, respectivamente (FIORIN, 1996).

O tempo na língua organiza-se, portanto, no discurso e instaura um agora que é o momento de enunciação, a que se contrapõe um então. Em complemento, Santos (1974) observa em algumas línguas a diferenciação lexical entre o conceito de tempo não linguístico – isto é, o tempo cronológico, físico etc. – e a expressão do tempo linguístico por meios gramaticais⁵. A fim de reproduzir essa distinção neste estudo, usaremos, respectivamente, “tempo” e a forma latina “*tempus*” (com o plural *tempora*). Assim, evitamos a ambiguidade decorrente da polissemia existente nessa palavra.

17

1.1.1 *Tempus*: dêixis temporal e combinações referenciais

Em consonância com o que propõe Benveniste (2006), outros teóricos apontam que a relação inerente entre o *tempus* e o momento de fala/enunciação é a característica fundamental dessa categoria linguística. Esse é o caso, por exemplo, de Reichenbach (2004 [1947]), Hernández Alonso (1996 [1984]), Comrie (2000 [1985]) e Fiorin (2008), os quais afirmam, respectivamente, que

The tenses determine time with reference to the time point of the act of speech (REICHENBACH, 2004, p. 526).

[...] *Cualquier medición de temporalidades ha de ser necesariamente relativa a un momento o a varios... Y por supuesto el punto más próximo y conocido por el hablante es el de la elocución que coincide con su momento vital* (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p. 411).

What one rather finds most typically is the choice of the speech situation as the reference point, i.e. the present moment [...] and tenses locate situations

⁵ Por exemplo, o autor cita o caso do alemão, que apresenta, respectivamente, as formas *zeit* e *tempus*, e do inglês, que, igualmente, possui *time* e *tense* para expressar os respectivos valores.

either at the same time as the present moment or prior to the present moment, or subsequent to the present moment [...] (COMRIE, 2000, p. 14).

O tempo deve, pois, ser definido como a categoria gramatical que permite situar os acontecimentos como presentes, pretéritos ou futuros, em relação a um marco referencial presente, pretérito ou futuro, estabelecido a partir do momento da enunciação (FIORIN, 2008, p. 11).

Na mesma direção, Rojo e Veiga (1999) mostram que o tempo da língua fundamenta-se no estabelecimento de um ponto zero, que, por sua vez, coincide com o momento de enunciação, de maneira que cada ato linguístico converte-se em seu próprio centro de referência, com respeito ao qual os acontecimentos podem ser anteriores, simultâneos ou posteriores. Dessa forma, as relações temporais no *tempus* dão-se a partir de uma referência implícita (ponto zero) que é criada e ancorada arbitrariamente no momento de fala, por isso a localização temporal de um evento dependerá de sua relação com o momento de enunciação – daí decorre o caráter dêitico que se atribui ao *tempus*, uma categoria linguística que se constrói e se organiza a partir da enunciação.

Nem sempre a relação com o momento de enunciação é estabelecida de modo explícito e direto, posto que um valor temporal pode se construir também a partir de outra referência temporal, a qual, por sua vez, manterá uma relação mais estreita com o momento de fala. Pode-se, portanto, afirmar que a temporalidade linguística é uma categoria dêitica, relativa e flexível, que se organiza em torno de mais de um eixo.

Há de se considerar a existência de três instâncias temporais envolvidas na expressão linguística do tempo, que, em combinação, permitirão sua expressão linguística:

- momento da fala (MF) – momento da enunciação, que está em contínua construção e que coincide com o momento presente do enunciador;
- momento do evento (ME) – momento das situações observadas/descritas;
- momento de referência (MR) – momento em que o falante se situa idealmente, deslocando-se em pensamento para o passado ou para o futuro (CASTILHO, 1966).

Será o momento de referência a concepção mais abstrata e de maior dificuldade de análise. A ele caberá singular importância na categorização linguística da experiência humana com o tempo, pois

[...] este momento del punto de vista del hablante es el fundamental en la comunicación, el más específicamente lingüístico, puesto que A [ME] coincide

con el tiempo físico de los acontecimientos y E [MF] coincide con el tiempo biológico del emisor en la comunicación. En cambio, R [MR] nos muestra la posición donde se sitúa el hablante para significar A [ME] desde su E [MF]. (HERNÁNDEZ ALONSO, 1996, p. 413).

1.1.2 Tempus e o verbo

A relatividade é uma das grandezas que definem o tempo, pois quando situamos uma situação no tempo, sempre estabelecemos uma relação dela com outro fato, isto é, a informação temporal será sempre o intervalo compreendido entre ambos os pontos.

Para Bull (1971), os integrantes de uma comunidade podem tomar três eixos de referência pública para inferência compartilhada de um valor temporal. O primeiro deles corresponde aos eventos cósmicos: o nascer do sol, o anoitecer, as fases da lua, a maré, as estações do ano etc. A marcação de horas pelo relógio também pode ser tomada por muitas culturas como uma referência pública para a medição do tempo. Em terceiro lugar, costuma-se tomar acontecimentos com grande repercussão na sociedade; esse é o caso, por exemplo, da coroação ou morte de um monarca, de um terremoto, da deflagração de uma guerra.

Além desses três eixos referenciais públicos, há ainda um acontecimento que ocorre individualmente, em coincidência com o existir de um indivíduo em seu ato de pensar e enunciar, mas que pode ser tomado como um eixo coletivo de orientação:

The act of speaking is the only “personal” event which can actually be observed and used by another person. It functions, then, as an axis of orientation for the speaker and anyone who happens to be listening to him. [it] is the prime point of orientation for all tense systems (BULL, 1971, p. 7).

Interessado, então, em entender como essa medição do tempo se constrói linguisticamente, Comrie (2000) observa diferentes línguas e conclui que a conceitualização linguística da temporalidade pode mudar radicalmente de uma comunidade para outra. Consciente dessa heterogeneidade e visando a uma teoria que envolva, se não todas, ao menos a maior parte das línguas naturais, Comrie (2000) identifica modos comuns de expressar o tempo por meio de estruturas linguísticas.

No primeiro grupo, de expressões lexicais fixas, encaixam-se signos linguísticos de uso coletivo que variam conforme a língua observada. Esse é o caso, por exemplo, dos advérbios de tempo “ontem/*ayer*, hoje/*hoy*, amanhã/*mañana*,

antes/*antes*, depois/*después*”. O segundo grupo envolve construções lexicais mais específicas e compõe-se de sintagmas construídos com o objetivo de indicar com maior precisão em que momento dada informação acontece. Essas construções se valem de outros acontecimentos do mundo do indivíduo e até mesmo de estruturas do primeiro grupo. São exemplos desse grupo: “a semana antes do aniversário da minha mãe” ou “cinco minutos depois de João sair”. Por suas características, essas expressões são potencialmente infinitas. Rojo e Veiga (1999) explicam que as construções do primeiro e segundo grupos são as que mais se relacionam com o tempo crônico, por conseguirem especificar quando determinada situação ocorreu/ocorrerá⁶.

Finalmente, o terceiro agrupamento constitui-se por categorias gramaticais, dentre as quais se destaca o tempo verbal. Sabe-se que a observação dessa categoria pressupõe o estudo do verbo, posto que é uma “classe de palavras cujo significado é capaz de indicar, por processos morfológicos, modificações de voz, modo, tempo, aspecto, pessoa e número” (SANTOS, 1974, p. 56). Desse modo, o verbo situa a ação ou processo – que constitui seu significado nuclear, expressado por sua base léxica – em relação com o tempo (PORTO DAPENA, 1989), tomando como referência diretamente o momento de fala (tempos absolutos) ou um momento especificado no contexto (tempos relativos)⁷.

O modo de expressão do tempo linguístico pelo verbo pode se modificar conforme a língua. No português e no espanhol, o valor temporal é muitas vezes difundido por meio de sufixos flexionais (SF) que se unem à base verbal:

(a). Cant	a	Va	Ø
(b).Cant	a	Ba	Ø
(raiz)	(vt)*	(SF de tempo/aspecto)	(SF de número/pessoa)
(base)			

* Vogal temática.

Nos casos acima, são os sufixos flexionais (SF) de tempo que situam a ação, o estado, o evento ou o processo do verbo na sua relação temporal com a enunciação e o falante/ouvinte (CORÔA, 2005). Como já comentado anteriormente, é atribuída ao *tempus* a conexão temporal dos acontecimentos descritos com o momento da enunciação, de onde inferimos que podemos identificar a categoria do *tempus* na

⁶ Denominamos “marcadores temporais” as “expressões lexicais fixas” e “específicas”.

⁷ Como predicador, o verbo desempenha um papel maior no interior das orações.

relação do verbo com seus elementos flexionais. Contudo, é importante salientar que nem sempre a orientação do *tempus* é dada por um sufixo ligado à base verbal. Bull (1971, p. 20) identifica algumas línguas em que os morfemas temporais são ligados ao sujeito ou apresentam-se como formas livres (crioulo haitiano, yoruba, madarim). Tampouco encontramos a existência de um único sufixo operando na expressão do valor temporal da forma do *pretérito perfecto compuesto*, mas um conjunto de marcas linguísticas e contextuais: de um lado, a forma auxiliar *haber*, conjugada no presente do indicativo; de outro, uma forma do particípio aportando a ideia de conclusão.

Riemer (2010) observa ainda que a sistematização do *tempus* pode se mostrar diferente conforme a língua em análise. Desse modo, encontram-se tanto línguas que seguem uma organização de (1) base tripartida (Pretérito ⇔ Presente ⇔ Futuro) como de base bipartida, na qual se encontram dois subgrupos: o das (2) línguas que opõem as formas do presente às formas do passado, e o das (3) línguas que apresentam oposição entre forma marcada e não marcada (passado vs. não passado ou futuro vs. não futuro). As línguas de sistemas bipartidos possuem outros meios de especificação temporal, tais como os verificados no primeiro e segundo grupos das formas de expressão do tempo.

A estruturação tripartida, verificada nas línguas românicas, por exemplo, possibilita, a partir do momento de enunciação, organizar os *tempora* em três âmbitos: correspondentes ao que já aconteceu (passado), ao que está acontecendo (presente) e ao que acontecerá (futuro). É evidente que as línguas poderão fragmentar essa divisão básica construindo âmbitos menores que guardam direta relação com o valor do âmbito maior, resultando, por isso, em um sistema temporal que abriga mais de três *tempora*.

Para melhor entender como os *tempora* se estruturam nas línguas, recorreremos aos postulados de Reichenbach (2004) e de Rojo (1974, 1988, 1990, 1999). Não obstante, cumpre ressaltar que, apesar da maior atenção dada ao *tempus*, os autores não desprezam outras categorias verbais que operam conjuntamente com ele (como o aspecto, por exemplo).

1.1.3 O sistema reichenbachiano

A compreensão do sistema temporal de Reichenbach (2004) pressupõe um diálogo direto com a Teoria da Relatividade Especial (TRE) desenvolvida fundamentalmente por Einstein. Para o físico, era incabível a concepção de um

tempo absoluto⁸ com uma existência ontológica. Pelo contrário, o tempo deveria possuir uma conceitualização mais individualizada por ser relativo a um único observador. Dessa forma, somente a partir do posicionamento desse observador conseguimos determinar a simultaneidade, a anterioridade ou a posterioridade dos eventos no tempo.

Focalizando-se no tempo da língua, Corôa (2005) alerta que a figura do observador passa a ser vista, por questões de generalização teórica⁹, como um sistema fixo de referência dentro do qual o conjunto temporal se encontra”. No sistema reichenbachiano, o observador culmina no que é considerado inovador para os estudos do *tempus*: o momento de referência (MR)¹⁰. Instância que, na descrição dos *tempora*, deverá ser somada aos já conhecidos momentos do evento (ME) e da fala (MF)¹¹.

O ME possui a manifestação mais concreta dentre os três, por ter um referente definido e por captar mais objetivamente o intervalo de tempo em que ocorre o processo, o evento, a ação ou o estado descrito (CÔROA, 2005). Por sua vez, o MF mostra o caráter dêitico que tem o *tempus*, visto que se relaciona diretamente com o ato locutório e com a pessoa do discurso que enuncia. Por último, o MR, considerado o mais complexo dentre os três, é visto como um sistema de inércia que serve de referencial fixo para uma definição de tempo em uma TRE (CORÔA, 2005). Portanto, o MR definirá as perspectivas de restrospectividade, simultaneidade e posterioridade ao MF.

Para explicar a necessidade do MR no estudo do *tempus*, além do modo como ele se relaciona com os demais momentos, Reichenbach (2004, p. 527) apresenta o exemplo:

(1) *In 1678 the whole face of things had changed.*

⁸ Segundo Corôa (2005, p. 26), a conceitualização de tempo absoluto foi desenvolvida por Newton e Galileu, os quais postularam a concepção de um tempo ontológico, isto é, que existe por si só, fora dos eventos. Desse modo, o tempo fluiria sem relação com qualquer coisa que lhe fosse externa, e os momentos presente, passado e futuro seriam entidades com existências próprias, independentes de eventos

⁹ Essa generalização deve-se à necessidade que possuem as línguas de estruturar um sistema que seja minimamente comum a seus falantes e, desse modo, de garantir a eficiência comunicativa entre eles. Não fosse assim, seria impossível a expressão de *tempora* compreensíveis por todos os falantes, uma vez que poderia haver tantos sistemas de *tempora* quanto a quantidade de usuários de dado idioma.

¹⁰ No inglês, *point of reference* (R), e no espanhol, também *momento de referencia* (MR).

¹¹ No inglês, *Point of the Event* (E) e *Point of Speech* (S), respectivamente. No espanhol, *Momento del Evento* (ME) e *Momento de Habla* (MH).

Nele, verificamos o momento de referência fixado no ano 1678 e, portanto, passado em relação ao momento de fala. Por sua vez, o momento do evento (*had changed*) estabelece uma relação de anterioridade ao MR. Assim, inferimos que a forma “*had changed*” expressa o *tempus* passado anterior (*anterior past*), o que, na representação lógica de Reichenbach (2004), é descrito como ME-MR-MF. Na notação desse teórico, entende-se travessão (–) como retrospectividade ou prospectividade, e vírgula (,) como simultaneidade. Ou seja, no caso específico de ME-MR-MF, verifica-se um evento (ME) anterior ao momento de referência (MR), o qual, por sua vez, também guarda uma relação de anterioridade à enunciação (MF).

Segundo Reichenbach (2004), o momento de referência pode ser inferido também do próprio contexto de enunciação e até mesmo da relação com outros eventos; são esses os casos verificados no microconto “*El miedo*”, de Eduardo Galeano (2003):

Una mañana, nos regalaron un conejo de Indias. Llegó a casa enjaulado. Al mediodía, le abrió la puerta de la jaula. Volvió a casa al anocheecer y lo encontré tal como lo había dejado: jaula adentro, pegado a los barrotes, temblando del susto de la libertad (GALEANO, 2003, p. 99).

As formas simples sublinhadas não possuem, no texto, um marcador temporal que lhes sirva como referência explícita, tal como encontramos no exemplo (1), de modo que o MR deverá ser constituído pelo contexto de enunciação, o qual levará a inferir que “*una mañana*” ou “*al anocheecer*” não são concomitantes ao MF, mas passado em relação a ele. Além disso, os momentos do evento das formas sublinhadas são concomitantes a “*una mañana*” ou “*al anocheecer*”, levando a concluir que as formas verbais sublinhadas expressam o passado simples (*simple past*), descrito por Reichenbach como ME,MR-MF.

Quanto à forma composta, em negrito, verificamos que seu MR não mais se constitui por meio de um marcador temporal explícito, mas por intermédio do *tempus* existente nas formas sublinhadas – que expressam o *passado simples*. O que verificamos em “*lo encontré tal como lo había dejado*” é um momento de referência (“*encontré*”) que é passado ao MF, mas posterior ao ME (“*había dejado*”), isto é, novamente o passado anterior (ME-MR-MF).

No entanto, devemos ter consciência de que, por se tratar de um ponto abstrato, o MR nem sempre pode ser identificado como um elemento frasal concreto. Um terceiro exemplo, oferecido por Hernández Alonso (1996, p. 413),

ajuda a compreender como o MR opera como o ponto de vista do enunciador, pois, ao observar (2), encontramos em ambas as orações um compartilhamento do MF e do ME (ocorrendo em 1492). Todavia, a grande diferença entre elas deve-se à referência assumida em cada uma, pois, enquanto em (2a) assume-se um ponto de vista presente, isto é, concomitante com o momento de fala (MR,MF), em (2b) assume-se uma perspectiva de passado (MR-MF). Desse modo, o MR mostra o posicionamento em que se situa o falante para significar o ME a partir do MF.

- (2a) *Colón descubre América en 1492.*
- (2b) *Colón descubrió América en 1492.*

Quadro 1.1: Das relações temporais de Reichenbach

Estrutura	Novo nome	Nome tradicional
ME–MR–MF	Passado anterior (I had eaten...)	Past Perfect
ME,MR–MF	Passado simples (I ate...)	Simple Past
MR–ME–MF	Passado posterior	—
MR–MF,ME		
MR–MF–ME		
ME–MF,M	Presente anterior (I have eaten...)	Present Perfect
MF,M,ME	Presente simples (I eat...)	Present
MF,M,MR–ME	Presente posterior (I am going to eat)	Simple Future
MF–ME–MR	Futuro anterior (I will have eaten...)	Future Perfect
MF,ME–MR		
ME–MF–MR		
MF–MR,ME	Futuro simples (I will eat...)	Simple Future
MF–MR–ME	Futuro posterior	—

Fonte: Reichenbach (2004, p. 531). Tradução do autor.

Isso posto, parece claro que, para a definição dos *tempora*, três entidades devem ser identificadas numa relação de coordenação entre elas. Duas delas devem ser eventos externos e explícitos (MF e ME), o terceiro é o sistema de referência, o evento de observação (BULL, 1971). Se fizermos, tal como Reichenbach (2004), as permutas posicionais entre os três momentos – considerando a concomitância ou

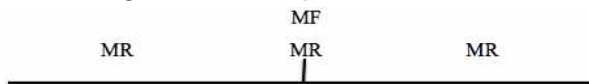
não concomitância (de anterioridade ou de posterioridade) entre dois ou três deles –, chegaremos ao quadro de relações lógico-temporais com treze possíveis *tempora*:

Considera-se, contudo, a existência de conjuntos de relações que, em essência, expressam o mesmo sentido. Esse é o caso de MR-ME-MF, MR-MF-ME, MR-MF-ME, cujo sentido comum é de passado posterior (*posterior past*), isto é, de uma referência anterior ao momento de fala e ao momento do evento; e de MF-ME-MR, MF-ME-MR, ME-MF-MR, as quais expressam o valor do futuro anterior (*anterior future*), ou seja, de uma referência posterior ao MF e ao ME.

Notemos que as relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade entre o MR e o MF são indicadas, respectivamente, pelos termos passado, futuro e presente. Por outro lado, a posição do ME em relação ao MR é rotulada por anterior, simples e posterior, sendo simples equivalente à concomitância entre o MR e o ME. Em especial, destacamos que o presente anterior corresponde ao que temos chamado de antepresente, assim como o passado simples corresponde ao que denominamos passado absoluto.

A compreensão dessas relações torna-se mais clara se nos orientamos pelo raciocínio de Vet (2007), que verificam os três momentos de referência (MR) fixados arbitrariamente em relação ao MF, conforme observamos na Figura 1.1.

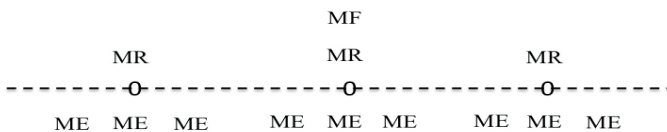
Figura 1.1: Da relação entre MR e MF



Fonte: Vet (2007, p. 8). Tradução do autor.

O autor prevê ainda a refragmentação dessa tripartição tendo em vista a relação estabelecida entre os momentos do evento (ME) e os momentos de referência (MR), chegando, dessa maneira, a nove possíveis relações:

Figura 1.2: Da relação entre ME e MR

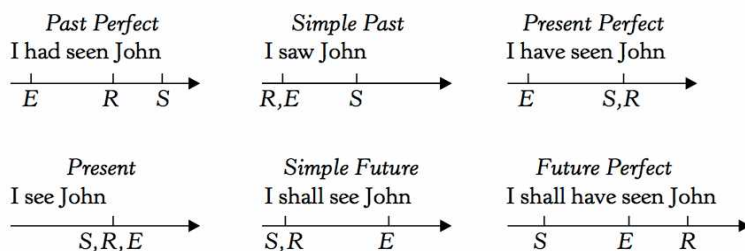


Fonte: Vet (2007, p. 8). Tradução do autor.

Como vemos, diferentemente da permuta feita por Reichenbach (2004), na qual primeiramente se chega à quantidade de treze possíveis relações lógico-temporais, para só depois reduzi-la aos nove *tempora* efetivamente funcionais, no diagrama de Vet (2007) somos conduzidos diretamente às nove relações significativas. É evidente que os nove *tempora* respondem a uma teoria que visa à descrição de qualquer língua e, portanto, prevê valores não necessariamente realizáveis em todos os idiomas.

O inglês, por exemplo, não apresenta formas destinadas à expressão dos valores de passado posterior (*posterior past*) e futuro posterior (*posterior future*), dispondo de apenas seis *tempora* em seu sistema, os quais têm a relação dos momentos ilustrada pelo próprio autor por meio da Figura 1.3.

Figura 1.3: Dos *tempora* da língua inglesa¹²



Fonte: Reichenbach (2004, p. 527).

Em suma, a peculiaridade no postulado de Reichenbach (2004) deve-se à existência de um sistema de referência comum aos falantes. A partir da referência compartilhada entre um grupo, é possível observar as relações existentes entre acontecimentos e, logo, a sua localização temporal.

1.1.3.1 O sistema verbal da língua espanhola pela ótica reichenbachiana

Acero Fernández (1990) e Carrasco Gutiérrez (1994) destacam alguma dificuldade na acomodação dessa proposta ao sistema do espanhol, visto que essa teoria não acomodaria a forma *habría trabajado* e seria necessária uma reflexão sobre o aspecto verbal a fim de auxiliar, por exemplo, na diferenciação de algumas

¹² E, R e S referem-se ao momento do evento (ME), ao momento de referência (MR) e ao momento de fala (MF).

formas do pretérito. O Quadro 1.2 aplica a teoria temporal de Reichenbach (2004) à língua espanhola.

É pertinente destacar que, para os autores, tanto o *pretérito perfecto simple* (*trabajé*) como o *pretérito imperfecto* (*trabajaba*) expressam o valor de passado simples (ME,MR-MF), sendo a diferença entre eles de caráter aspectual¹³. Por sua vez, a forma do futuro (*trabajaré*) veicularia dois dos valores presentes na proposta reichenbachiana: o presente posterior (MF,MR-ME), envolto pelo âmbito primário de coexistência ao MF (*ahora*); e o *futuro simples* (MF-MR,ME), no âmbito de posterioridade ao MF (*mañana*). Finalmente, segundo os autores, não haveria uma forma na língua espanhola destinada fundamentalmente à expressão do futuro posterior (MF-MR-ME).

Quadro 1.2: Dos *tempora* da língua espanhola sob a ótica reichenbachiana

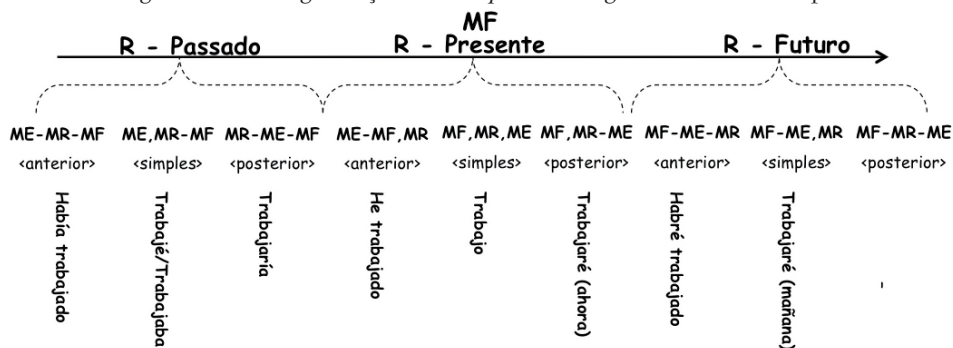
Estrutura	Novo nome	Nome tradicional	Forma verbal
ME-MR-MF	Passado anterior	Pretérito pluscuamperfecto	Había trabajado
ME,MR-MF	Passado simples	Pretérito perfecto simple/ Pretérito imperfecto	Trabajé Trabajaba
MR-ME-MF MR-MF,ME MR-MF-ME	Passado posterior	Condicional	Trabajaría
ME-MF,MR	Passado anterior	Pretérito perfecto compuesto	He trabajado
MF,MR,ME	Presente simples	Presente	Trabajo
MF,MR-ME	Presente posterior	Futuro	Trabajaré (ahora)
MF-ME-MR MF,ME-MR ME-MF-MR	Futuro anterior	Futuro perfecto	Habré trabajado
MF-MR,ME	Futuro simples	Futuro	Trabajaré (mañana)
MF-MR-ME	Futuro posterior	–	–

Fonte: Carrasco Gutiérrez (2004, p. 527). Tradução do autor.

A Figura 1.4 considera a organização de Vet (2007) e, assim, localiza, na linha do tempo, os *tempora* do espanhol em relação ao momento de fala (MF):

¹³ Segundo Comrie (1976) e García Fernández (2008), o *pretérito perfecto simple* possui aspecto perfectivo, retratando, portanto, os limites do evento. O *pretérito imperfecto*, por outro lado, possui aspecto imperfeito, o que lhe faz se ater ao desenvolvimento do evento, propiciando, por isso, a construção de um sentido durativo. Em comum, ambos os *tempora* são de passado.

Figura 1.4: Da organização dos *tempora* da língua na linha do tempo

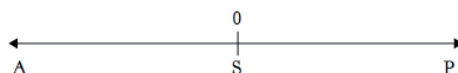


Fonte: Vet (2007)

1.1.4 A teoria temporal de Guillermo Rojo

Rojo (1974, 1988, 1990, 1999) nomeia a referência fundamental do *tempus* de ponto central ou ponto zero (0), isto é, a origem com relação à qual se orientam de forma mediata ou imediata as situações. A partir do ponto zero, verifica-se a possibilidade de orientarmos os eventos como anteriores (A), simultâneos (S) ou posteriores (P):

Figura 1.5: Das possíveis orientações dos acontecimentos em relação ao ponto zero



Fonte: Rojo (1974, p. 78).

Essas três coordenadas, por sua vez, recebem o nome de vetores (V) e serão representadas, tendo em vista os acontecimentos (A), da seguinte maneira:

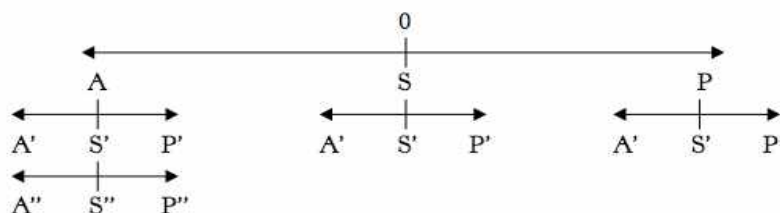
A (0-V) – *Ayer fuimos al parque*/Ontem fomos ao parque;

A (0oV) – *Hoy estamos en vacaciones*/Hoje estamos de férias;

A (0+V) – *Mañana comeré en la playa*/Amanhã comeremos na praia.

Inferimos daí que -V significa anterioridade, oV simultaneidade e +V posterioridade ao ponto zero (0). Pertinente nessa proposta é a possibilidade de mostrar como um acontecimento (A) pode se orientar também em relação a outro evento, que, por sua vez, guarda uma relação mais estreita com a origem, tal como se verifica na Figura 1.6:

Figura 1.6: Da orientação dos acontecimentos em relação a outro acontecimento



Fonte: Rojo (1974, p. 79).

Conforme se desce o nível das relações temporais, observa-se a configuração de uma referência temporal mais complexa, pois se vai acrescentando, nível a nível, mais um vetor à notação proposta por Rojo. Assim é que encontraremos, no segundo nível, a fórmula $[(0-V)+V]$ ¹⁴, que representa um acontecimento posterior (+V) a uma referência expressa por (0-V), isto é, um evento anterior (-V) ao ponto zero (0). Esse é o valor expresso por *descubriría*, em (3), já que a descoberta refere-se a um fato futuro em relação à referência pretérita estabelecida pelo abandono da mãe.

- (3) *Un día, la madre se fue y los abandonó a todos. Y él solo descubriría mucho más tarde, ya en la edad adulta, la raíz de la violencia materna inscrita.* (El País/Madri)

Aparentemente, poderíamos pensar que essas relações tendem a se estender em direção ao infinito, no entanto, Rojo (1974) adverte que provavelmente não existam línguas com formas verbais que indiquem relações mais complexas que as expressas na Figura 1.6, com até três níveis de relações temporais. Essa construção de extrema complexidade seria encontrada no espanhol por meio da forma composta na sentença (4), a qual, na formalização de Rojo (1990, p.27), seria representada por $A [(((0-V)+V)-V)]$, expressão de um acontecimento (*habría terminado*) anterior a uma situação posterior (*llegáramos*) a outro acontecimento (*dijo*), o qual, por sua vez, encontra-se em uma relação de anterioridade ao ponto zero (0).

- (4) *Nos dijo que ya habría terminado cuando *llegáramos*.*

¹⁴ Verificável no ponto P', à esquerda da Figura 1.6.

Atendo-se à relação existente entre os acontecimentos e o ponto central (0), Rojo (1999) propõe que os *tempora* sejam classificados em absolutos – isto é, que guardam relação direta com a origem – ou em relativos –, que têm sua relação com o ponto central mediada por uma ou mais referências secundárias, ou seja, com outros acontecimentos (A). Daqui decorre a concepção de um passado absoluto, isto é, *tempus* que estabelece uma relação de anterioridade direta com a referência primária, que é o MF.

1.1.4.1 O sistema verbal da língua espanhola pela ótica de Guillermo Rojo

Guillermo Rojo destaca que cada um dos *tempora* compõe-se necessariamente de um vetor primário, definido por uma das três coordenadas estabelecidas diretamente em relação ao ponto central (0): de anterioridade (-V), de simultaneidade (oV) e de posterioridade (+V), e cujo papel fundamental é a (1) expressão da relação temporal primária dos tempos absolutos ou a (2) especificação de um ponto de referência dos tempos relativos. Nesse postulado, portanto, a relação temporal primária ocupará sempre o vetor (V) ao extremo direito da notação, ao passo que todo o restante, à esquerda, irá se destinar à expressão do *ponto de referência*, que, nas palavras de Rojo e Veiga (1999, p. 2882), “pode ser a origem ou mesmo um ponto situado em relação a ela, que estabelece a situação no eixo temporal do momento em relação ao qual as formas expressam a relação primária”.

Quadro 1.3: Dos *tempora* do modo indicativo da língua espanhola pela ótica de Rojo

Ponto de referência	Relação temporal primária		
	-V	oV	+V
0	Canté	Canto	Cantaré
(0-V)	Había cantado	Cantaba	Cantaría
(0oV)	He cantado		
(0+V)	Habré cantado		
((0-V)+V)	Habría cantado		

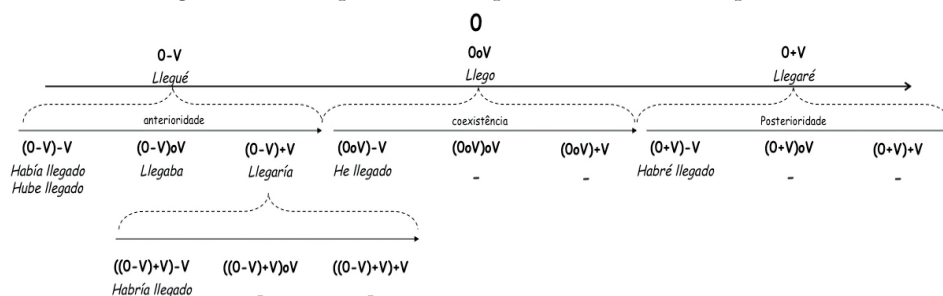
Fonte: Rojo e Veiga (1999, p. 2884). Tradução do autor.

A título de exemplo, em A[((0oV)-V)], que, conforme o Quadro 1.3, informa o *tempus* da forma *he cantado*, podemos diferenciar o vetor de relação temporal primária (-V) do ponto de referência (0oV). Ou seja, o valor temporal da forma *he*

cantado expressa um acontecimento anterior a uma referência simultânea à origem – isto é, o antepresente. Tendo explicado como esses dois constituintes operam juntos para expressar o valor dos *tempora*, torna-se mais fácil a compreensão do quadro que esboça os *tempora* do modo indicativo da língua espanhola. A observação das formas dentro desse esboço possibilita perceber a preponderância, no espanhol, de *tempora* de relação temporal primária de anterioridade (-V).

A Figura 1.7 considera o postulado de Guillermo Rojo (2007), localizando, na linha do tempo, os *tempora* do espanhol em relação ao ponto zero (0). Em síntese, a proposta de Rojo tem, sobre o postulado reichenbachiano, a vantagem de definir claramente o lugar que ocupam todos os *tempora* no sistema da língua espanhola, diferenciando claramente, por exemplo, o PPS do *pretérito imperfecto* quanto à função temporal desempenhada. Há de se notar ainda que Guillermo Rojo considera que as formas correspondentes a cada um dos valores aqui apresentados tomam os respectivos sentidos como primários, sem desconsiderar, contudo, a possibilidade de que expressem outras relações temporais como valores secundários.

Figura 1.7: Da expressão da temporalidade verbal no espanhol



Fonte: Rojo (1974, p. 82). Adaptação do autor.

1.2 A anterioridade temporal em espanhol

Encontramos no estudo de Andrés Bello (1972, 2004) uma proposta de categorização do passado na língua espanhola em cinco âmbitos temporais: (i) o pretérito, (ii) o copretérito, (iii) o antepresente, (iv) o antepretérito e o (v) antecopretérito, aos quais correspondem, respectivamente, as cinco formas de passado que se encontram disponíveis no sistema da língua: *amé*, *amaba*, *he amado*, *hube amado* e *había amado*.

No primeiro âmbito temporal, encontra-se o pretérito ou passado absoluto, que “significa a anterioridade do atributo ao ato da palavra” (BELLO, 1972, p. 7). Conforme a característica aspectual da base verbal, pode-se observar uma situação que chega à sua perfeição e expira, isto é, “a anterioridade de toda a duração do atributo ao ato da palavra” (BELLO, 2004, p. 200), ou que subsiste durando – ou seja, “a anterioridade apenas daquele instante em que o atributo chega à sua perfeição (BELLO, 2004, p. 200)”. Para o autor, encontramos o primeiro comportamento em verbos télicos e o segundo em verbos atélicos, como representam os enunciados (5) e (6), respectivamente.

- (5) *29 de enero. María Jesús Rufas, de 74 años, murió asesinada en su chalé de Calviá (Mallorca).* (El País/Madri)
- (6) *La fuerte explosión se oyó en toda la ciudad, y los residentes salieron a los balcones de sus hogares [...].* (La Nación/Buenos Aires)

O copretérito refere-se à coexistência do atributo com um fato passado, de maneira que a duração do fato passado com que é comparado forma apenas uma parte da sua duração (BELLO, 1972, p. 8). Por exemplo, em (7), a chuva (*lluvia*) coexiste, por um instante, com a chegada do socorro (*recogieron*):

- (7) *Cuando nos recogieron, llovía con una inclemencia extraordinaria [...].* (La Nación/Buenos Aires)

O terceiro âmbito, de antepresente, envolve situações passadas que mantêm relação com algo que ainda existe. Esse é o caso de (8), em que a precipitação (*ha precipitado*) ocorre em um contexto temporal existente (*hoy*) no ato de enunciação:

- (8) *ni hoy se ha precipitado irremediabilmente en el infierno de una crisis sin esperanza.* (El País/Madri)

O quarto âmbito, por sua vez, refere-se ao antepretérito e, como tal, “significa que o atributo é imediatamente anterior a outra situação, que tem relação de anterioridade com o momento em que falo” (BELLO, 2004, p. 203). Desse modo, o enunciado (9) mostra que o amanhecer (*hubo amanecido*) é imediatamente anterior ao “sair” (*salí*), que, por sua vez, é uma ação passada

em relação à fala. Apesar de reconhecermos que a descrição do sistema temporal feita por Bello (1972, 2004) data de mais de 160 anos, é importante salientar que os estudos mais contemporâneos apontam o desuso dessa forma composta na oralidade, permanecendo restrita ao registro formal escrito.

(9) *Cuando hubo amanecido, salí*

Por último, o âmbito do antecopretérito abriga o atributo que é anterior a uma situação que, por sua vez, é anterior ao momento em que se enuncia. Esse é o caso de (10), em que a intenção (*había anticipado*) é anterior à morte do animal (*mató*).

(10) *También mató al perro a machetazos, como había anticipado en su cuaderno escolar.* (El País/Madri)

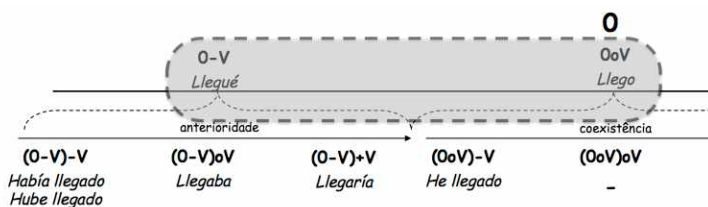
Diferentemente do valor de antepretérito, observamos que, no antecopretérito, não se indica que a sucessão entre as duas situações descritas é imediata, mas que provavelmente envolve um intervalo relativamente maior.

Essa simples apresentação sobre a expressão do passado em espanhol não visa a uma descrição sistemática e minuciosa do funcionamento das formas verbais próprias do pretérito, mas a uma modesta apresentação da envoltura temporal em que se alinham os dois âmbitos temporais de anterioridade a que nos atemos neste estudo: o passado absoluto e o antepresente.

1.2.1 O passado absoluto

De acordo com o que revela o estudo de Bello (1972, 2004), o valor de passado absoluto (PA) significa a anterioridade do atributo à origem, que é o próprio momento de enunciação. Contudo, há outros valores temporais que, direta ou indiretamente, também expressam anterioridade ao MF. A fim de melhor definir os traços do PA, a Figura 1.8 faz um esboço da expressão do passado em espanhol segundo Rojo (1974).

Figura 1.8: Da expressão do passado absoluto em espanhol segundo Guillermo Rojo



Fonte: Rojo (1974). Elaborado pelo autor.

Representa-se o PA por meio de “0-V” (*llegué*), dado que indica que a relação de anterioridade ao momento de enunciação (0) é construída a partir de uma relação direta com “0” – daí decorre o caráter absoluto¹⁵ atribuído ao valor. Em complemento, Cartagena (1999) associa o sentido do PA ao *pretérito perfecto simple* (PPS) e afirma que essa forma, do mesmo modo que as demais formas de valor temporal absoluto, delineia um segmento temporal primário a partir do ponto zero:

[...] *el presente marca la coexistencia [ámbito primario de coexistencia], el paralelismo del hablar con un punto del tiempo real, respecto del cual las formas de pretérito perfecto simple y de futuro indican anterioridad [ámbito primario de retrospectividad] y posterioridad [ámbito primario de prospectividad], respectivamente* (CARTAGENA, 1999, p. 2937).

A atribuição do sentido de passado absoluto refere-se, portanto, à envoltura temporal que abarca aquilo que pertence ao âmbito primário de retrospectividade e, portanto, já não faz parte do presente. A observação dos enunciados que seguem mostra eventos envolvidos por essa concepção:

- (11) [...] *ayer hablé con los periodistas* [...]. (Cadena 3/Córdoba)
 (12) *El año pasado estuve haciendo la consigna de Arnold Wesker*”
 <B3>.

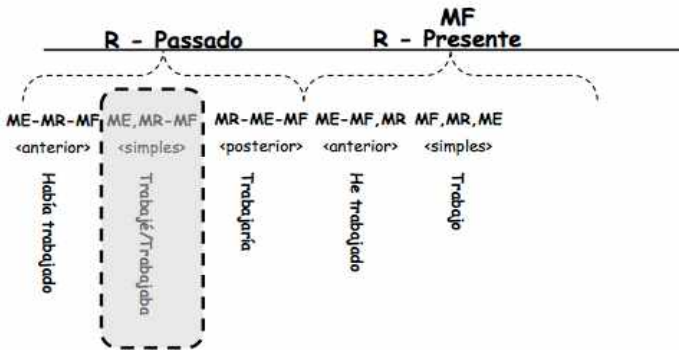
É pertinente notar o papel dos marcadores temporais de ressaltar o sentido suscitado pela forma verbal, uma vez que, ao dizer “*ayer*” ou “*el año pasado*”,

¹⁵ Rojo (1999) chama de absolutas às relações temporais que se estruturam em relação direta com o ponto zero/central, o passado absoluto (0-V), o presente (0oV) e o futuro (0+V). Nomeia relativos os valores temporais que não estabelecem relação direta com o ponto zero, mas com uma referência secundária – que, por sua vez, traçará relação com o ponto central. Esse é o caso, como veremos, do valor de antepresente ((0oV)-V).

indica-se a abrangência do “âmbito primário de restrospectividade” referido. Ao se usar esses marcadores, destaca-se que a situação descrita já não faz parte do âmbito de coexistência – no qual vigoraria “hoje” e “neste ano”, respectivamente –, mas do âmbito temporal já concluído de *ayer/año pasado*. É nesse sentido que Alarcos Llorach (1980) descreve haver uma tendência do *tempus* passado absoluto em se associar com advérbios que indicam que a ação se produz num período de tempo em que não está incluído o momento presente da fala.

A aplicação do postulado teórico de Reichenbach (2004) à língua espanhola também revela a forma do PPS (*trabajé*) associando-se à expressão do PA (ME,MR–MF). Conforme mostra a Figura 1.9, o referido âmbito temporal corresponde a situações (ME) que estão contidas no momento de referência passado (R-Passado) e que estabelecem uma relação de simultaneidade com ele. É interessante observar que nesse postulado o *imperfecto* (*trabajaba*) compartilha da mesma envoltura temporal, sendo distinguida do PPS apenas por questões aspectuais.

Figura 1.9: Da categorização do passado absoluto na língua segundo Reichenbach



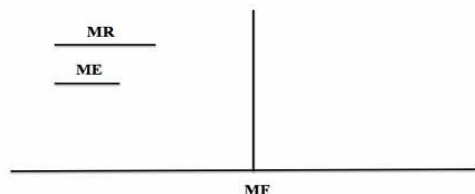
Fonte: Reichenbach (2004). Elaborado pelo autor.

Por fim, para Comrie (2000), o sentido fundamental do passado absoluto é apenas localizar uma situação como anterior ao presente, sem se preocupar, portanto, em informar que se trata de uma situação concluída, isto é, que não se estende até o presente ou além dele. Segundo o autor, é por meio de uma implicatura conversacional que o falante se inteira da conclusão do fato descrito.

A síntese do valor do passado absoluto pode ser mais bem entendida por meio da Figura 1.10, na qual ocorre uma situação (ME) anterior ao momento

de enunciação, cuja perspectiva (MR) coincide com o ME ou é imediatamente posterior a ele – mas sempre anterior ao MF.

Figura 1.10: Da síntese do valor de *passado absoluto*



Fonte: Hernández Alonso (1996, p. 428).

1.2.1.1 O *pretérito perfecto simple*: entre o passado absoluto e outros valores

A recorrente associação da expressão do passado absoluto à forma do *pretérito perfecto simple* se deve, em parte, a que, em sua origem, no latim, a forma do PPS estava vinculada à expressão de situações passadas concluídas, isto é, marcadas pelo traço aspectual de *perfectum* e pelo valor temporal de passado.

Conforme aponta a *Nueva gramática de la lengua española* (RAE, 2009), a denominação *pretérito perfecto simple* é composta de três características importantes para a compreensão de seu funcionamento. A primeira corresponde a um traço temporal, isto é, dêitico ou referencial (*pretérito*); a segunda faz referência a uma informação de ordem aspectual (*perfecto*); e, por fim, há ainda a informação correspondente à sua morfologia (*simple*). A *Real Academia Española* atribui fundamentalmente o valor de passado absoluto ao PPS, posto que essa forma faz referência a situações pretéritas terminadas, com os limites de início e fim marcados.

A fim de melhor compreender o funcionamento dessa forma verbal e sua relação com a expressão do passado absoluto, passemos por uma breve análise semasiológica do *perfecto simple* segundo as descrições mais emblemáticas na língua espanhola.

Quadro 1.4: Dos valores atribuídos ao PPS pela norma gramatical

Valores		Autores													
		NEBRIJA (1980 [1492])	BELLO (1972 [1841], 1999[1947])	LENZ (1920)	KANY (1970 [1945])	GILI GAYA (1970)	RAE (1986[1985])	ROJO (1974, 1990, 1999)	ALARCOS LLORACH (1980 [1970], 200[1994])	HERNÁNDEZ ALONSO (1996 [1985])	PORTO DAPENA (1989)	KOVACCI (1992)	GUTIÉRREZ ARAUS (1997)	TORREGO (2002)	RAE (2009, 2010)
1	Passado Absoluto	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
2	Antecipativo	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	+	
3	Antepretérito	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	
4	Experiencial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Encontramos, no Quadro 1.4, um acordo sobre a atribuição do valor de passado absoluto ao PPS. Já na primeira gramática da língua espanhola (1492), lê-se que o “passado acabado é aquele em que alguma coisa se fez, como eu ameí” (NEBRIJA, 1980, p. 187). Complementando o que disse Bello (1972, 2004) quase um século antes, Lenz (1920) afirma que

Canté expresa la acción del verbo como fenómeno sucedido en época pasada, que solo se relaciona con otros fenómenos que le precedieron o siguieron, como un momento del pasado que no se pone en relación con el momento de habla, ni con la persona que habla (LENZ, 1920, p. 440).

Por seu turno, Kany (1970) observa “o espanhol moderno baseado na melhor prática e nas melhores normas” e também atribui ao PPS a expressão de uma ação completa no passado. De igual maneira, os demais autores apresentados no Quadro 1.4 mostram que “o *perfecto simple* designa um fato sucedido no passado e que teve um limite nesse mesmo passado” (ALARCOS LLORACH, 1980, p. 33). Contudo, ainda se encontram alguns gramáticos que identificam outros sentidos no uso do PPS.

ANTECIPATIVO

Lenz (1920), Kany (1970), Gili Gaya (1970) e a *Nueva gramática de la lengua española* (RAE, 2009) descrevem o PPS expressando também uma espécie de futuro imediato – o que aqui chamaremos de antecipativo. Lenz (1920) e Kany (1970) limitam esse uso especialmente ao espanhol chileno e mostram que sempre vem acompanhado do advérbio *ya*. Por sua vez, Gili Gaya (1970) acrescenta que o valor perfectivo presente nesse tempo verbal favorece a intenção de mostrar o que é inevitável: o inerente acontecimento de um fato, como quando em uma viagem de transporte público o veículo vai chegando ao destino em que o sujeito vai descer e este apressadamente diz – antes mesmo da parada:

(13) *¡Ya llegué!*

O que se observa nesse uso é o adiantamento de um fato certo do porvir, que, expresso por meio do PPS, torna-se mais concreto antes mesmo de sua realização.

ANTEPRETÉRITO

O valor de antepretérito, apenas descrito por Porto Dapena (1989), mostra que o PPS às vezes é usado – sobretudo na modalidade oral – no lugar do *pluscuamperfecto*, ao se referir a ações passadas em relação a um momento pretérito estabelecido pelo contexto, assumindo, desse modo, o traço de anterioridade relativa próprio das formas compostas de passado. Esse é o caso de (14), em que a adoção (*adoptó*) ocorre antes de se conhecerem (*antes de conocerme*):

(14) *Eso dijo Gabriela Michetti, de los niños, de nosotros, de los hijos que mi esposo adoptó antes de conocerme <B4>.*

EXPERIENCIAL

Por fim, apenas a RAE (2009) descreve mais minuciosamente o uso do PPS em competição com a forma do PPC em orações genéricas, expressando um valor experiencial, isto é, que remete a uma situação que ocorreu em um instante qualquer do passado, não especificado na ampla margem temporal que envolve a existência do ente que realiza a ação descrita. Esse é o caso de (15), em que o marcador temporal “*a lo largo de su vida*” permite uma interpretação ampla,

isto é, de que os estudos (*estudió*) possam ter ocorrido em qualquer momento do período. Como veremos adiante, no estudo do antepresente (ampliado), esse parece ser um dos usos atribuídos ao PPC quando presente em âmbitos temporais abertos e estendidos a todo o período de existência.

(15) *Para eso estudió a lo largo de su vida [...] <M5>*.

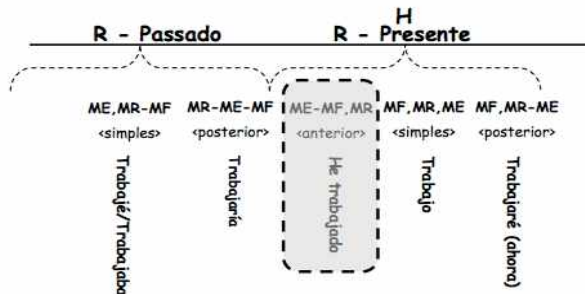
1.2.2 Antepresente

Foi Andrés Bello (1972, 2004) quem pela primeira vez cunhou o termo antepresente (AP), e para quem o valor faz referência a situações passadas que mantêm relação com algo que ainda existe. Entretanto, coube a outros gramáticos uma descrição mais cuidadosa desse valor temporal e de como se estabelece a relação da situação passada com algo que ainda existe. A fim de melhor delinear-mos esse âmbito temporal e respeitando às dimensões que ele pode receber na língua espanhola, passemos a observação de sua categorização e de seu potencial de acomodação em três subdivisões: AP imediato, AP específico e AP ampliado.

ANTEPRESENTE ESPECÍFICO

Mesmo quando se trata de um valor passado, Reichenbach (2004) insere o valor de antepresente no âmbito referencial concomitante ao momento de fala (R Presente), sem eliminar, é claro, seu traço de anterioridade. Em outros termos, tal como mostra a Figura 1.11, dita relação de anterioridade se estabelece dentro da perspectiva referencial de presente – diferentemente do passado absoluto, que, como visto, expressa uma ação pretérita observada a partir de uma referência passada.

Figura 1.11: Da categorização do *antepresente* na língua segundo Reichenbach



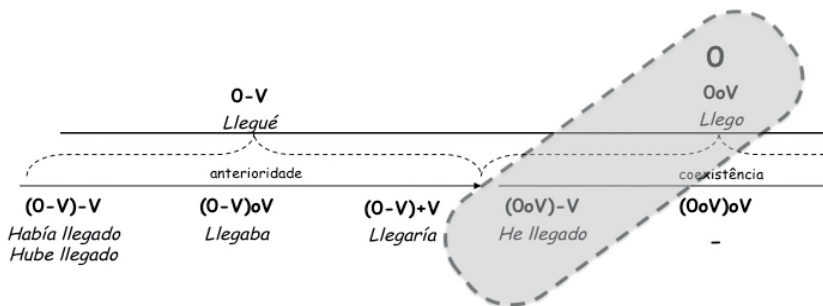
Fonte: Reichenbach (2004). Elaborado pelo autor.

Ao dizer (16), o enunciador insere a ação passada (*han dicho*) dentro de um âmbito referencial (*esta mañana*) que persiste ao produzir o enunciado.

(16) *En esta mañana se han dicho dos cosas eh... yo creo que es muy interesante ¿no? <MI>*

Na mesma direção, Rojo (1974, 1990, 1999) considera o valor de antepresente detentor de uma estruturação relativa, pois a informação temporal de anterioridade (-v) que promulga se estabelece tomando como referência outro valor temporal: o próprio presente (0oV). Assim, para o autor, o AP expressa um acontecimento anterior a uma referência (0oV) que, por sua vez, é simultânea à origem. De modo prático, observamos em (22) “*esta mañana*” estabelecendo-se como referência concomitante ao ponto zero, isto é, à enunciação, e a partir da qual se estabelecerá a base temporal para a construção do valor de anterioridade relativa própria do antepresente.

Figura 1.12: Da expressão do antepresente no espanhol segundo Guillermo Rojo



Fonte: Rojo (1974). Elaborado pelo autor.

Conforme explicita a Figura 1.12, diferentemente do valor de PA, que também corresponde a uma ação pretérita, no entanto assistida a partir de um “*âmbito primário de anterioridade*” (MR – pretérito), com o AP, apresenta-se um evento pretérito envolvido por uma percepção de presente (MR – presente/*âmbito primário de coexistência*), que, por isso, guarda uma relação temporal de coexistência com o MF, ou seja, de antepresente. Nas palavras de Cartagena (1999), esse valor indica

[...] *que una acción se realiza antes del punto cero que nos sirve de referencia para medir el tiempo, pero dentro del ámbito que tiene como centro la*

coexistencia o simultaneidad del dicho punto con el momento del habla
(CARTAGENA, 1999, p. 2941).

A fim de melhor entender a possível extensão do distanciamento existente entre o ME e o MF no valor de antepresente, muitos autores valem-se da observação de elementos linguísticos recorrentes no contexto de uso das formas verbais com esse valor. Esse procedimento deve-se a que

[...] *el contenido temporal que, paradigmáticamente, define cada una de las unidades del sistema puede ser completado mediante la adición de determinados segmentos lingüísticos, cuya función es la de enfatizar, precisar, orientar o localizar la situación temporal de la acción de que se trate* (PIÑERO PIÑERO, 1998, p. 109).

Dessa forma, observando alguns marcadores que possuem características temporais que se assemelham ao valor em análise, encontraríamos o antepresente ocorrendo “com os advérbios que indicam que a ação se deu em um período de tempo no qual se encontra compreendido o momento presente do que fala ou escreve”. Tal seria o caso de “*hoy, ahora, estos días, esta semana, esta tarde, esta mañana, este mes, el año en curso, esta temporada, hogaño, todavía no, en mi vida, durante el siglo presente, etc.*” (ALARCOS LLORACH, 1980, p. 24). Apesar da grande diferença na amplitude temporal abarcada por cada um desses marcadores, observemos que com qualquer uma dessas expressões conseguimos envolver em um mesmo âmbito temporal (MR) tanto a situação descrita (ME) como o momento de fala (MF).

Ou seja, ao dizermos as orações de (17), consideramos que tanto o acontecimento (“*ha ganado*”) como o momento da fala compartilham da mesma envoltura temporal: “*hoy*” (hoje) ou “*este año*” (este ano), respectivamente. Além disso, nessas orações, a recorrência do valor de antepresente mostra que não parece ser fundamental que a distância existente entre a situação (ME) e o ato de enunciação (MF) seja igual ou menor que um dia, mas que é suficiente haver uma relação temporal imbricada entre elas.

(17a) *La ópera prima del director indio ha ganado hoy la Butaca de oro del Premio Principado de Asturias [...].* (El País/Madri)

(17b) *La ópera prima del director indio ha ganado este año la Butaca de oro del Premio Principado de Asturias.*

Alarcos Llorach (1980) ainda observa que mesmo em enunciados de sentido antepresente sem uso de marcadores temporais pode-se observar implicitamente a consciência do falante de que os eventos têm como limite o presente gramatical. Nesses casos, infere-se o especificador “neste período de tempo em que falamos”.

A observação da expressão do AP específico aliada à revisão bibliográfica relacionada ao tema despertou a percepção de dois outros subâmbitos temporais resultantes do desdobramento perceptível do momento de referência: o de AP imediato e o de AP ampliado.

ANTEPRESENTE IMEDIATO

Encontramos no subvalor de antepresente imediato as mesmas características já examinadas, de modo geral, no valor de AP específico. É acrescida, porém, a seu campo semântico a especificidade de um traço imediato, ou seja, o momento de referência (MR), que envolve tanto a situação descrita (ME) como o ato de enunciação (MF), e passa a ser mais limitado, obrigando que dada situação esteja mais próxima ao momento de fala. Tal uso poderia ser verificado em:

- (18) [...] *algo que ha sorprendido en las últimas horas tiene que ver con el crecimiento de algunos proyectos que vienen desde China directamente.* (Radio LV10/Mendoza)

Esse enunciado mostra, graças ao uso do marcador temporal “*en las últimas horas*”, que a situação descrita (“*ha sorprendido*”) terminou muito recentemente.

Notamos que a maioria dos estudos segue permeada por uma dificuldade em delimitar a dimensão do âmbito primário de coexistência nesse valor marcado por uma traço de maior instantaneidade. Na tentativa de dar fim à falta de precisão, alguns pesquisadores chamam esse valor de hodierno¹⁶, indicando que a delimitação da distância existente entre o momento da fala e o momento do evento insere-se nos limites de um dia.

Advertimos, no entanto, que essa especificação nem sempre é segura, haja vista que pode sofrer alterações conforme a percepção temporal do falante. Esse é o caso de:

- (19a) *No ha venido esta mañana.*

- (19b) *No vino esta mañana.*

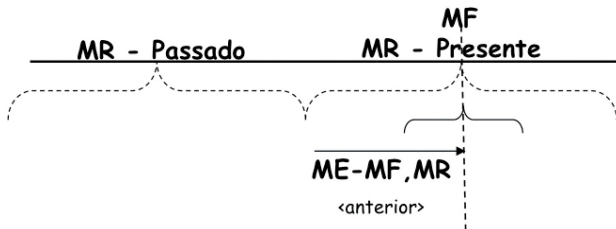
¹⁶ Do latim *hodiernus*, “do dia de hoje” (RAE, 2009, p. 1730).

Segundo Alarcos Llorach (2005), a diferença entre essas orações reside na possibilidade de se considerar “*esta mañana*”, em (19a), como parte de “hoje”, portanto, dentro do “âmbito primário de coexistência” do contexto hodierno; e, por outro lado, em (19b), considerar “*esta mañana*” como oposto a “*esta tarde*”, quando provavelmente se enuncia. Dessa forma, a situação descrita seria colocada fora do âmbito primário de coexistência, cuja abrangência envolveria apenas o período vespertino do dia. Parece que a distinção, marcada pelo uso de uma forma ou de outra, resulta das diferentes percepções de *tempus* que se têm do evento.

Rodriguez Louro (2008) comenta que o valor de AP imediato pode ser frequentemente associado à esfera jornalística pela preocupação que se tem em difundir uma informação dentro do menor tempo possível. Finalmente, ressaltamos, mais uma vez, que a diferença existente entre o valor de AP específico e de AP imediato (hodierno) reside fundamentalmente na extensão do “âmbito primário de coexistência” (MR). Por isso, parece apropriado tratar o segundo sentido como uma delimitação do valor de AP específico, cujo âmbito de coexistência pode se estender mais livremente e, conseqüentemente, envolver situações mais distantes do momento de fala.

Por fim, assinalamos que os dois valores podem ser inferidos na Figura 1.13, em que o colchete menor representa uma menor abrangência do âmbito de coexistência (MR presente) e, conseqüentemente, a maior proximidade que há entre o momento do evento (ME) e o momento de fala (MF) no valor hodierno. Já o colchete maior de MR-presente mostra a maior extensão do âmbito de coexistência, facultando, por isso, um maior distanciamento entre o ME e o MF, como ocorre no AP específico.

Figura 1.13: Dos valores do antepresente específico e do antepresente imediato (hodierno)



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

ANTEPRESENTE AMPLIADO

Identificado pela norma gramatical como experiencial, o valor aqui denominado AP ampliado indica que uma situação se manteve, pelo menos uma vez, durante algum tempo anterior ao MF, abrangente e muito pouco especificado, de modo que podemos lhe atribuir uma indeterminação temporal, já que não especifica, na linha do tempo, exatamente o momento quando dado evento sucedeu. Isso é o que ocorre abaixo:

- (20) [...] *vamos a hablar ya mismo, precisamente, con Jorge Valentín que ha hecho esa y otras declaraciones para La voz del interior.*
(Radio Cadena 3/Córdoba)

Apesar de não especificar quantas vezes, por quanto tempo ou em que momento exato Valentín fez suas declarações, o enunciado supõe que o entrevistado esteve em contato com o jornal “*La voz del interior*” por mais de uma ocasião num passado não determinado exatamente, mas que é envolto pelo âmbito referência presente (MR) que abrange o MF.

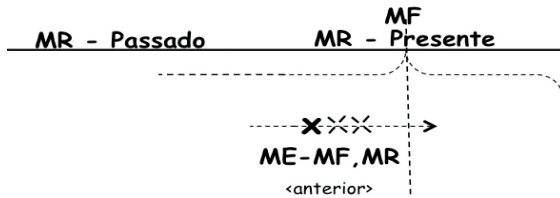
44 A ausência de um delimitador temporal explícito pode favorecer uma interpretação mais ampla do âmbito temporal em que dado evento aconteceu, de maneira que o enunciador e/ou o enunciatário pode considerar que a situação descrita tenha sucedido em qualquer momento durante um extenso período, que não raramente pode envolver até mesmo toda a existência do experimentador. Nessa direção é que o enunciado (21) – mesmo trazendo explicitamente um especificador temporal (“*en mi larga carrera*”) – ilustra como o âmbito primário de referência (MR presente) se arrasta a ponto de envolver um longo período da existência do enunciador. É a ampliação do MR que permite estabelecer uma relação entre a situação descrita e o MF, facultando, de alguma maneira, a leitura do AP.

- (21) [...] *en mi larga carrera de actor he dirigido espectáculos musicales, como los del Carmen Flores <B3>.*
[...] *em minha longa carreira de ator dirigi espetáculos musicais, como os de Carmen Flores.*

O valor ampliado pode ser contemplado na Figura 1.14, na qual as letras (x) mostram o desconhecimento da quantidade de vezes que ocorre o evento descrito. Por sua vez, a linha tracejada acusa a indefinição do momento exato em que se deu

a situação. Podemos observar, contudo, que, apesar de tamanha imprecisão, parece que a situação continua sendo tratada dentro do âmbito primário de coexistência (MR-Presente), posto que o falante pode estendê-lo a ponto de envolver toda sua vida.

Figura 1.14: Do valor antepresente ampliado



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A RAE (2010) afirma que *últimamente, en estos tiempos, en estos días*, nas fórmulas *a lo largo de* + grupo nominal quantitativo temporal, *en {más ~ menos} de* + grupo nominal quantitativo temporal ou *{desde ~ hasta}* + advérbio ou grupo nominal de sentido temporal são exemplos de marcadores temporais que corroboram o valor de antepresente ampliado. Há ainda outros marcadores temporais que não delimitam o âmbito temporal em que uma situação ocorre, mas salientam o sentido prototípico de indeterminação temporal associado a esse uso. Esse é o caso dos advérbios “*nunca*” e “*siempre*” (que consideram toda a vida do indivíduo) e das locuções “*alguna vez*” e “*en alguna ocasión*” (que se relacionam à quantidade de ocorrências do evento).

A indeterminação do momento em que se deu o evento pode estar associada a perguntas e a enunciados negativos, como verificamos em (22) e (23), respectivamente:

(22) *¿Qué cosas te han hecho o has hecho cuando tenías desconfianza [...]? <T2>*

(23) *Hasta el fondo mismo, hasta donde no ha llegado absolutamente nadie.* (Radio LV10/Mendoza)

Outras duas características são acrescentadas ao valor ampliado por Rodriguez Louro (2008). Para a autora, com esse sentido, o verbo em PPC pode ser parafraseado

por “*ha tenido la experiencia de*”, de modo que (24) pode ser interpretado como (25):

- (24) *De verdad, yo no puedo decir ninguno del interior porque Rosario, Newells y Colón han estado en copa de libertadores.*
(Radio LV10/Mendoza)
- (25) *De verdad, yo no puedo decir ninguno del interior porque Rosario, Newells y Colón han tenido la experiencia de estar en copa de libertadores.*

Atendo-se ao sujeito que se associa ao PPC com valor ampliado ou experiencial, Rodriguez Louro (2008) verifica a recorrência desse argumento com traço animado, de modo que, no enunciado (24), poderíamos chegar a pensar que, ao citar o nome dos times, considera-se, metonimicamente, o grupo de pessoas que compõe cada um dos clubes – jogadores, treinador, administração, entre outros.

Por fim, reafirmamos que entendemos o valor ampliado como um desdobramento do valor de AP específico porque, como vimos, mantém a relação existente entre o momento de fala (MF) e a situação descrita (ME) graças à ampliação do âmbito primário de coexistência. Dessa forma, o momento de referência (MR-presente) continua apresentando as mesmas características que apresenta nos valores de AP específico e imediato – o que garante uma apreciação parecida do passado.

1.2.2.1 O *pretérito perfecto compuesto*: entre o antepresente e outros valores

Um olhar sobre a norma gramatical do sistema verbal espanhol identifica a quase unânime atribuição do valor de AP específico e dos outros dois subvalores decorrentes de seu desdobramento – AP imediato e ampliado (experiencial) – ao PPC. Em complemento, o estudo semasiológico possibilitado por essa revisão bibliográfica mostra também que a forma composta é muito dinâmica e polissêmica, podendo apresentar pelo menos nove comportamentos distintos.

A fim de compreender a aproximação feita entre o PPC e o AP, partimos do estudo morfossemântico da forma composta segundo o qual se observa que ao verbo auxiliar *haber* corresponde a informação de anterioridade ao *tempus* no qual está conjugado – no caso do PPC, anterioridade ao presente do indicativo (ALARCOS LLORACH, 2005). Além disso, é-lhe atribuída também a marcação

Quadro 1.5: Dos valores atribuídos ao PPC pela norma gramatical

Autores	RAE (2009, 2010)	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	TORREGO (2002)	+	-	-	+	+	-	+	-	+
	QUESADA PACHECO (2001)	+	+	+	+	+	+	-	-	-
	FERRER, SANCHEZ (2000)	+	-	-	+	+	+	+	+	+
	CARTAGENA (1999)	+	-	-	+	+	+	+	+	+
	GUTIÉRREZ ARAUS (1997, 2001)	+	-	-	+	+	+	+	-	-
	KOVACCI (1992)	-	+	-	-	-	+	-	-	-
	PORTO DAPENA (1989)	+	+	+	-	+	+	-	-	+
	HERNÁNDEZ ALONSO (1996 [1985])	+	-	-	+	-	-	-	-	-
	ALARCOS LLORACH (1980 [1970], 2005 [1994])	+	+	+	+	+	+	-	-	-
	ROJO (1974, 1990, 1999)	+	-	-	+	+	-	+	-	+
	RAE (1986[1973])	+	+	-	+	+	-	+	-	-
	GILI GAYA (1979)	+	+	-	+	+	-	+	-	-
	GARCÍA DE DIEGO (1951)	+	+	+	+	+	+	-	-	-
	KANY (1970 [1945])	+	+	-	+	+	-	+	-	-
	LENZ (1920)	-	-	-	+	+	-	+	-	-
	BELLO (1972 [1981], 1999 [1847])	+	+	+	+	+	+	-	-	+
	NEBRIJA (1980 [1492])	+	-	-	-	-	-	-	-	-
Valores		Antepresente Específico	Antepresente Imediato (hodierno)	Antepresente Ampliado (experencial)	Relevância Presente	Resultativo	Continuidade	Passado Absoluto	Antepretérito	Prospectivo
		1	2	3	4	5	6	7	8	9

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

da informação gramatical de pessoa, número, aspecto e modo, haja vista que é nele que se acoplam os sufixos de número/pessoa e *tempus*/aspecto/modo. Por sua vez, ao particípio passado – portador do valor léxico – cabe a observação da situação passada e perfectiva, bem como a determinação de uma rede argumental, condicionando, por isso, possíveis sujeitos e complementos associáveis à construção (RAE, 2009).

Porém, em consequência do comportamento polissêmico e dinâmico historicamente constituído do *perfecto compuesto*, outros valores são recorrentemente associados a ele, tal como expõe o Quadro 1.5. Desse modo, além dos já descritos valores de antepresente específico, imediato (hodierno) e ampliado (experencial), a norma gramatical da língua espanhola ainda atribui outros seis possíveis valores à forma do PPC.

RELEVÂNCIA PRESENTE

Conforme explicam Sperber e Wilson (1995), os seres humanos detêm-se com mais atenção em alguns fenômenos em detrimento de outros, de maneira que essa percepção pode ser instaurada e processada na língua de diferentes formas. Segundo os autores, essas intuições não são muito fáceis de serem deduzidas ou evidenciadas. Contudo, eles defendem que, para uma suposição ser considerada relevante em um determinado contexto, deverá trazer necessariamente algum efeito para esse contexto.

Aplicando essa premissa ao fenômeno em pauta, Bybee e Dahl (1989) defendem que a característica mais importante do *perfect* é apresentar a situação descrita como relevante para um momento posterior ao tempo em que ocorre. Isto é, por meio do PPC mostra-se, no presente, os efeitos de uma situação cuja origem é anterior ao MF. É verdade que frequentemente se afirma que tanto a origem como o fim da situação já ocorreram quando enunciados; no entanto, observaremos que nem sempre o término dos acontecimentos está marcado antes do momento de enunciação.

Dahl e Hedin (2000) consideram que os verbos que exprimem um resultado inerente (télicos e pontuais) são mais favoráveis à leitura de relevância presente, posto que esses verbos expressam um estado resultante do seu término. Assim, os verbos “morrer” e “partir”, por exemplo, implicam automaticamente um estado de “perda de vida” e “ausência”, respectivamente. Por seu turno, Rodriguez Louro (2008) defende que o valor de relevância presente decorre de efeitos que vão além das marcações lexicais e gramaticais de temporalidade. Para a autora,

esse sentido corresponde também a “uma relação um tanto subjetiva e pragmática que une, de acordo com a postura do locutor, uma eventualidade e o momento de fala” (RODRIGUEZ LOURO, 2008, p. 3) e, por isso, seu uso é caracterizado como portador de uma aceção individualizada e de difícil definição.

Tendo em vista a complexidade dessa relação, a utilização do PPC, no enunciado (26), ilustra como um evento passado estabelece uma relação de relevância no MF:

(26) *Si bien le costó [a Vélez Sarsfield] y mucho ganarle a Argentino Junior; pero también, junto con River, ha ganado sus tres partidos y de esta manera es uno de los punteros que tiene el campeonato apertura de primera división.* (Radio LV10/Mendoza)

Ou seja, a já ocorrida vitória do time Velez Sarsfield nos três jogos do campeonato de futebol mostra-se relevante no momento presente em que se encontra o enunciador – que, por isso, o diferencia dos demais clubes por ser um dos líderes no campeonato. Não nos preocupando, por hora, com o caráter subjetivo e pragmático que se associa a esse uso do PPC, esse valor da forma composta pode ser mais bem esclarecido se consideramos dois traços mais objetivos de análise: o *tempus* e o aspecto gramatical.

Considerando, primeiramente, o valor temporal base de antepresente, encontramos no uso do PPC uma eventualidade pretérita que é vislumbrada dentro do mesmo âmbito (MR) em que ocorre o momento da fala, haja vista que o momento de referência presente também é simultâneo ao MF. Dessa maneira, parece que, no enunciado (26), a extensão temporal do “*campeonato apertura de primera división*” marca o momento de referência presente, isto é, o âmbito temporal de coexistência que envolve tanto as vitórias do time (ME) quanto o MF.

Por sua vez, tomando a informação proveniente do aspecto gramatical, Comrie (1976) e García Fernández (2008) afirmam que o aspecto perfeito¹⁷ marcado nesse valor volta-se ao momento que está imediatamente posterior ao tempo da situação descrita, mostrando, por isso, as consequências de dada situação. Em outras palavras, a marca aspectual do PPC traz à tona alguns estados de uma ação precedente (COMRIE, 1976). Observando esse valor aspectual no enunciado (26),

¹⁷ Na classe aspectual de perfeito, o foco volta-se ao momento que está imediatamente posterior ao tempo da situação, mostrando, por isso, os resultados da situação ou, em outras palavras, a relevância presente de uma situação concluída. É consciente desse valor que Comrie (1976) afirma que o perfeito não diz nada diretamente sobre a situação em si, mas relata alguns estados de uma situação precedente.

parece que com o uso do *perfecto compuesto* junto ao verbo “*ganar*” (“ganhar”) procura-se, na verdade, salientar as consequências advindas da vitória do time, tais como se tornar líder do campeonato, ser um time de referência, entre outras.

Tal como defendem Bybee e Dahl (1989), o valor fundamental de relevância presente provém da observação das consequências resultantes (aspecto perfeito) de uma eventualidade pretérita, mas envolve pelo mesmo âmbito de referência presente que abarca a enunciação (*tempus* antepresente). Como defendemos, a maior parte dos valores atribuídos ao PPC retomará, de algum modo, o valor advindo do *tempus* antepresente (ME-MF,MR) e/ou do aspecto perfeito.

Finalmente, Hernández (2013) observa que a variação entre o PPS e o PPC provê ao falante um mecanismo que permite destacar um evento passado sobre outro – o qual, apesar de passado, ainda repercute de alguma maneira no MF. Desse modo, para o autor, o uso do *perfecto compuesto*, em textos narrativos, permitiria diminuir a distância dos eventos descritos, de maneira que a proximidade temporal efetiva entre o enunciador e a situação descrita pode ser redimensionada e encurtada subjetivamente.

A observação do enunciado (26) permite verificar esse jogo temporal por meio do uso das duas formas do *pretérito perfecto*. Se, por um lado, o PPS (“*costó*”) faz referência a uma situação mais objetivamente limitada ao momento passado em que foi concebida, com o uso do PPC (*ha ganado*) marca-se subjetivamente uma maior proximidade entre a ação descrita e o MF, posto que é nesse instante que se observam concretamente as consequências da ação passada, isto é, encontra-se o time do Velez Sarsfield entre os líderes do campeonato.

Em síntese, Hernández (2013) observa que em algumas variedades do espanhol a variação entre o PPC e o PPS permite marcar graus de proximidade e distanciamento tanto temporais quanto psicológicos entre as situações apresentadas e o enunciador. Esse uso se deve a que o avanço do PPC em contextos temporais (de AP e PA) “parece ser o produto de um recurso estilístico com consequências cognitivas notáveis que aumentam o envolvimento do enunciador no discurso”, de maneira que o “PPC chama a atenção para a proximidade afetiva do orador com o evento, enquanto o PPS aumenta o desapego e a dissociação” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 280).

RESULTATIVO

O quinto valor atribuído à forma composta recebe o nome de resultativo, pois focaliza, no MF, um estado que existe como consequência de um evento já

ocorrido. Assim sendo, o PPC poderá expressar o resultado de um estado ou ação que lhe são anteriores, mas também poderá exprimir uma situação já ocorrida que deverá ter seus resultados presentes inferidos implicitamente. Ou seja, de qualquer maneira, com o *perfecto compuesto* de resultado, “descrevem-se estados que se consideram atuais ou que se comprovam na atualidade” (RAE, 2009, p. 1734). As duas possibilidades podem ser mais bem observadas pelos enunciados (27) e (28), respectivamente:

- (27) *Hay como una ponderación especial hacia un personaje que es muy cuestionado después de mucho revisionismo histórico. La verdad es que no ha quedado bien parado. ¿no? <B2>*
- (28) [...] *porque ellos consideran que han plantado bandera en el fondo del mar, entonces a partir de eso ellos pueden explorar eso* [...]. (Radio LV10/Mendoza)

No primeiro enunciado, o uso do PPC mostra o resultado presente (“*no ha quedado*”, isto é, “não ficou/não está”) de uma situação originada antes do momento de fala: o questionamento do personagem depois do revisionismo histórico. Por sua vez, em (28), notamos que a ação já terminada, expressada pela forma composta (*ha plantado*), implicará alguns resultados, tal como a permissão para a exploração do mar.

Rodriguez Louro (2008) afirma que esse valor tende a ser produtivo em predicados télicos, já que trazem marcado o ponto final da situação que descrevem. Segundo a autora, o uso de “*todavía*” (“ainda”) e “*ya*” (“já”) enfatiza o valor resultativo.

A fim de avaliar como esse valor se relaciona diretamente ao aspecto que vigora no PPC, Cartagena (1999) lança mão da relação dos conceitos de tempo da situação (TS) e de tempo do foco (TF)¹⁸ e, dessa maneira, verifica que, em (29), a expressão: “*en este instante*” determina o TF, isto é, “aponta para o resultado da ação ocorrida no contexto do momento da fala e não ao momento de *macharse*”, de modo que se pode inferir, por exemplo, que o criminoso já não está no local – “*ya se ha marchado*”.

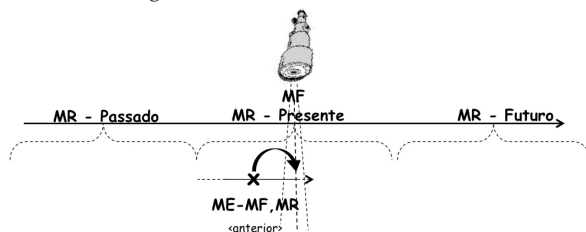
¹⁸ Para o autor, tempo da situação (TS) é o tempo no qual um processo designado por um verbo acontece, ao passo que tempo do foco (TF) será o período de validade de tal processo. Desse modo, esses dois tempos podem se articular estabelecendo quatro relações, isto é, quatro classes de aspecto, nas quais: (a) TF está incluído em TS; (b) TF inclui o fim de TS e o início do tempo seguinte a TS, ou coincide exatamente com TS; (c) TF é posterior a TS; e (d) TF é anterior a TS (CARTAGENA, 1999). Na avaliação da expressão do valor de resultado interessa especialmente a relação (c).

(29) *En este instante se ha marchado el sospechoso.*

O valor resultativo é consequência do aspecto perfeito, uma vez que, na leitura *perfeita*, o complemento temporal se refere a um ponto posterior ao processo verbal designado, que é resultado ou consequência deste, na medida em que o TF é posterior ao TS (CARTAGENA, 1999).

O valor pode ser observado na Figura 1.15, na qual a lente representa o *tempo de foco*, isto é, o momento posterior ao término do evento (representado por x) e quando se vislumbram as consequências provenientes dele. Notemos também que o TF envolve o MF, fazendo com que as consequências observadas sejam concomitantes ao MF.

Figura 1.15: Do valor resultativo



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

CONTINUIDADE

Por meio do valor de continuidade descrevemos situações cuja origem é anterior ao MF, mas que continuam se manifestando no presente, podendo, por suposição, seguir em direção ao futuro. Esse é o valor que se verifica em (30), em que o estado descrito dos hospitais provém do passado e se estende em direção ao futuro.

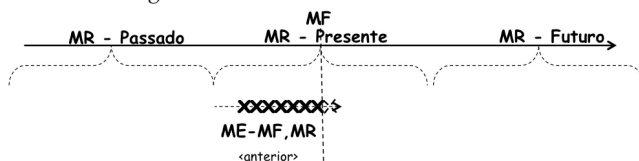
(30) [...] *en Tucumán, los hospitales siempre han sido los [portadores] naturales del sistema <T5>.*

Esse valor pode associar-se tanto a predicados télicos como a atélicos, expressando, por isso, eventos reiterados continuamente ou estados permanentes – como se nota em (30). A RAE (2009) observa que, em orações negativas, os advérbios “*todavía/aún*” (“ainda”) possibilitam a paráfrase “*hasta el momento*”

(“até o momento”), de modo a, muitas vezes, enfatizar o valor de persistência (de uma ausência).

O contraste com o valor experiencial (AP ampliado) mostra que o valor de continuidade informa o momento em que uma situação descrita inicia, bem como a reiteração dela, pelo menos até o MF. Por sua vez, o valor de AP ampliado, por si só, não diz quando inicia ou termina uma situação; sabemos apenas que ocorreu em um pretérito que pode envolver até mesmo todo o período de vida do indivíduo. A frequência de uma situação na experiência de vida do sujeito também é uma informação aparentemente marginalizada pelo valor de AP ampliado (experiencial), ao passo que, no PPC de continuidade, é um traço semântico marcado do seu início até o MF pelo menos. Na Figura 1.16, temos as letras (x) expressando a reiteração da situação até o MF. O uso do “x” tracejado mostra a possível continuidade da situação após o MF.

Figura 1.16: Do valor de continuidade



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

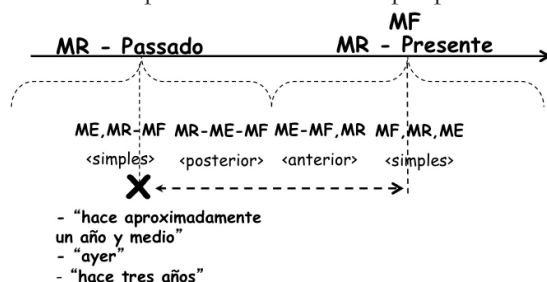
PASSADO ABSOLUTO

Os últimos valores a serem tratados são alvos de uma desatenção descritiva, o que proporciona um conhecimento ainda muito limitado e superficial sobre eles dentro da tradição descritiva hispânica. Esse é o caso, por exemplo, do valor tido como passado absoluto – sétimo sentido –, que pode ser observado em enunciados como:

- (31) [...] *ustedes saben cuando yo me hice cargo del PAMI, hace aproximadamente un ano y medio, [...] yo he recibido el padrón de seis mil afiliados y a la fecha tenemos un padrón de ciento treinta mil afiliados <T5>*.
- (32) *Ayer he ido al cine* (ARAUJO, 2009, p. 42).
- (33) *Hace tres años que se ha muerto mi padre* (TORREGO, 2002, p. 150).

Nos enunciados, os marcadores temporais “*hace aproximadamente un año y medio*”, “*ayer*” e “*hace tres años*” mostram que a situação descrita não ocorreu dentro do âmbito primário de coexistência, mas no de anterioridade, indicando, por isso, que aparentemente o PPC sofre uma mudança no que diz respeito ao *tempus*. Analisando os exemplos sob a perspectiva reichenbachiana, teríamos situações que ocorrem no âmbito de referência passada (“*hace aproximadamente un año y medio*”, “*ayer*” e “*hace tres años*”), expressando, portanto, o valor de passado absoluto (ME,MR-MF), e não mais de antepresente (ME-MF,MR), tal como observamos na Figura 1.17.

Figura 1.17: Do valor de passado absoluto sob a perspectiva reichenbachiana



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

ANTEPRETÉRITO

A Cartagena (1999) cabe o único registro feito sobre o oitavo valor atribuído ao PPC. Para o autor, o PPC pode expressar antepretérito, isto é, designar algo que é objetivamente anterior a uma situação ocorrida no PA, como se vê em (34):

(34) *Esetemasehapolitizado yyo que tuve que hacer en aquel momento como responsable de la obra social, poner en funcionamiento los mecanismos naturales <T5>.*

Entendemos “*tuve*” (‘tive’) como uma referência (MR) passada em relação ao momento da fala (MF), mas posterior ao evento “*ha politizado*” (ME). Tal como verificamos na notação de Reichenbach (2004), o valor ocupado agora pelo *perfecto compuesto* corresponde ao *tempus* passado anterior (ME-MR-MF), associado ao *pluscuamperfecto de indicativo*.

PROSPECTIVO

O último valor associado ao uso do PPC tem o nome de prospectivo e com ele expressam-se fatos em um âmbito primário de prospectividade (cuja referência é de futuro), tal como observamos em RAE (2010, p. 439):

(35) *Mañana a estas horas, ya han terminado ustedes.*

Nesse caso, associa-se ao PPC um valor de antefuturo ((0+V)-V) – ou futuro posterior (MF-ME-MR) – sob a ótica de Reichenbach (2004). Isso se deve a que, ao enunciar (41), o indivíduo deveria ter em mente que a ação (“*ha terminado*”) é posterior ao momento de fala, mas anterior à referência futura “*mañana a estas horas*” (MR). O uso da forma do PPC, cujo valor prototipicamente associa-se a eventos anteriores à enunciação, mostra, desse modo, uma maior certeza, já no momento de fala, de uma situação que ocorrerá somente no futuro.

Diante dos nove valores, temos a oportunidade de observar que a forma do *pretérito perfecto compuesto* possui uma diversificada gama de sentidos, cuja compreensão tende a envolver mais do que o estudo do *tempus*. Desse modo, a análise dessa forma verbal deve considerar estruturas cotextuais (marcadores temporais, modo de ação e rede argumental do verbo, por exemplo), contextuais (fatores pragmáticos e intenção do falante) e características peculiares a cada uma das variedades da língua espanhola.

A síntese dos valores de PA e AP junto às formas do PPS e do PPC, respectivamente, deve mostrar que em ambos os sentidos vigora o retrato de situações pretéritas. Porém, em particular a cada um deles, destaca-se a forma como os eventos são observados na relação com o MF. Dessa forma, se a situação ocorre em uma concepção temporal que já não é a mesma do MF, observa-se a expressão do valor de PA (V-0/ ME,MR-MF). Por sua vez, se a situação passada é relativa e envolta pela mesma concepção temporal que abarca o MF, tem-se a expressão do AP ((Vo0)-V / ME-MF,MR).

Em razão da pequena nuance de significado que diferencia ambos os valores, parece ser provável que as formas que canonicamente foram descritas como portadoras dos respectivos sentidos se entrecruzem e passem a expressar o sentido da outra. De fato, a observação empírica da expressão desses valores, sob as mais diversas perspectivas de análise da variação (diacrônica, diafásica, diastrática, diatópica), tem acusado um estado bastante heterogêneo do uso do PPC e do PPS.

2

O estudo da língua em uso: a variação das formas do *pretérito perfecto*

Expomos neste capítulo uma revisão do que já se descreveu sobre o estágio atual da variação entre o *pretérito perfecto simple* (PPS) e o *pretérito perfecto compuesto* (PPC) nas variedades da língua espanhola, com especial atenção a Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Veremos que a variação entre essas duas formas mostra-se sistemática em quase todas as variedades diatópicas da língua espanhola. Concluída a apresentação do comportamento heterogêneo dessas formas verbais, discutiremos mais extensivamente a concepção de língua que delinea a Sociolinguística, isso para estabelecermos pressupostos teóricos para a compreensão do funcionamento variável dos pretéritos.

57 —

2.1 A variação entre as formas do *pretérito perfecto*

Parte substancial das pesquisas existentes sobre a questão orienta-se pelo eixo dicotômico: espanhol peninsular *versus* espanhol americano, isto é, ou se faz o cotejamento entre esses dois grandes eixos ou se desenvolve um estudo supostamente aplicável a um deles. No entanto, diante da grandeza territorial e da pluralidade sócio-histórica das comunidades que integram a hispanofonia, é

problemática a abordagem que trata como uniforme o espanhol usado na larga extensão territorial que envolve tanto a América como a Península Hispânica.

Reconhecemos importantes estudos que propõem uma descrição aparentemente mais sustentável dos usos e valores atribuídos aos pretéritos em algumas regiões específicas. Dentro desse padrão de investigação, destaca-se a maior recorrência de trabalhos vinculados às variedades das Ilhas Canárias, da Península – sobretudo da zona castelhana –, do México, da zona andina e da variedade bonaerense.

Aprofundando-nos na observação de estudos dedicados à análise do PPC e do PPS no contexto argentino, além da já comentada recorrência de estudos sobre o espanhol “portenho”, notamos também uma atenção descritiva – mais discreta – à zona noroeste do país.

2.1.1 A variação na Península

Identificamos em manuais gramaticais a tendência em opor Galícia (*La Coruña*) e Astúrias às demais regiões da Espanha. Essa é a postura, por exemplo, de Gili Gaya (1970), RAE (1986), Torrego (2002) e Alarcos Llorach (2005) – autores que asseguram, sem sistematização de dados, o predomínio do PPS nas regiões citadas e o predomínio do PPC nas demais áreas. Cartagena (1999), por seu turno, assume uma postura especialmente generalizadora ao afirmar ser possível observar a oposição PPS/PPC na mesma proporção ao longo de toda a Península. Em comum, tais abordagens procedem ao estudo do *pretérito perfecto* desconsiderando os diferentes valores que poderiam se associar a ele.

De algum modo semelhante, os trabalhos de Gutiérrez Araus (1997), Moreno de Alba (2000) e Company Company (2002) e Oliveira (2007) também apresentam uma abordagem generalizadora para o território peninsular, contudo diferenciam-se dos anteriores por aportar informações relevantes no que diz respeito aos valores atribuídos ao PPS e ao PPC. Assim, os três primeiros pesquisadores observam o valor antepresente no uso peninsular do PPC.

Apesar da aparente generalização, em dado momento, Oliveira (2007, p. 114) explica que suas afirmações são fruto da observação de artigos de jornais madrilênhos. Diante dessa informação, podemos inferir de seu estudo que, ao menos nesse gênero discursivo e nessa variedade da Península, o uso da forma simples é preponderante tanto em contexto de antepresente como de passado absoluto. Por outro lado, nota-se que o percentual de uso do PPC no âmbito de antepresente (32%) é maior, já que no contexto de passado absoluto apenas

dois casos do *perfecto compuesto* foram encontrados (3%). Analisando mais atentamente o comportamento da forma composta na variedade madrilenha, Oliveira (2010, p. 231) identifica o uso dessa forma verbal exprimindo também os valores de continuidade e relevância presente. Todavia, nesse último trabalho, a pesquisadora não encontra explicitamente o uso do PPC em contexto de PA.

Evitando conclusões generalizadoras de uso, figuram os trabalhos de Kany (1970), Hurtado González (1998), Santos (2009) e RAE (2009). O primeiro deles aponta a possibilidade de encontrarmos o PPC expressando os valores de AP e resultativo nas regiões de Navarra (Pamplona, por exemplo), de Aragón (Zaragoza, por exemplo) e de parte da Castilla la Vieja (Santander, Valladolid, por exemplo), ao passo que na região da Galícia (La Coruña, por exemplo), poderíamos encontrar mais correntemente o uso do PPS expressando ambos os significados. Finalmente, o autor também observa em Madri o uso do PPC expressando PA. A RAE (2009) relata, de modo geral, a observação do uso do PPC com valor experiencial e resultativo em todas as regiões onde se fala espanhol e os valores temporais de AP e passado imediato em grande parte da península.

Sobre a norma madrilenha, Hurtado González (1998) analisa a esfera jornalística e aponta um crescente desuso da forma composta em favor da simples. Por outro lado, no falar popular, diz haver a variação das duas formas quando portadoras de valor temporal. Ainda segundo o autor, o emprego do PPC estaria relacionado a noções de afetividade. Finalmente, Santos (2009) aponta que a modalidade oral da língua em Madri favorece o uso do PPC, de maneira que parece haver, portanto, um significativo contraste entre as modalidades oral e escrita da língua. Ainda segundo essa autora, a forma composta seria comum tanto no âmbito de antepresente como no passado absoluto, sendo especialmente favorecida no primeiro.

Serrano (1994, 1995), em uma proposta contrastiva entre diferentes variedades, identifica, em Madri, o uso da forma composta expressando valores de continuidade, relevância presente, AP imediato e PA. Em complemento, a autora percebe que o uso do PPC com valor de PA dá-se mais intensamente entre falantes de 35 a 55 anos (94%) – grupo etário que é seguido pelos menores de 35 anos (76%). Os falantes maiores de 55 anos apresentam um percentual de uso significativamente menor (31%) que os demais. Diante desses dados, a autora demonstra que, apesar de avançada, a extensão do PPC ao contexto de passado absoluto parece não estar completamente consolidada na variedade madrilenha.

Os estudos coordenados por Schwenter¹⁹ (1994; HOWE; SCHWENTER, 2003, 2008; SCHWENTER; CACOULOS, 2008) mostram que, na Península, o valor mais subjetivo de relevância presente do PPC tem se debilitado, de maneira que essa forma verbal, pouco a pouco, tem invadido o domínio semântico do PA e, por conseguinte, restringido cada vez mais o uso da forma simples. Defende-se, nesses estudos, que a extensão funcional do PPC na Espanha é regulada por fatores temporais, especialmente no que se refere à distância do ponto de referência passado e do momento de enunciação.

A fim de comprovar a premissa, Howe e Schwenter (2008, p. 103) avaliam as temporais hodierno/AP imediato, indeterminado/AP ampliado e pré-hodierno/PA e observam uma diminuição no peso relativo do uso do PPC conforme se aumenta a referência temporal de concomitância. Dessa forma, o uso praticamente categórico do PPC no âmbito hodierno (.95) diminui na ampliação para o AP ampliado (.75) e, ainda mais, quando se assume uma referência de anterioridade não concomitante à enunciação (pré-hodierno/PA:.19). Contudo, é importante destacar a presença do PPC nas três conjunturas temporais.

Finalmente, o estudo de Kempas (2006) avalia o comportamento do PPC e do PPS especificamente no contexto de PA e permite saber que, na Península, o uso mais expressivo do PPC nesse contexto temporal se dá em Oviedo (35 casos/1,5%), em Santander (15 casos/0,9%) e em Bilbao (13 casos/0,5%). Madri, por sua vez, apresenta um uso muito escasso, posto que apenas duas ocorrências (0,2%) do PPC foram encontradas no contexto de PA. Destacamos que, em parte, o baixo percentual de uso do PPC pode se dever à metodologia adotada no trabalho, que previa o preenchimento, por cada universitário, de lacunas em frases feitas.

2.1.2 A variação na Argentina

As pesquisas de maior repercussão sobre o comportamento das formas do *pretérito perfecto* na Argentina descrevem, fundamentalmente, as variedades bonaerense e noroeste²⁰. Além disso, é possível ainda subdividir esses trabalhos em dois tipos de abordagens: (i) uma preocupada exclusivamente com a norma linguística de alguma(s) das regiões argentinas, e (ii) outra interessada em descrever a manifestação das formas do *pretérito perfecto* na América e que, para isso, apresenta brevemente a situação dos pretéritos na Argentina.

¹⁹ Schwenter escolhe metodologicamente considerar tudo o que foge ao hodierno como pertencente a um mesmo grupo – o que denomina de *perfectivo* (PA).

²⁰ Incluem-se na zona noroeste do país as províncias de Jujuy, Salta, Catamarca, La Rioja, Santiago del Estero e San Miguel de Tucumán – a mais populosa.

Atentando-nos a essa última abordagem, observamos que trabalhos como os da RAE (1986), Lamiquiz Ibañez (1969) e Moreno Fernández (2000) afirmam a existência de um uso comum para todo o país – no qual predomina a forma do PPS. Contudo, essa conclusão sobre o comportamento do *pretérito perfecto* parece decorrer da generalização do uso observado na norma bonaerense em relação às demais variedades diatópicas do país.

Por outro lado, uma segunda postura, que opõe o comportamento do PPC na região noroeste/norte ao comportamento na região bonaerense, pode ser observada em trabalhos desenvolvidos por Kany (1970), Gutiérrez Araus (2001), Alarcos Llorach (2005) e Jara Yupanqui (2009), segundo os quais, a título de exemplo, se lê:

[...] el panorama de uso de las formas canté/he cantado en este gran país es variado y aparecen dos zonas claramente diferenciadas al respecto: por un lado el norte del país: Tucumán, Salta, etc. y por otra parte, Buenos Aires y el Litoral (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n).

[...] los estudios sobre el español argentino muestran dos tendencias. De un lado, la variedad del Río de la Plata [...]. De otro lado, la variedad del noroeste argentino (JARA YUPANQUI, 2009, p. 270).

Soma-se a essa proposta a observação do maior índice de ocorrência do PPS sobre o PPC na área do Río de la Plata. Baseando-se no estudo de Kubarth (1992), Gutiérrez Araus (2001) faz-nos saber que, apesar da significativa diminuição do uso do PPC em Buenos Aires, ainda se trata de uma forma viva nessa zona. Contudo, considera-se que já não opera como

[...] forma de anterioridad inmediata a la enunciación o antepresente, como tampoco se emplea en momentos culminantes o emotivos de la narración o enfatizador, sin embargo sí se emplea como forma resultativa con relevancia del presente (GUTIÉRREZ ARAUS, 2001, s/n).

Sobre o noroeste, por outro lado, os quatro autores destacam a maior incidência do PPC expressando, inclusive, o valor temporal de passado absoluto. Isso é o que também afirma a RAE (2009), que ainda assinala o uso da forma composta expressando passado absoluto e relevância presente no noroeste do país. Do mesmo modo, entrevistas realizadas com falantes da Argentina indicaram que o valor de PA do PPC poderia ser verificado até mesmo na província de Córdoba (ARAUJO, 2009) – área mais central do país.

A pesquisa de Vidal de Battini (1964), destinada à descrição da língua espanhola empregada exclusivamente na Argentina, aporta algumas informações não apresentadas nos estudos já expostos. Segundo a autora,

En el habla del país no hay diferencias de sentido entre el pretérito (simple) y el perfecto (compuesto), pero sí hay preferencias regionales. Hay marcada preferencia por el uso del pretérito perfecto en la región Noroeste, particularmente desde Tucumán hacia el límite con Bolivia [...]. En el resto del país, y particularmente en la gran zona de influencia de Buenos Aires, se prefieren las formas del pretérito (simple) [...]. En la región central alternan las dos formas [...] con mayor tendencia a las formas simples (VIDAL DE BATTINI, 1964, p. 189).

Conforme aponta o trabalho, deveríamos observar no espanhol da Argentina (i) uma igualdade do sentido expresso pelo PPS e pelo PPC, conformando, portanto, uma variável linguística ao longo de todo o território; (ii) a preferência regional pelo uso de uma ou outra variante; (iii) a existência de três padrões de uso, ou seja, além dos dois já conhecidos, haveria um terceiro verificável na região central – tida como zona de transição. Por outro lado, apesar dessas informações, notamos no trabalho de Vidal de Battini (1964) a carência da informação sobre qual é o sentido que ambas as formas promulgam supostamente da mesma maneira.

2.1.2.1 Buenos Aires

Valendo-se de um modelo de entrevista próprio da metodologia sociolinguística, Kubarth (1992) avalia o uso feito por 107 informantes de diferentes idades (i. 13 a 30 anos, ii. 31 a 49 anos, e iii. 49 a 75 anos) e classes sociais (baixa, média e alta) e conclui que a referência a situações terminadas antes do momento de fala faz-se preferencialmente mediante o PPS – seja ela de AP ou de PA, de modo que o critério da distância temporal não incide na seleção de um ou outro pretérito na modalidade falada em Buenos Aires. O autor demonstra que o PPC é usado com maior frequência para expressar uma situação que persiste até o momento de fala (continuidade). Por fim, identifica maior frequência do PPC na população mais velha, indicando a possibilidade de que possa ser eliminada no futuro.

Contrastando dois gêneros discursivos (artigos de jornais e entrevista sociolinguística), Santos (2009) observa que, em Buenos Aires, há um significativo incremento percentual no uso da forma composta com a passagem para a modalidade oral (de 5% para 21%). Atenta às ocorrências do PPS e do PPC nos âmbitos de antepresente e passado absoluto, a pesquisadora nota que, em ambos

os gêneros discursivos e âmbitos temporais, há variação entre as duas formas do *pretérito perfecto* – comportamento que é marcado por uma maior recorrência constante da forma simples. Contudo, notamos que, conforme se avança do gênero escrito para o oral e do âmbito de PA para o de AP, maior é o incremento no uso da forma composta.

Ainda sobre o comportamento dos pretéritos na variedade portenha, destacam-se os trabalhos de Rodriguez Louro (2008, 2009, 2010). Dentre as muitas contribuições aportadas, destacamos a descrição do uso mais intenso do PPC relacionado à expressão de uma situação genérica ocorrida em um passado indefinido. Em outros termos, o PPC, em Buenos Aires, faz referência a situações (potencialmente) realizadas em um âmbito de passado que não é identificado, delimitado ou reconhecido, tal como se observa em (1) e (2) – ambos os enunciados coletados por Rodriguez Louro (2010). Notemos que a ausência de um elemento que permita uma ancoragem temporal específica e a presença do nome coletivo e pouco definido (*personas*) do enunciado (1) ou do quantificador *mucho*, em (2), favorecem a leitura de passado genérico.

(1) *He atendido personas que han venido del extranjero.*

(2) *He viajado mucho pero en viajes de turismo.*

A autora ainda identifica o uso do PPC expressando os sentidos de resultado, continuidade e experiência (AP ampliado). Entretanto, defende que os sentidos de continuidade e resultado tornam-se cada vez menos recorrentes na forma composta, já que o PPS começa a expressar esses valores, bem como os de passado absoluto e de antepresente (imediato e específico).

Os dados sociolinguísticos disponibilizados pela pesquisadora acusam o uso do PPC mais recorrentemente na fala espontânea masculina e entre os maiores de 56 anos – apesar de também ser significativamente notado na fala das mulheres e entre os mais jovens. Em síntese, diante do complexo cenário esboçado, conclui-se que, na região bonaerense, utiliza-se o PPC de forma limitada, mas estatisticamente significativa, e em diferentes contextos. Além disso, a maior frequência de uso do PPC no registro formal assinala que essa forma é considerada prestigiosa no espanhol bonaerense.

Finalmente, os trabalhos de Araujo (2012, 2013, 2015) identificam, em Buenos Aires, a menor recorrência do PPC (6%) – quando comparamos sua

64 frequência com as outras seis regiões diatópicas do país²¹. Em relação aos valores atribuídos ao PPC nessa variedade, identificamos uma maior recorrência do uso do PPC expressando resultado (55%), experiência (AP ampliado) (25%) e PA (15%). Todavia, alguns poucos usos foram identificados com o valor de continuidade (5%).

2.1.2.2 San Miguel de Tucumán

Segundo Terlera de Nanni (1981), os fatores extralinguísticos relativos à “idade” e à “classe social” interferem no uso das formas do *pretérito*. Quanto mais alta é a classe social do informante, maior é a recorrência da forma composta. Na mesma direção, os grupos etários mais jovens também favorecem o uso do PPC nessa zona diatópica. Sobre os valores que lhe são atribuídos, Terlera de Nanni (1981) mostra enunciados nos quais figuram o PPC com valor de PA, continuidade, experiência (AP ampliado) e AP imediato – sendo esse último valor mais comum em grupos mais velhos e com baixa escolarização.

Rojas Mayer (1985, 2004) aponta o predomínio do PPC em detrimento da forma simples, comportamento que, segundo a autora, resulta de uma “maior afetividade da fala da região” – hipótese muito impressionista. A análise sociolinguística realizada demonstra que o uso do PPC tende a ser mais favorecido entre as classes média e baixa. A abordagem diacrônica de Rojas Mayer (1985) mostra que já no século XVIII e XIX podiam se observar os valores de experiência, continuidade, relevância presente e resultado associados ao PPC.

Por fim, os trabalhos de Araujo (2012, 2013, 2015) sobre o comportamento do PPC nas variedades diatópicas da Argentina identificaram que, juntas, as variedades de Córdoba (região central) e de San Miguel de Tucumán apresentam maior recorrência do PPC no país – respectivamente, 28% e 25% das ocorrências encontradas na Argentina. Quanto aos valores atribuídos à forma, identificou-se maior recorrência do uso expressando passado absoluto (25%), resultado (18%), experiência (AP ampliado) (17%) e AP imediato (16%). Contudo, alguns poucos usos foram identificados com os valores de continuidade (12%), AP específico (9%) e antepretérito (3%).

Apesar da relativa escassez de análises destinadas à variedade de San Miguel de Tucumán, outros estudos foram desenvolvidos voltando-se a províncias vizinhas ao estado tucumano, dentre os quais se destacam as pesquisas conduzidas por Kempas (2002, 2006, 2009) sobre a expressão do pré-hodierno ou, como denominamos, passado absoluto em Santiago del Estero (Argentina). Ao avaliar as atitudes que os falantes santiaguenses

²¹ A recorrência do PPC nas demais variedades diatópicas do país divide-se em: Patagônia (7%), Nordeste (9%), Litoral (10%), Cuyo (15%) Noroeste (25%) e Central (28%) (ARAUJO, 2013).

e espanhóis possuem sobre o uso do PPC em contexto de passado absoluto, encontra que:

1) Los santiagueños consideran el uso PREH del PP [PPC] como gramatical en mucho mayor medida que los encuestados peninsulares; 2) los santiagueños son capaces de asociar dicho uso con cierta región geográfica, esto es, la suya, mientras que la mayoría de los españoles no tienen opinión al respecto; 3) una prueba de evocación confirma una correlación entre las actitudes de los informantes santiagueños sobre su propio uso PREH del PP y su uso real del mismo; 4) la antedicha prueba de evocación presenta un cambio lineal que se produce de forma regular: a medida que el momento del suceso se va alejando del momento de la comunicación se incrementa la frecuencia del PI [PPS], y, respectivamente, decrece la del PP (KEMPAS; 2009, p. 2).

Em síntese, os estudos levados a cabo por Kempas não apenas permitem observar um intenso uso do PPC em contexto de PA em Santiago del Estero (Argentina), mas também apontam que, nessa variedade, o uso do PPC no âmbito de passado absoluto favorece a criação de uma identidade linguística regional.

Por sua vez, o aumento na frequência de uso do PPS à medida que a situação descrita se distancia do momento de enunciação parece sugerir que o PPC foi penetrando pouco a pouco no âmbito do passado absoluto, sendo favorecido, primeiramente, nos contextos temporais mais próximos ao momento de fala (KEMPAS, 2009). Diante dessa informação, o autor defende que, aparentemente, o processo de expansão do PPC para o contexto de passado absoluto é um fenômeno ainda vigente na variedade diatópica que investigou. Por fim, o autor ainda chama atenção à influência do substrato quéchua sobre a variedade linguística do espanhol do noroeste argentino, o que favoreceria o uso do PPC em contexto de PA.

2.2 Contribuições da sociolinguística para o estudo da variação e mudança linguísticas

Camacho (2013) explica que, mesmo procedendo ao estudo da *língua* valendo-se de um recorte que limita a compreensão da sua real dimensão e funcionamento, o Estruturalismo cumpriu um importante papel para a consolidação da Linguística como uma disciplina científica, de modo que promoveu, por exemplo, a abolição das noções preconcebidas de correção e incorreção, que eram paralelas aos conceitos de língua desenvolvida e de língua primitiva, além de abrir caminho para novos enfoques no estudo da linguagem. Com Chomsky, no fim da década de 1950, o recorte se manteve sob outra denominação e sob nova direção teórica.

Agora, o interesse era pelo conhecimento intuitivo do falante-ouvinte, um objeto de natureza psicológica ou cognitiva denominado competência. Por outro lado, seguiam sendo descartados os atos de fala infinitamente variados, que, relegados ao conceito de desempenho, ficaram destituídos de qualquer importância teórico-metodológica.

Segundo argumenta Bagno (2012), afastado geograficamente e ideologicamente da tradição linguística que se desenvolvia no Ocidente, o Círculo de Bakhtin (início do século XX) se opôs a essa visão dualista e instaurou a necessidade de proceder ao estudo do funcionamento da linguagem respeitando a função social que ela desempenha. Tanto que Bakhtin (1997) reconhece que todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Diante desse pressuposto, o autor encontra no diálogo o fundamento de sua teoria, posto que, para o círculo bakhtiniano, a existência da língua pressupõe uma relação social de interação dialógica. Como constructo teórico, o conceito de diálogo amplia-se e passa a ser mais do que a simples interação face a face, pois está presente em todo o uso da linguagem:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 2006, p. 125).

A concepção de língua defendida pelo grupo russo reconheceu a “enunciação” como um processo vital para o estudo da linguagem e viu a língua como um fato social cuja existência se funda nas necessidades da comunicação. Por conseguinte, difere da linguística saussuriana e pós-saussuriana por debruçar-se sobre “a fala, a *parole*, a enunciação, e afirmar sua natureza social, não individual” (BAGNO, 2012, p. 57).

De alguma maneira próxima à percepção de língua defendida pelo círculo bakhtiniano, vimos surgir, a partir da década de 1960, na América do Norte, a Sociolinguística – disciplina que concebe a “linguagem como um instrumento de comunicação empregado por uma comunidade de fala²²” (LABOV, 1996 [1972], p. 41). Ao proceder ao estudo da língua considerando seu funcionamento e entorno de enunciação foi possível perceber que:

²² Segundo Labov (2008, p. 2015), a comunidade de fala é delimitada pelo compartilhamento de normas linguísticas e sociais: “essas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso”.

The social class to which we belong imposes some norms of behavior on us and reinforces them by the strength of the example of the people with whom we associate most closely. The sub-elements of social class include education, occupation and type of housing, all of which play a role in determining the people with whom we will have daily contacts and more permanent relationships (CHAMBERS, 2003, p. 7).

A grande contribuição dessa disciplina foi comprovar empírica e sistematicamente que a linguagem é uma manifestação da conduta humana e, como tal, traz à tona marcas do contexto social em que está inserida. Em outros termos, os falantes marcam a história e a identidade pessoais em sua fala, fornecendo, por conseguinte, coordenadas socioculturais, econômicas e geográficas no tempo e no espaço.

Silva-Corvalán (1989) afirma ser vital, dentro da Sociolinguística, a percepção de que a língua se organiza primariamente para cumprir uma função comunicativa e social, de modo que, ao estudá-la como comportamento, a Sociolinguística se concentra na variedade de formas como a língua é usada, tratando-a como objeto complexo no qual se conectam tanto as regras do sistema linguístico como as regras e fatores sociais que atuam no ato de comunicação.

Por meio de uma teoria e uma metodologia bem acuradas, a Sociolinguística Variacionista trata do exame da língua em seu contexto social a fim de encontrar solução a problemas próprios da teoria da linguagem, tais como a variação e a mudança linguísticas. Segundo ainda descreve Tagliamonte (2006),

[...] variationist sociolinguistics is most aptly described as the branch of linguistics which studies the foremost characteristics of language in balance with each other – linguistic structure and social structure; grammatical meaning and social meaning – those properties of language which require reference to both external (social) and internal (systemic) factors in their explanation (TAGLIAMONTE, 2006, p. 5).

Desse modo, busca-se relacionar a variação linguística, isto é, os elementos das línguas que variam (variável dependente) com outros fatores (variáveis independentes) que, de algum modo, afetam e auxiliam na compreensão do fenômeno variável. Esses fatores podem ser externos à língua – relacionados a aspectos do contexto social, da situação de enunciação, da idade e origem dos falantes – ou internos a ela – relacionados ao entorno linguístico em que ocorrem

os fenômenos em variação. É a partir desse procedimento que se identificam os padrões linguísticos que explicam os fenômenos sob investigação.

Conforme delinea Tagliamonte (2006), a Sociolinguística Variacionista assenta-se sobre três fatos da linguagem inter-relacionáveis e pouco abordados pela linguística geral: a noção de (i) heterogeneidade ordenada e a percepção de que as (ii) línguas mudam constantemente e de que (iii) a linguagem carrega consigo mais do que simplesmente o significado de suas palavras.

A HETEROGENEIDADE ORDENADA

O princípio da heterogeneidade ordenada representa um rompimento com a tradição linguística até então estabelecida, permitindo uma renovação teórico-metodológica dos estudos da linguagem. Até então, ignorava-se o comportamento variável da língua em uso, tratando-o, quando muito, como (i) um conflito entre dois sistemas linguísticos diferentes ou (ii) como formas livres dentro de um mesmo sistema (LABOV, 2008).

Com a consolidação da Sociolinguística Variacionista, verificou-se que a heterogeneidade é situação normal da língua em uso numa sociedade complexa, pois, assim, satisfazem-se as demandas da vida cotidiana. Começa-se a apontar, dessa forma, que a heterogeneidade não é aleatória, mas padronizada, podendo ser, portanto, alvo do interesse da Linguística à medida que se descreve e caracteriza a natureza desse complexo sistema.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 36) defendem que “o domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o mero desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue”, a qual se mostra tão heterogênea e ordenada quanto na própria língua que utiliza o falante.

Desse modo, compreende-se, por exemplo, a natureza variável dos pronomes de segunda pessoa do singular em variedades do espanhol como um fenômeno encaixado na gramática da língua/variedade. A coexistência das formas “*tú*”, “*vos*”, “*usted*”, na variedade de Bogotá, por exemplo, não implica uma variação livre ou o encontro de dois sistemas linguísticos, mas o encaixamento, em um mesmo sistema, de formas que respondem a diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos. Conforme descreve Carricaburo (1997), esses pronomes se acomodam tendo em vista a “origem diatópica” (na Colômbia, por exemplo, registram-se as três formas, ao passo que, na Espanha, não há registro de “*vos*” com valor de segunda pessoa do singular), a “situação socioeconômica” (em partes da Colômbia, “*tú*” é mais

comum na classe alta) e o “grau de solidariedade” entre os falantes (na Colômbia, “*usted*” é marca de menor solidariedade; “*tú*”, de solidariedade intermediária; e “*vos*”, de extrema solidariedade).

Quanto à expressão da anterioridade em espanhol, segundo expõe a apresentação inicial sobre o que já se conhece do funcionamento das formas do *pretérito perfecto*, também definimos que a variação entre o PPS e o PPC caracteriza-se pela heterogeneidade ordenada da língua espanhola e de suas variedades diatópicas. A opção por uma ou outra forma pode ser motivada não só pela “origem” do falante, mas pela “modalidade” oral ou escrita, pela “idade”, pela “situação socioeconômica”, pelo “contexto aspectual” e “temporal” em que aparece etc.

A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Dentro do quadro teórico da Sociolinguística Variacionista, a mudança linguística é vista como um fenômeno que resulta do cenário heterogêneo que naturalmente caracteriza o funcionamento da linguagem em seu contexto social, tanto que Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 124) afirmam que “uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala”.

Nessa mesma direção, Labov (2008) afirma que a mudança não pode ser um fenômeno idiossincrático, posto que a língua é “um instrumento usado pelos membros da comunidade para se comunicar entre si”. Por conseguinte, “só podemos dizer que a língua mudou quando um grupo de falantes usa um padrão diferente para se comunicar entre si”. (LABOV, 2008, p.320). Em outros termos, a origem da mudança será marcada por sua aceitação pelos outros membros da sociedade, de forma gradual e em profunda sintonia com as marcas sociais dos falantes que a vão adquirindo.

Evidenciando que a língua não se transforma por inteiro, de uma única vez, Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014) visitam o estudo de Labov (1996) sobre mudanças fonológicas no inglês da Filadélfia (EUA) e propõem o mapeamento da progressão gradual da mudança por meio da seguinte escala de frequência:

Quadro 2.1: Do mapeamento da progressão da mudança

Tipo	Percentual	Correlação social
Incipiente	≤15%	Sem correlação de idade ou social
Nova e vigorosa	15 – 35%	Fatores sociais tornam-se significantes
A meio caminho	36 – 65%	Fatores sociais enfraquecidos
Próxima à conclusão	65 – 85%	Diferenças sociais se nivelam
Concluída	≥85%	–

Fonte: Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014, p. 55). Tradução do autor.

De algum modo semelhante, o estudo sincrônico de diferentes grupos etários de uma mesma comunidade de fala (numa análise de tempo aparente) também permite observar esse processo gradual de mudança. Na mesma direção, uma análise das diferentes variedades diatópicas de uma língua também pode refletir diferentes estágios de um processo de mudança convivendo ao mesmo tempo. Isso ocorre porque as diferenças de cada umas dessas variedades refletem particularidades históricas da comunidade em questão. É possível que algumas comunidades de fala levem adiante processos de mudança que, em outras variedades, apenas estão iniciando, ou, ainda, que conservem formas mais antigas, enquanto outras comunidades já completaram o processo de mudança. Tendo em vista o caráter gradual com que se dá esse fenômeno, a compreensão mútua interdiatópica não é prejudicada gravemente. Não obstante, graças ao princípio de contiguidade geográfica, quanto maior for a distância entre duas variedades, maior será a diferença entre elas (PENY, 2004).

Ainda sobre a contribuição do espaço para o estudo do processo de mudança linguística, Tagliamonte (2012) identifica que as zonas diatópicas mais periféricas (como San Miguel de Tucumán, por exemplo) tendem a preservar formas obsoletas e padrões de estágios anteriores, configurando, assim, uma visão diacrônica dentro da sincronia. Por outro lado, as comunidades envolvidas em centros com maior pujança de desenvolvimento (Madri e Buenos Aires, por exemplo) apresentam estados da língua que podem ser interpretados como mais avançados no *continuum* de mudança.

Esse comportamento pode se dever ao fato de encontrarmos, nas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, uma situação de maior restrição às interações comunicativas mais intensas e inovadoras – próprias dos grandes centros. Sobretudo em países em desenvolvimento, as zonas mais periféricas apresentam

maior dificuldade de acesso à energia elétrica, à escola, à internet e a outros meios de comunicação mais inovadores. Desse modo, “é bastante previsível que ali as pessoas falem de um modo que se distancia grandemente das variedades urbanas e que empreguem palavras e expressões antigas que já não são empregadas pelos falantes urbanos” (BAGNO, 2012, p. 121). Contudo, é igualmente possível que, em consequência das necessidades específicas dessas comunidades, também surjam formas novas, desconhecidas das comunidades mais centralizadas e urbanizadas.

AGENTES IMPULSIONADORES DA MUDANÇA

Coseriu (1990) defende a existência de duas forças potencialmente conflitantes de origem social que operam no processo de mudança linguística. Trata-se de uma tendência mais inovadora e de uma mais conservadora. O autor chama essas forças de universais linguísticos básicos de criatividade e alteridade. Enquanto a primeira se responsabiliza pela variação e pela renovação da língua, a segunda se ocupa da uniformidade no idioma. Dessa forma, ao longo da história das línguas, a criatividade manifesta-se como renovação das tradições e a alteridade como constância, firmeza e amplitude das tradições idiomáticas.

Bagno (2012) afirma que a Sociolinguística revelou que a existência de uma língua e de sua comunidade de falantes é atravessada por essas forças de inovação e conservação, as quais são definidas por fatores socioculturais – decorrentes das dinâmicas de interação dos indivíduos e das populações de uma dada comunidade – e por fatores sociocognitivos – derivados do funcionamento do nosso cérebro quando processamos a língua que falamos.

Os fatores socioculturais ou sociolinguísticos são próprios de cada comunidade e dependem do tamanho de sua população, da distribuição dos papéis sociais, da maneira de interagir com outras comunidades, de sua hierarquia social, de seu sistema de ensino, do grau de desenvolvimento tecnológico, de sua integração às redes de comunicação, entre outros. “Como todos esses fatores são altamente variáveis de um lugar para o outro, os processos de mudança linguística decorrentes deles também serão altamente variáveis de um lugar para o outro” (BAGNO, 2012, p. 124). Por sua vez, os fatores sociocognitivos configuram tendências universais de mudança linguística, posto que “todos os seres humanos compõem uma única espécie e dispõem dos mesmíssimos recursos intelectuais, da mesmíssima potencialidade cognitiva, do mesmíssimo cérebro e da mesma configuração fisiológica” (BAGNO, 2012, p. 124). Será, portanto, a interação dessas duas ordens de fatores que determinará o ritmo da mudança de uma língua.

Bagno (2012) afirma que os fatores sociognitivos constituem sempre forças centrífugas no processo de mudança, isto é, forças que agem de modo que a língua se afaste cada vez mais do que é para se tornar o que será. Por sua vez, os fatores socioculturais que intervêm na mudança linguística podem constituir forças tanto centrífugas (variação) como centrípetas (conservação) – isto é, forças que puxam a língua para o centro, contendo a mudança.

As instituições sociais são os principais agentes dessa força centrípeta – exclusiva, como vimos, dos fatores socioculturais. A escola, por exemplo, tenta veicular uma cultura que está geralmente associada com as camadas sociais privilegiadas. Há, no entanto, outros agentes, tais como a tradução literária, o trabalho de gramáticos e dicionaristas, a burocracia (sistema jurídico, legislativo etc.), o aparato estatal, as instituições religiosas, a academia de línguas, os meios de comunicação e a escrita (BAGNO, 2012). Todavia, destaca-se que as forças centrípetas

[...] conseguem somente conter ou atrasar por algum tempo a mudança linguística [...]. Elas jamais terão o poder de impedir totalmente nem (muito menos) para sempre essa mudança porque, sendo de natureza sociocognitiva, a mudança é muito mais poderosa do que qualquer outra força social institucionalizada (BAGNO, 2012, p. 127).

Entre as forças centrífugas dos fatores socioculturais, encontramos a variação e o contato entre línguas. Por sua vez, as forças centrífugas de ordem sociocognitiva podem ser identificadas, segundo Bagno (2012), nos universais de “economia linguística”, na “gramaticalização” e na “analogia”. O primeiro deles refere-se a mecanismos de mudança que reagem a dois impulsos: o de (i) “poupar a memória, o processamento mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes”; e o de (ii) “preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente como instrumento de interação sociocomunicativa” (BAGNO, 2012, p. 147). São exemplos desses fenômenos: a assimilação, a síncope, a eliminação de distinções não funcionais, a crase etc. Evidentemente, à medida que diminuem/eliminam alguns elementos da língua, esses mecanismos trazem consigo “novas” formas.

Dessa maneira, a mudança linguística é o resultado da constante e intensa interação de fatores socioculturais e sociocognitivos. Por isso é correto afirmar que sua origem, difusão e implementação estão estreitamente ligadas à história social de uma comunidade de fala.

A IDENTIDADE SOCIAL

Ao mesmo tempo em que a língua é usada para transmitir uma informação entre os membros de uma comunidade de fala, ela também traz declarações indiretas sobre a comunidade, seu usuário e o contexto em que é instaurada – origem, idade, posição social, estilo, gênero/sexo etc. Segundo Tagliamonte (2006), todas essas informações podem ser realizadas ao mesmo tempo unicamente porque a linguagem varia. As escolhas que os falantes fazem entre formas linguísticas variantes, disponíveis para comunicar a mesma coisa, frequentemente transmitem informações importantes sobre o contexto extralinguístico.

3

Percurso e história do passado em espanhol

Apresentamos, neste capítulo, como se deu o processo de constituição funcional e formal das formas do pretérito perfeito do latim até as línguas românicas, com especial atenção à língua espanhola e suas variedades. Para isso, recuperamos alguns pressupostos dos estudos de gramaticalização para compreendermos os processos linguísticos envolvidos na história do *pretérito perfecto*.

75

3.1 Breve história dos passados: do latim ao espanhol contemporâneo

O sistema verbal latino cumpria predominantemente uma função aspectual, de maneira que o morfema *amaui* – do qual se origina “*amé*” (PPS) – veiculava a percepção de uma situação terminada e pertencente, por isso, ao paradigma das formas do *perfectum*. O sentido exprimido por essa forma resulta da fusão de dois aspectos: o “perfeito” e o “aoristo”. Enquanto os traços do “perfeito” viabilizavam a expressão de duração ou resultado presente de uma ação passada imediata ou remota (*SEMPER ILLAM AMAVIT* > ele sempre a amou (e continua amando)), os traços do aoristo permitiam a menção a fatos passados sem duração ou relação com o momento de fala (*MULTOS ANNOS ILLAM AMAVIT* > amou-a durante muito anos (mas já não a ama)) (PENNY, 2014).

A polissemia do PPS parece ter propiciado um rearranjo na língua, pois seu uso no latim vulgar passou gradativamente por um processo de restrição (especificação funcional), associando-se somente ao sentido aoristo (perfeito objetivo), enquanto uma forma perifrástica, formada por *habere* e particípio, foi se constituindo e conquistando o domínio da expressão do valor de perfeito-resultativo. O avanço da nova construção no âmbito do “perfeito subjetivo” se deve a que a junção de *habeo* com um particípio “resultava muito adequado para acusar simultaneamente os matizes de presente e passado. Por meio de *habeo* se expressa a ideia de estado presente e por meio do particípio, perfeito, a de ação verificada no passado” (ANDRÉS-SUAREZ, 1994, p. 39).

Conforme descrevem Squartini e Bertinetto (2000), em sua origem, a construção latina de valor resultativo caracterizava-se por (i) não tornar obrigatória a coincidência entre o sujeito do verbo flexionado (*habere*) e o sujeito do particípio passado, por (ii) atribuir um valor predicativo ao particípio passado, caracterizando-se como um complemento do objeto, com o qual concordava em gênero e número; e por (iii) *habere* manter seu valor pleno de “posse”. Esse conjunto de características demonstra que o verbo *habere* não dispunha de *status* de auxiliar e, portanto, a expressão do valor de resultado ainda não estava vinculada a uma perífrase integralmente sistematizada, mas à junção de elementos relativamente autônomos dispostos no sintagma – como observamos no enunciado (1):

(1) *multa bona bene parta habemus*²³.

**Temos muitas coisas bem adquiridas.*

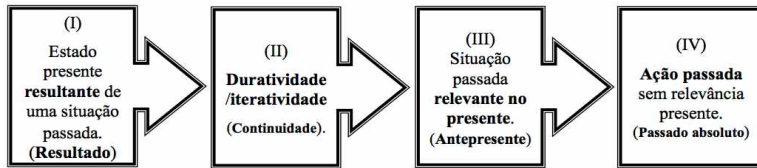
Somente a partir da reanálise do papel desses elementos e da relação existente entre eles é que se começa a estabelecer uma maior coesão entre o particípio e o verbo *habere*, dando início efetivamente à existência da perífrase resultativa. Finalmente, Andrés-Suarez (1994) destaca três consequências diretas da implementação da construção *habeo + particípio*: (i) a criação de novas perífrases, que culminaram no paradigma dos tempos compostos de anterioridade das línguas românicas; (ii) o nascimento de novos particípios; e (iii) a perda do sentido de “posse” do verbo *habere*.

O clássico trabalho de Harris (1982) sobre a mudança funcional do *perfecto compuesto* nas línguas românicas – sintetizado pela Figura 3.1 – mostra que, desde sua origem, na língua latina, a forma composta passou por quatro grandes

²³ Coletado por Squartini e Bertinetto (2000) da peça *trinummus*, de Plauto (190 a.C.).

etapas de mudança igualmente passíveis de contemplação num estudo sincrônico contemporâneo que confronta as várias línguas românicas e suas variedades.

Figura 3.1: Do *continuum* de mudança funcional da forma composta nas línguas românicas segundo Harris (1982)



Fonte: Harris (1982).

Na primeira etapa, a forma composta restringe-se à expressão de estados presentes resultantes de ações passadas, adquirindo, portanto, um valor de *resultado*. Esse é o uso observado na origem da construção no latim (2), nos estágios iniciais de sua formação nas línguas românicas, como no português (3) e espanhol (4) antigos, além de no uso que ainda fazem dialetos da Itália, como o calabrês (HARRIS, 1982; DETGES, 2006).

(2) *In ea provincia pecunias magnas collocatas habent.*²⁴

*Têm colocados nesta província capitais consideráveis.

(3) *Noutra Aldeia, junto desta cidade, temos já feita uma casa à maneira de ermida.*²⁵

*Em outra aldeia, junto a esta cidade, já temos uma casa feita como uma ermida.

(4) *Grant cosa as perdidā.*²⁶

*Grande coisa tens perdida.

Nos três enunciados, é possível inferir a existência de um estado final presente (possuir “*pecunias magnas*/capitais consideráveis”, “uma casa” e a perda de “*grant cosa*”) resultante de uma ação anterior já concluída (“colocar capitais”, “fazer uma casa”, “perder grande coisa”). Tendo em vista o comportamento sintático, é própria dessa etapa a possibilidade de intercalarmos o complemento (“*pecunias magnas*”, “uma casa”, “*grant cosa*”) entre os elementos que compõem

²⁴ Coletado por Andrés-Suárez (1994) do discurso de Cícero (106 a.C. – 43 a.C.): *De imperio Gn. Pompei* (66 a.C.).

²⁵ Coletado por Barbosa (2008) de uma carta de Padre Manuel da Nobrega do ano de 1549.

²⁶ Coletado por Alarcos LLorach (1980), do *Libro de Alexandre*, uma obra em verso da primeira metade do século XIII, que narra a vida de Alexandre Magno, rei da Macedônia.

a construção (*habent/temos/as* + particípio passado), além da concordância em gênero e número entre o complemento e o particípio. Essas características indicam que, nesse momento, os constituintes da construção de valor resultativo ainda não desfrutavam de um estado de coesão, em parte porque o verbo *haber* ainda se comportava como uma forma lexical plena, com seu valor original de posse.

O comportamento vigente na segunda fase permite observar um uso que se conserva no português (5) e em variedades do espanhol (6). Trata-se da expressão iterativa ou durativa de uma situação cujo início se deu no passado, mas que se mantém ainda no presente, tal como expressam os enunciados seguintes:

(5) *O governo de Cuba tem feito gestos de aproximação com a administração americana.* (Folha de S. Paulo/São Paulo)

(6) [...] *en el medio se van a ir buscando las alianzas que tradicionalmente ha tenido el peronismo con otros partidos.* (Radio Cadena 3/Córdoba)

A forma composta passa a apresentar um *status* de maior coesão, uma vez que o particípio (*feito, tenido*) já não concorda com o complemento – “gestos/*alianzas*” –, e tampouco é possível posicionar esse complemento entre o auxiliar e o particípio. Tanto é assim que é agramatical no português brasileiro atual a oração (7).

(7) **O governo de Cuba tem gestos feitos de aproximação.*

A terceira fase da mudança do pretérito composto corresponde ao valor de antepresente – uso considerado padrão na língua espanhola. Trata-se da expressão de situações passadas (ME) que guardam relação com o momento de fala (MF), porque tanto o ME como o MF estão envoltos pela mesma conjuntura temporal. Notemos que tanto o evento (*tirar trescientos millones de litros*) como o ato de enunciação ocorrem na mesma conjuntura temporal determinada por “*este año*”:

(8) *Este año han tirado trescientos millones de litros de agroquímicos.*
(Radio Cadena 3/Córdoba)

Na etapa final (IV), a forma composta perde traços de ordem aspectual (I – resultado, II – continuidade, III – relevância presente) para expressar um valor

marcadamente temporal de pretérito. Nessa etapa da mudança, o PPC passa por um momento de confronto com a tradicional forma de pretérito, podendo o conflito ser resolvido de diferentes maneiras, conforme o sistema linguístico observado. Vejamos o uso no francês – língua em que já vigora o valor da fase IV (PAIVA BOLÉO, 1936):

(9) *Sotheby's a vendu hier soir à Londres un portrait de la comtesse Bismarck.* (Le Monde/Paris)

O advérbio “*hier soir*” (ontem à noite) demonstra que a ação ocorreu em um âmbito temporal anterior ao da enunciação e que, por isso, não mantém relação com o MF – indício, portanto, de um passado absoluto. Quanto à forma simples, sabe-se que, no francês, ela está restrita a registros literários.

A análise da mudança funcional que descrevemos revela que a sucessão de fases segue por um *continuum* em direção à expressão de um valor marcadamente temporal de passado, o que implica um paulatino debilitamento dos traços aspectuais do perfeito (resultado e continuidade). Segundo complementam Squartini e Bertinetto (2000), o extremo desse *continuum* é encontrado atualmente nas línguas faladas ao norte da Itália e na França, onde a forma do perfeito simples já não é usada devido ao avanço do perfeito composto. A fim de recuperar o comportamento do perfeito composto tanto sob a perspectiva diacrônica como sincrônica, Detges (2006) elabora o seguinte quadro:

Quadro 3.1: Mudança diacrônica do perfeito

(I) Resultado	(II) Continuidade até o momento de fala	(III) Relevância no momento de fala	(IV) Aoristo (Passado Absoluto)
Calábria: L'aiu fattu. ²⁷	Português: Tenho falado muito com ele.	Espanhol: No ha ganado mucho este año.	Italiano: L'ho comprato l'anno passato. ²⁸
Francês: Il a mangé maintenant.	Francês: J'ai vécu ici pendant 20 ans.	Francês: Cette année, il n'a rien gagné.	Francês: Et alors, je l'ai acheté. ²⁹

Fonte: Detges (2006, p. 47). Tradução do autor.

Observemos que o Quadro 3.1 apresenta diferentes informações. Na primeira linha, retratam-se as quatro etapas da mudança do PPC segundo a proposta de Harris

²⁷ “O fiz”. Tradução do autor.

²⁸ “Comprei-o ano passado”. Tradução do autor.

²⁹ Respectivamente “Ele comeu agora”, “Eu vivo aqui há 20 anos”, “Neste ano, ele não ganhou nada”, “Então, eu o comprei”. Traduções do autor.

(1982). Por sua vez, a segunda revela como as línguas românicas acomodaram o uso do perfeito composto em um dos estágios. Finalmente, a terceira linha ajuda a entender a polissemia funcional sincrônica existente no uso da construção em algumas línguas em razão da persistência de traços próprios de etapas anteriores.

Segundo exemplifica Detges (2006), apesar de no francês moderno o *passé composé* concentrar-se na quarta fase, quando motivados por questões pragmáticas, muitos de seus usos refletem estágios anteriores de mudança. Conforme discutimos no capítulo anterior, diversos estudos apontam a existência da mesma polissemia funcional no espanhol, seja ela encontrada na comparação entre diferentes variedades ou mesmo dentro de uma mesma variedade linguística. A título de exemplo, observemos o comportamento da forma composta na variedade de San Miguel de Tucumán a partir dos seguintes enunciados retirados de entrevistas radiofônicas:

- (10) *Resultado: [...] ¿[ya] ha presentado finalmente la renuncia a la obra social del PAMI filial Tucumán? <T5>.*
- (11) *Continuidade: [...] confederación general económica en la República Argentina, una entidad que... durante muchos años ha sido, sin dudar, la líder en el gremialismo empresario nacional <T3>.*
- (12) *Antepresente: A: “Hola, chicos, gracias por trabajar en día feriado, así disfrutamos juntos con ustedes [...]. Hoy estoy triste. Besos, los quiero”.
B: No sé el nombre porque no me ha firmado <T2>.*
- (13) *Passado absoluto: [Yo creo] que ustedes mismos han sido el termómetro de lo que ha ocurrido con el cambio prestacional en aquel momento <T5>.*

Sobressaem aos olhos mais atentos os diferentes valores inferidos pelo uso da forma composta conforme o contexto em que se instaura. Em uma mesma variedade do espanhol podem-se observar os quatro valores atribuídos ao *perfecto compuesto* por Harris (1982). Ou seja, enquanto no enunciado (10) o sintagma “*ha presentado finalmente la renuncia*” abre precedentes para a verificação de uma situação resultante atual diferente da que existia inicialmente (quando o enunciatador ainda era presidente da entidade), nos enunciados seguintes, as expressões temporais (11) “*durante muchos años*”, (12) “*ahora*”, (13) “*en aquel momento*” evidenciam os valores de continuidade, antepresente e passado absoluto vigentes no uso que

se faz da forma verbal em cada um dos enunciados. Contudo, destacamos que os advérbios de tempo desempenham um importante papel na identificação dos sentidos aferidos. Tanto essa dependência contextual na identificação dos valores aferidos como a polissemia no uso do PPC são indicadores de um processo de gramaticalização ainda não consolidado na língua espanhola.

Por outro lado, a análise das diferentes variedades diatópicas da língua espanhola mostra comportamentos e preferências de uso particulares. Serrano (1994; 1995), por exemplo, compara as variedades de Madri e das Canárias e aponta na primeira o uso preferencial do PPC com valor de AP imediato e o crescente uso da mesma forma em contextos de PA – característicos da terceira e quarta fases, respectivamente, do processo de mudança proposto por Harris (1982); já na variedade das Canárias, nota um favorecimento do uso do PPS nesses contextos. Na mesma direção, Company Company (2002) e Moreno de Alba (2006) comparam a variedade mexicana com a de Madri e acusam a preferência por um uso com características aspectuais no México – alinhando-se aos valores dos primeiros estágios de mudança –, enquanto a variedade de Madri avança por usos com característica marcadamente temporal, aproximando-se dos valores das etapas finais.

Paralelamente, é pertinente pensarmos nas possíveis alterações de comportamento no uso do PPS diante da aproximação funcional do PPC. Nesse sentido, Schwenter e Cacoullos (2008) descrevem como se estabelece a relação entre as duas formas em algumas línguas:

Quadro 3.2: Estágios de desenvolvimento do perfeito composto e simples nas línguas românicas

	Perfeito Composto	Perfeito Simples
Siciliano	Estados presentes resultantes de ações passadas	Passado perfectivo
Espanhol mexicano Português	Situação passada ainda em andamento no presente	Passado perfectivo
Espanhol peninsular Catalão	Situação passada com relevância presente	Situação passada sem relevância presente
Francês Italiano do norte	Toda situação passada	Limitado ao registro formal/escrito

Fonte: Schwenter e Cacoullos (2008, p. 7). Tradução do autor.

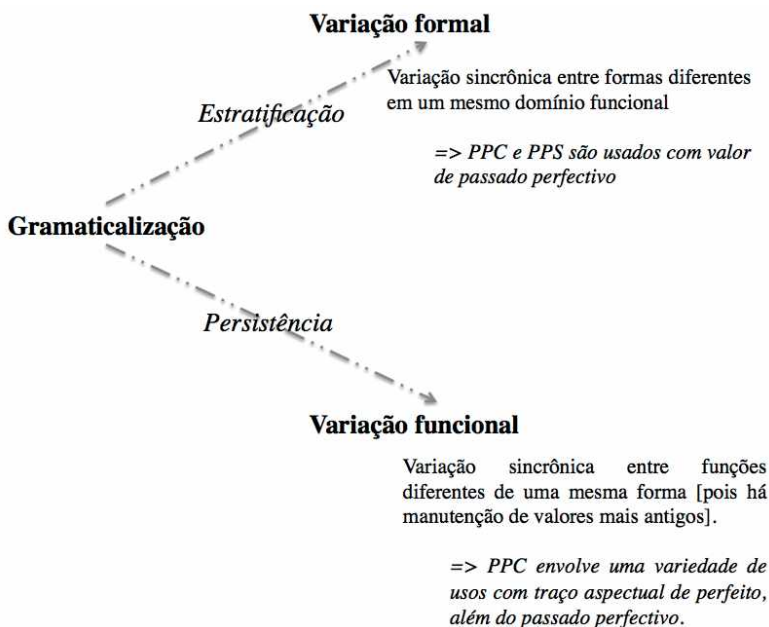
O Quadro 3.2 revela como as línguas românicas tendem a privilegiar uma ou outra fase do *continuum* descrito por Harris (1982). Contudo, mostra a acomodação do PPS como um dos resultados do comportamento do PPC em cada língua. Ou seja, à medida que o perfeito composto perde seus atributos aspectuais, marcando seu valor temporal de passado, o PPS vai perdendo seu campo de expressão, tornando-se, no último estágio, apenas uma marca de registro formal – como ocorre no francês e no italiano do norte.

Uma vez exposto o dinâmico comportamento da forma composta, tanto diacrônica como sincronicamente, bem como a relação que ela estabelece com o PPS nesse emaranhado de usos, destaca-se como sincronicamente é possível encontrar dois tipos de variação linguística envolvendo essas formas. Se, por um lado, é possível observar a forma composta apresentando mais de um valor – mesmo que a análise esteja restrita a uma variedade diatópica apenas –; por outro, parece notável a relação de equivalência funcional que o PPC pode estabelecer com o PPS – especialmente nos estágios mais avançados de desenvolvimento da forma composta.

Conscientes desse comportamento, Schwenter e Cacoullos (2008) evocam dois princípios do processo de gramaticalização que justificam o estado variável apresentado (Figura 3.2). Por um lado, a “persistência” justifica a manutenção de alguns traços semânticos da forma original no uso do PPC em estágio mais avançado de gramaticalização, permitindo, portanto, a atribuição de mais de um valor a seu uso; e, por outro, a “estratificação” evidencia que as novas formas que surgem para um dado domínio funcional (passado absoluto, por exemplo) coexistirão por um tempo com formas preexistentes nesse mesmo domínio (PPS). Diante dessa percepção, os autores propõem o seguinte esquema, no qual se observa como a forma composta passa por um processo de gramaticalização que o conduz a dois tipos de variação: formal e funcional.

Alarcos Llorach (1980) relata que o século V é considerado um período de recuperação da forma composta no latim falado na Península Ibérica. Porém, nessa região, seu uso ficou restrito à expressão de um estado permanente ou de um resultado presente, já que o verbo *habere* mantinha seu valor pleno de posse. Por seu turno, Company Company e Cuétara Pride (2011) mostram que já a partir do século VI nota-se no latim um debilitamento do significado possessivo do verbo *habere*, de modo que a estrutura perifrástica passa a expressar, ainda com escassos registros, ações passadas cujas consequências poderiam se estender até o MF.

Figura 3.2: Da variação sincrônica como efeito da gramaticalização que sofre o PPC



Fonte: Schwenter e Cacoullos (2008, p. 12). Tradução do autor.

Rodríguez Molina (2010) encurta a viagem pela história da perífrase no espanhol ao afirmar que até o século XI eram escassos os usos registrados na Península Ibérica e que os achados demonstram uma preferência pelo valor de resultado, de modo que não se pode assegurar que a forma tenha sofrido qualquer tipo de processo de temporalização passada até esse período. A natural lentidão do processo de gramaticalização que envolve a história do PPC é evidenciada no início do século XIII, quando o uso da forma composta ainda se encontrava muito restrito tanto em relação à sua frequência como em relação a suas características sintáticas. Quanto a seu valor, Alarcos Llorach (1980) identifica o sentido de resultado como o valor característico atribuído à construção ainda nesse período – (14) e (15) –, ao passo que ao PPS se atribui a expressão de qualquer ação passada, inclusive no presente ampliado (16).

(14) *Grant cosa as perdida.*³⁰

*Grande coisa tens perdida.

³⁰ Coletado por Alarcos Llorach (1980) do *Libro de Alexandre* (séc. XIII).

(15) *Mucho me as bien fecho*.³¹

*Muito me tens bem feito.

(16) *Siempre esperé por este día*.³²

Sempre esperei por este dia.

É no século XIV, no entanto, que começa a apontar na forma efetivamente um novo valor; isto é, além do preponderante valor de resultado já descrito, notam-se casos em que o PPC expressa ação durativa ou iterativa que se estende até o presente:

(17) *la tristura e grant cuidado / son conmigo todavia / pues placer e alegría / Así m'an desamparado*.³³

A tristeza e grande cuidado / são comigo ainda / pois prazer e alegria / assim me têm desamparado.

84 Ao longo do século XV, observa-se um aumento substancial no uso da forma composta, mantendo os valores de resultado e continuidade e, mais ao fim do período, começando a ser usada também para designar ações pontuais ocorridas no presente ampliado. Alarcos Llorach (1980) afirma que a partir do fim do século XV e durante o século XVI, enquanto o PPS era empregado para ações pontuais em um PA e eventualmente para ações pontuais no AP ampliado, o PPC ia perdendo pouco a pouco seu valor de resultado e se concentrava na expressão de ações reiteradas até o presente ou de ações pontuais que antecederiam imediatamente o presente gramatical. Ademais, é interessante destacar que é com esse comportamento dinâmico no funcionamento das formas do *pretérito perfecto* que a língua espanhola é transportada para o Novo Mundo, abrindo precedentes para que encontrasse eventualmente diferentes ajustes que, ao longo do tempo, poderiam vir a se diferenciar contundentemente quando cotejadas as variedades da Península com as variedades da América.

A síntese da abordagem diacrônica apresentada por Alarcos Llorach (1980) revela quatro estágios da mudança da forma composta na língua espanhola, a saber:

³¹ Coletado por Alarcos Llorach (1980) do *Libro de Alexandre* (séc. XIII).

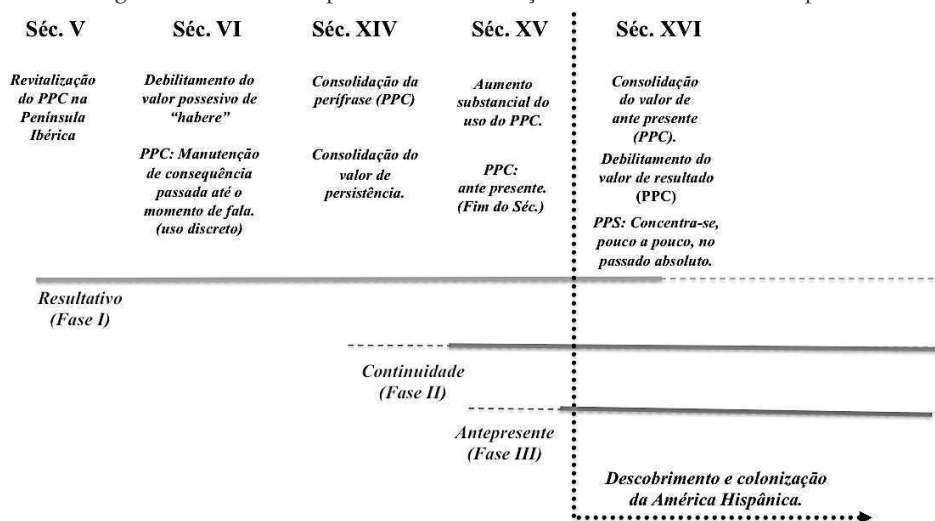
³² Coletado por Alarcos Llorach (1980) do *Libro de Alexandre* (séc. XIII).

³³ Coletado por Alarcos Llorach (1980) do *Libro Rimado de Palacio* ou simplesmente *Rimado de Palacio*, uma obra de Pedro López de Ayala, datada entre 1378 e 1403.

1. expressão de uma situação presente resultante de uma ação anterior;
2. expressão de uma situação contínua (durativa ou iterativa);
3. expressão de uma situação momentânea imediatamente anterior ao momento de enunciação;
4. expressão de uma situação momentânea não imediatamente anterior, mas que mantém alguma relação com o presente, isto é, produzida em um “AP ampliado”.

É pertinente notar que, diferentemente do que propõe Harris (1982), Alarcos Llorach (1980) não identificou no espanhol o uso do *pretérito perfecto compuesto* expressando Passado Absoluto (Fase IV) e separou a etapa III proposta por Harris (1982) em dois grupos (3 e 4), nos quais a aproximação entre a “situação descrita” e o “momento de fala” aumenta à medida que passamos de um para o outro.

Figura 3.3: Síntese do percurso da mudança funcional da forma composta



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A Figura 3.3 sintetiza o percurso da mudança funcional da forma composta até o século XVI. Parece evidente que os valores descritos por Alarcos Llorach (1980) se conservam presentes nas variedades diatópicas do espanhol. Contudo, “cada dialeto gerou sua gramática perfilando uma das possibilidades do sistema antigo e minimizando a outra possibilidade” (COMPANY COMPANY, 2002, p.63).

3.1.1 A definição da auxiliaridade dos tempos compostos de anterioridade em espanhol

Os primeiros textos em língua espanhola apontavam que os tempos compostos de anterioridade eram formados por um auxiliar de base verbal *haber* ou *ser* junto de um particípio, tal como figura nos enunciados (18) e (19):

- (18) *Sacada me auedes de muchas verguenças malas.*³⁴
Me tendes librado <havéis librada> de muitas más vergonhas.
- (19) *Quant los discípulos eran ydos a la cibdat comprar.*³⁵
Quando os discípulos tinham <eran> ido(s) à cidade comprar.

O auxiliar empregado na construção advém de um processo gradual e particular de escolha entre uma ou ambas as formas que compunham o duplo sistema de auxiliaridade previsto para os tempos compostos na origem das línguas neolatinas. Processo que, no castelhano, culminou na escolha do verbo *haber* como único auxiliar para os tempos compostos de anterioridade.

Há de se observar, contudo, que no sistema medieval da língua espanhola, *haber* e *ser* apresentavam ainda um comportamento polissêmico em virtude de não operarem somente como verbos auxiliares dos tempos compostos. Tanto que era possível encontrar usos que permitiam uma dupla leitura e que, por isso, dificultavam a diferenciação do que era um tempo composto dos outros tipos de construções com os referidos verbos. Como auxiliares dos tempos compostos, *haber* e *ser* possuíam contextos de usos próprios, porque *ser* constituía preferencialmente perífrases com particípios de verbos intransitivos, como os de movimento (*ir*, *venir*, *llegar*, *salir*), ao passo que se observava o uso do auxiliar *haber* com verbos transitivos. Apesar dessa preferência, notavam-se alguns usos de *haber* com particípio de verbos intransitivos.

Tem-se, nessa fase, portanto, um contexto crítico para a mudança gramatical, marcado inicialmente por uma pluralidade de usos que, mais adiante, foi resolvida com a generalização de *haber* como forma especializada na função de auxiliar dos tempos de anterioridade em espanhol. Segundo a análise sistemática conduzida por Romani (2006) dos tempos compostos no espanhol medieval, entre os séculos

³⁴ Coletado por Romani (2006) de *El cantar de mio Cid*, poema épico medieval mais antigo preservado, que relata as façanhas do cavaleiro Rodrigo Díaz, *el Campeador*. A obra tem datação aproximada ao ano de 1200.

³⁵ Coletado por Romani (2006) da *Fazienda de Ultramar*, um livro do primeiro quarto do século XIII que constitui um itinerário geográfico e histórico como guia de peregrinos à Terra Santa. Constitui um dos primeiros exemplos de narração em prosa na literatura espanhola.

XII e XV, observa-se uma diminuição de mais de 19 pontos percentuais no uso do auxiliar *ser*. Todavia, sua eliminação por completo do paradigma de auxiliaridade dos tempos compostos de anterioridade só será efetivada por completo no século XVI.

Além da generalização de *haber* como o único auxiliar da perífrase de anterioridade, nota-se paralelamente um quase desaparecimento de seu uso como verbo pleno, isto é, com sentido de “posse” e predicando um objeto direto, como se lê em (20).

- (20) [...] *que el estoriador sea discreto e sabio e aya buena retórica para poner la estoria en feroso e alto estilo.*³⁶
Que o historiador seja discreto e sábio e tenha <haja> boa retórica para pôr a história em bonito e alto estilo.

O que se observou na história da língua é que entre os séculos XII e XV, o uso de *haber* como verbo pleno foi sendo substituído pelo uso do verbo *tener* (*ter*), cuja origem já apresentava um valor de posse. Contudo, além da função de auxiliar na perífrase de anterioridade, destacam-se também dois outros usos do verbo *haber* registrados já na Idade Média. O primeiro deles é verificado na construção formada por *haber* + preposição “*de*”+ *infinitivo*, cujo sentido é de obrigatoriedade, conforme mostra o enunciado (21):

- (21) *Rogol tanto Jacob que lo ovo de prender e quiso salir con Jacob.*³⁷
 Jacó rogou tanto que teve de o prender e quis sair com Jacó.

Outro uso registrado do verbo *haber* na Idade Média é o de forma impessoal com um único argumento nominal expressando existência, tal como se lê em (22):

- (22) *Dixieron al rey de Jerico que omnes estrannos avie en la villa.*³⁸
 Disseram ao rei de Jericó que havia homens estranhos na vila.

³⁶ Coletado por Romani (2006) da obra do século XV, *Generaciones y sembranzas*, cuja autoria pertence a Fernán Pérez de Guzmán. Trata-se de uma coleção de 35 retratos biográficos dos cortesãos mais importantes de sua época.

³⁷ Coletado por Romani (2006) da *Fazienda de Ultramar* (séc. XIII).

³⁸ Coletado por Romani (2006) da *Fazienda de Ultramar* (séc. XIII).

Essas duas últimas funções atribuídas ao verbo *haber* se conservaram na língua espanhola, de maneira que a forma verbal permanece compondo a perífrase de modalidade deôntica (23), além de expressar existência impessoal (24):

- (23) *Por eso, hemos de considerar una y otra vez que la verdadera soberanía reside en el pueblo [...].* (La Nación/Buenos Aires)
(24) *Obviamente sí, hay una voz, tiene que ver con la insatisfacción [...].* (Ohlalá/Buenos Aires)

A fim de conhecermos o processo de passagem do verbo pleno *haber* em auxiliar de tempos compostos, recorremos ao estudo de Heine (1993) sobre os verbos auxiliares e seu processo de gramaticalização. Com esse propósito, iniciamos com a definição da categoria dos verbos auxiliares, a qual, segundo o autor, pode ser descrita quanto a seus aspectos formal e semântico.

Sob o ponto de vista formal, isto é, observando a estrutura sintática, morfológica e fonológica, os auxiliares podem ser caracterizados como morfemas livres que guardam semelhanças estruturais com a forma lexical, mas que não podem ocorrer de forma independente. No geral, os auxiliares tomam como complemento formas nominais dos verbos. Quanto ao nível semântico, Heine (1993) afirma que, além de servir como marca de negação (25) ou da composição de alguns tipos específicos de sentença – como as interrogativas (26) e as passivas (27), por exemplo –, os auxiliares geralmente se definem pela contribuição na expressão gramatical de tempo, aspecto e modo (TAM). Como auxiliar dos tempos compostos do espanhol moderno, *haber* apenas ocorre com um particípio posposto a ele e traz morfologicamente marcadas as informações referentes a tempo, pessoa e número (28).

- (25) *Turkey does not include Islamic State or the Kurdish YPG militia [...].* (New York Times/New York)
(26) *Does Obama need Bill Clinton's blessing?* (New York Times/New York)
(27) *[...] o presídio foi classificado como "péssimo" para qualquer tentativa de ressocialização [...].* (Folha de S. Paulo/São Paulo)
(28) *[...] los responsables del museo han subrayado que el Guggenheim Bilbao continúa siendo líder entre las instituciones culturales europeas [...].* (El Mundo/Madri)

O processo de desenvolvimento dos auxiliares envolve uma mudança morfosintática por meio da qual uma construção antes constituída por um verbo de sentido lexical pleno e por seus complementos se transforma em uma estrutura gramatical coesa, em que o verbo inicialmente predicador torna-se auxiliar de uma construção formada também por um verbo principal. Dessa forma, auxiliar e verbo principal compõem uma estrutura que passa a veicular nova informação gramatical. De modo prático, temos na construção resultativa latina (*epistulam scriptam habeo*, isto é, “tenho uma carta escrita”) um verbo pleno com sentido de “posse” (*habeo*) que rege um complemento direto (*epistulam scriptam*). No entanto, tal estrutura é reanalisada e, dentre outros processos sofridos, o verbo *habeo* esvazia-se do sentido de posse, fixa-se ao particípio (*scriptam*) e juntos passam a expressar as informações gramaticais referentes à nova construção criada, dos tempos compostos de anterioridade.

Durante esse processo de mudança de funções, o valor lexical original (“posse”) do verbo *haber* pode coocorrer na língua com a nova função (auxiliar) atribuída a ele. Nos primeiros escritos em língua espanhola, por exemplo, era possível observar a existência concomitante de ambos os funcionamentos do verbo *haber*, tal como mostram os enunciados (29) e (30). À medida que *tener* (ter) conquista os contextos em que *haber* mantinha o sentido pleno de posse, esse verbo abandona pouco a pouco seu valor original, culminando no uso atual restrito à auxiliabilidade dos tempos de anterioridade (31) e das perífrases de modalidade deôntica (32), além da expressão do valor existencial na forma impessoal (33).

- (29) [...] *que el estoriador sea discreto e sabio e aya buena retórica para poner la estoria en fermoso e alto estilo.*³⁹

[...] que o historiador seja discreto e sábio e tenha boa retórica para pôr a história em bonito e alto estilo.

- (30) *Sacada me auedes de muchas verguenças malas.*⁴⁰

Me tendes livrado <haveis livrada> de muitas más vergonhas.

- (31) *He leído hace poco, cuando me documentaba para la entrevista, una entrevista que diste tú [...].* (Radio R5/Madri)

- (32) *Por eso, hemos de considerar una y otra vez que la verdadera soberanía reside en el pueblo [...].* (La Nación/Madri)

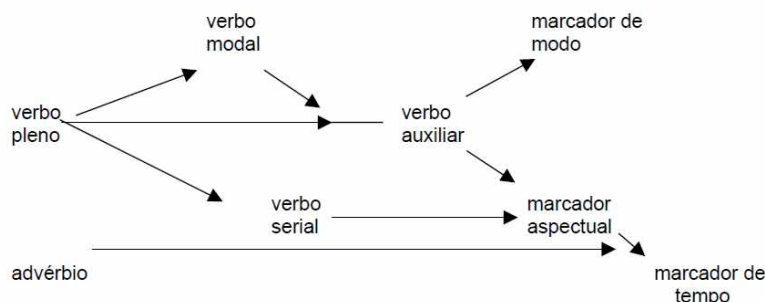
³⁹ Coletado por Romani (2006) da obra *Generaciones y sembranzas* (séc. XV).

⁴⁰ Coletado por Romani (2006) de *El cantar de mio Cid* (séc. XII).

(33) *Obviamente sí, hay una voz, tiene que ver con la insatisfacción*
[...]. (Ohlala/Madri)

Uma abordagem como a exposta permite entender os auxiliares não somente como uma forma que cumpre uma função gramatical específica (na expressão de tempo, modo e aspecto, por exemplo), mas também que recupera uma série de mudanças funcionais que, de algum modo, repercute no uso atual. A compreensão dessa cadeia de mudanças permite ver, no caso do *perfecto compuesto*, um *continuum* que evidencia um movimento sintático-semântico de um eixo em que traços aspectuais são mais marcados (acentuando-se os valores originais da forma plena – posse) até alcançar a expressão de sentidos em que se acentua o valor temporal.

Figura 3.4: Alguns canais inter-relacionados de gramaticalização de categorias verbais



Fonte: Lehmann (2002, p. 32). Versão para o português de Rodrigues (2006, p. 169).

Nessa direção, a Figura 3.4 ajuda a perceber como o desenvolvimento do auxiliar contribuiu para que se aferissem as quatro etapas de desenvolvimento do PPC. Conforme sintetiza Lehmann (2002) por meio dessa imagem, o processo de dessemantização do “verbo pleno” transforma-o em “auxiliar”. Num primeiro momento, essa transformação permite que o verbo auxiliar funcione como um “marcador aspectual”. Contudo, com o avançar de seu desenvolvimento, o auxiliar pode ainda tornar-se um “marcador temporal”.

De modo prático, ao se transformar em auxiliar dos tempos compostos, o verbo *haber* – de valor possessivo na origem – primeiramente opera em uma construção aspectual, de valor resultativo/continuativo, para só mais tarde tornar-se um marcador de tempo em etapas mais evoluídas da construção *haber* + *participio*, quando expressa antepresente ou passado absoluto.

3.2.1 O desenvolvimento da oposição PPS e PPC no espanhol

Moreno de Alba (2006) analisa o desenvolvimento da oposição PPS/PPC entre os séculos XII e XX e toma nota do absoluto predomínio do PPS durante todo o período e em textos consultados. Apesar da predominância do PPS, o autor afirma que o tipo de texto é um fator que intervém no aumento ou não da frequência das duas formas:

Eso permitirá explicar que las crónicas pertenecientes una al siglo XII (GEI) y la otra al XIV (Pedro I), así como las novelas, una del siglo XVI (LT) y otra del XVII (Quijote), empleen casi exclusivamente el indefinido, que ahí la función claramente predominante es la narrativa. Por otra parte, la mayor incidencia de perfectos compuestos, aunque siempre en desventaja en relación con el indefinido, se da en textos dramáticos o epistolares, en lo que o bien los personajes o bien quien escribe la carta tienen en el texto una función de comentadores mejor que de narradores (MORENO DE ALBA, 2006, p. 44).

Em concordância com o que argumenta Moreno de Alba (2006), a relação existente entre os gêneros discursivos e a recorrência de uma ou outra forma de passado, mesmo em textos oriundos de diferentes séculos, devem-se a que essas formas possuem historicamente funções diferentes dentro do sistema linguístico espanhol, de modo que proceder ao estudo da frequência de uso delas sem considerar suas particularidades semântico-pragmáticas pode mascarar importantes informações sobre seu real emprego ao longo da história da língua.

Nesse sentido, é pertinente observarmos que a função textual preponderantemente narrativa das crônicas e novelas implica uma perspectiva temporal de passado na qual o enunciador concebe o enredo como já concluído e fechado antes do ato da enunciação. Em outras palavras, na função narrativa, observa-se com maior intensidade a expressão de um tempo passado absoluto – função atribuída canonicamente ao *perfecto simple*. Por outro lado, a função de comentário saliente em textos dramáticos ou epistolares responde aos objetivos presentes nesses gêneros, haja vista que se percebe neles uma voz subjetiva que relata situações experimentadas ou observadas temporalmente mais de perto, característica essa que retoma uma concepção temporal de passado mais restrita e, de alguma maneira, permeada por traços semânticos que permitem aproximar temporalmente do enunciador a situação passada apresentada. Nas palavras de Moreno de Alba (2006), “nos diálogos que mantêm os personagens das obras dramáticas é muito frequente que estes se envolvam como verdadeiros comentadores e não somente atualizem os fatos passados”. Ditas características são compatíveis

com as funções desempenhadas pelo *perfecto compuesto* expressando o valor de antepresente, por exemplo.

Conforme revela a Tabela 3.1, observou-se, ao longo da história, um uso predominante do PPS, porém notam-se textos de alguns períodos em que se destaca um grande aumento no uso da forma composta. Esse crescimento, segundo justifica Moreno de Alba (2006), refere-se ao caso de textos epistolares, como os *Documentos Lingüísticos de la Nueva España* (DLN – primeira metade do século XVI), e dramáticos, como é o caso de *La Celestina* (CEL – fim do século XV) e *El sí de las niñas* (SIN – fim do século XVIII).

Tabela 3.1: Frequência do PPS e do PPC ao longo do tempo

	CID XII	GEI XIII	PED XIV	CEL XV	DLN XVI	LZT XVI	QUI XVII	SÍN XVIII	MÉX XX	Média %
% PPS	84	97	95	70	57	97	90	53	82	81
% PPC	16	3	5	30	43	3	10	47	18	19

Fonte: Moreno de Alba (2006, p. 43). Adaptação do autor.⁴¹

A aparente diminuição brusca do PPC no fim do século XVI e do século XVII se deve à observação de textos narrativos em que, como é sabido, o enunciador procede à apresentação do enredo tomando-o a partir de uma concepção temporal terminada de passado absoluto (PPS). O pouco uso da forma composta estaria sempre associado à fala dos personagens, expressando passados que estão próximos à sua fala.

Segundo Moreno de Alba (2006), o atual sistema de oposição característico do espanhol peninsular – em que o *perfecto simple* refere-se a situações passadas em um âmbito referencial anterior ao momento de fala (passado absoluto), enquanto a forma composta refere-se a uma situação passada envolta pelo mesmo âmbito de referência temporal do momento de fala (antepresente) – formou-se efetivamente no século XVIII. Romani (2006), por seu turno, recupera evidências já no espanhol medieval da oposição tal qual é conhecida atualmente. É nesse período que o PPC

⁴¹ Para o estudo do desenvolvimento da oposição PPS/PPC, Moreno de Alba (2006) estabeleceu um *corpus* que envolve textos do século XII até o XX, valendo-se, a título de conhecimento, dos seguintes textos: *El cantar de mio Cid* (CID – meados do século XII), *General estoria: primera parte* (GEI – segunda metade do século XIII), *Crónicas de Pedro I* (PED – segunda metade do século XIV), *La Celestina* (CEL – fim do século XV), *Documentos Lingüísticos de la Nueva España* (DLN – primeira metade do século XVI), *Lazarillo de Tormes* (LZT: meados do século XVI), *Don Quijote de la Mancha* (QUI – primeira metade do século XVII), *El sí de las niñas* (SIN – fim do século XVIII) e a fala da cidade do México (MEX – segunda metade do século XX).

vai invadindo gradativamente o domínio do PPS, tomando dele a expressão do valor de AP.

A singular contribuição do estudo de Moreno de Alba (2006) deve-se, contudo, à percepção de dois processos diferentes de desenvolvimento da oposição entre o *perfecto simple* e o *perfecto compuesto*, um para a América e outro para a Península. Segundo defende o autor, é muito provável que a oposição feita nas variedades americanas fosse muito semelhante à feita no espanhol peninsular até o século XVIII, isto é, com predomínio do PPS para referências passadas absolutas ou recentes (AP), enquanto o PPC era usado mais restritamente, quase sempre para expressar passados perfeitos atualizados, concebidos pelo falante como ainda presente ou que manifestavam efeitos no momento de enunciação. Contudo, conforme sintetiza a Figura 3.5, no Novo Mundo, “o emprego do *perfecto compuesto* em relação ao *perfecto simple*, diferentemente do espanhol europeu (em que vai aumentando ao menos nos séculos XIX e XX), vai diminuindo do século XVI em diante” – tal como mostram os dados da Tabela 3.2.

Tabela 3.2: Porcentagem de PPS e PPC nos documentos do Novo Mundo hispânico

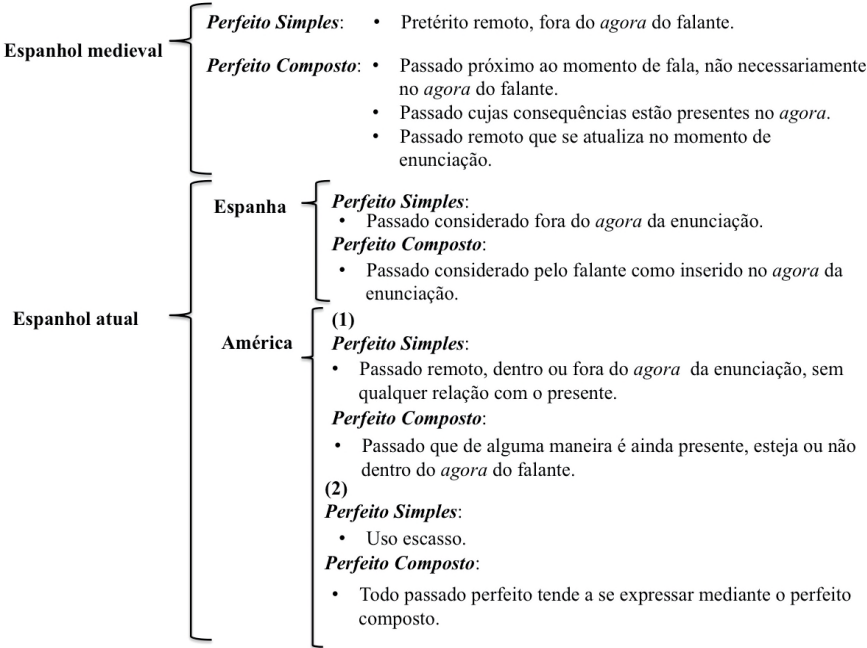
	PPS	PPC
XVI	61	39
XVII	74	26
XVIII	80	20
XIX	85	15

Fonte: Moreno de Alba (2006, p. 57). Adaptação do autor.

Em síntese, a mudança funcional dos *pretéritos perfectos* no espanhol seguiu por muito tempo um único caminho. Contudo, com o avanço ultramarítimo da língua (a partir do fim do século XV), o idioma encontrou-se com situações sócio-históricas particulares em cada um dos espaços em que era utilizado, razão pela qual a oposição entre PPS e PPC se estabeleceu de diferentes maneiras, conforme a variedade diatópica da língua. Como já verificado por meio da Figura 3.3, no momento da descoberta e no início da colonização do Novo Mundo, a forma composta passava por um período de formação marcado por uma expressiva polissemia que, conforme mostram os dados deste estudo, pode ter conduzido a diferentes estados de uso do PPC, tendo em vista a variedade da língua espanhola analisada.

Segundo afirma Moreno de Alba (2006, Figura 3.5), na variedade peninsular madrilenha, optou-se por um sistema em que o PPS refere-se fundamentalmente a passados perfeitos considerados fora do âmbito temporal em que se enuncia (passado absoluto), ao passo que o PPC é usado para situações passadas, mas inseridas no mesmo âmbito temporal em que se desenrola a enunciação (antepresente) – valor correspondente a etapas mais avançadas no desenvolvimento do PPC (Figura 3.1). Por sua vez, na América, foi possível o delineamento de dois macrocomportamentos diatópicos. O primeiro, de maior alcance no continente, apresenta um sistema em que a oposição não se deve a distância traçada entre a situação passada descrita e a enunciação – haja vista que ambas as formas podem fazer referência a ações com qualquer distância temporal –, mas ao fato de manter (PPC) ou não (PPS) sua continuidade ou resultado no presente. Esse comportamento demonstra, portanto, uma marcação aspectual que é resíduo dos primeiros valores adquiridos pela forma composta.

Figura 3.5: Diacronia e diatopia da oposição PPS/PPC



Fonte: Moreno de Alba (2006, p. 64). Tradução do autor.

O segundo sistema, restrito à região andina, mostra o PPC referindo-se a qualquer situação em PA. Segundo Moreno de Alba (2006), enquanto se nota, no

sistema andino, um escasso uso da forma simples, no primeiro sistema americano se produz um crescente rechaço do *perfecto compuesto*, de maneira que a substituição do PPC pelo PPS se dá de modo cada vez mais efetivo a partir do século XVI (Tabela 3.2).

3.2 A gramaticalização e os pretéritos no espanhol

Para Lichtenberk (1991), a gramaticalização é um processo histórico que configura um tipo de mudança com consequências para as categorias morfossintáticas da língua. Por seu turno, Kurylowicz (1965) e Lehmann (2002), de modo mais sistemático, salientam que a gramaticalização não é apenas a mudança de uma palavra lexical para uma gramatical, mas também o avanço de uma forma já gramatical para uma ainda mais gramatical. Desse modo, mesmo a simples passagem de um lexema a uma formação gramatical não é um salto, mas uma mudança gradual para uma nova função.

O estudo da constituição do *perfecto compuesto* deve elucidar as definições apresentadas, pois a perífrase de anterioridade (*haber* + particípio) revela-se historicamente como uma construção que se moveu de um eixo lexical – em que seus constituintes não desfrutavam de uma coesão e mantinham seus sentidos lexicais plenos originários – até um eixo mais gramatical – em que, já coesa, a construção opera no nível morfossintático da língua, compondo uma estrutura com uma função temporal própria. Analisando mais internamente essa construção e seu desenvolvimento, verificamos que, simultaneamente, nesse contexto, o verbo *haber* foi se modificando quanto à função que desempenhava na perífrase, deixando de operar como um verbo pleno, com valor de posse, e se transformando em uma construção específica, em um verbo auxiliar, que carrega consigo as marcas referentes à informação de pessoa, número e temporalidade das perífrases de anterioridade.

O Quadro 3.3 sintetiza esses processos históricos que se movem transformando formas lexicais em estruturas (mais) gramaticais. Na linha (i), contemplamos a transformação funcional que sofreu *haber* dentro da construção, à medida que ela foi se acomodando como parte do paradigma dos tempos compostos. Na linha (ii), retratamos a acomodação morfossintática que o PPC sofreu até chegar ao seu estado atual no espanhol.

Quadro 3.3: Síntese do processo de gramaticalização dos tempos compostos de anterioridade

	LEXICAL >>	>>GRAMATICAL>> (reanálise)	>> + GRAMATICAL (analogia)
(i). Âmbito funcional (<i>haber</i>)	Haber (verbo pleno – posse)	Haber (auxiliar de partic. transit.)	Haber (auxiliar de todos os participios)
	[...] que el estoriador sea discreto e sabio e aya buena retórica.	[...] <u>cogida</u> <u>han</u> la tienda.	Confederación general económica [...] ha <u>sido</u> la líder en el gremialismo.
(ii). Âmbito morfossintático (PPC)	Haber + [objeto + participio]	[Haber + participio] + objeto	Haber + participio (completa coesão)
	Litteras escriptas habeo.	De veinte arriba ha moros matado.	Este año han tirado treientos millones de litros.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A coluna intermediária mostra uma etapa em que já se evidenciam indícios explícitos de gramaticalização: (i) o auxiliar demonstra alguma perda de seu sentido de “posse” original, compõe a perífrase e se associa apenas a participios de verbos transitivos. No âmbito morfossintático (ii), observa-se que a construção foi “reanalizada” e, por isso, alcança um grau de coesão entre auxiliar e participio, compondo, então, uma perífrase.

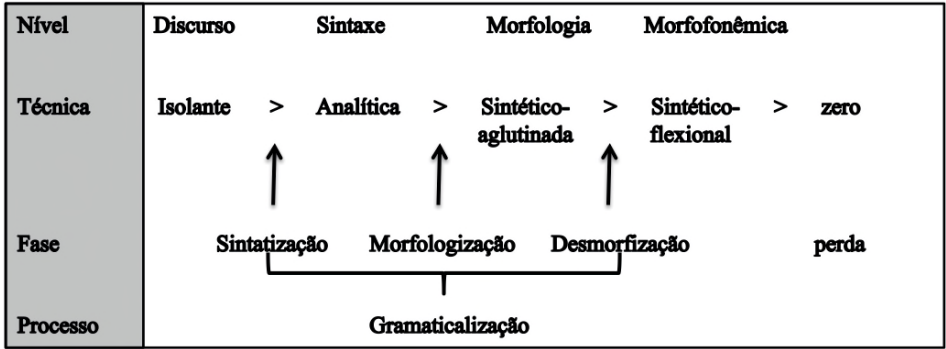
Contudo, o uso ainda mais gramaticalizado, como encontramos no espanhol contemporâneo, é verificado em etapas mais avançadas do processo, tal qual figura na última coluna – em que, funcionalmente (i), observa-se o auxiliar esvaziado de seu sentido pleno de “posse” e relacionando-se inclusive com participios de verbos intransitivos (analogia); e morfossintaticamente (ii), os constituintes dos tempos compostos apresentam um grau de coesão que já não permite qualquer interpolação de elementos ou a concordância do participio com um elemento fora da construção. Tem-se, nessa fase, a formação efetiva do paradigma dos tempos compostos de anterioridade. Evidentemente que esses processos representados nas linhas (i) e (ii) são simultâneos e dependentes um do outro.

Voltando à compreensão do processo de mudança gramatical, Hopper e Traugott (2003) afirmam que a gramaticalização é entendida como o resultado de uma negociação contínua de significado em que falantes e ouvintes se envolvem, resultando da tentativa de se obter o máximo de informação, dependendo da necessidade da situação. O significado da negociação pode envolver inovação,

especificamente pragmática, semântica e, em última instância, enriquecimento gramatical.

Lehmann (2002) mostra que o resultado dessa transação é um complexo cenário em que diferentes fases entre distintos níveis da língua operam no desenvolvimento da gramaticalização.

Figura 3.6: Fases da gramaticalização



Fonte: Lehmann (2002, p. 12). Tradução do autor.

Para o autor, a gramaticalização divide-se em três fases, tendo seu início quando uma forma ou construção recorrente no discurso começa a ter suas funções originais alteradas, deslocando-se de sua categoria inicial (Figura 3.6). Na fase de sintatização, a estrutura passa a assumir funções mais gramaticais, perdendo os privilégios sintáticos de quando era uma forma plena. Tem-se, portanto, a transição entre dois níveis (do discurso ao sintático) e duas técnicas (da isolante à analítica), fazendo com que os elementos deixem de ser analisados como livres (isolante).

Na fase seguinte, da morfologização ou aglutinação, a construção analítica é sintetizada em afixos aglutinantes. É a fase, portanto, em que surgem as formas presas da língua (afixos derivacionais ou flexionais) e se caracteriza pela passagem do nível da *sintaxe* para o nível da morfologia, e da técnica analítica à sintético-aglutinante. Finalmente, na terceira fase, da desmorfização, a unidade da palavra é comprimida, podendo levar o morfema em gramaticalização a desaparecer por completo. Dessa maneira, observa-se o movimento do nível da morfologia para o morfofonêmico, valendo-se, agora, da técnica sintético-flexional.

Importante destacar que nem todas as formas afetadas pela gramaticalização seguem o processo até a etapa final do *continuum* esboçado pela Figura 3.6. O estudo da história dos tempos compostos de anterioridade no espanhol revela

que seu processo de gramaticalização encontra-se interrompido no nível da sintaxe, haja vista que a construção depende da junção do auxiliar *haber* a um particípio operando conjuntamente na expressão do sentido veiculado. A julgar pelo que ocorre com outras línguas românicas em que esse processo encontra-se funcionalmente mais avançado, parece que esse estado deve permanecer inalterado por mais tempo.

Hopper e Traugott (2003) já haviam apresentado uma sequência de fases percorridas pela forma em gramaticalização. Denominado *cline*, o *continuum* move-se do eixo lexical ao eixo mais gramatical, à esquerda:

Figura 3.7: *Cline* da gramaticalização

Item de conteúdo > Palavra gramatical > Clítico > Afixo flexional

Fonte: Hopper; Traugott (2003, p. 7). Tradução do autor.

O *cline* caracteriza-se por uma trajetória natural e diacrônica percorrida por qualquer forma que sofre uma mudança gramatical, de maneira que se retomamos, por exemplo, a trajetória de desenvolvimento do auxiliar *haber*, encontramos a forma deixando seu conteúdo pleno para se tornar uma palavra gramatical. No entanto, diferentemente do que ocorre com o futuro do presente (*cataré*), o auxiliar da perífrase de anterioridade não avança no *cline* e, por isso, não se torna um clítico ou afixo. De fato, a progressão para clítico e afixo flexional é mais rara nas línguas românicas, posto que essas línguas não são aglutinantes.

A fim de delinear alguns princípios e comportamentos recorrentes no processo de gramaticalização, partimos para o estudo do princípio de unidirecionalidade e das características de gradualidade e frequência de uso. Como deveremos perceber, alguns deles já foram indiretamente introduzidos na discussão até agora realizada.

Considerado o princípio fundamental e norteador de todo o processo de gramaticalização, a unidirecionalidade delineia um trajeto (*continuum*) de mudança a ser percorrido gradualmente por uma estrutura linguística em direção ao eixo do mais gramatical. Esse princípio assenta sua base no pressuposto da existência de uma relação entre dois estágios, A e B, de tal maneira que A sempre ocorre antes de B, e não o contrário. Segundo Hopper e Traugott (2003), será a unidirecionalidade a principal responsável por orientar os mecanismos que viabilizam o desenvolvimento de mudança, a fim de transformar, formal e funcionalmente, uma forma originalmente lexical em uma construção (mais) gramatical.

Será o princípio de unidirecionalidade que orientará o desenvolvimento do PPC até o uso conhecido atualmente. O estudo do *perfecto compuesto* nas línguas neolatinas permite observar que é possível delinear diacrônica e sincronicamente um *continuum* que vai necessariamente de um domínio mais aspectual – quando se conservam, de algum modo, valores originais da perífrase resultativa/durativa – até um domínio mais temporal – estágio em que *haber* tem suas informações lexicais originais apagadas por completo, tornando-se auxiliar de marcação de tempo.

A gradualidade, por sua vez, revela que as formas não mudam abruptamente de uma categoria à outra, mas percorrem uma série de pequenas transições, tanto que a proposta das “fases da gramaticalização” de Lehmann (2002) – Figura 3.6 – e o “*cline* de gramaticalização” de Hopper e Traugott (2003) – Figura 3.7 – evidenciam um percurso gradativo percorrido pela construção em gramaticalização.

De modo ainda mais prático, o estudo do PPC no espanhol explicita, em diferentes níveis, como a mudança gramatical se dá de forma gradual. Vimos que, funcionalmente, o *perfecto compuesto* estruturou-se na língua, a princípio, como uma perífrase de resultado – estágio em que o verbo *haber* ainda mantinha fortemente seu valor lexical de posse. Com o tempo, a construção foi passando por alguns estágios de mudança semântica – período em que pouco a pouco *haber* foi se gramaticalizando e se tornando um verbo auxiliar –, até culminar na expressão do AP e, em algumas variedades/línguas, também do PA – tal qual apresenta Harris (1982) por meio da Figura 3.1. É importante observarmos que esse processo se dá gradativamente através da perda de traços aspectuais e do ganho de traços temporais, além, é claro, da gradual acomodação formal que sofre a construção.

Lichtenberk (1991) afirma que a variação linguística é uma consequência natural da gradualidade da mudança, porque uma função/forma inicial (A) nunca será trocada por outra (B) abruptamente, sem um estágio intermediário em que A e B coexistam. Em outras palavras, a alternância sincrônica entre as formas/funções inovadora e antiga evidencia o comportamento gradual da mudança gramatical. Como veremos mais uma vez, a coexistência de formas será chamada por Hopper (1991) de estratificação (*layering*), enquanto a coexistência de funções atribuídas a uma mesma forma será denominada pelo mesmo autor de persistência (Figura 3.2). Em ambos os comportamentos, levam-se anos para que uma das funções/formas prevaleça e já não se observe a variação.

Lichtenberk (1991, p. 76) afirma que a natureza gradual da gramaticalização é também manifestada nas mudanças sequenciais de função, pois uma nova função se desenvolve a partir de uma anterior, valendo-se do avanço funcional da etapa

antecedente. O autor propõe o princípio de mudança gradual de função, segundo o qual em uma sequência de mudanças, a função menos diferente da original será adquirida antes daquela mais distinta. Esse princípio explica, entre outras, a sequência de fases que compõe o *continuum* de mudança funcional do *perfecto compuesto* (Figura 3.1), pois verificamos na sucessão dos valores de resultado, continuidade, antepresente e passado absoluto uma gradativa perda de traços aspectuais em detrimento da acentuação do traço referente à informação de tempo.

Desse modo, a percepção da gradualidade da mudança permite entender a polissemia da forma composta como resultado desse processo gradual de mudança funcional, permitindo que o PPC ocorra tanto em contexto de AP como de PA. Por conseguinte, é natural que, ao transitar gradativamente de um eixo temporal para o outro, estabeleça-se momentaneamente uma relação de variação entre o PPC e o PPS. Essa situação se resolve gradualmente, até que se opte pelo uso categórico de uma de outra forma.

Por último, a observação da frequência de uso revela que, no processo de mudança, as formas inovadoras começam tipicamente como variantes de uso pouco frequente. Entretanto, sua frequência aumenta ao longo do tempo, até, finalmente, substituir a forma antiga. Desse modo, é possível delinear uma relação entre a gradualidade da mudança e a frequência de uso das formas, posto que o aumento da frequência pode ser um reflexo do progresso nos estágios da mudança gramatical. Hopper e Traugott (2003) estabelecem também relação entre a frequência e a generalização no uso, visto que o uso recorrente de uma forma pode conduzir à sua emancipação do contexto discursivo original e aumentar sua liberdade para se associar com uma variedade maior de contextos.

Tendo pontuado algumas características mais gerais do processo de gramaticalização, atentar-nos-emos a seguir à observação de alguns mecanismos que operam na realização da mudança gramatical.

3.2.1 Mecanismos de gramaticalização

É possível distinguir dois níveis de análise dos fenômenos em gramaticalização. Enquanto o primeiro considera o processo como uma macromudança caracterizada por um longo percurso a ser percorrido, o segundo nível focaliza as submudanças inter-relacionáveis que compõem a mudança maior. No segundo nível de análise, identifica-se uma série de pequenos mecanismos que viabilizam o cumprimento das submudanças. Essas pequenas mudanças organizam-se nos âmbitos fonológico,

morfossintático e funcional e, em um efeito acumulativo, desencadeiam e configuram a mudança maior, isto é, a gramaticalização.

Hopper e Traugott (2003) afirmam que, apesar de tornar a mudança possível, esses fenômenos não são absolutos ou obrigatoriamente presentes em toda mudança, podendo, às vezes, ocorrer sozinhos ou na companhia de outros. Discutiremos nas linhas seguintes quatro desses mecanismos, a saber: reanálise, analogia, metáfora e metonímia. Uma vez descritos esses quatro mecanismos fundamentais para a efetivação da gramaticalização, apresentaremos sucintamente outros quatro mecanismos (dessementização, extensão, descategorização e erosão), que, segundo Heine (2003), são responsáveis pelo avanço da mudança gramatical.

REANÁLISE E ANALOGIA (MECANISMOS MORFOSSINTÁTICOS)

Tida como o mecanismo básico da atuação da gramaticalização por ser pré-requisito para a implementação da mudança, a reanálise diz respeito à mudança na estrutura de uma forma, isto é, modificam-se as características categoriais e as relações gramaticais da estrutura, sem implicar uma imediata modificação em sua manifestação superficial (LANGACKER, 1977, p. 58), caracterizando, por isso, uma mudança sintática que opera de modo abrupto e não observável diretamente. No mesmo sentido, Hopper e Traugott (2003) afirmam que as propriedades semânticas e gramaticais das formas são modificadas por meio do mecanismo de reanálise e que essas alterações incluem mudanças na interpretação, sem expor de início uma mudança na forma.

A reanálise se origina de um desencontro interpretativo, pois enunciador e enunciatário têm percepções diferentes sobre a estrutura e o significado de uma construção. Isso é o que ocorre, por exemplo, quando “*hamburger*” ([*hamburg*] + [*er*]) – prato que recebe o nome de sua cidade de origem, Hamburg(o)/Alemanha – é reanalisado como [*ham*]+[*burger*], e, mais tarde, [*ham*] é substituído por [*cheese*], [*beef*] ou [*X*], formando *cheeseburger*, *beefburger* ou *X-burger*. Essa permuta é apenas a explicitação de uma mudança (reanálise) que já havia ocorrido silenciosamente no processamento do funcionamento estrutural da construção. Em outros termos, a reanálise fica encoberta até que alguma modificação perceptível na forma traga-a à tona (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Diferente da reanálise, a analogia é um mecanismo perceptível, tornando-se, em muitos casos, a primeira evidência de que uma mudança está acontecendo. Enquanto aquela se preocupa com a mudança de regras, esta consiste na generalização de uma regra já existente em um maior número de contextos. Em

termos práticos, é a analogia que faz com que se estabeleçam relações entre o morfema [*burger*] – resultante da reanálise da estrutura “*hamburger*” – e os demais morfemas – [*cheese*], [*beef*] e [*X*]. Para Hopper e Traugott (2003), a diferença entre os dois mecanismos reside em que

Reanalysis essentially involves linear, syntagmatic, often local, reorganization and rule change. It is not directly observable. On the other hand, analogy essentially involves paradigmatic organization, change in surface collocations, and in patterns of use. Analogy makes the unobservable changes of reanalysis observable (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 68).

Enquanto a reanálise prepara o contexto para a futura substituição de uma estrutura por uma nova, isto é, compondo uma nova estrutura gramatical, a analogia permite a substituição e a acomodação dessa nova construção na língua revelando o surgimento da estrutura reanalisada. É a analogia que orienta, por exemplo, a criança a favorecer a ruptura com estruturas irregulares em prol do uso de estruturas regulares, como ocorre (i) na marcação do plural em inglês e (ii) na formação do particípio de alguns verbos em português:

(i) *cat: cats = child: X*

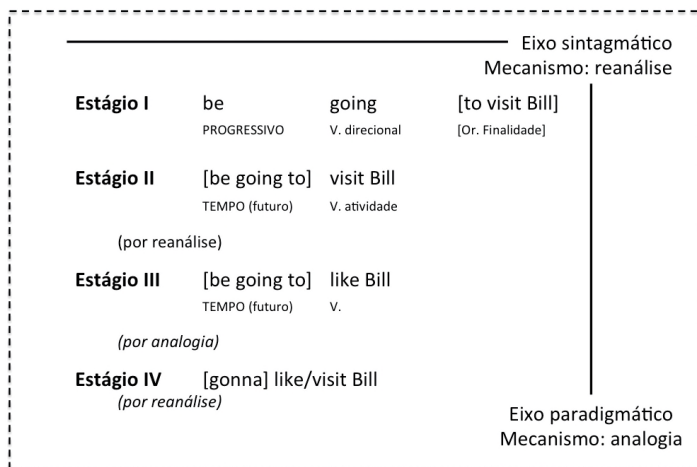
X = childs (em lugar da forma irregular: children, trad. “crianças”)

(ii) *comer: comido = fazer: X*

X = fazido (em lugar da forma irregular: feito)

Hopper e Traugott (2003) ainda descrevem a interação dos dois mecanismos por meio da análise do processo de gramaticalização do auxiliar *be going to*. Como observamos na Figura 3.8, o estágio I refere-se à fase em que o verbo progressivo se relaciona com uma oração de finalidade. No estágio II, já se nota a construção *be going to* reanalisada como auxiliar futuro, mas ainda limitada a verbos de atividade (*to visit*). Adiante, no terceiro estágio, observa-se a extensão, por analogia, do uso da construção *be going to* com os demais tipos de verbos, incluindo os de estado (*to like*).

Figura 3.8: Do desenvolvimento do auxiliar *be going to*

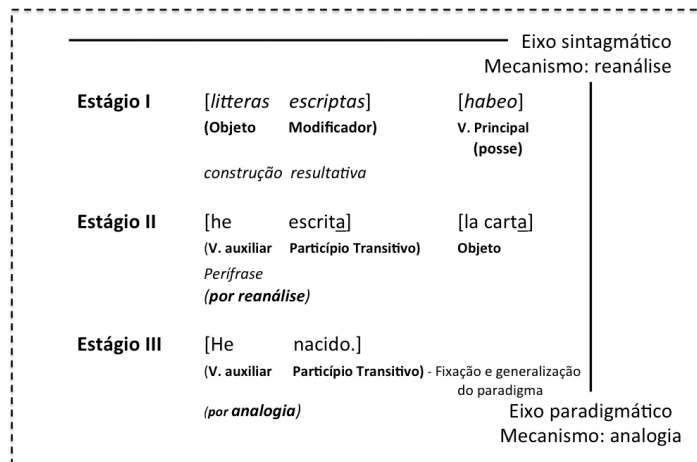


Fonte: Hopper e Traugott (2003, p. 69). Tradução do autor.

A discussão sobre o desenvolvimento do PPC no castelhano permite delinear a interação desses dois mecanismos na construção da perífrase tal qual é usada na atualidade – nos moldes do que Hopper e Traugott (2003) apresentam para *be going to*.

103

Figura 3.9: Do desenvolvimento do *pretérito perfecto compuesto*



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Conforme sintetiza a Figura 3.9, encontramos na base do processo que levou à gramaticalização de “*haber + participio*” o mecanismo de reanálise, já que, para chegar à leitura do valor de tempo anterior (35) (estágio II), a construção de valor resultativo (34) (estágio I) foi reanalisada pelos falantes, alterando as relações sintáticas e semânticas estabelecidas entre *haber*, o participio e o objeto. Segundo defende Rodriguez Molina (2010), um fator que favoreceu a atuação do mecanismo foi a possibilidade de analisar os sujeitos de “*haber*” e do participio como correferentes, viabilizando, nesse contexto, a interpretação de que o auxiliar e o participio compõem uma mesma construção e, por conseguinte, desvinculando o participio do objeto, que primariamente modificava. Na nova leitura temporal, a forma composta (35) difere sintaticamente da construção de valor resultativo (34) porque o participio deixa de ser um modificador do objeto, tornando-se um constituinte da perífrase junto de *haber*.

(34) *Litteras escriptas habeo* \Rightarrow [(objeto + participio) + *haber*]

(35) [ya] *ha presentado finalmente la renuncia* \Rightarrow [(*Haber* + participio)
+ objeto]

104

Por outro lado, a analogia atua viabilizando que a nova leitura (função) criada pela reanálise se difunda para novos contextos (estágio III). Assim, a construção inicialmente composta por participios transitivos passa a ser constituída gradativamente também por verbos intransitivos – conforme mostram os dados do Quadro 3.3 e da Figura 3.9. Por conseguinte, a analogia também favorece a eliminação da concordância do participio com o objeto (quando há), fixando a posposição do participio e excluindo a possibilidade de intercalar uma palavra entre os constituintes da perífrase.

METÁFORA E METONÍMIA (MECANISMOS FUNCIONAIS)

Evidência da relevância do contexto no desenvolvimento da gramaticalização, os mecanismos funcionais operam no nível semântico-pragmático e respondem a necessidades discursivas concretas emergentes no uso da língua. Entendida de maneira mais ampla, a metáfora, mais do que uma figura retórica, é uma ferramenta cognitiva humana básica que demonstra a capacidade que temos para fazer associações por semelhança, processando um elemento de uma estrutura conceitual “X” como termo de um elemento de outra estrutura “Y”. Conforme acrescentam Traugott e Dasher (2001),

Since it operates “between domains” [...], processes said to be motivated by metaphorization are conceptualized primarily in terms of comparison and of “sources” and “targets” in different (and discontinuous) conceptual domains, though constrained by paradigmatic relationships of sames and differences (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 27).

Hopper e Traugott (2003) afirmam que esse mecanismo se define por entender e experimentar uma estrutura pertencente a um domínio como termo de outra, de outro domínio, e organizar-se em uma sequência de transferências a partir de uma base mais concreta em direção a outra mais abstrata; ou seja, a metáfora diz respeito ao desenvolvimento de estruturas a partir de outras preexistentes. Contudo, como também destacam Traugott e Dasher (2001), é importante considerar que essas transferências ocorrem entre domínios conceituais de “grande escala” – isso para que se diferencie o mecanismo que opera entre diferentes domínios (metaforização) daquele que ocorre no “mesmo domínio” (metonímia). Parece, portanto, que a dimensão do salto é uma característica importante para avaliar a intervenção do mecanismo da metáfora.

Em suma, observa-se que o mecanismo da metáfora não visa à criação de novas formas, mas à introdução de unidades preexistentes em novos contextos ou situações de uso por meio da extensão de seus significados. Nesse percurso, ocorre um processo de dessemantização conduzindo uma construção de um domínio concreto (menos gramatical) a um domínio mais abstrato (mais gramatical). Em termos práticos, o estudo da gramaticalização do auxiliar *ir/be going to* na expressão do futuro (Figura 3.8) revela algumas características do processo metafórico, porque envolve, entre outros, (i) um significado reconhecido como “literal” (deslocar-se no espaço) e outro como “metafórico” (deslocar-se no tempo); (ii) a transferência de um domínio conceitual (espaço) para outro (tempo).

Por sua vez, a metonímia constrói-se a partir de um processo associativo por meio do qual inferências evocadas na comunicação são semantizadas ao longo do tempo. A metonímia caracteriza-se pela contiguidade, já que a mudança de significado que promove resulta de uma interpretação do falante, que, diante da observação de um uso, evoca uma lei da linguagem e, logo, julga poder associar a mesma regra a outro uso. Hopper e Traugott (2003) afirmam que a mudança desencadeada pela metonímia envolve a especificação de um significado como outro subjacente no contexto, isso graças à atitude do falante diante da situação. Nesse ponto, faz-se pertinente recordar que essas associações ocorrem dentro de um mesmo domínio conceitual.

Observando mais atentamente como opera o mecanismo de metonímia inferencial no processo de mudança semântica, Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) associam-no ao princípio do menor esforço, segundo o qual o enunciador não diz nada a mais do que deve dizer, enquanto o ouvinte requer dele tanto quanto seja possível de informação. Desse jogo de exigências resulta que o ouvinte é obrigado a extrair todo o sentido possível da mensagem, a qual inclui implicações que não sejam controversas.

Nesse processo associativo, os falantes sempre relacionam elementos explícitos do contexto linguístico com inferências do contexto – linguístico ou extralinguístico. A inferência que a princípio era do plano individual, com o tempo, torna-se uma inferência convencional compartilhada pelos integrantes daquela comunidade.

Novamente, o estudo da gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro permite observar a mudança de significado por associação metonímica, pois, em alguns contextos – como em (36) – é possível explicitar uma dupla leitura: a de movimento (“Aonde o João vai?”) e a de tempo futuro (“O que João vai fazer?”). Com o tempo, esses contextos ambíguos podem definir o sentido contíguo como pertencente à construção e favorecer o uso da construção *ir* + infinitivo com uma leitura de futuro, como em (37), em que já não é possível aferir o sentido de movimento do verbo *ir* – devido à ausência de um sujeito animado que se locomove no espaço (GONÇALVES et al., 2007).

(36) *João vai comprar um carro.*

(37) *O prédio vai cair.*

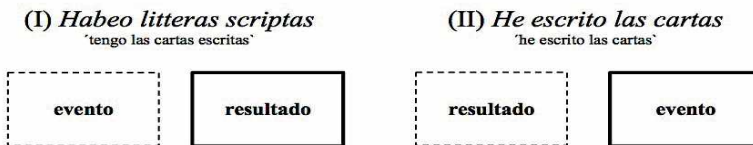
O cotejamento de ambos os mecanismos funcionais mostra que a mudança metafórica envolve a especificação de um elemento, geralmente mais complexo, em lugar de outro que não está presente no contexto, ao passo que a mudança por metonímia implica a especificação de um significado em lugar de um outro que está presente, mesmo que apenas de forma implícita, no contexto (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). No entanto, observa-se em comum uma marcha unidirecional em busca de um significado mais abstrato.

Finalmente, destaca-se que as inferências metonímica e metafórica não são processos excludentes, mas complementares, que se relacionam com os mecanismos de reanálise e analogia, respectivamente. Desse modo, enquanto a metonímia e a reanálise operam no eixo sintagmático e dependem das informações contextuais para sua efetivação, a metáfora e a analogia operam por correspondência paradigmática e

estão ligadas ao sistema conceitual (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), de maneira que favorecem ainda mais a ampliação do processo de gramaticalização a outros contextos.

A revisão da literatura sobre a formação do PPC revela uma postura não totalmente consensual sobre o modo como se dá a interação dos processos de metáfora e metonímia na construção do PPC. Diante desse impasse, concordamos com alguns estudos substanciais sobre a história da forma composta (DETGES, 2000; RODRÍGUEZ MOLINA, 2010) e com alguns tratados sobre mudança linguística (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; ELVIRA, 2015) segundo os quais se verifica na contiguidade a possibilidade de que, por inferência metonímica, um novo significado (de anterioridade) passe a ser atribuído efetivamente à construção (inicialmente resultativa). Esse novo sentido é semantizado à medida que dada inferência torna-se mais frequente, tanto estatística como contextualmente. De modo mais pontual, Rodríguez Molina (2010) mostra, por meio da Figura 3.10, que a construção paulatinamente (I) deixou de focalizar o estado resultante de uma ação (ter uma carta escrita) e (II) foi focalizando a informação até então tomada como inferência, isto é, a ação que antecede o resultado (escrever a carta) – isso porque contiguamente ao valor de resultado (“*cartas escritas*”) está implícita a informação de uma situação passada anterior (“*he escrito*”).

Figura 3.10: A mudança semântica do PPC



Fonte: Rodríguez Molina (2010, p. 1068).

Com base no que descreve o autor, percebemos que o processo metonímico que possibilitou a alteração do foco – do “resultado” para a “ação precedente” – favoreceu que a estrutura “[haber] + [objeto + participio]” fosse reanalisada e, já como uma construção mais coesa “[haber + participio] + [objeto]”, passasse a compor o paradigma dos tempos verbais na língua. De fato, o *locus* mais provável para que o mecanismo metonímico instaurasse a alteração do sentido veiculado pelo PPC encontra-se em construções cujo participio verbal expressa percepção física ou conhecimento intelectual (averiguar/perceber etc.), uma vez que a combinação de *habere* com esses verbos oferece uma leitura distante do conceito prototípico de

“posse” de um resultado – como expressava a construção em sua origem. Num contexto mais ambíguo, o foco deixa de ser na situação resultante (em que se observa a “posse”) e passa a se centrar na situação que originou o estado final. A título de elucidação, tal como se nota em (38), não é possível conceber “aquilo que é averiguado” (*quid exquisitum habeam*) como algo possuído, dirigindo-se a atenção, por conseguinte, à experiência anterior.

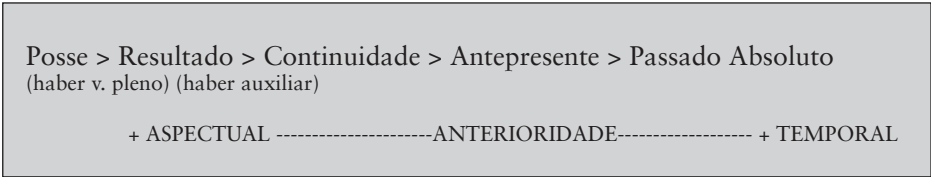
(38) *Dicam de istis graecis suo loco, Marce fili, quid Athenis exquisitum habeam*
Marco, filho, no lugar oportuno direi o que averigui <he averiguado> desses gregos em Atenas.

Ademais, consideram-se também os complementos verbais abstratos como debilitadores da ideia de estado alcançado, haja vista que, com eles, os efeitos do resultado do evento prévio são menos palpáveis. Em síntese:

Es posible, entonces, que la combinatoria del verbo HABERE con objetos y participios alejados de la idea de posesión contribuyera a erosionar el significado resultativo de la construcción HABERE + PTCP y facilitara la inferencia pragmática que lleva a privilegiar el evento previo (presuposición) por encima del estado resultante (significado) en estos contextos (RODRÍGUEZ MOLINA, 2010, p. 1068)

Por sua vez, segundo entendem Kempas (2006) e Oliveira (2010), a contribuição dos processos metafóricos para o desenvolvimento do PPC pode ser identificada nos saltos associativos entre diferentes domínios (aspectual => temporal), introduzindo o PPC em novos contextos de uso por meio da extensão do seu significado. Na Figura 3.11, observamos a mudança funcional que sofreu o *perfecto compuesto*, deixando de ser processado como uma construção aspectual para se tornar uma construção temporal.

Figura 3.11: Saltos associativos do PPC: a mudança funcional



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Conforme mostra a Figura 3.11, o *perfecto compuesto* teria experimentado uma transferência metafórica a partir de uma base mais concreta (mais aspectual) em direção a uma mais abstrata (mais temporal e, portanto, dêitica), que lhe permitiu transitar entre duas categorias: do aspecto ao tempo.

Consolidada a composição formal da construção (“*haber + participio*”) e o foco na ação passada (em lugar do resultado), fez-se possível uma extensão do sentido expresso pelo PPC. Ainda de base aspectual, o valor de continuidade permite observar a duração/reiteração de um estado ou de uma ação anterior até o presente (39). Parece ser esse um passo em direção a um valor mais abstrato, visto que se busca estabelecer uma maior relação entre a ação passada e o momento de enunciação – instante em que é possível verificar a manutenção de estados/ações passadas.

(39) *En estos diez años, se ha construido muchísimo.* (Radio Fish/San Miguel de Tucumán)

Dessa maneira, lançam-se as bases para que novamente se observe uma extensão de significado efetivando a alternância de domínios, posto que, com a possibilidade de expressar o antepresente, a estrutura deixa de focalizar valores do domínio aspectual para acentuar valores do domínio do *tempus*. Atribui-se um maior grau de abstração às duas últimas fases da mudança funcional do PPC por apresentarem valores fundamentalmente dêiticos que, portanto, se orientam pelo momento de enunciação. No estágio do AP, as situações descritas são pretéritas, mas pouco distantes do momento de enunciação, visto que, necessariamente, ocorrem num âmbito temporal de referência que é compartilhado pelo momento de fala (40). Por fim, ao expressar PA, o valor de anterioridade é estendido metaforicamente, passando a envolver qualquer situação passada, mesmo fora do momento de referência em que ocorre a enunciação. Evidencia-se, portanto, um sentido mais genérico e abstrato (41).

(40) *Nos dejas unos minutos para contar lo que ha pasado con la selección [hoy].* (Radio Cope/Madri)

(41) [...] *en cuanto a las opiniones de los ingenieros, lo hemos dicho ayer.* (Radio Fish/San Miguel de Tucumán)

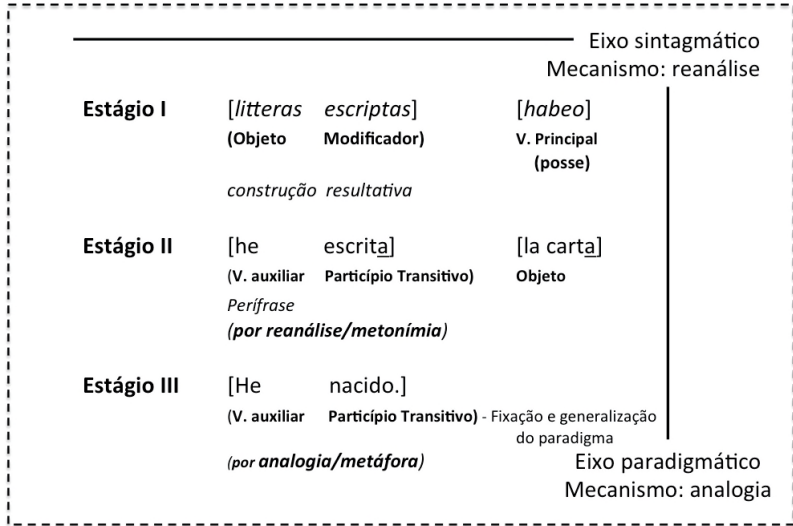
Observa-se, portanto, na sistematização histórica do tempo composto, um processo de recategorização da construção “*haber* + *particípio*”, de forma que o cotejamento, mesmo sincronicamente, de variedades/línguas neolatinas evidencia que a estrutura segue um percurso de abstração originada no âmbito da aspectualidade e que se move em direção à categoria da temporalidade, alcançando, eventualmente, valores mais modais, como identificaram, por exemplo, Escobar (1997), Bermúdez (2005), Jara Yupanqui (2006).

Em suma, o processo metonímico se relaciona com a reanálise, contribuindo para o início da configuração da construção como uma estrutura pertencente ao paradigma das formas temporais da língua espanhola. Assim, o que antes era uma composição com pouca coesão e atenta aos resultados de uma situação inferida pelo contexto passa por um processo de inferência metonímica, é reanalisada como uma construção coesa e começa a se organizar no sistema da língua como uma forma linguística destinada à observação da ação e de seu desenvolvimento. Por sua vez, o mecanismo de analogia permite a ampliação e sistematização das características morfossintáticas da construção, enquanto processos metafóricos permitem a extensão do uso do PPC a outros domínios semânticos, levando à construção de um uso mais restrito, em que marcava informações aspectuais específicas (resultado>continuidade), até âmbitos temporais de dimensões mais estendidas, em que passa a expressar valores propriamente temporais de passado (AP>PA).

Tendo em vista o interesse em verificar quais dos valores temporais são favorecidos no uso do PPC ou do PPS, o estudo dos mecanismos funcionais que interferiram no processo de formação do PPC deve auxiliar a identificar até que estágio a forma composta progrediu na expressão dos valores de anterioridade.

A Figura 3.12 inclui os mecanismos de metonímia e metáfora no esquema esboçado anteriormente (Figura 3.10), associando-os à reanálise e à anáfora, respectivamente, no processo de formação do PPC.

Figura 3.12: Dos mecanismos funcionais e morfossintáticos na formação do PPC



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

3.2.2 Os mecanismos de Heine

Heine (2003) defende a existência de quatro mecanismos que, apesar de não estarem restritos ao processo de gramaticalização, constituem diferentes componentes desse fenômeno de mudança, permitindo que a gramaticalização avance. Segundo o autor, “cada um desses mecanismos dá origem a uma evolução que pode ser descrita sob a forma de um modelo em três fases”, o qual envolve (i) uma expressão linguística “A” que, uma vez selecionada para iniciar o processo de gramaticalização, (ii) adquire um segundo padrão de uso, “B”. Finalmente, (iii) com a perda do padrão inicial “A”, apenas B prevalece. De acordo com o autor, nem sempre o processo de gramaticalização alcança o estágio (iii).

A análise do uso do PPC mostra, por exemplo, que essa forma adquiriu primeiramente o valor de AP (“A”) e, só mais tarde, começou a expressar também o valor de PA (“B”). A análise sincrônica de algumas variedades do espanhol permite verificar o estágio em que tanto a fase “A” como a “B” coexistem (estão em variação). Contudo, a observação das línguas francesa e italiana mostra um estágio mais avançado dessa mudança, considerando-se que o uso de B se generalizou nesses idiomas.

Heine (2003) explica que os quatro mecanismos envolvidos no processo de gramaticalização envolvem tanto perdas (i, iii, e iv) como ganhos (ii) e se relacionam

com diferentes níveis da linguagem: semântico, pragmático, morfossintático e fonético, respectivamente. Vejamos os quatro mecanismos:

- i. dessemantização (desbotamento, ou redução semântica) – alteração no significado;
- ii. extensão (generalização contextual) – uso em novos contextos;
- iii. descategorização – alteração de propriedades morfossintáticas da forma de origem; inclusive quanto ao *status* de palavra independente (clitização e afixação);
- iv. erosão (ou redução fonética) – perda na substância fonética.

O primeiro deles, a dessemantização, resulta da reinterpretação de um significado mais concreto em um mais abstrato, mostrando, desse modo, a tendência ao enfraquecimento do sentido pleno original com o avançar do processo de gramaticalização de uma estrutura. É esse o mecanismo que também opera na redução da quantidade de funções que possui uma forma gramatical. Heine (2003) cita, como exemplo, o caso das flexões nominais no antigo sueco, em que se observavam morfemas amalgamados expressando simultaneamente gênero, número e caso. Em razão do mecanismo de dessemantização, esse morfema flexivo perde uma das três funções, expressando apenas gênero e número na variedade mais moderna da língua.

Esse mecanismo também é observado no processo de mudança envolvendo a construção “*haber + participio*” nas línguas românicas, pois a estrutura que, no princípio, possuía uma função marcadamente aspectual (resultado) – estágio em que “*haber*” apresenta seu valor lexical pleno de “posse” –, transforma-se gradualmente em uma perífrase de valor temporal, de anterioridade – em que *haber* tem seu significado original alterado e se transforma em um verbo auxiliar, esvaziado de seu sentido original (de posse). Dessa forma, a construção move-se de um eixo de maior concretude (aspecto) a um eixo de maior abstração (*tempus*, uma categoria dêitica). Considerando ainda que, antes de se completar integralmente a mudança funcional, é previsível a existência de uma fase intermediária em que a antiga e a nova função coexistem, será também a dessematização responsável por promover, mais adiante, a redução semântica do *pretérito perfecto compuesto* à expressão do valor de passado apenas.

A extensão, por sua vez, indica que uma forma pode ganhar novas possibilidades de uso, passando a ser usada em contextos antes não previstos. Tal

qual revela o estudo diacrônico e sincrônico do *perfecto compuesto* em espanhol, o desbotamento semântico que sofre a forma permite que ela estenda seu uso a novos contextos. Sendo assim, à medida que a construção tem seus traços aspectuais apagados e começa a adquirir uma função mais temporal, ela tem seu uso estendido, gradativamente, pelos contextos temporais de continuidade, antepresente e passado absoluto (Figura 3.1).

Heine (2003) destaca a descategorização como o terceiro mecanismo de gramaticalização e, na mesma direção de Hopper (1991), afirma que, à medida que uma forma adquire um novo significado gramatical, verifica-se uma alteração de propriedades categoriais próprias da estrutura em sua origem. Aliada a essa perda, nota-se que a forma torna-se mais frequente e recorrente em novos contextos de uso (extensão), comportamento que favorece a perda de substância fonética, isto é, a erosão. Novamente, o estudo do auxiliar *haber* ilustra esses mecanismos, haja vista que o verbo pleno de sentido de “posse” (manter, ter) perde a antiga função de verbo transitivo e adquire a função gramatical de auxiliar, operando na marcação de tempo, modo, aspecto, número e pessoa dos tempos compostos de anterioridade. Finalmente, a transformação de *avemos cantado* em *hemos cantado* e a definição do caráter átono do auxiliar *haber* evidenciam a erosão – quinto mecanismo – atuando no auxiliar (RODRIGUEZ MOLINA, 2010).

Por fim, Heine (2003) ainda afirma que os últimos três mecanismos, isto é, a extensão, a descategorização e a erosão, pressupõem sempre o mecanismo de dessemantização. Em outros termos, parece ser o movimento de alteração do significado da construção resultativa (*Haber* + [objeto + particípio]) em uma construção temporal de anterioridade ([*Haber* + particípio]) o agente articulador de outros mecanismos que, em consequência, também operam no processo de gramaticalização do *pretérito perfecto*.

3.2.3 Indicadores de gramaticalização

A fim de caracterizar os diferentes estágios de gramaticalização, Hopper (1991) delinea cinco “princípios de gramaticalização”: (i) estratificação, (ii) divergência, (iii) especialização, (iv) persistência e (v) descategorização. Sobre o princípio da estratificação (*layering*), o autor observa que novas camadas emergem continuamente em um domínio funcional sem implicar o automático apagamento de camadas antigas, mas sim uma coexistência entre o novo e o antigo. O uso de uma ou outra possibilidade pode estar relacionado a questões sociolinguísticas, estilísticas ou ainda a pequenas nuances de significado (HOPPER, 1991).

A estratificação mostra que o avançar da mudança gramatical não implica a imediata eliminação de formas antecedentes, de maneira que podemos facilmente encontrar estruturas de diferentes fases do processo de mudança coexistindo em um mesmo corte sincrônico. Segundo Hopper (1991), pode-se identificar esse processo ocorrendo, por exemplo, na expressão do passado em inglês, posto que é possível diferenciar uma camada antiga – em que a marcação da forma de passado se faz pela alternância de vogais em “verbos fortes”, como *drive/drove* e *take/took* – de uma camada mais recente – em que, para se indicar a forma de passado, faz-se uso de um sufixo apical ([t] ou [d]), como em *notice/noticed* e *walk/walked*, derivado de um verbo auxiliar.

Esse princípio também pode ser observado na relação historicamente estabelecida entre as formas simples e composta do *perfecto* na expressão dos domínios temporais de AP e PA, porque, conforme a variedade analisada, uma e/ou outra forma pode ser selecionada para veicular os referidos valores. Esse comportamento se deve a que, com o avançar da gramaticalização da forma inovadora (PPC), a referência de passado antes destinada apenas ao PPS (antiga camada) passa a ser também disputada pelo PPC (nova camada), de modo que esse conflito não se resolveu igualmente em todas as variedades da língua espanhola. Dessa forma, considerado o princípio de estratificação, espera-se que quanto maior for o uso da forma composta nos contextos de antepresente e de passado absoluto, maior seja o indício de que o PPC encontra-se em um estágio mais avançado do *continuum* de mudança funcional.

O segundo princípio, da divergência (*divergence*), é evidenciado quando uma forma gramaticalizada existe juntamente com a forma anterior, tendo ambas as formas independência quanto à sua história na língua. Em outras palavras, o princípio de divergência resulta da existência de múltiplas formas que compartilham de uma mesma base etimológica, mas que divergem funcionalmente. Diferente da estratificação, que envolve diferentes graus de gramaticalização dentro de um mesmo domínio funcional, a divergência caracteriza-se por haver uma forma gramaticalizada em um domínio e sua forma anterior operando em outro domínio, sem qualquer laço de dependência (HOPPER, 1991). Esse comportamento é o encontrado na observação de *haber* no espanhol, forma que opera como auxiliar do PPC (*hemos escrito*), mas que também pode ser encontrada na perífrase de modalidade deôntica (*hemos de considerar* – em (42)) e na expressão de existência impessoal (*hay* – em (43)). Resultados de processos diferentes que sofreu “*haber*”,

as três funções são verificadas no uso moderno do espanhol e se originam da mesma forma-base cujo sentido era de posse.

(42) *Por eso, hemos de considerar una y otra vez que la verdadera soberanía reside en el pueblo [...].* (La Nación/Buenos Aires)

(43) *Obviamente sí, hay una voz, tiene que ver con la insatisfacción [...].* (Ohlalá/Buenos Aires)

A especialização (*specialization*) – terceiro princípio de Hopper (1991) – é verificada na limitação de possibilidades de funções atribuídas a uma forma dentro de um domínio funcional. Um feixe de usos com pequenas nuances semânticas, existente em uma etapa inicial do processo de gramaticalização, pouco a pouco se reduz e, por conseguinte, um dos usos vai se sobressaindo aos demais. À medida que uma dessas funções começa a ter maior expressividade, as opções da forma ficam mais limitadas e, em resposta ao maior grau de gramaticalização alcançado, a forma se torna, em alguns contextos, obrigatória.

Esse princípio pode ser encontrado também na observação da história do *perfecto compuesto* nas línguas românicas. Nota-se que o PPC especializou-se em cada língua na expressão de um dos valores previstos pelo *continuum* elaborado por Harris (1982, Figura 3.1). Especificamente sobre o uso do *perfecto compuesto* no espanhol, temos observado que as variedades diatópicas apresentam um uso bastante polissêmico da forma composta. Não obstante, é possível delinear uma função se destacando diante de outros usos menos recorrentes. Assim, tanto os estudos sobre o espanhol argentino como sobre o espanhol mexicano, por exemplo, mostram uma preferência por valores tidos como mais aspectuais, como os que figuram nos primeiros estágios da gramaticalização do *perfecto compuesto*, ao passo que estudos sobre as variedades peninsulares apontam uma tendência ao uso mais próximo do eixo da temporalidade. Quanto mais categórico for o uso do *perfecto compuesto* em contexto de AP e, sobretudo, de PA, maior será o estágio de mudança funcional da forma.

O quarto princípio elencado, da persistência (*persistence*), diz respeito à manutenção de traços semânticos da forma original no seu uso mais gramaticalizado. Conforme defende Hopper (1991), a relação do significado de uma forma gramatical com sua origem lexical pode estar opaca em fases mais avançadas. Contudo, em etapas intermediárias, espera-se observar uma forma polissêmica, ou seja, ainda não totalmente especializada, cujos usos refletem vestígios de um

significado dominante anterior. Conforme descrevem Gonçalves et al. (2007), a aplicação desse princípio demonstra que a ideia de coletividade presente no substantivo “gente” ficou retida na forma gramaticalizada “a gente”, contribuindo para sua referência indeterminadora. Observa-se que há maior probabilidade do uso de “a gente” fazendo referência a um grupo grande e indeterminado do que se referindo a um grupo pequeno e determinado.

Por sua vez, a história do *perfecto compuesto* e as descrições sincrônicas feitas de seu comportamento em algumas variedades diatópicas mostram ser possível verificar esse princípio operando também no processo de gramaticalização do PPC. Conforme já pontuamos, na Argentina e no México, por exemplo, é possível perceber que o PPC permite a alternância sincrônica de dois ou mais valores descritos por Harris (1982), havendo, contudo, maior favorecimento de valores aspectuais. Devido ao princípio de persistência, é possível que ainda hoje o uso do *perfecto compuesto* possa apresentar algum vestígio semântico que resulte da persistência de valores próprios de sua forma original de formação, quando trazia um forte sentido aspectual, de resultado.

Finalmente, a descategorização (*de-categorization*) diz respeito à alteração de marcas próprias de uma categoria, implicando a perda da autonomia discursiva de que dispunha a estrutura. Em outras palavras, esse princípio mostra que uma forma em gramaticalização tende a alterar ou neutralizar as marcas morfológicas ou sintáticas da sua categoria de origem. Ele pode ser verificado no estudo do pronome “a gente”, em que já não se observa a presença de processos morfossintáticos (flexão de número, grau, derivação, etc.) próprios da forma de origem “gente”, pertencente à categoria de substantivo (GONÇALVES *et al.*, 2007). Também como revela o estudo da formação do auxiliar dos tempos compostos de anterioridade, o verbo *haber*, cujo sentido lexical de origem era de “posse”, passa por um processo de descategorização, transformando-se em auxiliar de tempos compostos.

Em síntese, os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991) explicitam não apenas o caráter gradual e unidirecional da mudança, mas se revelam como importantes indicadores de como se desenvolve o processo de gramaticalização. A aplicação desses cinco princípios ao estudo do *pretérito perfecto* mostra que, apesar de o PPC já se apresentar na língua como uma construção de anterioridade, e, portanto, resultante de um processo de gramaticalização, seu desenvolvimento na língua espanhola ainda não encontrou seu integral completamento, de maneira que, como vimos, essa construção ([haber + participio] + [objeto]) poderá percorrer uma cadeia de funções gramaticais cada vez mais abstratas (resultado > continuidade >

antepresente > passado absoluto) – não se restringindo, portanto, à expressão de apenas uma função específica (HEINE, 1993).

Isso posto, os princípios de estratificação, especialização e persistência auxiliam na análise do uso das formas do *pretérito perfecto*, dando apoio teórico na avaliação da hipótese que observa os diferentes estágios de mudança das formas do *pretérito perfecto* na língua espanhola. Verificamos que o desenvolvimento do PPC nas línguas românicas e, mais especificamente, no espanhol, caracteriza-se por uma gradual e progressiva mudança em direção à expressão de *tempus* (categoria menos concreta). Desse modo, os traços aspectuais (de resultado e continuidade) próprios da origem da construção vão se alterando à medida que o PPC vai se apropriando de valores mais temporais, o que lhe permite expressar os sentidos de AP e, até mesmo, de PA.

A mudança funcional sofrida pelo *perfecto compuesto* colocou-o em condição de competição com a forma simples na expressão dos respectivos valores. Diante da configuração dessa variável, vimos que as línguas românicas apresentaram diferentes ajustes. O francês e o italiano, por exemplo, restringiram o uso do *perfecto simple* a registros muito específicos e generalizaram o uso do *perfecto compuesto* na expressão dos valores de passado. O espanhol, por sua vez, parece ter permitido diferentes acomodações das formas do *perfecto* nas variedades diatópicas da língua – apesar da existência de uma norma que afirma a generalização de PPC na expressão do AP e do PPS na expressão do PA.

Nesse sentido, Moreno de Alba (2006) acusa a composição de três normas de uso historicamente constituídas na língua espanhola – peninsular, americana e andina. Não por acaso, esse estudo analisa três variedades (Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán) relacionadas aos respectivos dialetos apontados por esse autor.

Por fim, a consciência da existência de um processo de gramaticalização por detrás do uso aparentemente divergente e variável dos pretéritos nas variedades do espanhol conduz à percepção de que a variação no uso (estratificação), a polissemia (persistência) ou, ainda, a especificação funcional das formas verbais são comportamentos que apontam para uma mudança que parece ainda estar em construção na língua.

4

Aspectos metodológicos

No presente capítulo, exploramos aspectos metodológicos relativos ao estudo da expressão da anterioridade temporal no espanhol sob uma perspectiva sociolinguística. Desse modo, descrevemos e justificamos as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas envolvidas na análise multivariada que desenvolvemos, bem como a contribuição do uso do *software Goldvarb Yosemite* para a análise. Por fim, apresentamos o *corpus* utilizado na análise de dados.

119

4.1 Grupo de fatores empregados na análise multivariada

A variação linguística é influenciada simultaneamente por diversas variáveis independentes, sejam elas linguísticas ou extralinguísticas, de onde decorre a demanda por uma análise multivariada, para que afirmamos o grau de incidência de cada uma delas sobre o fenômeno analisado.

Os fatores, também conhecidos como variáveis independentes, são entendidos como propriedades do contexto linguístico ou extralinguístico que incidem sobre a ocorrência ou não de uma variante linguística. Essas propriedades compõem as variáveis explicativas (independentes) que condicionam a escolha⁴² de

⁴² A palavra “escolha” não implica um processo consciente por parte do falante, mas sim um conceito mais abstrato e (frequentemente) inconsciente de seleção no interior do sistema gramatical (TAGLIAMONTE, 2006).

um dos constituintes da variável que se sujeita a esses fatores (é dependente deles) (TAGLIAMONTE, 2006). Graças à potencialidade de determinar a seleção de uma das formas em variação, repousa sobre a definição das variáveis independentes uma prévia reflexão hipotética sobre seu papel no que se refere aos elementos em variação. Assim, justificamos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos tomados na análise da expressão de anterioridade temporal no espanhol.

4.1.1 Grupos de fatores linguísticos

ÂMBITO TEMPORAL

O “âmbito temporal” constitui a primeira e mais importante variável linguística independente deste estudo. Conforme esclarecemos no capítulo 1, ele é composto pelas seguintes referências temporais: (1.1) AP imediato, (1.2) AP específico, (1.3) AP ampliado e (1.4) passado absoluto.

MARCADORES TEMPORAIS

Fazemos uso dos termos “marcador temporal” ou “construção temporal” para nos referirmos ao conjunto de expressões disponíveis na língua e que marcam, de algum modo, uma percepção de tempo. Além dos advérbios e locuções adverbiais de tempo, incluímos também nesse grupo sintagmas nominais (“*en los juegos olímpicos, en la dictadura*”) e orações subordinadas (“*cuando quiso trabajar no lo dejaron*”) que auxiliam na construção da referência temporal expressa no enunciado.

Dois são os grupos de fatores relacionados aos marcadores temporais. O primeiro deles considera a presença (2.1) explícita ou (2.2) implícita de um marcador temporal indicando a referência temporal em que a situação descrita ocorre, tal qual observamos nos enunciados (1) e (2), respectivamente:

- (1) *¿Qué click pasó en tu vida que dijiste: Bueno, ¡Sí! Ahora me largo?*
<B3>.
- (2) *Y me está matando la gente que me está escuchando, me he alongado [ahora]⁴³* <T8>.

A identificação da referência temporal em casos de enunciados sem marcadores temporais explicitados deu-se por meio da recuperação dessa informação em turnos

⁴³ Usaremos o colchete para nos referirmos a um advérbio de tempo que não foi explicitado diretamente no enunciado, mas que pode ser inferido pelo contexto de enunciação ou por ter sido enunciado explicitamente em turnos de fala anteriores ou posteriores.

de fala anteriores ou posteriores, ou, ainda, de outras informações contextuais. O segundo grupo de fatores relacionado aos marcadores temporais categoriza-os semanticamente, de modo que é possível identificar a seguinte tipologia:

Quadro 4.1: Dos tipos de marcadores temporais

TIPO	MARCADORES TEMPORAIS
(3.1) Tempo	AP: hoy, ahora, hace poco, recién, esta mañana/tarde, etc.
	PA: el fin de semana pasado, el año pasado, la semana pasada, el mes pasado, hace meses/años, el otro día, etc.
(3.2) Duração	AP: Durante esta semana/días/mes/año, por muchos años/tiempo, siempre, nunca, jamás, desde... etc.
	PA: Durante los años/meses/temporadas anteriores, por mucho tiempo, cuando era niño, en aquella época, desde... etc.
(3.3) Conclusivo	Ya, luego, finalmente, etc.
(3.4) Indeterminado	Alguna(s) vez(es), a veces, un día, una vez, algún momento, en un momento de la vida, etc.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

FORMA BASE DO VERBO

Três são os grupos de fatores relacionados à base verbal: telicidade, duração e modo de ação, os quais correspondem a diferentes traços aspectuais próprios da forma verbal em relação com sua rede argumentativa.

TELICIDADE

A telicidade “exprime ação tendente a um fim, sem o qual essa ação não se dá” (CASTILHO, 1967, p. 55). Os (4.1) verbos télicos “indicam uma situação que necessariamente chega a um fim, [...] que marcha para um clímax ou ponto terminal natural” (TRAVAGLIA, 2006, p. 55). Por outro lado, os (4.2) verbos atélicos carecem de limite final inerente, posto que “indicam uma situação que não atende a um fim necessário” (TRAVAGLIA, 2006, p. 55) ou que não se dirige a um limite interno. Desse modo, a atelicidade permite figurar o processo em sua duração sem exigir um ponto culminante final para admitir sua existência. Essa oposição pode ser compreendida a partir de alguns enunciados coletados do *corpus* que compilamos:

- (3) *Télico: [...] se ha ganado el derecho de poder ser el titular en Real Madrid <MI>.*
- (4) *Atélico: Basta, Miguel, no he comido yo <T2>.*

Observemos que “*ganar el derecho*” (3) retrata uma situação que tem um limite inerente já definido, para além do qual a situação não pode continuar. Ademais, o processo descrito só pode ser considerado como efetivamente realizado quando tomado em sua completude. Por sua vez, “*comer*” (4) descreve um evento que não se atenta a um fim necessário e inerente, retratando, portanto, apenas o desenvolvimento da situação que descreve. Ou seja, o “não comer” poderia seguir durando – não fosse, nesse último caso, a informação do *tempus* passado que assinala o fim das ações.

DURAÇÃO

A (5.1) duração é a propriedade de se referir a uma situação que se prolonga por certo período no tempo e que, portanto, opõe-se à (5.2) pontualidade, isto é, a situações que não perduram no tempo sequer por um curto período. Por definição, uma situação pontual não apresenta uma estrutura interna – com começo, desenvolvimento e um possível fim –, mas tem seu fim instantaneamente gerado com seu surgimento. Observamos os valores durativo e pontual nos enunciados (5) e (6), respectivamente:

- (5) *Mire, yo he visto infinidades y escuché infinidades de denuncias que se hicieron* <T7>.
- (6) *Sabemos de casos de perros que se han muerto en la puerta de un hospital porque ha ingresado su dueño y no salió nunca más* <B1>.

Em (5), “*ver infinidades*” e “*escuchar infinidades de denuncias*” remetem a situações que se desenvolvem por um período até alcançar sua conclusão. Por outro lado, “*morirse*”, “*ingresar*” e “*salir*”, em (6), referem-se a situações que não passam por diferentes fases ao longo do tempo, mas que têm sua ocorrência acompanhada de um término imediato.

MODO DE AÇÃO

Para Vendler (1967), a classificação do modo de ação envolveria a relação da forma verbal com a sua rede argumentativa. Somente a partir dessa análise complexa seria possível a classificação dos termos em (6.1) estado, (6.2) atividade, (6.3) *accomplishment* e (6.4) *achievement*. As três últimas classes diferenciam-se do estado por serem ações. A fim de apresentarmos em que consiste cada uma das

classificações de Vendler (1967), partimos da oposição estado vs. ações. O Quadro 4.2 resume as características dessas duas classes:

Quadro 4.2: Da diferença entre estado e ações

Estado	Ações
Estático (única fase)	Dinâmico (sucessão de fases)
Situação imutável enquanto existente	Situação que pode se alterar
Apenas existe, sem sequência de fases	Pode apresentar fases internas
Ex. desejar, querer, amar, odiar, poder, dominar, estar, ser, ficar, residir, ter	Ex. morrer, nascer, correr, nadar, caminhar, fazer uma cadeira

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Pertencendo ao grupo das ações, a atividade, o *accomplishment* (realização) e o *achievement* (obtenção) se caracterizam pelo dinamismo no retrato de uma situação possuidora de fases (início, desenvolvimento e fim). Dessa forma, é possível identificar características que são peculiares a cada uma dessas classes, como expõe o Quadro 4.3.

Estado, atividade, accomplishment e achievement podem ser observados nos enunciados de (7), (8), (9) e (10):

- (7) *Estado*: [...] *has vivido también mucho tiempo en Nueva York* <M9>.
- (8) *Atividade*: *En estos diez años se ha construido muchísimo* <T7>.
- (9) *Accomplishment*: *¿Has visto una película con Richard Gere?* <B1>.
- (10) *Achievement*: *Así se empezó el Alex Freire público y de ahí no paré* <B4>.

Quadro 4.3: Da atividade, do *accomplishment* e do *achievement*

Atividade	Accomplishment	Achievement
Durativos	Durativos	Pontuais
Não possuem limitação, isto é, ponto final inerente, podendo continuar indefinidamente (atético)	Possuem limitação, isto é, um ponto final inerente (tético)	Referem-se à transição entre dois estados (inicial e final): ter vida e não ter vida (morrer) (tético).
Ausência de delimitadores temporais (complemento/ adjunto)	Presença de delimitadores temporais (complemento/ adjunto)	Presença de delimitadores temporais (complemento/ adjunto)
Homogêneas: os subeventos que as compõem podem ser descritos exatamente como a própria atividade em sua totalidade	Não homogêneas: os subeventos que os compõem não podem ser descritos como a totalidade do evento	Não possuem início, meio e fim, apenas fim, que implica mudança de estado
Compatíveis com começar/ parar/ terminar: “Ela começou a correr”	Compatíveis com começar/ parar/ terminar: “Ela terminou de construir a parede”	Incompatíveis com começar/ parar/ terminar: “Ele parou de morrer”
Ex. correr, caminhar, nadar, empurrar/puxar algo, assistir, desenhar	Ex. correr/caminhar 1 km, pintar um quadro, fazer uma cadeira, construir uma casa, escrever/ler um romance	Ex. morrer, nascer, alcançar o cume, parar/comoçar/iniciar algo, reconhecer/identificar algo, perder/encontrar algo

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

SUJEITO SINTÁTICO

124

Duas categorias relacionadas ao sujeito serão apreciadas neste estudo: a de (7) pessoa e a de (8) número. Quanto à (7) pessoa, Schwenter, Cacoullou (2008), Rodríguez Louro (2009) e Hernández (2013) afirmam que essa categoria auxilia na investigação do papel da subjetividade na crença/atitude do falante. Isso se deve a que

Cuando está presente la primera persona, y se exponen las vivencias personales, que a su vez son compartidas por todos [...], y se rememora un pasado [...] se verá favorecida la forma compuesta para marcar un mayor grado de lo vivencial (ÁLVAREZ GARRIGA, 2012, p. 38).

O destaque de uma situação especialmente relevante para o enunciador pode ser marcado por meio do uso da forma composta na primeira pessoa.

Em relação ao número do sujeito, a ideia de coletividade é responsável pela interpretação durativa e não delimitada do evento, uma vez que a pluralidade implica a realização de múltiplos eventos, repetidos ou não acabados. Schwenter e Cacoullou (2008) afirmam que a pluralidade nominal, semelhantemente aos advérbios de frequência, reflete as múltiplas instâncias de uma situação. Observamos nos enunciados de (11) o sentido durativo favorecido pelos sujeitos

com informação de (8.1) pluralidade – em comparação com seu contraexemplo (12), em que se observam sujeitos sintáticos com valor (8.2) singular:

(11) *Pluralidade: [...] sus padres y tantos amigos han colaborado en la infraestructura de este proyecto* <M3>.

(12) *Singularidade: [...] su padre ha colaborado en la infraestructura de este proyecto.*

Conforme se infere do cotejamento entre (11) e (12), é natural que o envolvimento de um coletivo (“*sus padres y tantos amigos*”) na efetivação da situação descrita (“*colaborar*”) demande mais tempo para realizá-la do que apenas uma única entidade (“*su padre*”) desenvolvendo a mesma a ação descrita.

○ COMPLEMENTO VERBAL

Conforme defendem Howe e Schwenter (2008), os complementos verbais com valor de pluralidade favorecem uma leitura de atelicidade, apresentando, por conseguinte, uma situação mais durativa. Isso é o que observamos em (13), em comparação com o contraexemplo, em (14):

(13) *Pluralidade: Sí, cumplimos diez años, gracias a la solidaridad de la gente en España* <M3>.

(14) *Singularidade: Sí, cumplimos un año, gracias a la solidaridad de la gente en España.*

Segundo se infere do cotejamento entre (13) e (14), a efetivação de uma situação por mais de uma vez ou sua extensão (9.1, complemento plural) demanda mais tempo do que apenas o cumprimento unitário (9.2, complemento singular) – *cumplir* “*diez años*” vs. “*un año*”. De todo modo, mesmo levando mais tempo para sua realização, a situação pode encontrar seu ponto de encerramento. A presença de um complemento plural, na verdade, parece permitir uma leitura durativa da situação, e não atélica.

○ TIPO DE ORAÇÃO

Além das orações (10.1) afirmativas, dedicamos atenção às orações (10.2) negativas e (10.3) interrogativas.

- (15) *Negativa: [...] en los últimos veinticinco años, la infraestructura sanitaria en la provincia de Tucumán no se ha incrementado <T5>.*
- (16) *Interrogativa: ¿con esta misma metodología se hizo el monumento al Che? <B1>.*

Conforme observamos no enunciado (15), a negação parece contribuir para uma leitura durativa ao registrar uma permanente ausência de mudança de estado, de maneira que se nota a extensão da estagnação da infraestrutura sanitária. Portanto, a polaridade negativa contribui para a configuração de situações atéticas e, por conseguinte, continuativas.

Concluída a apresentação dos grupos de fatores linguísticos que permeiam a análise multivariada realizada, verificamos que eles fundamentalmente colaboram para o estudo da existência de algum traço aspectual (perfectivo/durativo) vinculado ao uso das formas do *pretérito perfecto*.

4.1.2 Grupo de fatores extralinguísticos

○ ESPAÇO

Desenvolvemos um estudo diatópico que contempla três variedades da língua espanhola: a zona castelhana da Espanha e as zonas bonaerense e noroeste da Argentina. Diante da dificuldade de observar falantes de todos os povoadamentos pertencentes a cada uma das três zonas diatópicas, procuramos nos orientar pelo princípio de irradiação linguística (COSERIU, 1977), o qual identifica os centros políticos, administrativos, culturais, comerciais e de comunicação como os principais centros propagadores de um padrão linguístico. Respeitando a importância sócio-político-econômica que possuem em relação aos demais da mesma região, escolhemos três municípios como representantes de cada uma das variedades: (11.1) Madri, (11.2) Buenos Aires e (11.3) San Miguel de Tucumán, respectivamente.

Espera-se, com a escolha dessas três zonas, não apenas descrever, reavaliar e corrigir – se necessário – as descrições já realizadas sobre o comportamento do PPC/PPS nessas variedades, mas também inserir, mais consistentemente, a variedade de San Miguel de Tucumán no estado da arte do estudo do uso das formas do *pretérito perfecto*, possibilitando, assim, o cotejo com as demais variedades da língua e uma maior divulgação dessa variedade. A opção pela variedade castelhana deve-se a que normalmente ela é tomada como referência para a composição da norma-padrão da língua espanhola, o que parece se repetir também na descrição feita sobre o uso das formas do *pretérito perfecto*.

Desse modo, ao optarmos pelo estudo da variedade castelhana, não só encontramos oportunidade para refletir sobre a referida aproximação, mas também sobre a possibilidade de considerá-la como uma espécie de grupo de controle, à medida que aparentemente recupera uma referência de uso canonicamente reconhecida para o estudo das formas do *pretérito perfecto*. Além disso, o estudo da norma castelhana também pode contribuir para um estudo diacrônico, pois parece haver nessa variedade um uso mais inovador da forma, já que parece alcançar estágios mais avançados do *continuum* de mudança definido por Harris (1982).

Por sua vez, a opção pelas variedades da Argentina se deve, em primeira instância, à necessidade de reavaliar um discurso pouco preciso e equivocado sobre o comportamento das formas do *pretérito perfecto*, segundo o qual haveria uma norma comum de uso para todo o país; e ao fato de que o uso do PPC seria cada vez mais escasso. Afirmações como essas resultam de uma extensão equivocadamente generalizada do estudo da norma bonaerense no que se refere à realidade linguística de todo o país. Por outra parte, há ainda a necessidade de refletir sobre uma segunda tendência investigativa que polariza os usos do PPS/PPC, opondo Buenos Aires ao uso do noroeste do país.

Em acréscimo, ao escolher as variedades representadas por San Miguel de Tucumán e Buenos Aires, também tomamos como base o estudo de Fontanella de Weinberg (1992), através do qual se explicita como historicamente a variedade noroeste se definiu por preservar comportamentos linguísticos mais conservadores, enquanto a variedade portenha foi demonstrando uma preferência por um comportamento mais dinâmico e inovador. De igual maneira, dialogamos com a proposta de Montes Giraldo (1995)⁴⁴, segundo o qual se pode dividir as variedades diatópicas da língua espanhola em dois superdialetos. O primeiro deles – representado por San Miguel de Tucumán – caracteriza-se por uma norma mais conservadora, observável nas zonas altas e interioranas, ao passo que o outro – representado por Buenos Aires – denota uma norma mais dinâmica e inovadora, própria das zonas baixas e litorâneas.

GÊNERO/SEXO

Labov (2006, 2008), Silva-Corvalán (1989), Chambers, Trudgill (1994), Tagliamonte (2012), López Morales (2015) e Moreno Fernández (2015) mostram que a fala (12.1) masculina diferencia-se da fala (12.2) feminina. As principais causas dessas diferenças não residem na natureza fisiológica apenas, mas resultam

⁴⁴ Aplicada mais tarde às variedades argentinas por Fontanella de Weinberg (2004).

de fatores sociais que se alteram mais lentamente que outras relações sociais (LABOV, 2006), de maneira que, “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão linguístico” (LABOV, 2008, p. 281).

No entanto, cabe ponderar sobre a aplicabilidade dos padrões apresentados às comunidades de fala investigadas, posto que as relações entre homem e mulher, bem como os papéis sociais assumidos por eles, mudaram bastante no mundo ocidental nas últimas décadas. É possível que o tratamento da linguagem tendo em vista o gênero/sexo possa ter tomado, conforme a comunidade, direções diferentes das descritas.

IDADE

Conforme defendem Labov (2006 [1994], 2008 [1972]), Silva-Corvalán (1989), Chambers, Trudgill (1994), Tagliamonte (2012), López Morales (2015), e Moreno Fernández (2015), as diferenças linguísticas observadas nas diferentes idades não são consequência do aspecto temporal estrito, mas de fatores sociais relacionados ao avanço da idade, já que, como se sabe, a autoridade e o *status* que possui um indivíduo dentro dos grupos dependem, em certa medida, da idade.

Outra contribuição que pode oferecer o estudo do fator idade repousa na hipótese do tempo aparente (LABOV, 2006, 2008), segundo a qual os usos linguísticos de uma geração se mantêm praticamente inalterados e podem ser confrontados com os usos de outras gerações – desde que se trate de uma comunidade estável. Um estudo de tempo aparente compara a fala dos membros de uma mesma comunidade estratificados em grupos conforme a idade. Uma vez identificada alguma diferença entre esses grupos, ela é interpretada como possível resultado de uma mudança em progresso, porque se assume que os padrões linguísticos já estabelecidos na adolescência se mantêm mais ou menos estáveis ao longo da vida do indivíduo. Ou seja, a fala dos indivíduos de 70 anos representaria a fala dos falantes de 20 anos há 50 anos. O aumento ou a diminuição gradual na frequência de uso de um traço linguístico, conforme o grupo etário do indivíduo, pode ser interpretado como uma mudança em progresso, permitindo o estudo da mudança linguística.

Dirigindo-nos aos interesses de análise, agrupamos os dados dos informantes presentes no material que compilamos em três grupos etários: (13.1) menores de 35 anos, (13.2) entre 36 e 55 anos, e (13.3) maiores de 55 anos.

Quadro 4.4: Dos indicadores de inovação no uso do PPC

		Conservador <<< PPC >>> Inovador
CONCEPÇÃO TEMPORAL		AP Imediato > AP Específico > AP Ampliado > Passado Absoluto
MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Duração > Tempo (AP) > Tempo (PA)
FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Atélico > Télico
	Duração	Durativo > Pontual
	Modo	Estado/Atividade > Accomplishment > Achievement(?) ⁴⁵
SUJEITO	Pessoa	1ª > 2ª(?) / 3ª
	Número	Plural > Singular
COMPLEMENTO	Número	Plural > Singular
ORAÇÃO	Tipo	Negativa > Afirmativa Interrogativa(?)
ESPAÇO		San Miguel de Tucumán > Buenos Aires > Madri
SEXO		Feminino > Masculino
IDADE		Mais de 55 anos > 36 – 55 anos > Até 35 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tendo justificado os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que compõem a análise que desenvolveremos mais adiante, podemos concluir que a contribuição fundamental da análise da maior parte desses fatores reside em que eles podem dar pistas sobre o grau de mudança funcional do PPC. Conforme ilustra sinteticamente o Quadro 4.4, quanto mais recorrente é o uso da forma composta à direita dos *continua* referentes a cada um dos grupos de fatores, maior é a evidência de que o PPC apresenta um comportamento mais inovador. Ao contrário, quanto mais próximo do eixo esquerdo estiver o uso dessa forma, mais conservador poderá ser.

4.2 Goldvarb Yosemite

Uma vez que propomos desenvolver uma análise multivariada, que, como tal, investiga “situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por

⁴⁵ O sinal de interrogação (?) indica que o fator em questão não implica necessariamente uma etapa mais avançada, como disposto no Quadro 4.4, de maneira que a análise efetiva dos dados deve demonstrar a real contribuição desses fatores para a compreensão do funcionamento das formas do *pretérito perfecto*.

vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105), faz-se pertinente recorrer a um método estatístico que permita avaliar e comparar quantitativamente os diferentes efeitos dos fatores contextuais, bem como detectar e medir tendências. Segundo Tagliamonte (2006), repousa sobre essa abordagem o pressuposto de que, ao usar a língua, os falantes fazem escolhas que se definem como formas alternativas discretas com o mesmo valor referencial ou função gramatical. Como essas escolhas variam de forma sistemática (“heterogeneidade ordenada”), podem ser descritas quantitativamente.

Com tal propósito, recorreremos ao software *Goldvarb Yosemite* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2015), uma ferramenta utilizada na Sociolinguística Variacionista que permite realizar a análise estatística quase que automatizada dos dados – previamente identificados e categorizados conforme as exigências do software. Além dos valores percentuais gerais e de cada fator sobre o uso das formas verbais, o software informa os pesos relativos desses fatores.

Neste ponto, é pertinente diferenciarmos a contribuição dos valores percentuais do aporte dos pesos relativos à análise estatística da variação linguística. Os primeiros números resultam de um cálculo univariado, isto é, não consideram, conjuntamente, a distribuição dos dados em relação aos demais grupos de fatores avaliados, informando, por isso, apenas “as frequências de ocorrência das variantes nos contextos examinados”. Por sua vez, os pesos relativos resultam de uma análise multivariada que calcula “os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes”. Desse modo, o efeito pode ser neutro (.50), favorecedor (>.50) ou desfavorecedor (<.50) (GUY; ZILLES, 2007, p. 211). Outra informação estatística também será apresentada juntamente com os dados expostos neste trabalho: o *input*, que indica a medição geral de uso da variável dependente, servindo, portanto, como uma medida global de referência.

Diante de todos esses dados, o *Goldvarb* avalia e seleciona os grupos de fatores considerados estatisticamente significantes para a compreensão do comportamento do fenômeno variável. Na medida em que os dados não selecionados – de menor significância estatística – também podem servir como argumento em nossa discussão (TAGLIAMONTE, 2006; GUY; ZILLES, 2007), apresentamos, entre colchetes, os pesos relativos dos fatores não selecionados pelo *Goldvarb*. Em alguns contextos específicos de análise, não é possível identificar o grupo de fatores mais relevante estatisticamente. Essa carência poderia se dever, segundo explicam Tagliamonte (2006, p. 237), Guy e Zilles (2007, p. 215), à escassa quantidade de dados processados na análise estatística.

Finalmente, o *Goldvarb Yosemite* permite também realizar o cruzamento (função *Cross Tabulation*) de dois dos grupos de fatores considerados neste estudo, permitindo uma análise mais específica da interação de dois fatores sobre o uso do PPC ou do PPS.

4.3 O corpus de análise

Encontramos condições que satisfazem as necessidades deste estudo em um *corpus* composto por entrevistas radiofônicas. Além de encontrarmos esses enunciados disponíveis na rede mundial de computadores – em rádios que disponibilizam sua transmissão on-line –, esse gênero apresenta um uso mais próximo ao vernáculo.

Uma vez que enunciados pertencentes a um único gênero e apenas à modalidade falada não podem constituir um *corpus* representativo da totalidade de usos linguísticos de uma comunidade de fala, reconhecemos que as apreciações e conclusões provenientes deste estudo estão limitadas a um importante âmbito da língua empregada nas três variedades diatópicas avaliadas, no qual se observa o domínio da oralidade com pouco monitoramento.

A opção por esse gênero e o apoio da *internet* possibilitam o acesso aos dados sociolinguísticos dos falantes – ora por inferência na própria entrevista, ora por contato direto com as rádios ou, até mesmo, por meio de uma rede de relacionamentos. Sobre a obtenção dos textos, quando não disponibilizados para download pelo próprio site da rádio que difundiu a entrevista, o software *Audacity 1.3* serviu para a gravação das entrevistas.

Quadro 4.5: Da descrição das entrevistas radiofônicas que compõem os *corpora* diatópicos

Variedade diatópica	Rádio	Programa	Nº. de entrev.	Tempo de grav.	Nº. de palav.	Nº. de PP	Nª. de infor.	Faixa etária	Mulher
Madri	Cope	El partido de las doce	11	2h03'58"	23.357	584	20	26 – 57	4
	Radio 5	Entrevista en R5							
Buenos Aires	Continental	La mañana	8	2h01'30"	21.124	562	16	28 – 70	4
	Palermo	Comunas en Plural							
		Entre nosotras							
	Cooperativa	El vermucito del domingo							
		Los más grandes							
S. M. Tucumán	LV 12	Manyines en la radio	9	2h00'57"	21.221	473	12	30-59	4
	LV 7	La mañana de LV7							
		La tarde de LV7							
	Fish	Sin pescado concebido							
Total			28	6h06'25'	65.702	1.619	48	26 – 70	12

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No Quadro 4.5, estão relacionadas as três regiões diatópicas apreciadas neste estudo com algumas informações das entrevistas. Como se pode notar, as mais de seis horas de gravações, (tempo de grav.) referentes às 28 entrevistas radiofônicas (nº. de entrev.), forneceram quase 66 mil palavras, sendo, em média, mais de 21 mil a quantidade de palavras provenientes de cada uma das três variedades diatópicas. Em relação à recorrência das formas linguísticas que esperamos encontrar nos âmbitos temporais em pauta, observam-se 1.629 formas do *pretérito perfecto* ao longo de todo o *corpus* (nº. de PP).

Quadro 4.6: Da codificação de referência das entrevistas que compõem o *corpus*

Variedade diatópica	Rádio	Cód.	Data	Tempo	Nº. Infor	Faixa etária	Nº. Mulheres	Temática
Madri	Cope	M1	10.09.2013	25'17"	4	26-50	1	Esporte. Futebol.
	Radio 5	M2	21.06.2013	11'57"	2	32-48	0	Artes. Quadrinhos.
		M3	18.06.2013	9'14"	2	40-55	1	Sociedade. Serv. Social.
		M4	01.06.2012	10'07"	2	31-55	1	Artes. Teatro.
		M5	16.02.2012	11'29"	2	44-48	0	Artes. Designer.
		M6	10.02.2012	9'17"	2	36-55	1	Artes. Televisão.
		M7	25.11.2011	9'41"	2	34-55	1	Artes. Cinema.
		M8	24.11.2011	9'00"	2	35-55	2	Artes. Música e Teatro.
		M9	24.11.2011	07'54"	2	30-55	1	Artes. Teatro.
		M10	10.10.2011	12'03"	2	46-48	0	Esporte. Corrida autom.
		M11	12.08.2011	07'59"	2	55-57	1	Esporte. Basquete.
Buenos Aires	Continental	B1	02.06.2010	10'07"	2	62-63	1	Sociedade. Serv. Social.
	Palermo	B2	29.09.2010	10'50"	2	37-38	0	Artes. Artes Plásticas.
		B3	29.09.2010	16'30"	3	36-70	2	Artes. Teatro.
	Cooperativa	B4	04.08.2013	19'16"	2	43-53	0	Política. Gênero.
		B5	04.08.2013	33'02"	2	50-53	1	Política. Eleições.
		B6	14.08.2013	11'48"	3	45-68	0	Esporte. Futebol.
		B7	10.09.2013	13'33"	4	40-68	0	Esporte. Futebol.
		B8	07.08.2013	06'24"	3	28-48	0	Esporte. Futebol.
S. M. Tucumán	LV 12	T1	21.06.2010	04'29"	2	30-34	0	Sociedade. Entretenimen.
		T2	21.06.2010	23'04"	2	30-34	0	Sociedade. Entretenimen.
	LV 7	T3	26.04.2010	05'40"	2	33-59	1	Sociedade. Negócios.
		T4	06.12.2010	04'05"	2	44-50	1	Saúde. Tabagismo.
		T5	30.11.2010	10'38"	2	42-51	0	Sociedade. Previdência.
	Fish	T6	10.09.2013	07'58"	3	32-50	2	Sociedade. Trabalho.
		T7	01.08.2013	35'17"	3	32-40	2	Política. kirchnerismo.
		T8	03.07.2013	15'45"	3	30-34	1	Sociedade. Entretenimen.
		T9	03.07.2013	14'01"	3	30-34	1	Sociedade. Entretenimen.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A fim de organizarmos a referenciação da fonte dos enunciados que serão apresentados ao longo de toda a discussão, apresentamos o Quadro 4.6, no qual

podemos recuperar, a partir do código da entrevista (cód.), informações sobre a variedade diatópica e sobre a rádio de origem, a data de gravação da entrevista e sua duração (tempo). Além disso, o quadro ainda apresenta a quantidade de informantes que falam na entrevista (nº. infor.), a faixa etária deles, a quantidade de mulheres entre os informantes (nº. mulheres) e a temática principal das discussões. Alertamos que muitas vezes um mesmo informante aparece em mais de uma entrevista.

5

Análise sociolinguística

Procedemos, aqui, efetivamente à análise do comportamento do *pretérito perfecto simple* (PPS) e *compuesto* (PPC) na expressão da anterioridade temporal, isto é, dos valores de antepresente (AP) e passado absoluto (PA), em Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. Orientados pela hipótese de que o tipo e/ou a abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante para a compreensão do funcionamento das formas do *pretérito perfecto*, tomamos o fator “âmbito temporal” como fio condutor da discussão.

À medida que avançamos por cada uma das concepções temporais que delimitamos, procedemos à análise multivariada do uso do *pretérito perfecto* em cada uma das variedades em que identificamos variação. Por fim, cotejamos o estado descrito nas três variedades diatópicas, observando tendências e comportamentos particulares e comuns a elas. Na maior parte da discussão, centramo-nos na observação da forma composta, pois apresenta historicamente um processo de mudança que acarreta um estado de competição com o PPS.

Conforme descrevem Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006), a entrada da forma composta na expressão do *tempus* se dá via antepresente para, só mais tarde, exprimir o passado absoluto. Logo, a apresentação dos dados segue a mesma direção, isto é, procedendo à análise do âmbito de AP, para depois atentar ao contexto de PA. Uma vez que o estudo do antepresente envolve a sua subcategorização em três pequenos subâmbitos (imediato, específico e ampliado), procedemos ao estudo de cada um desses contextos temporais na ordem referida,

isso porque o percurso imediato>específico>ampliado delinea um *continuum* que vai de uma referência temporal menos ampla e mais definida a uma referência mais dilatada, abrangente e, por conseguinte, mais próxima do valor de um passado absoluto. Além disso, consideramos o pressuposto de que a extensão do uso do PPC para o âmbito de PA poderia se dever à ampliação e generalização do *perfecto compuesto* a toda referência de anterioridade (perfectiva) ao momento de fala.

A seguir, a Tabela 5.1 organiza quantitativamente os dados a serem analisados conforme a sua disposição nos âmbitos temporais de cada *corpus* diatópico. A menor proporção de dados no contexto de AP imediato (139) e, por outro lado, a expressiva recorrência de formas do *pretérito perfecto* no âmbito de PA (887) devem-se, em parte, às características do gênero discursivo, mas também à especificidade e abrangência, respectivamente, desses contextos temporais. Contudo, se somados os dados dos três subâmbitos do antepresente, encontramos uma recorrência de formas do *pretérito perfecto* (710/44%) mais próxima à quantidade de dados do PA (887/56%).

Tabela 5.1: Da totalidade de dados por âmbito temporal

	ANTEPRESENTE						PASSADO ABSOLUTO		TOTAL	
	Imediato		Específico		Ampliado					
Madri	38	27%	125	39%	130	52%	288	32%	581	36%
Buenos Aires	42	30%	83	26%	74	29%	352	40%	551	35%
S. M. Tucumán	59	43%	112	35%	47	19%	247	28%	465	29%
Total	139	100%	320	100%	251	100%	887	100%	1597 ⁴⁶	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

5.1 Análise do comportamento do PPC e do PPS no antepresente

Conforme definem as principais gramáticas da língua espanhola (Quadros 1.4 e 1.5), o macroâmbito do antepresente é considerado o contexto temporal mais propício para o uso do PPC. A mesma perspectiva descritiva caracteriza esse âmbito temporal pela referência a uma situação passada observada a partir de uma perspectiva de presente (MR,MF/0oV). Em outros termos, há, nesse marco

⁴⁶ A discrepância do número total de ocorrências de formas do *pretérito perfecto* entre o Quadro 4.3 e a Tabela 5.1 deve-se à retirada, daquele quadro, das 22 casos que fogem aos âmbitos (MR,MF,MR e PA).

(0oV)-V). Tal característica pode ser a responsável por trazer imbricada nesse valor uma maior integração da situação descrita com a enunciação, posto que tanto o ME como o MF estão envoltos pela mesma referência temporal (Figuras 1.13 e 1.14).

Uma aproximação desse contexto temporal revela, em Madri, o uso praticamente categórico da forma composta (98%). Por sua vez, nas variedades argentinas, há um cenário mais propício para o estudo da variação entre as formas do PPC e do PPS. Enquanto o registro da norma bonaerense apresenta um uso mais recorrente da forma simples (78%), o *corpus* de San Miguel de Tucumán revela que a variação entre as duas formas aparenta ser mais equilibrada, apesar de ainda notarmos uma maior recorrência do PPC (59%).

Tabela 5.2: Da expressão geral do antepresente

	ANTEPRESENTE					
	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán	
PPC	288	98%	44	22%	129	59%
PPS	5	2%	155	78%	89	41%
Total	293	100%	199	100%	218	41%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tendo em vista a já descrita capacidade de dilatação da referência de simultaneidade verificada no âmbito do antepresente – o que permite um afastamento maior ou menor entre o fato descrito e o momento de fala –, é possível delinear três subconjuntos temporais dentro do âmbito do antepresente: o (i) imediato, (ii) o específico e (iii) o ampliado – muitas vezes identificado como experiencial. A fim de evitar uma análise enviesada dos dados expostos na Tabela 5.2 – a qual desconsidera essas três especificações do antepresente –, procedemos ao exame individualizado e contrastivo de cada uma dessas subconcepções temporais, observando se a ampliação da referência temporal de AP acarreta comportamentos e interações diferentes das formas do *pretérito perfecto* nas variedades diatópicas. Desse modo, começamos a avaliar se o tipo de âmbito temporal ou, mais especificamente, a abrangência do tipo antepresente são fatores com forte incidência sobre a definição do uso do PPC ou do PPS.

5.1.1 A expressão do antepresente imediato

No primeiro subconjunto do AP, encontramos uma referência (MR) encolhida e limitada ao que o enunciador considera imediato e menos abrangente. Pela dificuldade de aferir objetivamente essa instantaneidade, há abordagens que optam pela definição do dia como marco referencial do imediato, atribuindo-lhe, por isso, o termo “hodierno”.

Apesar da limitação temporal no AP imediato, a análise dos seguintes enunciados revela que, mesmo dentro do contexto “hodierno”, é possível vislumbrar a situação deslocando-se entre o mais e o menos distante ao MF. São os marcadores temporais (“*esta mañana*”, “*hace poco*”, “*recién*”, “*antes de salir al aire*”, “*hace rato*”, “*hoy*”) que permitem observar esse movimento e definir que a situação representada está subscrita a uma referência ainda presente e limitada à amplitude do dia vigente. Mesmo na ausência de um marcador temporal explícito (5), é possível identificar facilmente o valor de imediato atuando no uso da forma verbal graças às informações disponíveis no enunciado e na situação de enunciação. Assim, ao dizer “*la gente que está escuchando*” e “*me he alongado*” dentro da “entrevista radiofônica”, o enunciador deixa claro que a situação descrita (*alongarse*) é “imediata”.

- (1) *Madri: Esta mañana se han dicho dos cosas eh... yo creo que es muy interesante ¿no? <M1>*.
- (2) *Madri: He leído hace poco, cuando me documentaba para la entrevista, una entrevista que diste tú [...] <M4>*.
- (3) *Buenos Aires: Recién, nos preguntaron los oyentes dónde es eso de Victor Hugo Morales <B5>*.
- (4) *Buenos Aires: Yo empecé, como te comenté antes de salir al aire, que empecé en la radio de muy chico <B3>*.
- (5) *San Miguel de Tucumán: Y me está matando la gente que me está escuchando, me he alongado <T8>*.
- (6) *San Miguel de Tucumán: [...] hablamos hace rato. A veces nos pasa también. [...] y lo decimos hoy, cuando empezaba el programa [...] <T9>*.

A observação dessa concepção temporal nos três *corpora* diatópicos revela que as construções de tempo mais recorrentes nesse contexto temporal são: “*esta mañana*”, “*ya*”, “*ahora*”, “*hace poco*”, “*en esta entrevista*”, “*recién*” e “*hoy*”,

havendo casos pontuais de expressões como “*al principio*”, “*antes*”, “*a las siete de la mañana*”, “*durante la mañana*” e “*hace rato*”. A análise da tipologia desses marcadores temporais mostra que no âmbito de AP imediato há, como esperado, uma expressiva recorrência de construções com valor temporal igual ou menor ao período do dia – como mostram os enunciados (1), (2), (3), (4) e (6) – e um pequeno índice de formas com valor conclusivo (“*ya*”) e durativo (“*durante la mañana*”) – conforme verificamos nos enunciados (7) e (8), respectivamente:

- (7) *Ya me ha quedado claro. Eres un santo* <M1>.
 (8) [...] *lo anticipamos durante la mañana. Estamos en el estudio de Fish con Gonzalito Ureueña* [...] <T8>.

Segundo especifica a Tabela 5.3, essa preferência parece evidenciar que a marcação de uma leitura de resultado ou continuidade é menos favorecida nesse âmbito por meio do uso de construções temporais. É importante salientar que no AP imediato a recorrência explícita de marcadores temporais próximos às formas verbais é mais incomum, posto que em 81% dos casos a identificação do marcador de tempo se faz por inferência ou pela recuperação de uma expressão anteriormente explicitada. Apesar da maior recorrência de enunciados sem marcação explícita da referência temporal de AP imediato, não há dificuldade em inferi-la por se tratar de um âmbito cuja referência é bem delimitada (hodierno) e próxima ao MF.

Tabela 5.3: Dos marcadores temporais no antepresente imediato

Valor	N	%
Tempo	132	95%
Conclusivo	5	4%
Durativo	2	1%
Total	139	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Atendo-nos às características gerais da aspectualidade das formas verbais presentes nesse âmbito temporal, destaca-se, na Tabela 5.4, a expressiva recorrência de formas télicas nos três *corpora*, totalizando, de modo geral, 78% (109) dos casos – como se observa em (8). Essa informação vem complementar a percepção já suscitada pela análise da marcação de tempo por meio de construções temporais (Tabela 5.3), já que as duas características indicam que a leitura aspectual de

continuidade parece não ser privilegiada nesse âmbito temporal. A menor abertura à descrição de situações durativas deve-se, em parte, à curta duração do AP imediato.

Tabela 5.4: Da telicidade no antepresente imediato

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
Télico	27	71%	32	76%	50	85%	109	78%
Atélico	11	29%	10	24%	9	15%	30	22%
Total	38	100%	42	100%	59	100%	139	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A análise do modo de ação (Tabela 5.5) das ocorrências que figuram nesse contexto temporal revela uma preferência pelos modos *accomplishment* (48%) e *achievement* (30%), representados, respectivamente, pelos enunciados (9) e (10):

- (9) [...] *este contracto se hizo hoy* <T8>.
- (10) A: *En esta mañana se han dicho dos cosas. Yo creo que es muy interesante ¿no?*
B: *¿Te has sorprendido, Tomás?* <M1>.

140

Tendo em vista a referência temporal relativamente breve do AP imediato, a seleção preferencial desses dois modos de ação (78%) não apenas reafirma o traço imediato dessa concepção temporal – posto que marca o término da situação descrita –, mas ressalta novamente o desfavorecimento da descrição de situações continuativas.

Tabela 5.5: Dos modos de ação no antepresente imediato

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
Achievement	9	24%	12	29%	21	36%	42	30%
Accomplishment	18	47%	20	48%	29	49%	67	48%
Atividade	3	8%	1	2%	5	8%	9	7%
Estado	8	21%	9	21%	4	7%	21	15%
Total	38	100%	42	100%	59	100%	139	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Particular a esse âmbito temporal é a recorrência de verbos elocucionais em todos os *corpora* diatópicos, tais como *hablar*, *decir*, *preguntar*, *pedir* e *comentar*. Juntos, os cinco verbos correspondem a 30% (41 casos) das ocorrências registradas

nessa concepção temporal⁴⁷. Entre os verbos desse grupo, ganha lugar de destaque o verbo *decir*, por ocorrer 26 (19%) vezes. Essa recorrência se deve a que no âmbito de AP imediato os participantes do discurso voltam-se para eventos desenvolvidos mais próximos ao MF, de maneira que o próprio ato de enunciação é tomado como tópico, tal como demonstram os enunciados (1), (3), (4) e (6). Além disso, por lidarmos com um gênero do domínio jornalístico, a atenção à origem da notícia é uma característica importante e, por isso, ressaltada pela recorrência de verbos elocucionais. Não se observa a recorrência de verbos elocucionais com a mesma expressividade nos demais (sub)âmbitos temporais examinados.

Ainda procurando estabelecer relações entre as características/finalidades do gênero discursivo em questão e os traços linguísticos observados em enunciados pertencentes ao subâmbito de AP imediato, destacamos esse contexto temporal como o único em que a soma dos sujeitos de primeira (41%) e segunda pessoas (17%) supera a quantidade de sujeitos com marcas de terceira pessoa (38%), dado que põe ênfase, com maior potencialidade, na relação dialógica instaurada entre enunciador e enunciatário. Ademais, nota-se nessa concepção a maior proporção de sujeitos de primeira pessoa – em comparação com os demais âmbitos temporais. Esses comportamentos são observados em todos os *corpora* diatópicos e devem auxiliar na avaliação da existência de algum traço subjetivo relativo fundamentalmente à primeira pessoa, o que corroboraria o uso do *perfecto compuesto* (Tabela 5.6).

Tabela 5.6: O sujeito gramatical no antepresente imediato: pessoas do discurso

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
1ª pessoa	16	42%	13	31%	27	46%	56	41%
2ª pessoa	12	32%	8	19%	4	7%	24	17%
3ª pessoa	8	21%	18	43%	27	46%	53	38%
Outros ⁴⁸	2	5%	3	7%	1	1%	6	4%
Total	38	100%	42	100%	59	100%	139	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como é sabido, tanto a norma gramatical como muitos estudos descritivos sobre as variedades peninsulares indicam esse âmbito como o contexto temporal mais favorável para o uso do PPC. No entanto, conforme sugerem os enunciados (3), (4), (6), (8) e (9), essa pode não ser uma verdade absoluta, ao menos para as

⁴⁷ No total, foram identificados 63 tipos (*types*) de bases verbais ocorrendo no âmbito temporal de AP imediato.

⁴⁸ Incluímos em “outros” os casos de sujeito inexistente ou de sujeitos oracionais.

variedades argentinas. A fim de explicitar quantitativamente como se dá a expressão do PPS e do PPC nas três variedades diatópicas, observemos a Tabela 5.7:

Tabela 5.7: Da expressão do antepresente imediato nas três variedades diatópicas

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán	
PPC	38	100%	0	0%	23	39%
PPS	0	0%	42	100%	36	61%
Total	38	100%	42	100%	59	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Seguindo as abordagens normativa e descritiva, o *corpus* de Madri não apresenta variação entre as formas do *pretérito perfecto* nessa concepção temporal, indicando um uso categórico da forma composta no AP imediato. Com um comportamento inverso, Buenos Aires apresenta um uso que se distancia tanto da norma-padrão como da norma peninsular aqui representada, pois encontramos no *corpus* apenas o PPS ocorrendo no âmbito de AP imediato, o que permite afirmar que nessa variedade diatópica não parece haver variação entre o PPS e o PPC na expressão do AP imediato.

Por fim, os dados da variedade tucumana mostram uma variação da expressão do AP imediato, posto que identificamos ambas as formas do *pretérito perfecto* ocorrendo nesse contexto temporal. Porém, ao contrário do que aponta a norma-padrão, nessa variedade, o PPS parece ser a forma mais recorrente, por responder a 61% (36) dos casos registrados.

Uma vez que apenas nessa última variedade identificamos efetivamente uma situação de variação entre o PPS e o PPC, observaremos como essas ocorrências comportam-se diante de cada um dos fatores linguísticos já descritos como característicos do AP imediato.

5.1.1.1 Análise multivariada da expressão do AP imediato em San Miguel de Tucumán

A Tabela 5.8 sintetiza a análise multivariada realizada desse contexto. Ao lado de cada fator, expomos a quantidade de ocorrências do *perfecto compuesto* (Nº.), seu percentual de uso (% PPC) em relação ao número total (Total Nº.) de ocorrências de ambas as formas no contexto delimitado pelo fator e, por fim, o peso relativo desse fator no uso do PPC. Ao fim da tabela, encontramos também informações estatísticas gerais da análise realizada pelo *Goldvarb Yosemite*, tais

como o valor de *input* e *log likelihood*, além da quantidade e do percentual de ocorrências da forma composta (23 casos/39%) na relação com o total de casos do *pretérito perfecto* (59 casos) no contexto do AP imediato em San Miguel de Tucumán.

Conforme informou previamente o estudo da presença de marcadores temporais no contexto de AP imediato, há, de modo geral, uma maior recorrência das formas do *pretérito perfecto* em enunciados em que não se observa a presença explícita de uma construção temporal (83%). Mais pontualmente, a Tabela 5.8 evidencia que, apesar de o PPS ser mais recorrente tanto na ausência como na presença de um marcador temporal, a forma composta é mais observada em contextos em que não há uma expressão de tempo explícita (22 casos/45%). Devido à escassez do PPC em construções temporais explícitas, não foi possível aferir o peso relativo desse grupo de fatores nesse contexto.

Por sua vez, o uso quase exclusivo de marcadores do tipo temporal (56 de 59 casos) mostra não apenas uma aparente homogeneidade na retratação do tempo, mas também que, no *corpus* tucumano, todas as ocorrências do PPC (23 casos) estão atreladas a uma construção de valor essencialmente temporal, como se observa, por exemplo, em (11) e (12), em que se podem inferir as seguintes referências temporais: “há pouco” e “estar aqui, hoje”.

(11) [...] *nos ha llegado [hace poco] esta noticia y queremos que nos cuente un poco* [...] <T6>.

(12) A: *Gracias por esta charla.*

B: *Bueno. Ha sido un placer [estar aquí hoy]<T5>.*

O cruzamento dos dados referentes ao fator “marcador de tempo” com o grupo de fatores “modo de ação” (Tabela 5.9) revela que, mesmo concentrando-se em contextos com marcadores temporais sem informação durativa marcada, o PPC tem seu índice aumentado quando com verbos atélcos. Ou seja, seu percentual junto ao marcador do tipo “tempo” (41%) é alçado quando há verbos de “estado” (50%) ou de “atividade” (80%).

Tabela 5.8: Da análise multivariada na expressão do AP imediato em San Miguel de Tucumán^{49,50}

GRUPOS DE FATORES				Nº.	% PPC	Total Nº.	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	23	41%	56	–
			Durativo	0	0%	1	–
			Indeterminado	0	0%	2	–
		Presença	Explícito	1	10%	10	–
			Implícito	22	45%	49	–
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	17	34%	50	[.49]
			Atélico	6	67%	9	[.54]
		Duração	Pontual	8	38%	21	[.51]
			Durativo	15	39%	38	[.50]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	8	38%	21	[.50]
			<i>Accomplishment</i>	9	31%	29	[.42]
			Atividade	4	80%	5	[.93]
			Estado	2	50%	4	[.26]
	SUJEITO	Pessoa	1ª	6	22%	27	.32
			2ª	2	50%	4	.61
			3ª	14	52%	27	.68
		Número	Singular	22	45%	49	–
			Plural	0	0%	9	–
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	10	37%	27	–
			Plural	0	0%	4	–
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	20	38%	52	[.54]
			Negativa	2	67%	3	[.69]
			Interrogativa	1	25%	4	[.06]
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino		21	44%	48	[.58]
		Feminino		2	18%	11	[.18]
	IDADE	Até 35 anos		21	42%	50	[.48]
		36 – 55 anos		2	22%	9	[.58]
		Mais de 55 anos					
Input: .41		Log-Likelihood: 33.119 [27.297]		Total N°. =23/59 (39%)			

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

⁴⁹ A análise estatística realizada pelo *Goldvarb Yosemite* seleciona, entre as diversas rodadas de análise, aquela que apresenta o(s) grupo(s) de fatores considerado(s) estaticamente relevante(s) para o estudo do fenômeno variável. O peso relativo desses fatores é informado, na tabela, sem o uso de colchetes (“[]”). Contudo, tendo em vista que os dados considerados com menor significância estatística podem servir para refutar/refinar uma hipótese (TAGLIAMONTE, 2006; GUY; ZILLES, 2007), também apresentamos o peso relativo dos fatores não selecionados pelo software. Esses valores são apresentados entre colchetes (“[]”) e foram retirados da primeira rodada “*Stepping down*” – já que encontramos o menor valor de *log likelihood* nessa rodada.

⁵⁰ Será esse o modelo de tabela que servirá para a apresentação dos dados das análises multivariadas promovidas pelo *Goldvarb Yosemite*. Há alguns fatores cujo peso relativo não é informado pelas rodadas desse software; isso se deve a que (i) não se observou neles variação entre o PPS e o PPC, ou ainda porque (ii) alguns grupos de fatores, quando adequados às exigências de rotação do software, são reduzidos a um único fator (*single group*). Ademais, devido à especificidade de alguns dos âmbitos temporais (como o AP imediato, por exemplo), muitas vezes possuímos poucos dados em alguns desses contextos – o que conduz à necessidade de relativizarmos ainda mais nossas conclusões em relação à amostra oferecida pelo *corpus* compilado. Esse é o modelo de leitura adotado para as tabelas em que apresentamos a análise multivariada das respectivas variedades.

Tabela 5.9: Do cruzamento do fator “marcador de tempo” e do grupo de fatores “modo de ação” na expressão do antepresente imediato em San Miguel de Tucumán

		Achievem.		Accompl.		Ativid.		Estado		Total
Marcador “Tempo”	PPC	8	42%	9	32%	4	80%	2	50%	23
	PPS	11	58%	19	68%	1	20%	2	50%	33
		19	100%	28	100%	5	100%	4	100%	56

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Numa tendência inversa, o PPS tem seu índice incrementado justamente quando há verbos de *achievement* (58%) e *accomplishment* (68%). A escassez de dados acompanhados de um marcador com valor conclusivo ou durativo dificulta avaliar, com maior precisão, sua contribuição para o uso das formas verbais, no entanto destacamos que os únicos casos encontrados no contexto de AP imediato estão atrelados à forma simples, como se observa em (13) e (14), respectivamente. Dada a ausência do PPC nesse contexto, tampouco foi informado pelo *Goldvarb Yosemite* o peso relativo desse grupo de fatores.

- (13) *Ya estamos con el loguito nuevo y ya sacamos el afiche del show*
<T2>.
- (14) *Estuvimos hablando fuera del aire recién con él. Lo anticipamos*
durante la mañana <T8>.

Atendo-nos às categorias aspectuais vinculadas à base verbal, vimos, na Tabela 5.4, que o âmbito de AP imediato caracteriza-se pela forte incidência de verbos télicos (75% dos casos em San Miguel de Tucumán). Todavia, os dados da Tabela 5.8 revelam que percentualmente o uso do PPC é maior com verbos atélicos (67%) – tal como em (15). Numa relação inversamente proporcional, o PPS tem maior recorrência com verbos télicos (66%) – como em (16).

- (15) *Basta Miguel, no he comido yo [todavía] <T2>.*
- (16) *[...] se suicidó el profesor Pablo Jonás Lobo, un docente con una*
discapacidad [...] <T6>.

A relação mais próxima entre verbos atélicos e o *perfecto compuesto* pode ser uma forte evidência de que persistem, no uso do PPC, traços semânticos de um emprego de base mais aspectual, em que se marcaria, por exemplo, um valor de continuidade. Assim, ao dizer “no *he comido [todavía]*”, em (15), o enunciador

afirma que desde a manhã até o período da tarde, momento em que fala, ainda não tinha feito nenhuma refeição, marcando, por conseguinte, não apenas a permanente falta de alimentação, mas também um estado atual de fome – resultante da desnutrição. Essa leitura é também construída pela negação, uma vez que, segundo afirmam Schwenter e Cacoullou (2008), esse tipo de oração permite uma situação durativa.

Com a pequena quantidade de dados oferecidos pelo contexto de AP imediato no *corpus* de San Miguel de Tucumán (seis casos), torna-se difícil comprovar categoricamente a existência desse resíduo aspectual no uso do PPC com verbos atélcos. Tanto é assim que o peso relativo aferido pelo *Goldvarb* coloca os fatores desse grupo em aparente equilíbrio.

Outras evidências podem, não obstante, se somar ao dado já exposto a fim de comprovarmos a tendência identificada. A primeira delas provém da análise do traço de telicidade no conjunto total de dados resultante da soma dos três subâmbitos de antepresente na variedade tucumana, pois, conforme explicita a Tabela 5.10, o uso do PPC é especialmente recorrente em verbos atélcos (73%). Em outros termos, a combinação com os dados dos demais subâmbitos de antepresente também põe em evidência que o fator atelicidade atua de forma mais incidente sobre o uso do PPC.

Tabela 5.10: Da telicidade na categoria geral de antepresente em San Miguel de Tucumán

	Télico		Atélico		Total	
PPC	72	51%	57	73%	129	59%
PPS	68	49%	21	27%	89	41%
Total	140	100%	78	100%	218	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Uma segunda evidência que auxilia na avaliação da efetiva permanência de traços aspectuais na forma do PPC nesse contexto temporal é dada pelo enunciado (17), fragmento que foi coletado na mesma interação discursiva do enunciado (15) e que, graças às suas características, serve como contraparte a ele.

(17) *A vos, que está desde hoy. [...] que siempre vas al colegio a las diez y no sabés quién está hablando en este momento. [...] quiero saludar a la gente de Famaillá, a la gente de ahí, de la calle San*

Martín y a mi tía Samira, que hizo una humita, me comí dos platos [hoy] <T1>.

Por meio do cotejamento dos enunciados (15) e (17), identificam-se alguns pontos comuns e divergentes que são relevantes para nossa discussão. Por um lado, encontramos em ambos os enunciados uma mesma base verbal (*comer*) inserida em um contexto temporal comum (hodierno) e fazendo referência a uma ação realizada por uma primeira pessoa gramatical (eu). Por outro lado, essa mesma base verbal é conjugada ora no *perfecto compuesto* (*he comido*), ora no *perfecto simple* (*comí*). Ademais, o que antes fazia referência a uma atividade atélica (*no comer*), agora faz referência a uma ação télica (*comer dos platos*).

Portanto, interessa observar na comparação dos enunciados (15) e (17) que, a despeito do grau de semelhança referencial, ambos parecem ressaltar a diferença existente entre eles por meio da forma temporal selecionada. Quando se retrata uma situação atélica, como em (15), o sentido de continuidade é reforçado por meio da seleção da forma composta. Não obstante, quando se apresenta uma ação concluída e, por isso, télica, lança-se mão da forma simples, em sinal de uma improvável persistência da situação descrita no presente. Tendo em vista o caráter télico dos verbos elocucionais, é natural a expectativa de encontrar uma preferência de formas conjugadas em PPS nesses tipos de verbo. De fato, dos doze casos de verbos elocucionais encontrados, dez (83%) estão no PPS e apenas dois (16%) no PPC. Parece, portanto, evidente a diferenciação de sentido que implica a seleção do PPC ou do PPS nesses enunciados, de maneira que, ao menos nesse contexto de análise, não apenas os elementos contextuais propiciam a construção do valor continuativo, mas também a forma composta colabora para instaurar esse valor.

Há ainda outra evidência que ressalta a relação existente entre o PPC e os verbos atélicos. Esse terceiro indício torna-se notório com o avanço da análise pelo estudo dos modos de ação. Conforme assinala a Tabela 5.8, os modos de ação atélicos, isto é, de “atividade” (15) e “estado” (12), apresentam um uso percentualmente mais recorrente do PPC (80% e 50% respectivamente). Em especial, os verbos de “atividade” mostram-se ainda mais relevantes por apresentarem o peso relativo de [.93]. O PPS, por sua vez, tem seu maior percentual de ocorrência em verbos eminentemente télicos, ou seja, de “*achievement*” (16) e “*accomplishment*” (13) – contextos em que, por outro lado, o percentual de uso do PPC é menor que o percentual geral de uso do PPC (39%).

A importância desse grupo de fatores para o estudo do funcionamento do PPC é reafirmada pelo valor de *range* (extensão) desse grupo: 67. Segundo explica Tagliamonte (2006, p.242), “o *range* é calculado pela subtração do ‘fator de menor peso’ do ‘fator de maior peso’”, informando um dado valioso à análise variacionista por indicar a relevância de cada grupo de fatores. Quanto maior é o *range*, maior é a significância do grupo para a variável dependente estudada. Por sua vez, o estudo do traço de duração na base verbal não parece aportar alguma informação relevante, já que tanto a porcentagem como o peso relativo do uso de ambas as formas do *pretérito perfecto* mantêm-se praticamente iguais entre verbos durativos e pontuais.

Dirigindo-nos à observação dos fatores referentes ao sujeito, destacamos o estudo das pessoas do discurso como único grupo de fatores selecionado pelo *Goldvarb Yosemite* na análise do AP imediato na variedade tucumana. Em especial, conforme observamos na descrição dos traços linguísticos gerais característicos desse subâmbito temporal, nota-se uma maior recorrência de formas conjugadas em primeira pessoa (41% – Tabela 5.6). Contudo, os dados expostos na Tabela 5.8 apontam que a forma composta, no contexto temporal em questão, é mais recorrente em sujeitos de terceira pessoa (52%) – fator que incide sobre o uso do PPC com o peso relativo de .68.

Em segundo lugar, destacam-se as formas de segunda pessoa (50%/.61) e, por fim, as de primeira pessoa (22%/.32). Desse modo, o último fator apresenta-se como menos relevante para o funcionamento do PPC. Uma vez que essa forma é menos favorecida na primeira pessoa, parece que ela não é usada, nesse contexto de análise, para ressaltar uma avaliação subjetiva sobre situações que o enunciador tenha experimentado (RODRÍGUEZ LOURO, 2009); (SCHWENTER; CACOULOS (2008).

Sobre o estudo do número do sujeito e do complemento, observamos que em ambos os argumentos verbais a forma composta ocorre exclusivamente em contextos nos quais a informação de pluralidade não é marcada, refutando a hipótese de que eles favoreceriam o uso do PPC, especialmente expressando um valor de continuidade. Quanto ao tipo de oração, apesar da limitação de dados nos contextos negativos e interrogativos, encontramos o maior percentual de uso e peso relativo do PPC em orações negativas (67%/.69)) – contexto que, como já discutimos, favorece uma leitura continuativa –, tal como visto em (15) e, agora, no enunciado (18), em que se observa o permanente desconhecimento da identidade do escritor no MF, porque ele não se identifica (“*no me ha firmado*”). Contudo,

alertamos que, devido à escassez de dados, esse comportamento deverá ser mais bem avaliado através da comparação desse fator nos demais âmbitos temporais.

(18) *A: “Hola, chicos, gracias por trabajar en día feriado, así disfrutamos juntos con ustedes [...]. Hoy estoy triste. Besos, los quiero”.*

B: No sé el nombre porque no me ha firmado <T2>.

Por fim, a análise das variáveis extralinguísticas mostra aparentemente uma maior recorrência da forma composta em enunciados pertencentes ao gênero/sexo masculino (44%/[.58]) e à população mais jovem, de até 35 anos (42%)⁵¹. Desse modo, apesar de apresentar um comportamento mais próximo do valor aspectual – observado em etapas iniciais de sua formação –, o PPC parece estar em expansão, já que é mais recorrente entre os grupos sociais que apresentam uma norma linguística menos conservadora.

Por outro lado, a forma simples tem maior recorrência na fala das mulheres e do grupo etário maior de 35 anos, comportamentos que, somados ao maior percentual geral de uso do PPS nesse contexto de análise, indicam que essa forma ainda ocupa um lugar de destaque na expressão do AP imediato em San Miguel de Tucumán. Alertamos, contudo, para a necessidade de ter cautela na interpretação desses dados tendo em vista a deficiência originária do *corpus* em não controlar extensivamente os grupos de fatores relativos à idade e ao gênero/sexo no momento de sua compilação.

Em suma, a análise do único cenário de variação entre as formas do PPC e do PPS no âmbito de AP imediato seleciona apenas o grupo de fatores relacionado à pessoa do sujeito, mostrando que, nesse contexto de análise, não parece haver uma avaliação subjetiva do enunciador sobre as situações vivenciadas por ele, porque o PPC é menos favorecido na primeira pessoa (.32). Apesar de não selecionados pelo software, os dados estatísticos referentes aos verbos atélícos, de atividade e de estado indicam uma maior recorrência da forma composta em contextos com sentido de continuidade. Por sua vez, a forma simples comporta-se de modo geral como a forma mais recorrente nesse âmbito temporal, tornando-se especialmente relevante em contextos em que a informação aspectual de continuidade é menos marcada (verbos télicos, de *achievement* e de *accomplishment*).

⁵¹ Destacamos a ausência de dados entre falantes mais velhos, isso é, maiores de 55 anos, nesse contexto temporal do *corpus* tucumano.

5.1.2 A expressão do antepresente específico

A concepção intermediária da categoria geral do AP detém os casos em que a perspectiva temporal de referência (MR), que compreende tanto o ME como o MF, estende-se para além dos limites de um dia, envolvendo um período de tempo relativamente amplo e definido, mas que nunca é igual a todo o período de existência do indivíduo (enunciador ou referido por ele). Vejamos, por meio dos enunciados abaixo, como se define a referência desse subâmbito temporal:

- (19) *Madri: Para mí él ha demostrado en los últimos cinco años que es el mejor portero del mundo* <M1>.
- (20) *Madri: Yo jamás me metí en la decisión del Mister, ni pienso que deba hacerlo* [...] <M1>.
- (21) *Buenos Aires: Los últimos días han sido bastante penosos ¿no?* <B5>.
- (22) *Buenos Aires: [...] fui a un programa en Metalegran en el noventa y cinco [...]. Así se empezó el Alex Freire público y de ahí no paré* <B4>.
- (23) *San Miguel de Tucumán: Lo que hemos hecho en este primer tramo de nuestra gestión es sentar las bases de trabajo* <T3>.
- (24) *San Miguel de Tucumán: [...] a lo largo de estos años también, a pesar que me dediqué a la vida política, he participado de foros que tienen que ver con mi profesión* <T7>.

Observamos, em comum, que todos os marcadores temporais apresentados constituem uma referência que, a despeito de sua extensão maior que a do AP imediato, ainda permanece existindo no momento de enunciação (“*los últimos cinco años*”, “*jamás*”, “*los últimos días*”, “*de ahí*”, “*en este primer tramo de nuestra gestión*”, “*a lo largo de estos años*”).

A análise desses marcadores temporais (Tabela 5.11) mostra que no AP específico há intensa recorrência de construções de valor aspectual durativo (85%) – como exemplificam os enunciados expostos. Esse favorecimento possibilita a leitura de continuidade.

Tabela 5.11: Dos marcadores temporais no antepresente específico

Valor	Nº.	%
Tempo	29	9%
Durativo	271	85%
Indeterminado	11	3%
Conclusivo	9	3%
Total	320	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Destaca-se também o surgimento de marcadores com um grau de indeterminação temporal (3%), a manutenção do baixo índice de advérbios com valor conclusivo (3%) e a diminuição expressiva de expressões estritamente temporais (9%), como se observam, por exemplo, nos enunciados (25), (26) e (27), respectivamente.

(25) *¿Y lo has visto en algún momento flaquear? <M1>*

(26) *[...] nosotros les pedimos que nos sigan acompañando porque este gobierno ya ha demostrado que puede hacer las cosas y sabe hacerlas <T7>.*

(27) *Bueno, yo que empecé un curso con él ahora, en Buenos Aires [...] <T9>.*

A observação dessa concepção temporal nos três *corpora* diatópicos revela um aumento na ocorrência explícita de um marcador temporal (38%) que, uma vez sistematizada, se resume ao seguinte paradigma: “desde (que.../año) hasta ahora”, “hoy en día”, “durante todo este(s) tiempo/año(s)/día(s)”, “a lo largo de este(s) año(s)/mes(es)/semana(s)/días”, “durante (estos ~) año(s)/mes(es)/semana(s)/días”, “de repente”, “recién”, “de ahí”, “actual”, “los ~ años”, “en los/estos (últimos) ~ años/meses/días/tiempos”, “en estos días”, “nunca”, “jamás”, “ahora”, “siempre”, “hasta el último momento”, “llevar (como) ~ años/meses/semanas/días”, “después de... hasta entonces”, “ya”, “hasta ahora”, “todavía”, “este casi un año/mes” e “finalmente”.

Tabela 5.12: Da telicidade no antepresente específico

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
Télico	70	56%	51	61%	72	64%	193	60%
Atélico	55	44%	32	39%	40	36%	127	40%
Total	125	100%	83	100%	112	100%	320	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Dirigindo-nos aos traços aspectuais das formas verbais no âmbito de AP específico, destacamos em todos os *corpora* diatópicos um uso maior de formas télicas (Tabela 5.12). No entanto, nesse âmbito temporal, há quase uma duplicação percentual na quantidade de verbos atélicos (40%) na comparação com o âmbito do AP imediato (22% – Tabela 5.4), como se observa em (28) e (29):

(28) [...] *es verdad que han sido muchísimos meses de trabajo [...] y es verdad que ha estado muy presente el trabajo grupal [...] <M4>*.

(29) *Coincido en que se han hecho grandes cambios sociales [en este gobierno]. [...]. Es sano para este gobierno que las denuncias se hagan en tiempo <T7>*.

O aumento no uso de verbos atélicos parece relacionar-se diretamente com o expressivo aumento de marcadores temporais com valor durativo. Na mesma direção, conforme nos mostram os dados da Tabela 5.13, o estudo do modo de ação também ressalta a abertura do âmbito de AP específico na descrição de situações persistentes, posto que se observa um significativo aumento percentual no uso de verbos de “estado” (25%) e de “atividade” (15%) – enunciados (28) e (29) respectivamente –, modos de ação que se caracterizam pelos traços de atelicidade e duração.

Tabela 5.13: Dos modos de ação no antepresente específico

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
Achievement	40	32%	30	36%	46	41%	116	36%
Accomplishment	30	24%	21	25%	26	23%	77	24%
Atividade	15	12%	9	11%	22	20%	46	15%
Estado	40	32%	23	28%	18	16%	81	25%
Total	125	100%	83	100%	112	100%	320	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Entretanto, deve-se reconhecer o relativo equilíbrio entre os quatro modos de ação, pois é notável que os modos de “*achievement*” e “*accomplishment*” ainda guardam uma significativa recorrência nesse contexto temporal (60%). Contudo, como expõem os enunciados (30) e (31), o uso de “*accomplishment*” e “*achievement*”, respectivamente, em união com uma expressão temporal durativa, também permite a leitura de continuidade:

(30) [...] *tal cual han hecho los empleados durante mi gestión* [...] <T5>.

(31) *Así se empezó el Alex Freire público y de ahí no paré* <B4>.

Mantendo o cotejamento com o subâmbito temporal anterior e ainda procurando estabelecer as relações entre as características/finalidades do gênero discursivo em questão com os traços linguísticos observados em enunciados pertencentes ao AP específico, começamos a encontrar nesse contexto temporal uma maior frequência no uso de formas verbais em terceira pessoa (Tabela 5.14), alcançando em todos os *corpora* diatômicos um percentual próximo a 60%.

Tabela 5.14: O sujeito gramatical no antepresente específico: pessoas do discurso

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
1ª pessoa	35	28%	21	25%	29	26%	85	27%
2ª pessoa	10	8%	8	10%	4	4%	22	7%
3ª pessoa	73	58%	49	59%	74	66%	196	61%
Outros ⁵²	7	6%	5	6%	5	4%	17	5%
Total	125	100%	83	100%	112	100%	320	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Uma vez descritos alguns traços linguísticos particulares ao âmbito de AP específico na sua relação com o *corpus* compilado, passemos à observação efetiva do comportamento das formas do *pretérito perfecto* nesse contexto temporal. A norma-padrão também define esse âmbito temporal como um contexto propício para o uso do PPC. Mas, conforme demonstraram os enunciados (20), (22), (24), (27) e (31), esse pode não ser um comportamento absoluto. A fim de analisar mais detalhadamente como se dá a expressão quantitativa do PPS e do PPC nas três variedades, observemos a Tabela 5.15:

⁵² Incluímos em “outros” os casos de sujeito inexistente ou de sujeitos oracionais.

Tabela 5.15: Da expressão do antepresente específico nas três variedades diatópicas

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán	
PPC	124	99%	11	13%	74	66%
PPS	1	1%	72	87%	38	34%
Total	125	100%	83	100%	112	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A expressão do valor de AP específico em Madri parece continuar a se efetivar exclusivamente por meio do PPC, posto que o único uso da forma simples que consideramos pertencente ao AP específico nessa variedade diatópica ocorre em um enunciado cuja referência temporal apresenta certo grau de ambiguidade (32):

(32) *Yo jamás me metí [en la presente temporada] en la decisión del Mister, ni pienso que deba hacerlo [...]* <M1>.

Apesar de se pressupor uma conjuntura temporal ainda em vigor (“*la presente temporada*”), pelo contexto discursivo somos informados de que o enunciador remete-se a uma etapa de sua vida recém-terminada, com o rompimento inesperado do contrato com o *Real Madrid* momentos antes, de modo que, ao afirmar “*jamás me metí*”, o enunciador pode estar considerando como referência temporal um âmbito avaliado por ele como concluído quando enunciado, tratando a situação, por conseguinte, como pertencente a um passado absoluto em vez de AP específico. Tendo em vista o grau de subjetividade que muitas vezes está inserido na avaliação da referência temporal assumida pelo enunciador, torna-se, em alguns casos pontuais, difícil afirmar categoricamente qual referência é assumida por ele.

Os dados encontrados neste estudo permitem, desde já, ampliar o conhecimento divulgado pelas descrições conduzidas por Schwenter (SCHWENTER, 1994; HOWE; SCHWENTER, 2003; SCHWENTER; CACOULOS, 2008) e Serrano (1994). Olhando apenas para os contextos “hodierno” (AP imediato) e passado absoluto, os autores afirmam que o PPC passa, nas variedades peninsulares, por um processo de gramaticalização que culmina no incremento do uso do PPC em contexto de passado absoluto. De modo mais específico, os dados disponíveis na Tabela 5.15 – em complemento ao já verificado sobre o AP imediato – indicam que, em Madri, a forma composta, de fato, detém seu âmbito temporal por excelência (antepresente), não se limitando ao contexto hodierno, mas ampliando os limites de

uso para contextos mais distantes do momento de fala – sempre que se mantenha uma relação temporal de referência entre o MF e o ME.

Com um comportamento quase que inversamente proporcional à norma peninsular aqui representada e ainda contrariando os pressupostos da norma-padrão, a variedade de Buenos Aires recupera, de alguma maneira, a tendência já observada no subâmbito de AP imediato, assegurando a expressiva recorrência da forma simples (87%) também no contexto de AP específico. Contudo, salta aos olhos a ocorrência de 11 verbos conjugados na forma composta (13%), o que mostra que, para essa variedade diatópica, o contexto temporal de AP específico pode ser um fator importante para o estudo da variação entre as formas do PPS e do PPC. Além dos enunciados (20) e (21), em que figuram o uso do PPC e do PPS, respectivamente, ocorrendo no contexto de AP específico na variedade de Buenos Aires, os enunciados (33) e (34) mostram especificamente o uso da forma composta nessa variedade diatópica.

(33) *Estoy feliz porque hemos tenido [en los últimos días] una distinción maravillosa ya que nos eligieron cómo tesis final de la carrera de artes de la UBA <B3>.*

(34) *Carlos, es inevitable preguntarte por el partido del domingo, que vas a enfrentar a Carlos Bianchi. ¿Cómo que te ha ido [en los últimos días]? <B7>.*

155 —

Finalmente, a norma tucumana continua apresentando um comportamento diferente das demais variedades; os dados coletados não só apontam a permanência da variação entre as formas do PPS e do PPC no AP específico, mas parecem começar a dar preferência à forma composta, já que o uso do PPC aumenta significativamente em comparação ao âmbito imediato, isto é, alcança agora 66% (74) dos casos encontrados. Além dos enunciados (23) e (24), em que tanto o PPS como o PPC são observados, encontramos o uso da forma composta em (35) e (36):

(35) *En los últimos veinticinco años, la infraestructura sanitaria en la provincia de Tucumán no se ha incrementado <T3>.*

(36) *Creo que en estos diez años Tucumán se ha transformado <T7>.*

Essa nova situação mais equilibrada entre o uso do PPS e do PPC na variedade tucumana parece demonstrar que essas formas não teriam uma associação bem

definida nesse contexto temporal e que outros fatores poderiam estar guiando a escolha entre elas – os quais deverão ser mais bem avaliados mais adiante, quando aplicarmos a análise multivariada aos dados provenientes do âmbito de AP específico.

5.1.2.1 Análise multivariada da expressão do AP específico em Buenos Aires

A Tabela 5.16 sintetiza a análise multivariada feita dos dados encontrados no contexto de AP específico do *corpus* compilado de Buenos Aires. Alertamos que, em virtude da baixa quantidade de ocorrências da forma composta, os dados aqui discutidos devem ser especialmente relativizados à amostra a que tivemos acesso. Ademais, é esperado que o baixo percentual geral de uso do PPC (13%) mantenha o percentual atribuído a cada fator mais distante do uso categórico (100%). Por isso, recordamos que a análise envolve a observação da relação entre o percentual geral de uso do PPC (13%) e o valor disposto para cada um dos fatores, destacando os com maior percentual de ocorrência.

Segundo informa o estudo previamente apresentado sobre a presença de marcadores temporais no contexto de AP específico, há, de modo geral, maior recorrência das formas do *pretérito perfecto* em enunciados em que não existe a presença explícita de uma construção temporal (62%). Na mesma direção, a Tabela 5.16 aponta uma maior recorrência do PPC (nove dos 11 casos) também em enunciados em que a referência temporal é inferida implicitamente. Por outro lado, o PPS é ainda mais predominante na ausência de um marcador temporal explícito (91%).

Apesar da intensa recorrência de marcadores com valor durativo no âmbito de AP específico (Tabela 5.11), a análise desse fator no PPS e no PPC não amplia, por si só, o conhecimento sobre o funcionamento dessa variável, posto que os percentuais de ocorrência permanecem praticamente inalterados. Dentro desse grupo de fatores, apenas se ressalta o uso exclusivo do PPS em marcadores temporais de valor indeterminado. Contudo, o conhecimento mais preciso desse comportamento exige a ampliação dos dados, haja vista que apenas três ocorrências foram encontradas com esse tipo de marcador temporal no AP específico de Buenos Aires.

Tabela 5.16: Da análise multivariada na expressão do antepresente específico em Buenos Aires⁵³

GRUPOS DE FATORES				Nº.	% PPC	Total Nº.	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	1	14%	7	[.59]
			Durativo	10	14%	73	[.49]
			Indeterminado	0	0%	3	–
		Presença	Explícito	2	9%	23	[.64]
			Implícito	9	15%	60	[.46]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	5	10%	51	[.47]
			Atélico	6	19%	32	[.55]
		Duração	Pontual	2	7%	30	[.50]
			Durativo	9	17%	53	[.50]
		Modo de ação	Achievement	2	7%	30	[.44]
			Accomplishment	3	14%	21	[.25]
			Atividade	0	0%	9	–
			Estado	6	26%	23	[.78]
	SUJEITO	Pessoa	1ª	2	10%	21	[.70]
			2ª	2	25%	8	[.95]
			3ª	5	10%	49	[.33]
		Número	Singular	7	12%	59	[.53]
			Plural	2	11%	19	[.31]
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	4	13%	30	[.63]
			Plural	1	17%	6	[.08]
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	8	13%	62	[.49]
			Negativa	0	0%	9	–
			Interrogativa	3	25%	12	[.59]
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino		10	16%	61	[.73]
		Feminino		1	5%	22	[.06]
	IDADE	Até 35 anos		0	0%	11	–
		36 – 55 anos		7	13%	52	[.48]
		Mais de 55 anos		4	20%	20	[.54]
Input: .20		Log-Likelihood: [19.327]		Total Nº.=11/83 (13%)			

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

⁵³ Conforme se observa na Tabela 5.16, nenhum grupo de fatores foi selecionado pelo *Goldvarb Yosemite* nesse contexto. Mesmo realizando outras análises, nas quais eliminamos alguns desses grupos (como os de duração e telicidade), a situação manteve-se praticamente inalterada. Esse comportamento se deve, em parte, à quantidade reduzida de dados decorrente da especificidade desse âmbito temporal. Contudo, tendo em vista a contribuição da análise multivariada do AP específico para a configuração geral do AP na variedade bonaerense, seguimos a discussão tomando como referência os valores de peso relativo obtidos na primeira rodada “*Stepping down*”.

O cruzamento dos dados referentes ao fator “marcador de tempo durativo” com o grupo de fatores “modo de ação” (Tabela 5.17) revela que a recorrência do PPC é acentuada quando em verbos estativos (27%), ao passo que se acentua ainda mais o PPS em verbos de *achievement* (93%). Notemos que essa tipologia verbal recupera os traços aspectuais de “duração” e “pontualidade”, respectivamente.

Tabela 5.17: Do cruzamento do fator “marcador temporal durativo” e do grupo de fatores “modo de ação” na expressão do antepresente específico em Buenos Aires

		Achievem.		Accompl.		Ativid.		Estado		Total
Marcador “durativo”	PPC	2	7%	2	13%	0	0%	6	27%	10
	PPS	26	93%	13	87%	8	100%	16	73%	63
		28	100%	15	100%	8	100%	22	100%	73

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Conforme anteciparam os percentuais da Tabela 5.17, o estudo das características aspectuais da base verbal oferece alguns indícios que permitem associar o uso do PPC à expressão de um valor de continuidade. Nos dados da Tabela 5.16, encontramos um percentual de uso do PPC pouco mais intenso com verbos atéticos (seis casos/19%) e durativos (nove casos/17%), como exemplificam os enunciados (33) e (37). Por outro lado, a forma simples tem seu percentual de uso incrementado justamente em contextos opostos, isto é, com verbos téticos e pontuais, como em (31) e (38).

- (37) *Los últimos días han sido bastante penosos ¿no? <B5>.*
- (38) [...] *hemos dejado una base enorme el año pasado y que ahora le llegaron un montón de jugadores que son de nivel óptimo <B6>.*

O modo de ação parece ser o grupo de maior influência sobre a variável dependente (Tabela 5.16), posto que a recorrência de uso do PPC com verbos estativos (26%) mostra-se mais expressiva e o peso relativo desse fator sobre o uso da forma composta é de [.78]. Notemos que o *range* do peso relativo desse grupo de fatores é de 53.

O enunciado (37) mostra o uso do PPC com verbo estativo. Do mesmo modo, o enunciado (33) – exposto novamente a seguir – explicita o predomínio do PPC no contexto de duração, visto que se recorre a essa forma com um verbo estativo (“*hemos tenido una distinción*”) para se referir a uma situação que ainda

perdura, de algum modo, no momento de fala. A repercussão dessa situação no presente é destacada pelo estado de felicidade em que se encontra o enunciador (“*estoy feliz*”). Por outro lado, no mesmo enunciado, observa-se o uso do PPS (“*nos eligieron*”) para fazer referência a uma ação pontual e tética (*achievement*) que, como tal, não persiste até o momento de fala. Ainda sobre o modo de ação, a Tabela 5.16 indica que os verbos de *achievement* ocorrem com maior frequência no PPS (93%).

- (33) *Estoy feliz [en los últimos días] porque hemos tenido una distinción maravillosa ya que nos eligieron cómo tesis final de la carrera de artes de la UBA* <B3>.

A observação dos fatores pertencentes ao sujeito gramatical revela que, nos dados bonaerenses relativos ao AP específico, há uma maior recorrência percentual do PPC na segunda pessoa (25%), fator que parece favorecer o uso da forma composta, considerando seu valor de peso relativo: [.95]. Por sua vez, o PPS parece ocupar lugar de maior destaque na primeira e terceira pessoas, de tal modo que, nesse contexto de análise, também não é possível encontrar uma relação entre o PPC e o uso com valor enfático na primeira pessoa.

A escassez de dados parece comprometer também o estudo do número do sujeito e do complemento verbal, de tal maneira que os valores percentuais e de peso relativos mostram-se divergentes. Se considerarmos apenas os pesos relativos, identificamos um aparente favorecimento da forma composta com um traço “singular” em ambos os argumentos do verbo. Dessa maneira, parece pouco provável que o fator “pluralidade” possa favorecer o uso do PPC com valor de continuidade.

Sobre a tipologia de orações, destaca-se a maior ocorrência de ambas as formas em orações afirmativas – justamente por ser o tipo não marcado de oração e, como tal, também o mais recorrente na língua. No entanto, é pertinente destacar a relevância que as orações interrogativas parecem exercer sobre o uso do PPC, já que o seu percentual de uso nesse contexto frasal é de 25%, com peso relativo de [.59]. Por sua vez, nenhum caso do PPC foi encontrado no contexto de negação, mas exclusivamente a forma simples – como em (39).

- (39) *¿Has visto una película con Richard Gere? Yo no la vi [todavía]* <B1>.

(40) *Carlos, es inevitable preguntarte por el partido del domingo, que vas a enfrentar a Carlos Bianchi. ¿Cómo que te ha ido [en los últimos días]? <B7>.*

A observação do contexto interrogativo – em (39) e (40) – permite entender a possível causa do favorecimento da forma composta em detrimento da simples nesse contexto frasal. Conforme se nota em (39), o enunciador vale-se da forma composta (“*has visto*”) para se referir a uma “ação potencialmente efetivada” dentro da referência temporal instaurada indiretamente: período desde quando o filme foi lançado até o MF, quando ainda permanece em cartaz. Por se inserir em contexto de interrogação, sabemos que o enunciador não tem conhecimento da efetiva realização da ação por parte de seu interlocutor.

Em contrapartida, o enunciador pode afirmar com segurança sobre aquilo que conhece: sua própria experiência, de modo que se vale do PPS (“*vi*”) para se referir a uma situação passada definida – no caso, a ausência dela. É nesse sentido que Rodríguez Louro (2009) define que o PPC é utilizado na variedade portenha para fazer referência a situações passadas genéricas/indefinidas, ao passo que o PPS é usado para referenciar uma situação passada específica e definida. Na mesma direção, em (40), encontramos novamente o PPC fazendo referência a uma situação desconhecida (pouco definida) para o enunciador – que se questiona sobre como seu entrevistado tem lidado com a expectativa anterior ao jogo.

Por fim, a análise das variáveis extralinguísticas mostra a maior ocorrência do PPC entre homens (dez de 11 casos) – fator com maior percentual e peso sobre o uso do PPC (16%/[.73]) –, ao passo que a forma simples é ainda mais recorrente entre as mulheres (95%). Em complemento, o valor de *range* desse grupo (67) mostra a pertinência da variável gênero/sexo para o estudo da forma composta. Em outros termos, uma vez que a forma simples mostra-se mais frequente entre as mulheres, é possível pensar que o PPS integra a norma de prestígio na expressão do AP específico em Buenos Aires. Esse comportamento é ainda mais evidente se consideramos o alto percentual geral do PPS nesse contexto de análise.

Quanto à faixa etária, observamos que, quanto mais velho é o falante, maior é a incidência do uso da forma composta, de tal maneira que não se observa o PPC na fala de menores de 35 anos e se nota o aumento no percentual de uso dessa forma entre falantes maiores de 55 anos ([.54]/20%). Com um comportamento inversamente proporcional, o PPS torna-se absoluto entre os mais jovens e pouco menos recorrente entre os mais velhos (80%). Essa configuração parece indicar que

o PPC passa por um processo de desuso na expressão do AP específico à medida que o PPS mantém-se mais favorecido pela norma bonaerense.

Para concluir, o PPS comporta-se como a forma de prestígio na expressão do AP específico em Buenos Aires, o que é evidenciado não apenas pelo alto percentual de ocorrência, mas também pelo favorecimento na fala feminina e pelo uso aparentemente absoluto entre os jovens. Por sua vez, o PPC apresenta um comportamento que caracteriza estruturas em vias de desaparecimento, isto é, menos recorrentes, de modo geral, e favorecido por falantes mais velhos. Quanto ao funcionamento, identificamos um uso levemente acentuado do PPC em contextos que possibilitam uma leitura continuativa (verbos atéticos e durativos), ao passo que o PPS é mais favorecido com verbos télicos e pontuais. Por fim, a observação da recorrência do PPC em orações interrogativas mostra seu uso referindo-se a situações genéricas e potenciais ocorridas em uma extensão temporal menos definida.

5.1.2.2 Análise multivariada da expressão do AP específico em San Miguel de Tucumán

A Tabela 5.18 sintetiza a análise multivariada dos dados encontrados no contexto de AP específico do *corpus* compilado de San Miguel de Tucumán.

Como exemplificam os enunciados (41) e (42), o PPC tem seu percentual incrementado com a presença explícita de marcadores temporais com traço aspectual de duração (“*hoy en día*”, “*en estos diez años*”), os quais, como sabemos, favorecem uma leitura continuativa das situações descritas (“*me ha hablado*”, “*se ha transformado*”).

(41) *Hoy en día me ha hablado mucha gente, felicitándome porque es Plan Magazine* <T8>.

(42) *Creo que en estos diez años Tucumán se ha transformado* <T7>.

Tendo em vista a intensa recorrência de marcadores com valor durativo no âmbito de AP específico (Tabela 5.11), naturalmente encontramos uma maior quantidade de casos da forma composta com marcadores temporais com esse sentido (63 casos dos 74). Contudo, uma análise mais refinada – proveniente do cruzamento entre os dados referentes ao fator “marcador de tempo durativo” e ao grupo de fatores “modo de ação” (Tabela 5.19) – revela que a recorrência do PPC é ainda mais acentuada com verbos estativos (69%) e de atividade (77%). Por sua vez, aumenta o índice de recorrência do PPS com verbos de *achievement* (41%).

Essa tipologia verbal identifica o uso mais recorrente do PPC com verbos durativos e do PPS com verbos com traço aspectual de “pontualidade”.

Tabela 5.18: Da análise multivariada na expressão do antepresente específico em San Miguel de Tucumán

GRUPOS DE FATORES				Nº.	% PPC	Total Nº.	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	0	0%	3	–
			Durativo	63	65%	97	[.48]
			Conclusivo	6	86%	7	[.74]
			Indeterminado	5	100%	5	–
		Presença	Explícito	23	77%	30	[.71]
			Implícito	51	62%	82	[.42]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	44	61%	72	[.48]
			Atélico	30	75%	40	[.53]
		Duração	Pontual	28	61%	46	[.50]
			Durativo	46	70%	66	[.50]
		Modo de ação	Achievement	28	61%	46	[.44]
			Accomplishment	16	61%	26	[.31]
			Atividade	17	77%	22	[.62]
			Estado	13	72%	18	[.72]
	SUJEITO	Pessoa	1ª	18	62%	29	[.45]
			2ª	4	100%	4	–
			3ª	51	69%	74	[.52]
		Número	Singular	30	59%	51	[.38]
			Plural	43	77%	56	[.62]
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	18	62%	29	[.52]
			Plural	12	66%	33	[.55]
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	68	67%	102	[.52]
			Negativa	3	43%	7	[.22]
			Interrogativa	3	100%	3	–
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino		28	61%	46	[.54]
		Feminino		46	70%	66	[.47]
	IDADE	Até 35 anos		22	54%	41	[.45]
		36 – 55 anos		46	72%	64	[.50]
		Mais de 55 anos		6	86%	1	[.68]

Input: .67

Log-Likelihood: [53.397]

Total Nº.=74/112 (66%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tabela 5.19: Do cruzamento entre o fator “marcador temporal durativo” e o grupo de fatores “modo de ação” na expressão do antepresente específico em San Miguel de Tucumán

		Achievem.		Accompl.		Ativid.		Estado		Total
Marcador “durativo”	PPC	24	59%	11	61%	17	77%	11	69%	63
	PPS	17	41%	7	39%	5	23%	5	31%	34
		41	100%	18	100%	22	100%	16	100%	97

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O PPC, junto com os demais tipos de marcadores temporais, apresenta um comportamento quase que categórico quando modificado por construções temporais com valor conclusivo (86%) e indeterminado (100%). Em especial, o peso relativo atribuído ao marcador conclusivo evidencia a incidência desse fator sobre o uso do PPC ([.74]). Ambos os comportamentos podem ser observados nos enunciados (43) e (44), respectivamente:

- (43) *Ya ha habido caso [en este gobierno] que cuando se hicieron las denuncias, en la manera correcta, tuvieron que renunciar algunos funcionarios [...] <T7>.*
- (44) *Yo pienso que ha llegado un momento [en los últimos días] en que se ha sentido acorralado <T6>.*

Em (43), o uso da forma composta (“*ha habido*”) com o advérbio “*ya*” parece destacar uma situação que foi corrigida de maneira justa pelo governo ao qual pertence o enunciador – colocando em evidência, no momento de fala, a idoneidade da gestão política defendida. Quanto às ocorrências do PPC no enunciado (44), identificamos um uso fazendo referência a situações menos especificadas quanto à concretude de suas realizações e do tempo em que efetivamente teriam ocorrido. Esses traços ficam marcados tanto pela explicitação do advérbio “*un momento*” como pelo posicionamento opinativo do enunciador (*yo pienso*), que instaura uma visão hipotética e subjetiva. Desse modo, parece que o PPC pode fazer referência a situações mais genéricas também nessa variedade diatópica.

Por sua vez, apesar de também ocorrer com frequência significativa com marcadores temporais de valor durativo, o PPS destaca-se percentualmente pelo uso categórico com marcadores estritamente temporais. Esse é o uso em (45):

(45) [...] ahora volvió con su novia... Com Micaela. <T9>.

Atentando-nos às características aspectuais da base do verbo, identificamos novamente que o PPC tem seu índice incrementado com verbos atélcos (75%) e durativos (70%), o que fica especialmente evidenciado com o estudo do modo de ação, posto que os “estados” (72%/[.75]) e as “atividades” (77%/[.61]) apresentam percentual e peso relativo mais relevantes para o uso da forma composta. Posto que os traços aspectuais de atelicidade e duração da base verbal incidem mais sobre o uso do PPC, novamente conseguimos demonstrar – considerando agora uma quantidade mais substancial de dados – o favorecimento da forma composta em contextos que aportam um sentido de continuidade.

(46) [...] *agradecerles a todos los otros dirigentes que honestamente y osadamente han colaborado, tal cual han hecho los empleados durante mi gestión* [...] <T5>.

(47) A: *Diputada, usted conoce el laburo del congreso. Usted es diputada nacional.*

B: [...] *no todos juegan limpio, eh... a veces uno va con esa ingenuidad de que uno va con todas las reglas del juego y allá las cosas no son así, y lo hemos vivido en carne propia [en estos años en la legislatura]* <T7>.

Em (46) e (47), observamos o PPC em verbos de “atividade” (“*han colaborado*”) e de “estado” (“*hemos vivido*”), fazendo referência a situações que persistem até o momento de fala. Em complemento, os respectivos marcadores temporais (“*durante mis gestión*” e “*en estos años*”) evidenciam essa percepção continuativa.

Conforme se observa nos dados da Tabela 5.18, a forma simples também pode ocorrer em contextos que favorecem uma leitura continuativa, isto é, com marcadores de tempo durativos e/ou com verbos marcados pelo traço de duração – tal como lemos em (48). Contudo, o que salta aos olhos no exame dos dados expostos na Tabela 5.18 é que, mesmo havendo essa possibilidade de ocorrência, a forma simples é especialmente favorecida com fatores que cooperam para a construção de um sentido não continuativo, ou seja, com verbos télicos e pontuais (de *achievement* e de *accomplishment*) e com marcadores temporais sem valor

durativo, como observamos no enunciado (49), em que “*empecé*” não permanece até o MF.

- (48) *A: [...] se critica mucho a este modelo, [...] uno lo que escucha mucho es el tema de la corrupción [...]. ¿Cuál es el mensaje desde el oficialismo a esa pregunta?*
B: Mire, yo he visto infinidades y escuché infinidades de denuncias que se hicieron [durante este gobierno/este modelo]. <T7>.
- (49) *Bueno, yo que empecé un curso con él ahora en Buenos Aires <T9>.*

A análise das características da categoria do sujeito gramatical mostra uma maior recorrência do PPC na terceira pessoa (64%/[.52]) e seu uso exclusivo nos poucos dados existentes de segunda pessoa (quatro casos). O PPS, por sua vez, destaca-se pelo aumento na recorrência em primeira pessoa (38%). Percentualmente, o traço de “pluralidade” (77%) aponta uma maior recorrência do PPC em detrimento do PPS – característica que é evidenciada pelo peso relativo que esse fator possui sobre o uso do PPC ([.62]). Se efetuamos o cruzamento dos dados provenientes desses dois grupos de fatores (Tabela 5.20), identificamos um substancial aumento percentual no uso da forma composta (87%) quando combinada à “primeira pessoa” e ao traço de “pluralidade”.

165

Tabela 5.20: Do cruzamento do grupo de fatores “pessoa gramatical” com o grupo de fatores “número do sujeito” na expressão do antepresente específico em San Miguel de Tucumán

		1ª pes.		2ª pes.		3ª pes.		Total
Plural	PPC	13	87%	1	100%	29	72%	43
	PPS	2	13%	0	0%	11	28%	13
Singular	PPC	5	36%	2	100%	23	66%	30
	PPS	9	64%	0	0%	12	34%	21

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Conforme observamos no enunciado abaixo, é possível que o alto percentual do PPC decorrente do cruzamento desses dois fatores permita identificar, nesse contexto específico, seu uso para enfatizar uma experiência vivenciada pelo próprio enunciador juntamente de seus pares. Assim, em (50), o enunciador ressalta a eficiência da administração à que pertence por meio do uso do PPC, fazendo

referência a uma medida, implementada por sua gestão, da qual já se colhem frutos (“*diplomas*”).

- (50) [...] *durante este año y medio, es muy conocida la posición de Federación en defensa de los intereses empresarios [...]. Hemos iniciado [en este período] el departamento de Capacitación que hoy, en horario de la tarde, se va a entregar los primeros diplomas* <T3>.

A análise do número dos complementos verbais aponta novamente que a forma composta é mais recorrente com complementos “plurais” (66%). Em contrapartida, a forma simples mantém-se mais recorrente com complementos singulares (38%) – contexto menos aberto à leitura continuativa, como já se observou em (49), por exemplo.

A maior recorrência da forma composta com sujeito e complemento com valor plural possibilita que o PPC ofereça uma leitura mais durativa das situações descritas. Tanto que, em (51), pressupomos que a situação (“*nos han imitado*”) tenha se prolongado por mais tempo, já que são vários os países envolvidos (“*grandes potencias*”). Na mesma direção, em (52), ao dizer que o governo realizou mais de um projeto (“*ha hecho cosas buenas*”), inferimos que a situação demanda mais tempo para se efetivar do que a realização de uma ação pontual.

- (51) [...] *grandes potencias [durante este gobierno/modelo] nos han imitado. Me parece que está buenísimo [...]. Pero se critica mucho a este modelo [...], uno lo que escucha mucho es el tema de la corrupción [...]* <T7>.
- (52) *Creo que en estos diez años Tucumán se ha transformado [...]. Si hablás de profundizar un modelo que ha hecho [en estos diez años] cosas buenas y que tiene cosas por corregir, bueno. Ha hecho cosas buenas y tiene que corregir lo que se hizo mal* <T7>.

Dirigindo-nos aos tipos de orações marcados, destaca-se que os únicos três casos encontrados em orações interrogativas são da forma composta, contexto que, conforme verificamos em (53), propicia a referência a uma situação menos específica no passado (já que é desconhecida pelo enunciador). A julgar pelo peso relativo e percentual, a polaridade negativa parece se apresentar como o fator que

menos favorece, dentro desse grupo de fatores, o uso do PPC. De todo modo, conforme observamos em (54), parece que a negação pode também permitir uma leitura continuativa nesse contexto de análise.

(53) *¿Qué se viene por este año? [...] Tenés [...] el piel a piel con los famosos. ¿Cuál ha sido el más jodido que te ha tocado [este año]? <T8>.*

(54) [...] en los últimos veinticinco años, la infraestructura sanitaria en la provincia de Tucumán no se ha incrementado <T5>.

O PPS, por sua vez, mostra-se mais recorrente percentualmente em orações negativas. Porém, ao menos no enunciado (55), não conseguimos observar a composição do sentido continuativo atrelado ao uso do PPS – como foi possível no enunciado (54).

(55) [...] *tengo dos imágenes de mi viejo. A ver: empezó el show y había treinta personas afuera... mirando de afuera la canción. [...] Y que mi viejo diga: Ya está. Se vendió. Lo que no se pudo [hasta ahora], bueno, no se vendió. Entremos gente que realmente no puede <T8>.*

167

Ao nos dirigirmos à análise das variáveis extralinguísticas, observamos que, conforme aumentamos a faixa etária dos falantes, maior é a recorrência da forma composta, de tal maneira que o peso relativo atribuído à população maior de 55 anos ([.68]) indica que o PPC é especialmente favorecido nesse grupo etário. Entretanto, a forma composta pode ter seu uso futuramente diminuído à medida que a população mais nova substitua a população mais velha e transmita seu padrão de uso às próximas gerações.

Por outra parte, a observação do PPS nos diferentes grupos etários revela um comportamento inverso, isto é, há maior recorrência dessa forma entre os mais jovens (46%), percentual que vai diminuindo no grupo dos falantes de 36 a 55 anos (28%), até alcançar a menor taxa entre os mais velhos (14%). Essa tendência indica que o PPS pode ter seu uso incrementando à proporção que a população mais jovem envelheça e leve consigo sua norma de uso. A maior recorrência do PPS na fala masculina (39%), aliada a um percentual geral menor que o PPC (34%),

pode ser um indício de que o PPS ainda não alcançou, em San Miguel de Tucumán, um estado de prestígio como o do PPC na expressão do AP específico.

A síntese da análise dos dados do âmbito de AP específico nessa variedade revela, pela primeira vez, o PPC sobrepondo-se, de modo geral, ao PPS. O PPC parece apresentar um comportamento mais conservador e de prestígio, posto que, além da alta frequência percentual, é mais comum entre o público feminino e tende a ser ainda mais recorrente conforme aumentamos a idade dos informantes. Funcionalmente, o PPC é favorecido por uma leitura continuativa, mostrando-se mais recorrente com verbos atélcos e durativos e com sujeito e/ou complemento verbal com informação de pluralidade. Além disso, a análise indicou que a forma composta é favorecida com marcadores temporais de valor conclusivo, fator que possibilita uma leitura de relevância presente. Finalmente, o uso recorrente do PPC em orações interrogativas e com marcadores de tempo indeterminado apontam o uso dessa forma fazendo referência a situações genéricas ocorridas em um passado menos definido.

Quanto ao PPS, parece que seu favorecimento se dá justamente em contextos menos marcados por uma leitura continuativa, isto é, com marcadores temporais sem marca de duração, com verbos télicos e pontuais (*achievement* e *accomplishment*), e com sujeito e/ou complemento verbal singulares. Além disso, tendo em vista sua maior recorrência entre os homens e a população mais jovem, parece que essa forma ainda está em processo de ascensão nesse contexto de análise, podendo, futuramente, superar o uso do PPC.

5.1.3 A expressão do antepresente ampliado

A terceira delimitação da categoria geral do antepresente é resultante da maior dilatação da abrangência da referência temporal (MR) que envolve tanto a situação descrita como o momento de enunciação. Esse alargamento é tamanho que pode trazer explícita ou pressuposta uma referência equivalente a todo o período de vida de um indivíduo ou a uma longa fase de sua existência. Esse é o caso, por exemplo, dos enunciados (59), (60) e (61), nos quais os respectivos marcadores “*en tu vida*”, “*los cincuenta y siete años de vida*” e “*nunca*” demonstram essa amplitude do âmbito de referência. Por sua vez, “*siempre*”, em (56), tem sua limitação de alcance imposta pelo conhecimento veiculado pela situação de enunciação, segundo a qual somos informados de que o enunciador se refere ao período em que atuou, desde criança, como jogador no clube Real Madrid. De igual maneira, as informações dispostas na totalidade do texto do qual se retirou o enunciado (58) explicam

que o marcador temporal “*alguna vez*” limita-se ao período de vida profissional, a partir de quando o enunciatário começa a atuar como treinador de futebol. Segundo descreve o estado da arte, dita amplitude temporal, vinculada com outras características sintático-semânticas, coopera para a atribuição de uma maior indeterminação temporal a esse subâmbito do antepresente. Esse é o caso, por exemplo, da existência de sujeito plural (56, 60), de complemento ou predicativo plural (57), de sentenças interrogativas (58 e 59), entre outros.

(56) *Madri: Bueno, siempre hemos tenido buena relación ¿No? Ha habido buena relación con españoles, canteranos, eh... Cristiano [...]* <M1>.

(57) *Madri: Santiago Zannou ha sido dependiente, camarero. Incluso, intentó ser futbolista profesional* <M7>.

(58) *Buenos Aires: ¿Te has enfrentado alguna vez con Carlos, ya? En dirección técnica, obviamente* <B7>.

(59) *Buenos Aires: ¿Qué click pasó en tu vida que dijiste: “Bueno, ¡Sí! Ahora me largo”?* <B3>.

(60) *San Miguel de Tucumán: [...] veintitrés presidentes exactamente hemos conducido la casa [durante] los cincuenta y siete años de vida* <T3>.

(61) *San Miguel de Tucumán: Tanto tiempo al aire. Radio número uno. Por qué nunca hubo un sorteo de acá ¿no?* <T8>.

A observação dessa concepção temporal nos três *corpora* diatópicos revela um aumento percentual na ocorrência explícita de construções de temporalidade. Ou seja, o índice que iniciou, no AP imediato, em 19% de ocorrências explícitas, alcança, no AP ampliado, um percentual de 41%. É provável que esse incremento se deva à necessidade de melhor definir o contexto temporal cuja referência ampliada abre naturalmente precedentes para uma maior ambiguidade interpretativa – podendo gerar, na ausência do marcador temporal, dificuldade para definir a situação descrita como pertencente ao AP ampliado ou ao PA, por exemplo.

O levantamento das construções temporais próprias do AP ampliado resulta na seguinte listagem: “a lo largo de la historia/carrera/vida”, “en un momento de la vida/historia”, “alguna vez/ocasión en la vida”, “en mi vida/trayectoria”, “nunca”, “siempre”, “en algún momento”, “en mi largo recorrido/carrera”, “desde (entonces/pequeño/la infancia).... hasta ahora”, “durante los años”, “llevo

~ años”; “con el tiempo/los años”, “a medida que”, “toda la vida”, “durante muchos años”, “una vez”.

Tabela 5.21: Dos marcadores temporais no antepresente ampliado

Valor	Nº.	%
Conclusivo	4	2%
Durativo	187	74%
Indeterminado	60	24%
Total	251	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A análise da tipologia dessas expressões de temporalidade (Tabela 5.21) mostra uma semelhança entre os subâmbitos de AP específico e AP ampliado no que diz respeito à maior recorrência de construções de valor aspectual durativo (74%). No entanto, particular a esse contexto temporal é a ausência de marcadores estritamente temporais e o expressivo aumento de expressões com valor temporal indeterminado (24%) nos três *corpora* diatópicos. Finalmente, como também observado nos demais subâmbitos do antepresente, destaca-se a tímida recorrência de advérbios com valor conclusivo. A título de exemplo, observam-se os três tipos de expressões temporais nos seguintes enunciados:

- (62) *Durativo: Hay perros en mi casa porque toda la vida lo hubo, porque mis hijos han querido perros [...]* <B1>.
- (63) *Indeterminado: No solamente en el matrimonio de mis padres, sino algunas veces cuando yo he tenido alguna relación con alguna chica blanca [...]* <M7>.
- (64) *Conclusivo: Esta es una elección que va a marcar un antes y un después de cara [...] puede ser que pase como ya ha pasado en elecciones legislativas [...]* <T7>.

Atendo-nos ao estudo dos traços aspectuais das bases verbais no âmbito de AP ampliado, pela primeira vez identificamos uma porcentagem de uso maior de formas atéticas – ainda que restrita apenas aos *corpora* diatópicos de Madri e San Miguel de Tucumán (Tabela 5.22). Especificamente no *corpus* de Buenos Aires, no entanto, observa-se um uso próximo ao já descrito para o contexto de AP específico, isto é, ainda com maior recorrência de formas téticas (65%).

Tabela 5.22: Da telicidade no antepresente ampliado

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
Télico	51	39%	48	65%	18	38%	117	47%
Atélico	79	61%	26	35%	29	62%	134	53%
Total	130	100%	74	100%	47	100%	251	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O estudo do modo de ação dos verbos recorrentes no AP ampliado (Tabela 5.23) também apresenta cenários diversificados conforme o *corpus* analisado. De um lado, nos *corpora* de Madri e de San Miguel de Tucumán, os “estados” figuram pela primeira vez com maior percentual; de outro, Buenos Aires segue mantendo o *achievement* como o modo de ação mais recorrente, seguido pelo *accomplishment*. As duas primeiras variedades também recorrem com uma frequência significativa às atividades, reafirmando a percepção durativa no âmbito de AP ampliado. Por manter um comportamento particular, a variedade bonaerense deverá ter o contexto de AP ampliado mais bem compreendido no momento de se buscar as relações entre as características desse âmbito e o estudo da formas do *pretérito perfecto*.

Tabela 5.23: Dos modos de ação no antepresente ampliado

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
Achievement	35	27%	27	36%	13	28%	75	30%
Accomplishment	16	12%	21	28%	5	11%	42	17%
Atividade	32	25%	7	10%	11	23%	50	20%
Estado	47	36%	19	26%	18	38%	84	33%
Total	130	100%	74	100%	47	100%	251	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Mantendo o cotejamento com os subâmbitos temporais anteriores e também procurando estabelecer relações entre as características e finalidades do gênero entrevista radiofônica com os traços linguísticos observados em enunciados pertencentes ao âmbito de AP ampliado, encontramos nesse contexto temporal uma preferência por sujeitos de terceira pessoa (Tabela 5.24), assim como já observado no AP específico. Essa característica também coloca o AP ampliado em situação aparentemente menos favorável para o estudo da relevância da primeira e segunda pessoas no uso das formas do *pretérito perfecto*.

Tabela 5.24: O sujeito gramatical no antepresente ampliado: pessoas do discurso

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
1ª pessoa	37	28%	21	25%	14	30%	72	29%
2ª pessoa	23	8%	5	10%	6	13%	34	14%
3ª pessoa	63	58%	46	59%	25	53%	134	53%
Outros ⁵⁴	7	6%	2	6%	2	4%	11	4%
Total	130	100%	74	100%	47	100%	251	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Antes de nos dirigirmos à observação efetiva do comportamento das formas do *pretérito perfecto* nesse contexto temporal, recordamos que a norma-padrão, em sua maior parte, prevê o uso do PPC ocorrendo nesse contexto temporal. Como descreve apenas a *Nueva gramática de la lengua española* (RAE, 2009, 2010), é possível encontrar também a forma simples ocorrendo no âmbito de AP ampliado. De fato, conforme mostram os dados da Tabela 5.25, notam-se nos três *corpora* diatópicos as formas do *pretérito perfecto* coocorrendo em diferentes proporções.

Tabela 5.25: Da expressão do antepresente ampliado nas três variedades diatópicas

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán	
PPC	126	97%	33	45%	32	68%
PPS	4	3%	41	55%	15	32%
Total	130	100%	74	100%	47	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Em Madri, aparentemente, inicia-se nesse subâmbito do antepresente a possibilidade de se valer também do PPS. Como se observa, há apenas quatro casos (3%) de forma simples nesse contexto, em oposição aos 126 casos (97%) da forma composta. Tendo em vista a baixa ocorrência do PPC, passemos a uma análise pontual dos casos encontrados:

- (65) *Bueno, a mí siempre me gustó Inglaterra. Eh... pero Alemania_últimamente, pues es un fútbol que me gusta mucho <M1>.*
- (66) *[...] no hay muchos que puedan decir que empezaron con nueve años en la cantera de Real Madrid y acabaron jugando como titulares en Real Madrid <M1>.*
- (67) *La suerte de poder dedicar su vida a lo que más le gusta que es diseñar coches. Para eso estudió eh... A lo largo de su vida, por*

⁵⁴ Incluímos em “outros” os casos de sujeito inexistente ou de sujeitos oracionais.

otra parte, ha hecho estudios, por ejemplo, superiores de diseño de coches en la Royal College of Art <M5>.

- (68) [...] *como director, encontré dentro de una persona que llevaba cuarenta años sin estar en su tierra una historia magnífica ¿no? Para poder trasladar a las pantallas <M7>.*

Há certa dificuldade em proceder à delimitação exata do momento tomado como referência para a classificação dos enunciados como pertencentes ao AP ampliado ou a outro contexto temporal. Evidentemente que, devido à abrangência desse âmbito temporal, é natural que se abram precedentes para uma leitura ambígua por parte do investigador.

No enunciado (65), ao usar o advérbio “*siempre*” para caracterizar a permanência do apreço pela seleção de futebol inglesa (“*me gustó Inglaterra*”), o enunciador aparentemente estabelece uma relação do estado que teve início num passado remoto e que parece se estender até o presente da enunciação, caracterizando, desse modo, o AP ampliado. Entretanto, ao conectar a segunda frase (“*pero a Alemania últimamente [...]*”), o enunciador aparenta criar uma relação de oposição temporal (*pero*) instaurando uma situação nova, efetivamente observada no momento de fala. Em outros termos, ao instaurar a referência “*últimamente*”, antecedida pela conjunção adversativa “*pero*”, a vigência da referência temporal instaurada por “*siempre*” parece poder estar limitada a algum momento anterior ao ato de enunciação, permitindo, por sua vez, a interpretação de que o “*me gustó Inglaterra*” insere-se, na verdade, na concepção de passado absoluto.

Na mesma direção, observamos, no enunciado (66), o locutor refletindo sobre a possibilidade de outras pessoas terem a mesma experiência de vida que possuiu o entrevistado – quem teve a oportunidade de ser um jogador do *Real Madrid* dos 9 anos de idade até o momento quando se enuncia? Dentro dessa leitura, há um claro delineamento do âmbito de AP ampliado, no qual se insere “*acabar*”. Contudo, ao nos inteirarmos, no avançar do texto, de que o enunciador havia sido demitido momentos antes de conceder a entrevista, indagamos se, de fato, ele assume a referência de AP ampliado ou se associa a experiência a uma referência temporal já terminada ao enunciar, isto é, ao passado absoluto – favorecendo o uso da forma simples (“*acabaron*”).

Essa ambiguidade também pode ser identificada em (67), posto que, em uma leitura inicial, encontramos a possibilidade de associar o PPS (*estudió*) ao passado absoluto – no qual se insere o “período de formação acadêmica” do enunciatário.

Todavia, após uma pausa na fala do enunciador (“[...] *para eso estudió eh...*”), deparamo-nos com a construção temporal “*a lo largo de su vida*”, permitindo tratar o “estudo” como uma experiência persistente até o estágio atual de vida do enunciatário, ou seja, pertencente ao AP ampliado⁵⁵. É importante destacar que a pausa entoacional observada entre “*estudió*” e a continuidade do enunciado poderia indicar, por exemplo, uma reorganização da fala e um consequente rearranjo da linha temporal assumida como referência.

Finalmente, em (68), verificamos um fragmento em que um diretor de cinema comenta o documentário que acabou de lançar, no qual a vida de seu pai é retratada. Desse modo, ao classificarmos o enunciado como pertencente ao AP ampliado, assumimos que a expressão “*como director*” faz referência a todo o período de experiência profissional em que o enunciador desempenhou essa função – o que, obviamente, envolveu o encontro (“*encontré*”), a gravação do documentário e o momento em que enuncia. Não obstante, é possível pensar que, na verdade, o enunciador refere-se a um momento específico já terminado, isto é, quando atuou especificamente “como diretor” no documentário referido. Nesse caso, o enunciador estaria se valendo de uma referência passada e terminada (passado absoluto), já que o momento de sua atuação efetiva como diretor, a partir dessa perspectiva, já está encerrado quando se produz o enunciado em questão.

Em síntese, tendo em vista a natureza subjetiva que perpassa a determinação do ponto de vista temporal (referência), é natural encontrarmos, em alguns enunciados, um contexto temporal ambíguo que torna difícil determinar se o enunciador assume o AP ampliado ou o passado absoluto como referência. Apesar de apresentarmos esses quatro casos como pertencentes ao âmbito de AP ampliado, somos conscientes da possibilidade de que as situações descritas, na verdade, tenham sido concebidas originalmente como pertencentes ao passado absoluto. Por outro lado, a análise quantitativa dos dados poderia reforçar a segunda interpretação, posto que, conforme temos observado no *corpus* de Madri, há uma tendência forte a usar exclusivamente o *pretérito perfecto compuesto* no âmbito de antepresente – independentemente da amplitude da referência temporal assumida.

Se mantivermos, contudo, a decisão de associarmos essas quatro ocorrências do PPS ao âmbito de AP ampliado, identificaremos uma discreta inserção da forma simples no âmbito mais dilatado do antepresente. Ainda assim, tendo em vista a baixa recorrência de casos, torna-se difícil assegurar se há, de fato, um discreto

⁵⁵ O que se comprova com o uso da forma composta (“*ha hecho estudios*”) logo em seguida, para referir-se à ampla formação acadêmica pela qual passou o entrevistado “ao longo de sua vida”.

processo de variação entre as formas do PPS e do PPC ou se apenas se trataria de usos idiossincráticos, isolados. De todo modo, a observação da frequência de uso do PPC no AP ampliado do *corpus* de Madri não deixa qualquer dúvida de que também nesse subâmbito temporal o PPC tem um uso (quase) categórico – como se observa, por exemplo, nos enunciados (69) e (70):

(69) [...] *yo he estudiado música desde pequeñita pequeñita* <M8>.

(70) [...] *y siempre he tenido grupos, siempre he tenido bandas* <M9>.

Dirigindo nossa atenção às variedades argentinas, o âmbito de AP ampliado em Buenos Aires apresenta uma ampliação percentual expressiva no uso do PPC. Em contraste com a ausência da forma composta no AP imediato e com os 13% de uso no AP específico, identificamos, agora, 45% (33) de casos da forma composta – conforme ilustram os enunciados (71) e (72). No entanto, destacamos que a forma simples (55%) permanece como a mais recorrente na variedade portenha.

(71) *Anaía, yo era muy inquiero de chico, o sea que con los años también me he añejado y sigo siendo inquieto.* <B3>.

(72) *En mi larga carrera de actor he dirigido espectáculos musicales, como los del Carmen Flores* <B3>.

175 —

Em San Miguel de Tucumán, por sua vez, também é identificado um maior uso do *perfecto compuesto* no AP ampliado – como exemplificam os enunciados (73) e (74). Contudo, a recorrência da forma composta, no que se refere a San Miguel de Tucumán, já estava expressivamente marcada nos demais âmbitos temporais, alcançando, agora, seu maior estado de uso (68%) diante do PPS – forma que, por conseguinte, torna-se quantitativamente menos presente.

(73) *Una entidad que durante muchos años ha sido, sin dudar, la líder en el gremialismo empresario nacional* <T3>.

(74) *Desde capital, a lo largo de toda la historia, siempre a las provincias del norte nos han marginado* <T7>.

Devido à pequena quantidade de ocorrências do PPS no *corpus* de Madri e ao questionamento sobre o real contexto temporal no qual se inserem esses casos, examinaremos, apenas nas variedades argentinas, como as formas do

pretérito perfecto comportam-se diante dos fatores linguísticos e extralinguísticos previamente estabelecidos para nossa análise.

5.1.3.1 Análise multivariada da expressão do AP ampliado em Buenos Aires

A Tabela 5.26 sintetiza a análise multivariada dos dados encontrados no contexto de AP ampliado do *corpus* compilado de Buenos Aires. Como já descrito, verificamos, de modo geral, nesse subâmbito temporal uma preferência pela não explicitação da referência temporal por meio de marcadores temporais. Contudo, se nos ativermos aos contextos em que se observa uma construção temporal explícita no *corpus* de Buenos Aires, perceberemos que o uso do PPC é incrementado percentualmente, nivelando-se ao uso da forma simples (50%). Notemos ainda que o peso relativo atribuído a esse fator ([.72]) salienta sua relevância para o uso da forma composta.

Quanto à tipologia dos marcadores temporais, apenas os tipos durativo e indeterminado foram encontrados no *corpus* bonaerense – colocando de lado, pela primeira vez, construções temporais sem função aspectual marcada. Os enunciados (75) e (76), respectivamente, demonstram o uso do PPC nesses contextos.

(75) *En mi larga carrera de actor he dirigido espectáculos musicales, como los del Carmen Flores <B3>.*

(76) *En esta radio tan cálida que, bueno, he visitado varias veces, pero nunca había estado en el programa de ustedes <B3>.*

Segundo os dados da Tabela 5.26, há uma recorrência substancialmente maior do PPS com marcadores temporais de valor indeterminado (62%). Porém, uma análise mais refinada desse fator – decorrente do cruzamento de seus dados com o do grupo de fatores relativo ao traço aspectual de duração da base verbal (Tabela 5.27) – revela que a forma composta pode alcançar um percentual de 56% quando inserida em um contexto constituído por um verbo de traço durativo e por um marcador temporal indeterminado – como em (76) –, ao passo que a simples tem seu uso acentuado para 86% com verbos pontuais – como em (77).

(77) *Después me ganó creo que dos o tres veces de las veces que nos enfrentamos ¿no? También en Boca Vélez <B7>.*

Tabela 5.26: Da análise multivariada na expressão do antepresente ampliado em Buenos Aires

GRUPOS DE FATORES				Nº.	% PPC	Total N°.	Peso
LINGÜÍSTICO		Tipo	Durativo	27	47%	58	[.57]
			Indeterminado	6	38%	16	[.28]
		Presença	Explícito	13	50%	26	[.72]
			Implícito	20	42%	48	[.39]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	20	42%	48	[.50]
			Atélico	13	50%	26	[.51]
		Duração	Pontual	10	37%	27	[.50]
			Durativo	23	49%	47	[.50]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	10	37%	27	[.50]
			<i>Accomplishment</i>	10	48%	21	[.48]
			Atividade	2	29%	7	[.18]
			Estado	11	58%	19	[.68]
	SUJEITO	Pessoa	1ª	8	38%	21	[.37]
			2ª	2	40%	5	[.41]
			3ª	23	50%	46	[.57]
		Número	Singular	19	37%	51	.41
			Plural	14	67%	21	.69
			range				28
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	13	50%	26	[.52]
			Plural	6	46%	13	[.57]
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	29	47%	62	[.51]
			Negativa	1	14%	7	[.18]
			Interrogativa	3	60%	5	[.81]
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino		30	48%	62	[.59]
		Feminino		3	25%	12	[.14]
	IDADE	Até 35 anos		0	0%	2	–
		36 – 55 anos		18	50%	36	[.45]
		Mais de 55 anos		15	42%	36	[.55]

Input: .47

Log-Likelihood: 46.086 [37.532]

Total N°. =33/74 (45%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tabela 5.27: Do cruzamento do fator “marcador de tempo indeterminado” com o grupo de fatores “duração” na expressão do antepresente ampliado em Buenos Aires

		Durativo		Pontual		Total
Marcador Indeterminado	PPC	5	56%	1	14%	6
	PPS	4	44%	6	86%	10
		9	100%	7	100%	16

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Contudo, é o marcador temporal durativo que parece incidir mais sobre o uso do PPC ([.57]), contexto em que a forma composta apresenta um percentual de 47% e, desse modo, aproxima-se um pouco mais do índice de ocorrência do PPS (53%). A preferência pelo marcador temporal do tipo durativo parece reafirmar uma aproximação entre o uso do *perfecto compuesto* e um valor de continuidade.

Esse comportamento também é evidenciado pela maior recorrência do PPC com verbos atéticos (13 casos/50%) e durativos (23 casos/49%) – com especial destaque para os verbos estativos, cujo percentual (58%) e peso relativo ([.68]) evidenciam que esse fator favorece o uso da forma composta. Esse é o cenário exemplificado no enunciado (78), no qual a forma verbal conjugada no PPC refere-se a uma situação que ainda permanece no momento de fala (“*ha tenido la suerte*”). O valor continuativo, tal como ocorre em (75) e (78), é também reforçado pela expressão temporal durativa “*en mi (larga) carrera*”.

(78) *Cuando uno ha tenido la suerte, como en mi carrera, y haber trabajado al lado de las primeras figuras más importantes que hubo en el país [...] <B3>*.

Em condição inversa e a exemplo do que temos descrito nos demais contextos já analisados do antepresente, o *perfecto simple* parece se acomodar melhor com verbos pontuais (63%) e téticos (58%) – como apresenta o enunciado (77).

A observação, na Tabela 5.26, do fator pessoa gramatical identifica a maior recorrência da forma composta na terceira pessoa (50%) e da simples na primeira pessoa (62%). Desse modo, refuta-se a hipótese de que a função enfatizadora de uma situação vivenciada pelo enunciador por meio do uso do PPC acarretaria um aumento no índice de ocorrência dessa forma verbal.

Tabela 5.28: Do cruzamento do grupo de fatores “pessoa gramatical” com o grupo de fatores “telicidade” na expressão do antepresente ampliado em Buenos Aires

		1ª pes.		2ª pes.		3ª pes.		Total
Atélico	PPC	4	57%	0	0%	9	56%	13
	PPS	3	43%	1	100%	7	44%	11
Télico	PPC	4	39%	2	50%	14	29%	20
	PPS	10	64%	2	50%	16	71%	38

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Contudo, o cruzamento dos dados referentes aos grupos de fatores “pessoa gramatical” e “telicidade” (Tabela 5.28) indica que o percentual de uso do PPC (57%) na primeira pessoa supera o do PPS (43%) quando há um verbo atélico. A soma de um verbo atélico ao sujeito de primeira pessoa reforça, mais uma vez, o valor continuativo que parece acompanhar o PPC reiteradamente nesse contexto de análise.

Quanto ao “número” do sujeito gramatical, a análise quantitativa promovida pelo *Goldvarb Yosemite* seleciona esse grupo de fatores atribuindo maior peso relativo ao traço plural (.69), contexto que favorece a ocorrência do PPC (67%). Por conseguinte, o PPS apresenta maior recorrência de uso com sujeito singular (63%). Os enunciados (79) e (80) apresentam o uso do PPC e do PPS no contexto em que são mais recorrentes, tendo em vista o número do sujeito. Como se observa no enunciado (79), ao se referir a um grupo de pessoas (“*muchos compañeros*”) que padeceu ao longo da história, cria-se a percepção de que a situação referida se estende até próximo ao momento de enunciação – identificando, mais uma vez, o maior índice do PPC com um fator que favorece a leitura continuativa.

(79) *Nosotros sabemos que estamos luchando por muchos compañeros que han quedado en el camino [a lo largo de la historia][...] Tati siempre nos dice que la tarea de los organismos de derechos humanos [...]. Tienen la tarea de mantener vivo esto, porque si la gente se olvida, mira lo que pasa <B4>.*

(80) *[en un momento de la carrera] le vi talento y le vi materia para hacer <B3>.*

Na mesma direção, a análise do grupo de fatores referente ao número do complemento verbal afere um peso relativo para o traço “pluralidade” ([.57]), que

indica um leve favorecimento da forma composta com esse fator. Tendo em vista o valor relativamente próximo atribuído ao fator “singular” ([.52]), parece que esse grupo de fatores mostra-se menos relevante para o estudo da variação entre as formas do *pretérito perfecto*.

Quanto à tipologia frasal, destaca-se a maior recorrência da forma simples em orações negativas e o maior percentual de uso da forma composta em orações interrogativas – como em (81). Esse último dado merece uma atenção especial pelo peso relativo que o fator “oração interrogativa” recebe sobre o uso do PPC ([.81]).

(81) *¿Se han enfrentado alguna vez o esta es la primera vez?* <B7>.

O enunciado (81) evidencia que, também no AP ampliado, o PPC pode fazer referência a uma situação genérica e pouco definida quanto ao tempo em que ocorreu, porque o enunciador desconhece a efetividade do enfrentamento no passado, mas especula sobre possíveis encontros que possam ter ocorrido em uma ocasião desconhecida.

180 — Aparentemente, esse sentido também pode ser preservado no uso da forma simples, tanto que, em (82), o enunciador faz referência a um acontecimento até então potencial (*Qué click pasó*) – presumido pela situação atual do enunciatário –, sem saber à que situação pode estar se referindo concretamente, nem sequer o momento de sua realização. Contudo, é importante destacar o peso que tem esse fator na determinação do uso da forma composta em detrimento da simples, indicando que, nessa variedade diatópica, é o PPC que tem maior aceitabilidade em orações interrogativas quando inseridas no AP ampliado.

(82) *¿Qué click pasó en tu vida que dijiste: “Bueno, ¡Sí! Ahora me largo”?* <B3>.

Finalmente, o estudo das variáveis extralinguísticas segue indicando que, na variedade portenha, há maior recorrência do PPC entre homens (48%) – fator com maior peso relativo sobre o uso dessa forma ([.59]) na variável gênero/sexo –, enquanto a forma simples mantém-se mais recorrente entre as mulheres (75%). Tendo em vista que (i) o PPS ainda é a forma mais recorrente, de modo geral, na expressão do AP ampliado e (ii) que seu uso é ainda mais acentuado na fala feminina, parece possível afirmar que, a exemplo do observado no âmbito do AP

específico, o PPS é a forma de maior prestígio nessa variedade diatópica para a expressão do AP ampliado.

Quanto à faixa etária, observamos que, entre os falantes menores de 35 anos, apenas o PPS é encontrado, índice que diminui na fala dos maiores de 35 anos em diante. Por sua vez, o PPC apenas é identificado a partir dos 35 anos. Apesar do maior percentual da forma composta entre informantes com idade de 36 a 55 anos (50%), o peso relativo aferido pelo *Goldvarb Yosemite* identifica que o grupo de falantes com idade maior de 55 anos é o que mais favorece o uso do PPC ([.55]). Esses comportamentos parecem indicar uma tendência à diminuição no uso dessa forma à medida que ocorra um envelhecimento populacional. Recordemos que também no AP específico dessa variedade diatópica foi possível delinear o cenário apontado pela descrição das variáveis independentes no AP ampliado.

A síntese da análise multivariada dos dados do âmbito do AP ampliado em Buenos Aires aponta que a forma simples parece desfrutar de um *status* de maior prestígio, posto que (i) não apenas é a forma mais presente, de modo geral, nesse contexto de análise, mas parece se tornar ainda mais recorrente quando se observa a (ii) fala feminina e (iii) a população com idade intermediária. Numa propensão inversa, o PPC parece ser favorecido entre os homens e os falantes mais velhos, comportamento que, a exemplo do observado no AP específico e no trabalho de Kubarth (1992), pode ser indício de que a forma composta tenda à diminuição no uso à medida que se progrida na troca de gerações.

Quanto a seu funcionamento, a forma composta tem seu favorecimento marcado pelo uso de marcadores temporais explícitos e durativos, bem como por verbos atélcos e durativos, especialmente os estativos. Informações que, somadas ao dado do único grupo de fatores selecionado (número do sujeito) – no qual o PPC tem seu uso favorecido com o traço de “pluralidade” –, evidenciam o uso do PPC atrelado ao sentido de continuidade. Por outro lado, mesmo podendo ocorrer com fatores que viabilizam a leitura continuativa, percebe-se um claro favorecimento da forma simples com traços menos durativos, isto é, com verbos télcos e pontuais, especialmente de *achievement*, e com sujeito e complemento verbal singulares. Por fim, cabe destacar ainda o uso do PPC referindo-se a situações passadas genéricas e potencialmente ocorridas – comportamento que fica mais evidente em orações interrogativas e com marcadores de tempo indeterminado.

5.1.3.2 Análise multivariada da expressão do AP ampliado em San Miguel de Tucumán

Tabela 5.29: Da análise multivariada na expressão do antepresente ampliado em San Miguel de Tucumán⁵⁶

GRUPOS DE FATORES				Nº.	% PPC	Total Nº.	Peso	
LINGÜÍSTICO	FORMA BASE DO VERBO	Tipo	Durativo	19	73%	26	[.62]	
			Conclusivo	2	100%	2	–	
			Indeterminado	11	58%	19	[.38]	
		Presença	Explícito	10	67%	15	[.12]	
			Implícito	22	69%	32	[.65]	
		Telicidade	Télico	11	61%	18	[.47]	
			Atélico	21	72%	29	[.52]	
			Duração	Pontual	9	69%	13	[.54]
				Durativo	23	68%	34	[.49]
	Modo de ação		<i>Achievement</i>	9	69%	13	[.55]	
			<i>Accomplishment</i>	2	40%	5	[.06]	
			Atividade	7	64%	11	[.13]	
			Estado	14	78%	18	[.88]	
	SUJEITO	Pessoa	1ª	10	71%	14	[.69]	
			2ª	3	50%	6	[.16]	
			3ª	18	72%	25	[.51]	
		Número	Singular	18	64%	28	[.54]	
			Plural	13	77%	17	[.41]	
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	10	67%	15	[.51]	
			Plural	10	83%	12	[.81]	
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	24	77%	31	[.48]	
			Negativa	3	33%	9	[.13]	
			Interrogativa	5	71%	7	[.91]	
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino		24	67%	36	.33	
		Feminino		8	73%	11	.90	
		range					57	
	IDADE	Até 35 anos		16	57%	28	[.52]	
		36 – 55 anos		11	79%	14	[.46]	
		Mais de 55 anos		5	100%	5	–	

Input: .63

Log-Likelihood: [16.647]

Total Nº.=32/47 (68%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

⁵⁶ Conforme se observa na Tabela 5.29, nenhum grupo de fatores foi selecionado pelo *Goldvarb Yosemite* nesse contexto. Contudo, tendo em vista a contribuição da análise multivariada do AP ampliado para a configuração geral do *antepresente* na variedade tucumana, seguimos por nossa discussão tomando como referência os valores de peso relativo obtidos na primeira rodada “*Stepping down*”. Como definido, esses dados são apresentados entre colchetes (“[]”).

A Tabela 5.29 sintetiza a análise multivariada dos dados encontrados no contexto do AP ampliado do *corpus* tucumano. Novamente, encontramos uma expressiva recorrência da forma composta sem a indicação da referência temporal por meio de um marcador explícito (22 casos/69%). Considerando as expressões temporais explícita e implicitamente identificadas, notamos que os marcadores do tipo conclusivo parecem poder exercer alguma influência sobre o uso do PPC (100%) – conforme exemplifica o enunciado (83).

Por outro lado, com uma recorrência mais substancial, os marcadores com valor durativo – enunciado (84) – apresentam um percentual de uso do PPC expressivo (73%), fator que, conforme evidencia seu peso relativo ([.62]), parece favorecer o uso da forma composta.

- (83) *Porque no solo nos contaminan a nosotros. [A lo largo de la historia] ya han matado especies de peces que no van a volver a existir. Los santiagueños, pobrecitos, están que no pueden más.*
- (84) *Lo que hemos hecho en este primer tramo de nuestra gestión es sentar las bases de trabajo <T5>.*

A análise do PPS considerando os marcadores de tempo revela a maior ocorrência dessa forma com o tipo indeterminado (42%). De modo mais refinado, o cruzamento do fator “marcador temporal indeterminado” com o grupo de fatores referentes à “duração” da base verbal (Tabela 5.30) mostra que a presença de um verbo durativo aumenta o índice de ocorrência do PPC para 69%, ao passo que o índice do PPS é aumentado na presença de um verbo pontual (67%), como ilustram os enunciados (85) e (86), respectivamente.

Tabela 5.30: Do cruzamento do fator “marcador de tempo indeterminado” com o grupo de fatores “duração” na expressão do antepresente ampliado em San Miguel de Tucumán

		Durativo		Pontual		Total
Marcador Indeterminado	PPC	9	69%	2	33%	11
	PPS	4	31%	4	67%	8
		13	100%	10	100%	19

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

- (85) *[...] los que [alguna vez] han tenido la posibilidad de laborar con Pablo, es un tipo obsesivo de la perfección. [...] y tiene esta cosa*

que es difícil de encontrar en Tucumán que es súper generoso
<T8>.

- (86) *¿Qué me contactó una vez? Mandáme quién sos, porque yo le llamo para preguntar* <T2>.

Não apenas o estudo dos marcadores temporais, mas também outros fatores apontam para uma tendência da forma composta de veicular um sentido de continuidade. Tanto é assim que identificamos uma maior recorrência de uso do PPC com verbos atélicos (72%) e estativos (78%). O peso relativo desse último fator ([.88]) e o valor de *range* do grupo ao qual pertence (82) realçam a incidência dos verbos estativos no uso da forma composta. Por outro lado, o PPS tem maior recorrência com verbos télicos, mesmo podendo ser encontrado com frequência significativa com verbos atélicos. O enunciado (87) exemplifica como o uso de verbos estativos com o PPC favorece a leitura de continuidade. Vejamos que “*siempre*” também contribui para o sentido de duração do estado descrito (“*tener un sanatorio*”).

- (87) *Pero siempre ha tenido un sanatorio de referencia en capital para la mayor complejidad o para la intervención quirúrgica, la terapia y las coronarias* <T5>.

A maior recorrência da forma composta com sujeitos e complementos plurais (77% e 83%, respectivamente) reforça a proximidade dessa forma com o sentido de continuidade. A incidência do traço de pluralidade é ainda mais significativa quando observamos os complementos verbais, pois o peso relativo desse fator chega a [.81]. A título de exemplo, em (88), observamos que a extensão das situações descritas (“*han dedicado*”, “*han apoyado*”) se dá, em parte, graças ao traço de pluralidade presente tanto no sujeito como no complemento:

- (88) [...] *veintitrés presidentes exactamente hemos conducido la casa los cincuenta y siete años de vida. Muchos de los cuales han dedicado grandes esfuerzos y han apoyado situaciones muy duras* <T3>.

Por sua vez, o estudo da pessoa gramatical revela maior recorrência do PPC na primeira (71%) e terceira (72%) pessoas. Com o peso relativo atribuído à primeira pessoa ([.69]), destacamos que pela primeira vez esse fator parece favorecer o uso do PPC. Por conseguinte, esse é o âmbito temporal que se mostra mais favorável

ao estudo do uso da forma composta com o fim de destacar algum acontecimento vivenciado pelo enunciador e avaliado por ele como especialmente relevante.

Tabela 5.31: Do cruzamento do fator “primeira pessoa” com o grupo de fatores “modo de ação” na expressão do antepresente ampliado em San Miguel de Tucumán

		Achiev.		Accompl.		Atividade		Estado		Total
1ª pes.	PPC	0	-	1	33%	2	100%	7	78%	10
	PPS	0	-	2	67%	0	-	2	22%	4

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A exemplo do que demonstram os enunciados (89) e (90), o cruzamento do fator “primeira pessoa” com o grupo de fatores referente ao “modo de ação” (Tabela 5.31) evidencia que o índice do PPC na primeira pessoa é ainda mais acentuado quando com verbos *estativos* (78%) e de *atividade* (100%), de maneira que é possível estabelecer uma relação entre os traços durativos e atêlicos – que, como sabemos, não apenas caracterizam esses dois modos de ação, mas também favorecem a leitura de continuidade – e a percepção de uma situação relevante para o enunciador no momento da fala. Em outros termos, em (89), o enunciador enfatiza a contribuição que ele e outros presidentes deram à entidade para que ela, ao logo da história, alcançasse o nível de relevância social verificado no momento em que se enuncia. Do mesmo modo, em (90), o enunciador coloca-se em lugar de destaque no momento em que fala por ter tido a oportunidade, ao longo da vida, de desenvolver trabalhos com uma figura importante e singular na área da dramaturgia argentina.

(89) [...] *veintitrés presidentes exactamente hemos conducido la casa [durante] los cincuenta y siete años de vida* <T3>.

(90) [...] *los que han tenido la posibilidad de laborar con Pablo, es un tipo obsesivo de la perfección. Yo he tenido la posibilidad [en algunos momentos de la vida] de hacer videos y cosas con él [...] y tiene esta cosa que es difícil de encontrar en Tucumán que es súper generoso* <T8>.

Além do previsível favorecimento do *perfecto compuesto* em orações afirmativas – posto que é o tipo mais recorrente –, as interrogativas também se destacam tanto pelo percentual (71%) como pelo peso relativo ([.91]) que possuem no uso do PPC, de forma que, como se observa no enunciado (91), também é

possível, com o uso da forma composta, encontrar a referência a uma ação genérica em um passado indeterminado. Ou seja, o enunciador faz referência a ações potenciais que previsivelmente ocorrem alguma(s) vez(es) na vida de qualquer um.

(91) *¿Qué cosas te han hecho o has hecho cuando tenías desconfianza, cuando has desconfiado de algo? <T1>.*

Quanto ao PPS, no que se relaciona ao grupo de fatores “tipo de oração”, sua recorrência maior ocorre em orações negativas. Com a análise das variáveis extralinguísticas, observamos que, no que se relaciona ao gênero/sexo do falante, há maior recorrência do PPS entre homens, enquanto a fala das mulheres parece dar preferência ao PPC (73%), o que fica evidenciado pelo alto peso relativo atribuído a esse fator (.90). Uma vez que observamos um uso, de modo geral, mais recorrente do PPC (68%) em detrimento do PPS (32%), o especial favorecimento daquela forma pelas mulheres pode ser um indício de que, nesse contexto, o PPC é considerado a forma mais prestigiosa na expressão do AP ampliado.

Contudo, a análise do grupo de fatores idade mostra que a forma composta apresenta uma tendência ao desuso, isto é, incrementa-se o percentual de uso do PPC à medida que aumenta a idade do falante. Com uma tendência proporcionalmente inversa, a forma simples tem seu percentual de ocorrência incrementado conforme se reduz a idade do falante. Desse modo, parece se marcar uma tendência futura a que a forma simples avance na expressão do AP ampliado à medida que a população envelheça e se efetue a troca de gerações.

Em síntese, mesmo que a forma composta apresente indícios de um uso mais prestigioso – posto que é mais recorrente, de modo geral, e também favorecida pelas mulheres e pelos maiores de 36 anos –, a forma simples parece ter, nesse contexto de análise, uma presença que pode vir a se fortalecer à proporção que os falantes mais novos – cuja fala traz consigo uma recorrência mais significativa do PPS – difundam seu modelo de uso.

Quanto ao funcionamento, seguimos encontrando maior recorrência do PPC justamente com fatores que permitem a leitura continuativa (marcador temporal durativo, verbos atélicos e de estado, sujeito e complemento plurais). Em especial, observamos a intensificação da recorrência da forma composta na primeira pessoa gramatical, o que, como vimos, salienta a marcação mais subjetiva de situações consideradas pelo enunciador⁴ como mais relevantes no momento em que se enuncia. Finalmente, a alta incidência do fator “oração interrogativa” sobre o uso

do PPC destaca o favorecimento do uso dessa forma na expressão de passados genéricos. Quanto ao PPS, apesar de também observado nos contextos em que o PPC é favorecido, tem seu percentual incrementado em contextos menos sujeitos à interferência de uma leitura durativa, isto é, com verbos télicos e pontuais.

5.2 Análise do comportamento do PPC e do PPS no passado absoluto

Ao passado absoluto corresponde a expressão de situações pretéritas concluídas no passado e que já não mantêm relação temporal direta com o momento de fala. Isso se deve a que os fatos descritos passam a ser contemplados a partir de uma perspectiva (MR/0) de pretérito, isto é, que tem seu término definido anteriormente ao momento em que se enuncia (ME,MR-MF/O-V). Considerando a orientação normativa sobre o uso do *pretérito perfecto* nesse âmbito temporal, verificamos que o PPS é tratado como a forma própria desse contexto (Quadro 1.4). No entanto, há alguns estudos de base mais descritiva que também observam – ainda que menos sistematicamente – a possibilidade de se recorrer ao PPC para expressar o passado absoluto (Quadro 1.5).

Os enunciados abaixo revelam que, de fato, é possível encontrar ambas as formas coocorrendo nesse âmbito temporal:

- (92) *Madri: Pablo Álvarez, que es el editor [sensorial] Alfaguara, vino a ver el año pasado La Gaviota, [...] le gustó mucho la adaptación que había hecho del texto de Tchekhov y me propuso que escribiera algo <M4>.*
- (93) *Madri: Durante los dos años anteriores he tenido una buena relación con el Mister. He trabajado muy bien <M1>.*
- (94) *Buenos Aires: Con esta misma metodología, hice el monumento al Che, hace dos años y medio. Sí, el catorce de julio de dos mil ocho, se inauguró en Rosario <B2>.*
- (95) *Buenos Aires: Mi labor específica y la labor de mi grupo es llevar dignidad, por ejemplo, como lo hemos hecho el domingo pasado, en el anfiteatro del parque Centenario [...] <B1>*
- (96) *San Miguel de Tucumán: Y me dijiste a mi el año pasado: “Quiero estudiar [...] <T9>.*

(97) *San Miguel de Tucumán: He presentado la renuncia en el día de ayer en forma indeclinable, esto no tiene retroceso <T5>.*

Apesar de nem todos os casos de uso das formas do *pretérito perfecto* no *corpus* estarem acompanhados de marcador temporal expresso, propositalmente todos os fragmentos aqui expostos recuperam explicitamente um marcador de tempo (“*el año pasado*”, “*durante los dos años anteriores*”, “*hace dos años y medio*”, “*el catorce de julio de dos mil ocho*”, “*el domingo pasado*”, “*el día de ayer*”) que coloca em evidência a leitura de passado absoluto. De fato, de modo geral, apenas 42% das ocorrências dos *pretéritos perfectos* no contexto de passado absoluto⁵⁷ estão acompanhadas de uma expressão explícita de tempo, percentual que, além de colocar esse âmbito temporal entre os que mais favorecem o uso de marcadores temporais para especificar o tempo referenciado, também indica a necessidade latente de melhor definir a concepção temporal mais distanciada/separada do momento de fala.

O levantamento das construções temporais mais comuns do passado absoluto nos *corpora* compilados resulta na seguinte listagem: “*a principio*”, “*el fin de semana pasado*”, “*en su primer año*”, “*el año/día/mes siguiente/pasado*”, “*un año después*”, “*con apenas ~ años*”, “*mientras...*”, “*desde... hasta...*”, “*la temporada pasada*”, “*antes de*”, “*después de*”, “*en su/un/aquel momento*”, “*hace ~ días/meses/años [atrás]*”, “*hace poquitos días*” “*durante los ~ años/días/meses anteriores*”, “*un momento*”, “*anoche*”, “*con ~ años*”, “*en (año/mes)*”, “*el otro día*”, “*en ese intervalo de tiempo*”, “*ya ~ años/días/meses*”, “*cuando apenas llevaba ~ años/días/semanas/meses*”, “*durante mucho tiempo*”, “*cuando...*”, “*en un primer momento*”, “*cuando tenía ~ años*”, “*cuando era pequeño/adolescente*”, “*en su/aquella época*”, “*hace poquito*”, “*el día que...*”, “*en otra época*”, “*el verano*”, “*el (día) pasado/último*”, “*en aquella oportunidad*”, “*ayer*”, “*un día*”.

Além dessas expressões, nota-se também, nesse âmbito, uma referência temporal ancorada em fatos históricos específicos do passado, tal como “*durante la dictadura*”, “*durante el debate parlamentario*”, “*en la última elección*”, “*en el último censo*”, “*en los juegos olímpicos de ochenta y cuatro*”, “*el campeonato pasado*”, “*cuando empezaban los blogs*”, “*cuando la oposición tenía mayoría*”, “*en la selección de los ochenta*”, entre outros.

⁵⁷ Para a descrição do contexto de passado absoluto, analisamos os enunciados em que figuram as 887 ocorrências encontradas de formas do *pretérito perfecto*.

A análise da tipologia de todas essas construções temporais (Tabela 5.32) mostra que há, no passado absoluto, uma preferência por marcadores de tempo passado perfectivo (73%) – o que propicia a marcação de uma perspectiva temporal conclusa. Essa propensão é seguida pelo favorecimento de expressões que destacam a informação de duração no passado (26%). Por fim, 11 casos com valor de indeterminação no passado (1%) são encontrados especificamente em San Miguel de Tucumán. Vejamos os três tipos de expressões a seguir:

Tabela 5.32: Dos marcadores temporais no passado absoluto

Valor	Nº.	%
Temporal	646	73%
Durativo	230	26%
Indeterminado	11	1%
Total	887	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

- (98) [...] *hemos dejado una base enorme el año pasado y que ahora le llegaron un montón de jugadores que son de nivel óptimo <B6>*.
 (99) *De pequeño estaba por las zonas de Ventas y luego he pasado el resto de mi infancia en Las Rosas <M2>*.
 (100) *Hola, soy Enzo. Una vez me enteré que mi novia tenía otro <T2>*.

Atendo-nos ao estudo dos traços aspectuais próprios das formas verbais, continuamos observando, de modo geral, a maior recorrência de verbos télicos (64% – Tabela 5.33), dado que reforça a existência mais expressiva de uma leitura terminativa com o passado absoluto – como se percebe nos enunciados (98) e (100), por exemplo. Não obstante, a significativa frequência de verbos atélicos – especialmente em Madri – indica a possibilidade de também expressar duração nesse âmbito temporal. Contudo, conforme se comprova no enunciado (99), essa duração restringe-se à referência de passado absoluto.

Tabela 5.33: Da telicidade no passado absoluto

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
Télico	167	58%	235	67%	164	66%	566	64%
Atélico	121	42%	117	33%	83	34%	321	36%
Total	288	100%	352	100%	247	100%	887	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O estudo do modo de ação (Tabela 5.34) dos verbos no passado absoluto apresenta, de modo geral, o uso mais recorrente de verbos de *achievement*, isto é, pontuais e télicos em sua concepção – tal como se observa em (98) e (100). Novamente, essa preferência pode se relacionar com as características do âmbito temporal, no qual as situações são descritas como terminadas, com menor preferência para a marcação de duração.

Tabela 5.34: Dos modos de ação no passado absoluto

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
Achievement	112	39%	126	36%	104	42%	342	39%
Accomplishment	57	20%	109	31%	60	24%	226	25%
Atividade	19	6%	29	8%	25	10%	73	8%
Estado	100	35%	88	25%	58	24%	246	28%
Total	288	100%	352	100%	247	100%	887	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tabela 5.35: O sujeito gramatical no passado absoluto: pessoas do discurso

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán		Total	
1ª pessoa	92	32%	92	26%	87	35%	271	31%
2ª pessoa	37	13%	14	4%	9	4%	60	7%
3ª pessoa	135	47%	230	65%	149	60%	514	58%
Outros ⁵⁸	24	8%	16	5%	2	1%	42	5%
Total	288	100%	352	100%	247	100%	887	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Também encontramos nesse âmbito a preferência pela terceira pessoa (Tabela 5.35), colocando o passado absoluto em situação aparentemente menos favorável para o estudo da relevância da primeira e segunda pessoas no uso das formas do *pretérito perfecto*.

Uma vez descritos alguns dos traços linguísticos observáveis, de modo geral, no âmbito de PA segundo os dados dispostos nos *corpora* compilados, passemos

⁵⁸ Incluímos em “outros” os casos de sujeito inexistente ou de sujeitos oracionais.

à observação efetiva do comportamento das formas do *pretérito perfecto* nesse contexto temporal. Conforme explicitam os enunciados já expostos e os dados da Tabela 5.36, observa-se em todos os *corpora* diatópicos analisados o PPC coocorrendo junto com o PPS no contexto de PA, mesmo que com um percentual de frequência sempre menor do que o da forma simples.

Tabela 5.36: Da expressão do passado absoluto nas três variedades diatópicas

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán	
PPC	22	8%	8	2%	28	11%
PPS	266	92%	344	98%	219	89%
Total	288	100%	352	100%	247	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Em Madri, notamos que a tendência à seleção categórica de uma das formas do *pretérito perfecto* fragiliza-se na análise dos dados do passado absoluto, de maneira que 92% dos casos encontrados nesse contexto de análise pertencem ao PPS, e 8% (22 casos), à forma composta. Pela primeira vez na variedade madrilenha, notamos um cenário mais suscetível ao estudo da variação entre o PPC e o PPS.

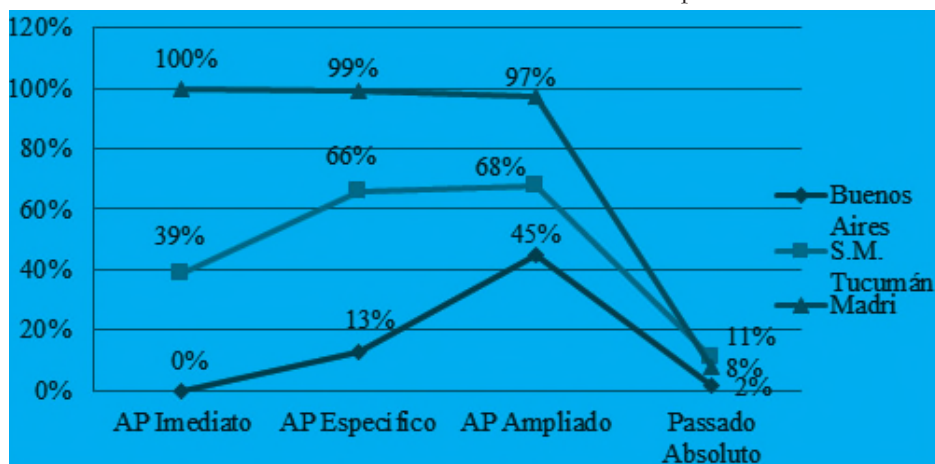
A análise desse panorama deverá oferecer mais informações para a compreensão desse cenário de aparente variação. Contudo, de antemão, sabemos que em algumas variedades peninsulares nota-se a tendência ao avanço do processo de gramaticalização da forma do PPC em direção à quarta etapa de desenvolvimento proposta por Harris (1982), isto é, o PA.

Em outros termos, graças à dessemantização dos traços aspectuais característicos da origem da construção (resultado/relevância presente), foi possível que a forma composta se intensificasse (especializasse) com um uso marcadamente temporal no antepresente. É provável que, com o passar dos anos, a referência temporal de anterioridade tenha se ampliado, permitindo que o uso do PPC se estendesse a contextos de anterioridade mais abertos e generalizados. Essa acomodação viabilizaria a expressão de situações passadas ocorridas inclusive em âmbitos temporais cuja referência sequer alcança o momento da enunciação (passado absoluto). Esse parece ter sido um processo de mudança já concretizado no francês e no italiano do norte, por exemplo.

A hipótese que considera esse comportamento histórico da forma composta parece ajustar-se às informações reveladas pela análise dos dados de Madri. Conforme discutimos e sintetiza o Gráfico 5.1, observa-se o uso praticamente categórico da forma composta nos âmbitos de antepresente e o discreto avanço do

PPC ao contexto de passado absoluto – ainda expresso mais reiteradamente pela forma simples.

Gráfico 5.1: Da incidência percentual do grupo de fatores “âmbito temporal” sobre o uso do PPC nas três variedades diatópicas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Em Buenos Aires, por sua vez, observamos um uso quase categórico da forma simples (98%) no âmbito de passado absoluto, o que permite, dessa vez, afirmar a existência de uma maior proximidade entre o uso efetivo nessa variedade diatópica e a norma-padrão. No entanto, ainda que muito escassas, as ocorrências do PPC (2%) no *corpus* diatópico merecem uma atenção especial no interior dos enunciados em que figuram a fim de avaliarmos se é possível identificar, nos casos encontrados, alguma tendência de uso ou apenas um emprego idiossincrático. Os enunciados (94) e (95) exemplificam a expressão do passado absoluto na variedade portenha.

Não obstante, diferentemente do que observamos na variedade madrilenha, é importante destacar que não parece possível afirmar, sobre a norma bonaerense, que o uso da forma composta no contexto de passado absoluto seria uma evidência da extensão de seu uso a um contexto temporal mais geral de passado, visto que justamente nos contextos definidos historicamente como mais propícios para sua ocorrência – AP “imediato>específico>ampliado” – também se observa uma baixa frequência do PPC – sempre menor que o percentual do PPS.

Por último, o *corpus* de San Miguel de Tucumán apresenta o índice percentual mais significativo no uso do PPC no âmbito de passado absoluto, alcançando 11%

(28 casos). Em comparação com o percentual de uso nos subâmbitos temporais de antepresente, observamos uma diminuição brusca no uso do PPC. À semelhança do comportamento observado na variedade bonaerense, também se pode afirmar, sobre os dados de San Miguel de Tucumán, que o uso do PPC no passado absoluto não parece ser resultante de sua extensão para um contexto de passado mais amplo, cuja referência já se encontra concluída antes do momento de enunciação, uma vez que a forma composta não parece ter seu uso definido e especializado no âmbito de antepresente. A análise multivariada dos dados provenientes dessa variedade deve melhor esclarecer a eventual existência de outros fatores que possam estar por detrás do funcionamento dessas formas verbais.

Em síntese, conforme representa o Gráfico 5.1, o âmbito de passado absoluto rompe, nas variedades argentinas, com a tendência a dar preferência à forma composta à medida que se distancia do MF. Nesse contexto temporal, o PPS apresenta-se, em ambas as variedades, como forma de uso intensamente privilegiada. Contudo, ainda assim se nota um uso restrito do PPC, cuja motivação será alvo da análise multivariada a seguir. A exemplo do que revelou o estudo do comportamento da forma composta no âmbito de AP, é possível que o uso dessa forma no passado absoluto possa estar relacionado a algum traço aspectual (continuidade), à relevância informativa ou, ainda, à expressão de situações passadas genéricas.

Por sua vez, o comportamento do PPC na variedade de Madri indica que o uso da forma composta em contexto de passado absoluto resulta do avanço do processo de gramaticalização dessa forma, segundo o *continuum* descrito por Harris (1982) e Detges (2006). Todavia, a análise multivariada aplicada aos dados dessa variedade também deve auxiliar a delinear melhor o funcionamento do PPC no âmbito de passado absoluto.

De modo muito semelhante ao comportamento identificado na análise dos subâmbitos de AP nas variedades argentinas, observamos, em Madri, que ao se estender ao contexto de PA, o PPC tem seu percentual de ocorrência incrementado com fatores linguísticos que evidenciam uma leitura durativa. Tanto é assim que o uso dessa forma é maior que o seu percentual geral no âmbito de PA (8%) em contextos em que se observam (i) marcadores temporais de valor durativo (12%), (ii) orações negativas (20%) e (iii) verbos de atividade (26%) e de estado (10%) – definidos, como é sabido, pelos traços de atelicidade (12%) e duração (9%) – conforme sintetiza o Gráfico 5.2.

5.2.1 Análise multivariada da expressão do PA em Madri

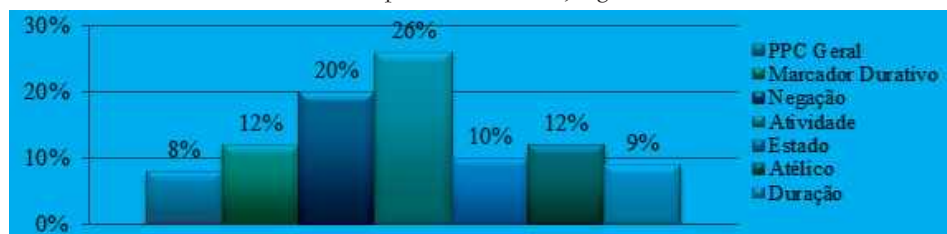
Tabela 5.37: Da análise multivariada na expressão do passado absoluto em Madri

GRUPOS DE FATORES				Nº.	% PPC	Total Nº.	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Durativo	10	5%	188	[.44]
			Conclusivo	12	12%	99	[.60]
			Indeterminado	0	0%	1	–
		Presença	Explícito	15	12%	122	.64
			Implícito	7	4%	159	.38
			range				26
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	7	4%	167	.37
			Atélico	15	12%	121	.68
			range				31
		Duração	Pontual	6	5%	112	[.49]
			Durativo	16	9%	176	[.51]
		Modo de ação	Achievement	6	5%	112	[.45]
			Accomplishment	1	2%	57	[.23]
			Atividade	5	26%	19	[.91]
			Estado	10	10%	100	[.58]
	SUJEITO	Pessoa	1ª	8	9%	92	[.42]
			2ª	5	14%	37	[.87]
			3ª	7	5%	137	[.43]
		Número	Singular	19	8%	226	[.09]
			Plural	1	2%	40	[.60]
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	7	5%	128	[.45]
			Plural	1	6%	17	[.30]
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	21	8%	259	[.49]
			Negativa	1	20%	5	[.82]
			Interrogativa	0	0%	24	–
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino		17	9%	194	[.53]
		Feminino		5	5%	94	[.43]
	IDADE	Até 35 anos		13	13%	102	[.73]
		36 – 55 anos		8	5%	157	[.42]
		Mais de 55 anos		1	3%	29	[.17]

Input: .10 Log-Likelihood: 64.995 [51.416] Total Nº.=22/288 (8%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Gráfico 5.2: Da incidência percentual dos grupos de fatores que favorecem a leitura de continuidade no âmbito de passado absoluto, segundo os dados de Madri



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No entanto, conforme lemos nos enunciados (101) e (102), as expressões “*durante dos años*” e “*de infancia*” ressaltam que as atividades (“*hemos trabajado*”, “*he crecido*”) e o estado (“*he pasado*”) descritos prolongam-se no tempo, mas, por pertencerem à perspectiva de passado absoluto, já se encontram terminados quando ocorre o momento de enunciação. A relevância que tem o grupo de fatores relativos ao modo de ação do verbo também se evidencia pelo *range* de [.68]. Com especial destaque, os verbos de atividade recebem maior percentual (26%) e peso relativo ([.91]) no uso do PPC.

195 —

(101) A: [...] *me da la impresión de que ese último galardón lo consideras un poquito especial, José María, ¿verdad?*

B: [...] *Sí, efectivamente. [...] la verdad que hemos trabajado durante dos años el guionista y yo [...] y bueno es una obra que significa mucho para mí <M2>.*

(102) *Es un paraíso de infancia donde he crecido. Donde he pasado largas temporadas <M9>.*

Quanto aos traços de duração e atelicidade, conforme também verificamos em (103) e (104), esses fatores favorecem a descrição de situações que persistem no tempo. Sabemos que tanto “*ha vivido*” como “*ha sido um placer*” são estados que necessariamente demandam um tempo mais estendido para se efetivarem. Nessa direção, é válido destacar a especial relevância da atelicidade para o estudo do PPC no âmbito de passado absoluto. Além da maior recorrência percentual do PPC com esse fator, o *Goldvarb Yosemite* seleciona o grupo de fatores referente à “telicidade” como mais relevante estatisticamente para o estudo da variação entre o PPS e o PPC na expressão do PA, atribuindo o peso relativo de .68 para os verbos atéticos.

(103) [...] de su época coreana, porque usted ha vivido allí, supongo que por motivos laborales <M8>.

(104) *La verdad que en este caso ha sido un placer dibujar por eso, porque había una base tan buena sobre que trabajar [...]* <M2>.

Também é possível encontrar a forma composta ocorrendo com traços linguísticos que não favorecem a leitura de persistência, isto é, com verbos télicos e pontuais – como no enunciado (105) –, além, é claro, da forma simples ocorrendo em contextos que favorecem a leitura de continuidade – enunciado (106). Contudo, o que interessa mostrar é que, conforme indicam as informações estatísticas (Tabela 5.37), a forma composta tende a ser favorecida, na variedade madrilenha, na veiculação do sentido de continuidade, ao passo que a simples tem seu índice ainda mais incrementando quando junto com traços que desfavorecem o valor de duração (marcadores temporais não durativos e verbos télicos, pontuais, de *achievement* e de *accomplishment*).

(105) *Así que en diciembre ha llegado un momento en el que, supongo, llega Mourinho y te dice “Antonio, vas a jugar tú* <M1>.

(106) [...] *la verdad es que cuando yo viví en Nueva York, pues era otra época [...]* eran los 90 <M8>.

Quanto ao estudo dos tipos de oração, além do uso categórico do PPS em orações interrogativas, verificamos a relevância da negação para o estudo do PPC não apenas pelo percentual (20%), mas também pelo peso relativo atribuído ao fator: [.82]. Apesar da dificuldade de avaliar as implicações efetivas do contexto negativo para o uso do PPC por causa da escassez de ocorrências dessa forma nesse contexto, o único caso encontrado do PPC parece mostrar que nem sempre esse fator opera favorecendo uma leitura durativa. Conforme lemos em (107), ao menos em conjunto com verbos pontuais (*achievement*), a informação de duração não parece ser favorecida em orações negativas.

(107) [...] *es la típica historia de la nota de selectividad, pues que no me ha llegado para hacer veterinaria, terminé haciendo un año de ingeniería informática [...]* *y de ahí salté a hacer la carrera de ciencias químicas [...]* <M6>.

É importante, entretanto, salientar a coocorrência da forma composta (“*ha llegado*”) com a simples (“*terminé*”, “*salté*”) nesse enunciado. Se, por um lado, esse cenário evidencia uma situação da variação entre as duas formas; por outro, permite verificar o uso do PPC com função de relevância presente, posto que a situação descrita (“*no me ha llegado*”) implica uma série de resultados (indicados, em seguida, nas situações expressas pelo PPS) que determinarão a atual profissão da entrevistada: apresentadora de um programa de televisão sobre curiosidades científicas.

Em outros termos, devido à ausência da pontuação necessária para ingressar no curso superior de medicina veterinária (“*no me ha llegado*”), a enunciatória passou por outros cursos superiores (“*terminé haciendo un año de ingeniería informática*”, “*de ahí salté a hacer la carrera de ciencias químicas*”) até, por fim, dedicar-se a uma profissão que lhe permitisse fazer o que mais gostava: divulgação científica. Paralelamente, o uso do dativo ético⁵⁹ “*me*” pode auxiliar na percepção dessa leitura, pois ajuda a enaltecer a intensidade do envolvimento emocional do falante em relação ao que está sendo dito, isto é, o quanto ele é “afetado” pela situação descrita, marcando, por conseguinte, os resultados decorrentes desse fato passado.

O traço de pluralidade, tanto em relação ao sujeito como ao complemento verbal, parece favorecer ainda mais o uso da forma simples, de modo que se mostra irrelevante na intensificação do uso do PPC. Quanto à presença ou ausência explícita de um marcador temporal junto com o verbo no contexto de passado absoluto, observamos que, no *corpus* de Madri, há um favorecimento ao uso do PPC quando se explicita uma construção temporal (12%/64). Essa informação auxilia na desambiguação do contexto temporal de análise, evidenciando o uso da forma composta em contexto de passado absoluto.

A análise da pessoa gramatical demonstra um incremento maior no índice do PPS na terceira pessoa, ao passo que notamos um favorecimento do PPC na segunda pessoa (14%), o que é evidenciado pelo peso relativo atribuído a esse fator: [.87]. Nota-se também uma recorrência significativa do PPC na primeira pessoa (9%). Cumpre destacar que o favorecimento da forma composta em primeira e segunda pessoas revela um comportamento contrário às características gerais descritas no âmbito de passado absoluto, que, como sintetiza a Tabela 5.35, tende a apresentar maior recorrência de verbos conjugados em terceira pessoa.

⁵⁹ Os dativos éticos permitem integrar no verbo um elemento distante dele, mas que é afetado, em alguma medida, pela nãoção expressa no predicado.

Uma análise mais refinada desse grupo de fatores, proveniente do cruzamento desses dados com os referentes à “telicidade” (Tabela 5.38), indica que o percentual de uso do PPC na primeira e na segunda pessoas é alçado um pouco mais se observamos a combinação dos fatores “atético” e “primeira” (19%) ou “segunda” (38%) pessoas. Inversamente, a recorrência da forma simples se acentua na combinação dessas pessoas com o fator “tético” – apresentando, inclusive, um uso categórico na primeira. A soma de um verbo atético ao sujeito de primeira e segunda pessoas reforça, mais uma vez, o valor durativo que parece acompanhar a forma composta reiteradamente.

Tabela 5.38: Do cruzamento do grupo de fatores “pessoa gramatical” com o grupo de fatores “telicidade” na expressão do passado absoluto em Madri

		1ª pes.		2ª pes.		3ª pes.	
Atético	PPC	8	19%	3	38%	2	4%
	PPS	35	81%	5	62%	51	96%
Tético	PPC	0	-	2	7%	5	6%
	PPS	49	100%	27	93%	79	94%
Total		92		37		137	

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O uso do PPC na primeira pessoa pode ser um indício de que essa forma verbal carrega consigo alguma informação que permite marcar como especialmente relevante uma experiência passada vivenciada pelo próprio enunciador, a qual, sob a ótica do falante, recebe uma valoração diferenciada das demais experiências que acumulou ao longo da vida, de forma que, em (108), o enunciador – que atualmente reside no Japão e tem ascendência japonesa – poderia ressaltar, por meio do uso do PPC, uma maior ligação com Madri, já que descreve sua infância em bairros da capital espanhola.

(108) *De pequeño estaba por las zonas de Ventas y luego he pasado el resto de mi infancia en Las Rosas <M2>.*

Tendo em vista, contudo, a limitação dos dados encontrados nesse contexto temporal na variedade madrilenha e o baixo peso relativo desse fator, torna-se mais difícil verificar a efetiva aplicabilidade dessa hipótese à análise qualitativa

das ocorrências. Sendo assim, identificamos a necessidade de avaliar mais extensivamente, em trabalhos futuros, o encaixamento do PPC na primeira pessoa.

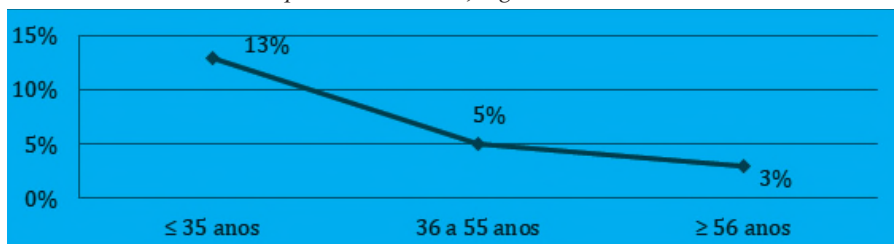
O uso da forma composta de modo ainda mais consistente (14%/[.87]) na segunda pessoa também leva a indagar sobre a existência de algum traço mais subjetivo no uso do PPC nesse contexto. Faz-se também necessária uma avaliação mais extensiva e sistematizada, em trabalhos futuros, da interferência da segunda pessoa no uso do PPC. De antemão, em (109), parece possível afirmar que o enunciador esteja se reportando, por meio do PPC, a uma experiência vivenciada pelo enunciatário durante sua adolescência – a qual, ainda hoje, estaria repercutindo em sua vida profissional (relevância presente) –, quando se destaca como cantor com forte influência de ritmos estadunidenses.

(109) *[durante] tus años de estancia en Nueva York, donde has vivido varios años y en plena adolescencia además <M8>*.

Dirigindo-nos às variáveis extralinguísticas, os dados coletados no *corpus* de Madri indicam uma recorrência do PPC um pouco mais significativa entre os homens (9%), ao passo que a recorrência do PPS é incrementada entre as mulheres. Aliado ao alto percentual geral de uso do PPS, o comportamento das formas do *pretérito perfecto* orientado pela variável gênero/sexo põe em evidência que, em Madri, a forma simples é efetivamente a forma de prestígio na expressão do passado absoluto. Recordamos, entretanto, que, pela limitação do *corpus* de análise na equalização de falantes de ambos os gêneros/sexos, esses dados apenas indicam possíveis tendências, exigindo uma análise mais refinada a fim de comprová-las.

Aparentemente mais relevante para o estudo da variação entre o PPS e o PPC no âmbito de passado absoluto, o fator idade (Gráfico 5.3) mostra que o uso da forma composta é sensivelmente mais comum entre os mais jovens (menos de 35 anos) e que sua recorrência tende a diminuir à medida que aumenta a idade do grupo analisado – culminando no aumento no uso do PPS. O peso relativo reforça tanto a relevância do fator idade – haja a vista o *range* de [.57] – como também a tendência descrita, atribuindo o valor [.73] aos mais jovens e [.17] aos mais velhos.

Gráfico 5.3: Da incidência percentual do fator “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de *passado absoluto*, segundo os dados de Madri



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Em conjunto, os dois fatores parecem indicar que a inserção do PPC no contexto de *passado absoluto* é um fenômeno relativamente novo na variedade de Madri, já que é menos privilegiado na fala feminina – mais atenta à norma de prestígio – e também entre os grupos etários mais velhos – os quais tendem a apresentar um comportamento linguístico mais conservador. Essa informação, por sua vez, vai ao encontro do que temos afirmado sobre o comportamento histórico do PPC na variedade de Madri, demonstrando que, uma vez consolidada no AP, essa forma estende-se gradualmente à expressão do PA, demonstrando, desse modo, o início do estágio de transição na expressão dessa concepção temporal.

Em síntese, a contribuição da análise multivariada para a sustentação dessa hipótese reside no fato de apontar como se inicia a transferência do PPC para o âmbito de *passado absoluto*. Em termos práticos, observamos um uso da forma composta com características aspectuais de duração e relevância presente. Fundamentalmente, o PPS segue sendo especialmente favorecido em contextos menos marcados aspectualmente pelo traço de duração. Contudo, ainda desfruta de um *status* de prestígio nesse contexto de análise, haja vista sua maior recorrência, de modo geral, e uma maior incidência na fala feminina e entre falantes mais velhos.

5.2.2 Análise multivariada da expressão do PA em Buenos Aires

Tendo em vista que o uso quase categórico do PPS (98%) nesse contexto de análise implica uma sobreposição massiva da forma simples sobre o uso do PPC (2%) – tanto de modo geral como no exame de cada um dos fatores envolvidos na análise multivariada –, a discussão seguinte irá se restringir apenas a apontar os fatores que, de alguma maneira, contribuem para que a forma composta ainda mantenha uma ocorrência, mesmo que discreta.

Tabela 5.39: Da análise multivariada na expressão do passado absoluto em Buenos Aires

GRUPOS DE FATORES				Nº.	% PPC	Total N°.	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	8	3%	265	–
			Durativo	0	0%	87	–
		Presença	Explícito	5	3%	151	[.59]
			Implícito	3	1%	201	[.41]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	8	3%	235	–
			Atélico	0	0%	117	–
		Duração	Pontual	5	4%	127	[.52]
			Durativo	3	1%	225	[.49]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	5	4%	127	[.59]
			<i>Accomplishment</i>	3	3%	108	[.42]
			Atividade	0	0%	29	–
			Estado	0	0%	88	–
	SUJEITO	Pessoa	1ª	4	4%	92	[.46]
			2ª	1	7%	14	[.90]
			3ª	3	1%	230	[.47]
		Número	Singular	3	1%	267	.39
			Plural	5	7%	69	.81
			range				
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	6	5%	130	[.49]
			Plural	2	7%	27	[.56]
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	8	3%	306	–
			Negativa	0	0%	20	–
			Interrogativa	0	0%	26	–
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino		7	2%	305	[.50]
		Feminino		1	2%	47	[.51]
	IDADE	Até 35 anos		0	0%	23	–
		36 – 55 anos		7	3%	258	[.55]
		Mais de 55 anos		1	1%	71	[.33]

Input: .08

Log-Likelihood: 25.341 [23.135]

Total Nº.=8/352 (2%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Análise multivariada dos dados indica uma tendência diferente do que descrevemos até aqui, porque, no passado absoluto, a forma composta deixa de ser percentualmente mais recorrente junto com fatores linguísticos que evidenciam uma leitura de continuidade e passa a ser mais recorrente em contextos com uma leitura perfectiva. Conforme se observa no Gráfico 5.4, o PPC tem o uso concentrado com marcadores temporais sem informação aspectual de duração (3%) e com verbos

télicos (3%) – do tipo *accomplishment* (3%) ou *achievement* (4%). Também se identifica um percentual maior do PPC com verbos pontuais (4%).

Gráfico 5.4: Da incidência percentual dos grupos de fatores que favorecem a leitura de perfectividade no âmbito de passado absoluto, segundo os dados de Buenos Aires



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A fim de melhor avaliar esses dados, expomos, a seguir, os enunciados encontrados nesse contexto de análise:

- (110) *Mi labor específica y la labor de mi grupo es llevar dignidad, por ejemplo, como lo hemos hecho el domingo pasado, en el anfiteatro del parque Centenario [...] <B1>.*
- (111) *Hace unos días atrás hemos recibido, desde la legislatura porteña [...] una invitación a un recital por el monumento a la mujer originaria. [...] Que se realizó el sábado, veinticinco de septiembre, en diagonal sur y Perú <B2>.*
- (112) *[...] esto ha generado en su momento mucha polémica. A ver, yo entiendo que a una figura como la de Roca se le apremia con el billete más caro o de más valor en nuestro país ¿no? Eh... con los cien pesos. Y a otras figuras, como San Martín, se lo ponen en los billetes de cinco ¿no? <B2>.*
- (113) *Tati siempre nos dice que es la tarea de los organismos de derechos humanos. Nosotros hemos constituido uno [en diciembre]. El archivo de la memoria de la diversidad sexual. Tienen la tarea de mantener vivo esto, porque si la gente se olvida, mira lo que pasa <B4>.*
- (114) *Habría que ir por el título de algún profesional que ha dicho esas cosas [en aquella ocasión], porque han violado leyes, diciendo esas mentiras, barbaridades obscurantistas <B4>.*

(115) *Has terminado un estudio... un sondeo, hace poquitos días ¿no?*
<B5>.

(116) [...] *hemos dejado una base enorme el año pasado y que ahora le llegaron un montón de jugadores que son de nivel óptimo* <B6>.

Observamos nos enunciados (111), (113), (115) e (116) situações (“*hemos recibido una invitación*”, “*hemos constituido uno*”, “*has terminado un estudio*”, “*hemos dejado una base enorme*”, respectivamente) pontuais e télicas (*achievement*) que não só descrevem ações perfectivas, mas que parecem repercutir, de alguma maneira, no momento presente. De modo mais pontual, em (111), o contraste entre o PPC (“*hemos recibido*”) e o PPS (“*realizó*”) permite observar, respectivamente, o enunciador destacar aquilo que lhe confere e que lhe dá lugar de destaque (“receber o convite do próprio poder legislativo”) daquilo que objetivamente ocorreu no tempo e espaço (“recital pelo monumento à mulher originária”).

Na mesma direção, em (113) e (116), os enunciadores parecem enfatizar, por meio da forma composta, que seu trabalho (“*hemos constituído uno*” e “*hemos dejado una base*”) não apenas é relevante, mas ainda traz consequências ao momento da enunciação. Eles apresentam, de maneira explícita, qual é o resultado presente de sua intervenção no passado (“*mantener vivo*” e “*le llegaron un montón de jugadores*”). Em especial em (116), observa-se mais uma vez a contribuição da oposição entre as formas composta e simples para a argumentação desenvolvida pelo enunciador, de maneira que, com o PPC (“*hemos dejado*”), trata-se como especialmente relevante a ação realizada por eles e, com o PPS (“*llegaron*”), apresenta-se o resultado, mais recente, da situação previamente desenvolvida.

Finalmente, em (115), parece ser possível inferir, com o uso da forma composta (“*has terminado*”), a valoração de uma informação nova, a qual deve contribuir para um maior esclarecimento sobre o posicionamento do eleitorado sobre o cenário político em discussão.

Nesse ponto, é válido estabelecer também um paralelo com os dados relativos ao estudo da interferência das pessoas gramaticais. Conforme expõe a Tabela 5.39, o percentual de uso do PPC na primeira pessoa é duplicado (4%) em comparação ao seu percentual geral no âmbito de passado absoluto (2%), e mais que triplicado na segunda pessoa (7%) – significância que é reforçada pelo peso relativo atribuído a esse fator [.90].

Apesar da pouca quantidade de dados que viabilizam a análise do fator pessoa do discurso, esses números, reforçados pela discussão apresentada na

análise dos enunciados (111), (113), (115) e (116), parecem indicar a possibilidade de marcar como mais relevante uma situação específica e concreta que foi vivenciada pelo enunciador ou pelo enunciatário. Não obstante, a comprovação desse comportamento requer uma análise mais sistemática e ampliada desse fator em estudos futuros.

Voltando ao estudo das informações pertencentes à base verbal, observamos que, em consequência do valor de duração que os verbos de *accomplishment* também apresentam, verifica-se a presença discreta desse valor nos enunciados (110), (112) e (114), já que “*hacer algo*”, “*generar mucha polémica*”, “*decir esas cosas*”, respectivamente, demandam certo período de desenvolvimento antes de chegar à sua conclusão. Apesar dessa característica, é importante também destacar que se soma aos verbos de *accomplishment* o traço de “telicidade”, o que permite observar as referidas ações como perfectivas, isto é, terminadas. Em complemento, a exclusiva recorrência de marcadores temporais de passado sem informação durativa corrobora a leitura perfectiva identificada, de modo geral, nos dados expostos.

Dentre os fatores que favorecem a construção do valor de duração, apenas o relativo ao número do sujeito (7%) – grupo de fatores selecionado – e do complemento verbal (7%) apresenta um discreto incremento percentual no uso do PPC. A observação desses fatores, por exemplo, no enunciado (114), mostra que, aliados a um verbo télico e pontual – como é o caso de “*violar*” –, favorecem uma leitura iterativa, segundo a qual entendemos que o desrespeito a diferentes leis por vários profissionais foi realizado muitas vezes no passado descrito.

Tendo em vista que é possível encontrar na norma bonaerense o uso do PPC também fazendo referência a situações genéricas ocorridas em um passado menos preciso/determinado (RODRÍGUEZ LOURO, 2009), os dados encontrados do PPC parecem indicar que esse comportamento não é tão evidente no contexto de passado absoluto, posto que, com exceção do enunciado (114), as demais ocorrências do PPC fazem referência a fatos pontuais efetivamente identificados pelo enunciador (“*lo hemos hecho*”, “*hemos recibido una invitación*”, “*ha generado mucha polémica*”, “*hemos constituido uno*”, “*has terminado un estudio*”, “*hemos dejado una base*”) como pertencentes a um momento definido do passado (“*el domingo pasado*”, “*hace unos días atrás*”, “*en su momento*”, “*en diciembre*”, “*hace poquitos días*”).

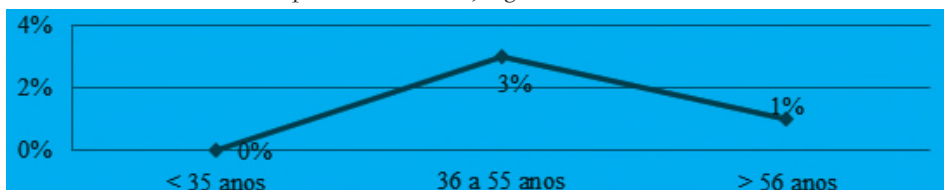
Contudo, a observação do enunciado (114) revela que o uso do PPC fazendo referência a situações genéricas em uma envoltura temporal menos definida ocorre justamente em um contexto linguístico em que o sujeito é menos determinado. No

enunciado em questão, ele é modificado por um adjetivo indefinido (“*algún*”) ou está ausente – em um verbo conjugado na terceira pessoa do plural e com o agente indeterminado (“*han violado leyes*”). Ademais, a soma de um complemento verbal plural corrobora a imprecisão informativa (“*esas cosas/leyes*”), haja vista que não se sabe exatamente o número de vezes ou quando as coisas foram ditas/as leis foram violadas.

Finalmente, por não haver casos do PPC ocorrendo em orações interrogativas ou negativas, torna-se impossível avaliar a pertinência desses fatores para o estudo do comportamento da forma composta. Quanto à presença ou ausência explícita de um marcador temporal junto com o verbo no contexto de passado absoluto, observamos que, no *corpus* de Buenos Aires, há uma recorrência um pouco maior do PPC quando se explicita uma construção temporal (3%). Essa informação auxilia na desambiguação do contexto temporal em análise, evidenciando o uso da forma composta nesse âmbito.

Dirigindo-nos ao estudo dos grupos de fatores extralinguísticos, aparentemente, a análise do gênero/sexo dos falantes apresenta um padrão equilibrado do uso do PPC nos dados coletados de Buenos Aires – o percentual e o peso relativo atribuído a ambos os gêneros/sexos são praticamente iguais. Por sua vez, o estudo da faixa etária aponta, no Gráfico 5.5, que a forma composta apresenta um padrão de uso mais conservador, posto que não é encontrado entre os mais jovens, sendo que os poucos dados se concentram entre falantes de idade entre 36 e 55 anos – grupo seguido pelos mais velhos (maiores de 55 anos).

Gráfico 5.5: Da incidência percentual do fator “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de passado absoluto, segundo dados de Buenos Aires



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O estudo do PPC no âmbito de PA em Buenos Aires revela que, na contramão do descrito no AP, essa forma deixa de ser mais recorrente em contextos que exprimem um sentido de duração, ao passo que é discretamente mais recorrente com traços linguísticos que operam na construção de situações perfectivas, característica que, em combinação com o percentual mais elevado na primeira e segunda pessoas

do discurso, parece indicar um uso com valor de relevância presente. Além disso, é provável que a referenciação a situações genéricas ocorridas em um passado menos definido também se realize por meio do uso do PPC – sobretudo com traços que favorecem a descrição de situações menos definidas, tais como a marcação de plural e marcadores de tempo indeterminado. Sobre o aspecto extralinguístico, os dados parecem reproduzir a tendência já identificada no contexto de AP, isto é, a concentração de seu uso entre os mais velhos. Uma vez que o PPS apresenta um uso quase que categórico nesse contexto temporal e que os jovens recorrem apenas a ele para expressar o PA, parece haver uma tendência à intensificação do desuso do PPC nesse âmbito.

Por fim, tendo em vista a escassez dos dados, as tendências delineadas requerem um estudo mais estendido e apurado, em pesquisas futuras, do funcionamento do PPC no passado absoluto. Por outro lado, a expressiva recorrência da forma simples em todos os cenários contemplados pelas variáveis independentes e dependentes evidencia não apenas a vitalidade dessa forma em Buenos Aires, mas também seu prestígio na expressão do passado absoluto.

5.2.3 Análise multivariada da expressão do PA em San Miguel de Tucumán

Além do uso muito mais expressivo da forma simples (89%) que da composta nesse contexto de análise, um exame mais cuidadoso dos fatores que exercem influência sobre o uso do PPC e do PPS indica novamente que a forma simples tem seu índice levemente incrementado com fatores menos suscetíveis à expressão de duração, especialmente com verbos télicos e pontuais (91%). Em movimento inverso, apesar da menor recorrência da forma composta junto com marcadores temporais com valor durativo (6%), o percentual de uso do PPC é levemente favorecido com outros traços linguísticos que veiculam a informação de duração, indicando que essa forma verbal também é privilegiada em contextos que favorecem uma leitura de continuidade.

Tabela 5.40: Da análise multivariada na expressão do passado absoluto em San Miguel de Tucumán

GRUPOS DE FATORES				Nº.	% PPC	Total Nº.	Peso
LINGÜÍSTICO	MARCADORES TEMPORAIS	Tipo	Tempo	26	13%	205	[.53]
			Durativo	2	6%	31	[.31]
			Indeterminado	0	0%	11	–
		Presença	Explícito	13	13%	99	[.54]
			Implícito	15	10%	148	[.48]
	FORMA BASE DO VERBO	Telicidade	Télico	15	9%	164	[.49]
			Atélico	13	16%	83	[.51]
		Duração	Pontual	9	9%	105	[.50]
			Durativo	19	13%	143	[.50]
		Modo de ação	<i>Achievement</i>	9	9%	104	[.44]
			<i>Accomplishment</i>	6	10%	60	[.50]
			Atividade	3	12%	25	[.48]
			Estado	10	17%	58	[.60]
	SUJEITO	Pessoa	1ª	6	7%	87	[.41]
			2ª	2	22%	9	[.88]
			3ª	19	13%	149	[.53]
		Número	Singular	18	10%	182	[.47]
			Plural	9	14%	63	[.58]
	COMPLEMENTO VERBAL	Número	Singular	10	11%	89	[.52]
			Plural	2	10%	20	[.41]
	ORAÇÃO	Tipo	Afirmativa	26	12%	223	[.49]
			Negativa	2	15%	13	[.56]
			Interrogativa	0	0%	11	–
EXTRA LINGÜÍSTICO	SEXO	Masculino		28	14%	199	–
		Feminino		0	0%	48	–
	IDADE	Até 35 anos		15	9%	173	.44
		36 – 55 anos		13	19%	68	.64
		Mais de 55 anos		0	0%	6	–
		range					20

Input: .13

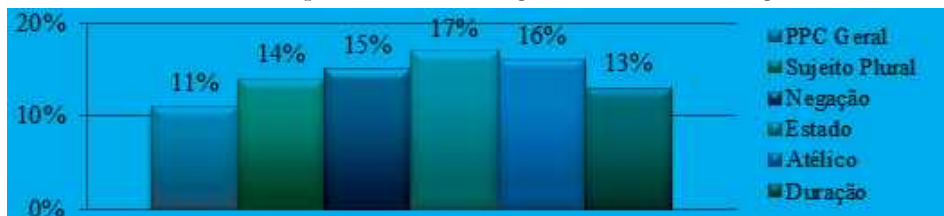
Log-Likelihood: 81.704 [78.034]

Total Nº.=28/247 (11%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Nessa direção, o Gráfico 5.6 indica o percentual mais elevado de ocorrência do PPC com verbos atélicos (16%) e durativos (13%) – especialmente com os estativos (17%) –, bem como com sujeito plural (14%) e orações negativas (15%).

Gráfico 5.6: Da incidência percentual dos grupos de fatores que favorecem a leitura de continuidade no âmbito de passado absoluto, segundo dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Conforme observamos nos enunciados (117) e (118), os verbos de atividade (“*han estado haciendo aguante*”) e estado (“*ha sido*”) – marcados pelos traços de duração e atelicidade – favorecem uma leitura durativa da situação descrita. No entanto, por se inserir em uma perspectiva temporal já concluída no momento de fala, essas situações são vistas em sua completude. Dessa forma, por exemplo, sabemos, pelo conhecimento de mundo de que dispomos, que a torcida (“*nos han estado haciendo aguante*”) descrita em (155) já não está presente.

- (117) *Besos, chicas. Muy divinas todas que nos han saludado, nos han estado haciendo aguante [en el show del último sábado] <T2>.*
- (118) [...] *nos vamos a abocar al show del sábado que ha sido espectacular <T2>.*

A observação das ocorrências do PPC em orações negativas – enunciados (119) e (120) – mostra que, no âmbito de passado absoluto, a polaridade negativa não contribui para uma leitura de continuidade, mas aparentemente serve para destacar, em uma relação contrastiva, as implicações de uma situação passada específica no momento de fala. Assim é que, em (119), o enunciador B se contrapõe a A ao afirmar, por meio do PPC, que não foi fotografado nenhuma vez com “Cecy” (“*no se ha sacado*”), sentindo-se, por isso, desprestigiado e menos importante quando enuncia:

- (119) A: *¡Qué linda que está nuestra foto, Cecy! Nos sacó una foto [el sábado].*
 B: *Conmigo no se ha sacado [el sábado] <T2>.*
- (120) *Ni yo he nacido hablando bien <T9>.*

Na mesma direção, em (120), a entrevistadora discorre sobre o desafio que envolve a formação profissional do jornalista. Com esse fio argumentativo, mostra que, mesmo ocupando atualmente uma profissão (locutora de rádio) em que a voz e a retórica são ferramentas de trabalho importantes, passou por um árduo processo de transformação, de um estado em que não “falava bem” ao estado atual, em que é uma boa comunicadora. Essa transformação é implicada também por meio do uso da forma composta, posto que, ao ser usada para se referir a uma ação no passado absoluto (“*he nacido*”), evidencia o esforço pessoal em sair do estado inicial de despreparo (quando não era uma boa locutora) para se transformar, por fim, em uma profissional reconhecida.

O uso do PPC com função contrastiva em orações negativas parece ser resultante do valor de relevância presente associado ao PPC, posto que esse uso estabelece relação – ainda que subjetiva – entre situações passadas e o momento de fala. Como vimos, esse sentido se constrói a partir do valor aspectual de perfeito, o qual, segundo Comrie (1976), volta-se ao momento posterior ao da situação descrita, mostrando seus resultados, isto é, a relevância presente de uma situação concluída.

Por sua vez, conforme observamos em (121) e (122), a análise do traço de pluralidade do sujeito permite aferir, em alguns contextos, o maior prolongamento da situação descrita. Ocorre que a locomoção de um grupo de pessoas (“*la gente que ha ido*”) e o cumprimento oferecido por todas elas (“*me han saludado*”) demandam naturalmente um maior período para se efetivarem. Contudo, percebe-se novamente que, por se inserir em uma perspectiva temporal já concluída no momento de fala (PA), identificamos que, mesmo tomando um maior tempo para se realizar em sua completude, toda a situação descrita encontra-se concluída quando enunciada. Ou seja, não há a possibilidade de essas situações descritas persistirem até o momento de fala, como verificamos, por exemplo, em algumas situações durativas pertencentes ao âmbito de antepresente.

(121) *Gracias a toda la gente que ha ido a Los Arcos a vernos [el sábado] <T1>.*

(122) [...] *dicen que en Leales nos escucha un montón de gente. Han estado y me han saludado después del show [del sábado] <T1>.*

A análise do grupo de fatores relativo à pessoa gramatical indica um uso percentualmente maior na segunda pessoa (22%/[.88]). Apesar do alto valor de

peso relativo, esse dado equivale apenas aos dois casos expostos a seguir. Como temos defendido, tendo em vista a maior restrição de dados na segunda pessoa, faz-se necessário estender futuramente o estudo a uma análise mais ampliada, sistematizada e focada nesse fator a fim de avaliar sua real contribuição no uso do PPC.

(123) *Usted, creo, ha vuelto a ser el sexy symbol que era antes del Sábado <T2>.*

(124) *A: He presentado la renuncia en el día de ayer en forma indeclinable.*

B: [...] usted ha decidido [ayer] esta renuncia porque el grupo menor no estaba de acuerdo con su forma de trabajo <T5>.

Observando o enunciado (122), em paralelo ao que também observamos em (125) e (126), parece haver uma preferência pela forma composta sempre que esteja em uma oração subordinada substantiva encabeçada pelo verbo “*creer*”, expressando, portanto, a opinião pessoal do enunciador diante do fato observado por ele.

(125) *Creo que [el show de sábado] ha sido el mejor que hemos hecho <T2>.*

(126) *Yo creo que ustedes mismos han sido el termómetro de lo que ha ocurrido con el cambio prestacional en aquel momento <T5>.*

A relevância desse contexto sintático é tamanha que tanto no passado absoluto como no antepresente todas as ocorrências de orações subordinadas aos verbos de opinião (“*creer/ pensar*”) no *corpus* de San Miguel de Tucumán são da forma composta. Os enunciados (127) a (130) mostram os demais casos encontrados no âmbito de antepresente e permitem verificar, mais uma vez, que, ao expor sua opinião, o enunciador vale-se da forma composta para apresentar uma situação segundo seu ponto de vista. Em complemento, destacamos que esse comportamento da forma composta não é identificado em nenhuma das outras duas variedades diatópicas contempladas neste estudo.

(127) *Creo que la federación está trabajando en cada uno de los ámbitos que se han creado en el último año <T3>.*

- (128) *Yo pienso que ha llegado un momento [en los últimos días] en que se ha sentido acorralado <T6>.*
- (129) *Entonces, creo que lo han acorralado y sí, es así. Lo han acorralado y lo han llevado al suicidio <T6>.*
- (130) *Creo que en estos diez años Tucumán se ha transformado <T7>.*

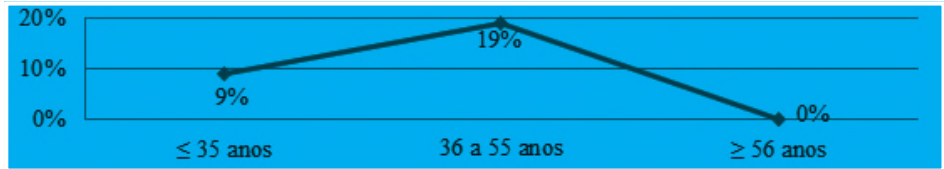
Voltando à análise do passado absoluto, um único caso parece escapar a essa tendência descrita. Conforme verificamos em (131), a oração subordinada constrói-se com uma forma simples (“*se sintieron*”). Apesar da aparente exceção, encontramos logo em seguida o uso da forma composta (“*se han detectado*”), dessa vez fazendo referência a uma ação presumível (*presunta*) mais genérica – conforme ressaltam o adjetivo indefinido “*algunas*” e o complemento plural – e desenvolvida em um passado menos definido. Por outro lado, quando o enunciador assume uma postura mais assertiva e menos modalizada para fazer referência à mesma situação descrita – conforme se lê em (131) –, ele se vale da forma simples (“*dije concretamente que detectaron irregularidades*”). Parece, portanto, que a forma composta pode funcionar, nessa variedade diatópica, também com uma espécie de modalizador do discurso, pois apresenta um fato como menos concreto e pressumível.

- (131) *Yo creo que en el fondo se sintieron molestos porque se han detectado algunas irregularidades o presuntas irregularidades en un área del PAMI que se llama Relación con beneficiario <T5>.*
- (132) *Yo lo que dije concretamente que se detectaron irregularidades en un área llamada Relación con Beneficiario <T5>.*

Conduzindo a análise para os fatores extralinguísticos, observamos um comportamento diferente do descrito nos subâmbitos de antepresente dessa mesma variedade diatópica, visto que todos os casos encontrados são observados na fala masculina, já que a fala feminina apenas apresenta casos do PPS. Além disso, conforme observamos no Gráfico 5.7, o estudo da variável idade revela a ausência de casos do PPC entre os mais velhos (acima de 55 anos), um uso mais retraído entre menores de 35 anos e uma preferência maior entre adultos de 36 a 55 anos. Juntos, os dois grupos de fatores parecem indicar que o uso da forma composta no contexto de passado absoluto é relativamente recente na variedade tucumana, posto que ainda não é identificado na fala feminina nem entre os falantes maiores de 55

anos e, por isso, tende a ser incrementado caso se torne bem avaliado socialmente e seja transmitido às gerações vindouras. Contudo, chamamos atenção à evidente maior recorrência, de modo geral, do PPS nesse contexto de análise, o que enfatiza o papel singular dessa forma na expressão do passado absoluto.

Gráfico 5.7: Da incidência percentual do fator “idade” sobre o uso do PPC no âmbito de passado absoluto, segundo os dados de San Miguel de Tucumán



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Considerações sobre as variedades da Argentina e da Espanha

Diante da extensa discussão realizada e dos dados resumidamente apresentados na Tabela 6.1, é possível afirmar que o tipo e/ou a abrangência da referência temporal de anterioridade é um fator determinante no comportamento das formas do *pretérito perfecto* nas variedades de Madri, Buenos Aires e San Miguel de Tucumán. O *Goldvarb Yosemite* reafirma esse comportamento ao selecionar, nas três variedades diatópicas, o grupo de fatores referente aos âmbitos e subâmbitos temporais como estatisticamente relevante para a compreensão do estudo da variação entre o PPS e o PPC.

Contudo, conforme sintetiza o Gráfico 6.1, também observamos que o grau de pertinência do grupo de fatores “âmbito temporal” tem uma avaliação diferenciada conforme a variedade diatópica.

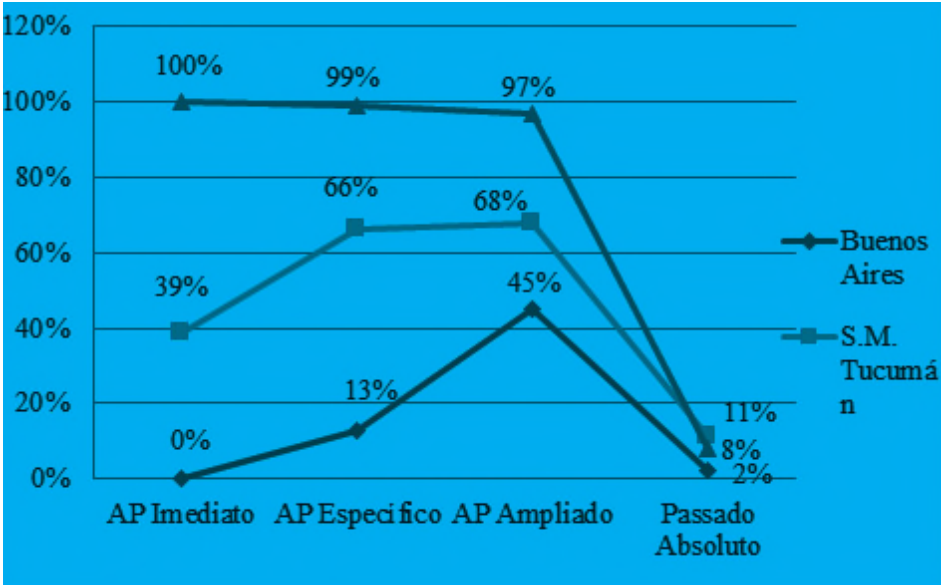
Em Madri, notamos uma distribuição complementar no uso do PPC e do PPS, configurando, de tal modo, um uso muito próximo ao prescrito pela norma-padrão, posto que a forma composta parece ser usada categoricamente nos subâmbitos de antepresente. Por outro lado, no âmbito de passado absoluto, a forma simples apresenta-se como a mais expressivamente recorrente. Apesar da diminuição brusca no percentual de ocorrência do PPC no âmbito de passado absoluto, cumpre destacar seu uso na variedade madrilenha (8%). Apesar de baixo, consideramos esse índice significativo, já que esse âmbito temporal é reservado normativa e historicamente ao uso da forma simples.

Tabela 6.1: Da distribuição das formas do *pretérito perfecto* segundo o fator “âmbito temporal” nas três variedades diatópicas

		ANTEPRESENTE						PASSADO ABSOLUTO	
		Imediato		Específico		Ampliado			
Madri	PPC	38	100%	124	99%	126	97%	22	8%
			–		.99		.96		.04
	PPS	0	0%	1	1%	4	3%	266	92%
	Total	38	100%	125	100%	130	100%	288	100%
Buenos Aires	PPC	0	0%	11	13%	33	45%	8	2%
			–		.68		.91		.29
	PPS	42	100%	72	87%	41	55%	344	98%
	Total	42	100%	83	100%	74	100%	352	100%
S. M. Tucumán	PPC	23	39%	74	66%	32	68%	28	11%
			.71		.81		.82		.24
	PPS	36	61%	38	34%	15	32%	219	89%
	Total	59	100%	112	100%	47	100%	247	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

214 Gráfico 6.1: Da incidência percentual do grupo de fatores “âmbito temporal” sobre o uso do PPC nas três variedades diatópicas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Esse comportamento parece ser um indício de que o PPC passa por um processo de expansão para o âmbito de passado absoluto. Ele apresenta um uso categórico no antepresente e, num movimento de extensão, passa a expressar também passado absoluto – aparentemente impulsionado pelos mais jovens. No entanto, assumindo como referência o “mapeamento percentual da progressão gradual da mudança” (NEVALAINEN; RAUMOLIN-BRUNBERG, 2014, p. 55) – Quadro 2.1 –, o percentual de uso do PPC identificado no contexto de passado absoluto em Madri apenas indica o início desse processo de expansão.

Quanto às variedades argentinas, encontramos, nos dados de Buenos Aires, uma recorrência muito mais expressiva do PPS que do PPC em todos os âmbitos temporais de análise. Contudo, é possível delinear uma tendência crescente da forma composta no âmbito de antepresente à medida que se dilata a amplitude da referência temporal dos subâmbitos. O uso categórico da forma simples no contexto de AP imediato tem se debilitado com o aumento no percentual do PPC no AP específico (13%/.70) e, de maneira ainda mais intensa, no AP ampliado (45%/.92), quando se identifica um percentual de uso de ambas as formas equivalente a um estado de mudança “a meio caminho”, de acordo com Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014). Uma vez que, de modo geral, a forma composta é mais recorrente entre a população mais velha e o PPS entre os mais jovens (Gráfico 5.7), o avançar do processo de mudança na expressão do antepresente e de seus subâmbitos deve culminar na acentuação da diminuição no uso do PPC em favor do PPS.

Por outro lado, a observação do comportamento do PPC no âmbito de passado absoluto revela uma diminuição brusca em seu uso (2%/.24) ao devolver, de modo quase categórico, ao PPS a expressão do passado absoluto – conforme prevê a norma-padrão. Nessa variedade diatópica, os subâmbitos de AP específico e de AP ampliado são os que mais favorecem o estudo da variação entre as duas formas do *pretérito perfecto*, posto que, neles, o PPC tem um percentual de uso incrementado.

Finalmente, o *corpus* de San Miguel de Tucumán apresenta uma recorrência do PPC nos subâmbitos de antepresente maior que o padrão identificado no *corpus* de Buenos Aires, porém menor que o de Madri, de modo que é possível identificar um cenário de variação claro e uma recorrência significativa de ambas as formas em todos os contextos temporais de análise. Apesar de haver um desencontro entre os dados dessa variedade e a prescrição da norma-padrão – ao desfavorecer, por exemplo, o uso do PPC no AP imediato (39%/.68) –, observamos que a forma composta passa a ser mais favorecida com a passagem para o subâmbito de AP

específico (66%/.81), mantendo-se aparentemente na mesma taxa de recorrência no AP ampliado (68%/.82). Conforme também indica o peso relativo desses fatores, são, de fato, esses dois últimos âmbitos temporais os que mais contribuem para o uso do PPC em San Miguel de Tucumán.

Todavia, em todos os subâmbitos do antepresente nota-se uma recorrência significativa da forma simples – que vai de 61%, no AP imediato, até 32%, no AP ampliado. Considerando as informações aportadas pela análise do fator “idade”, parece que é o PPS que apresenta maior tendência ao crescimento nessa variedade diatópica, posto que, na expressão do antepresente, ele tem seu índice incrementado entre os falantes menores de 35 anos, ao passo que a forma composta tem maior recorrência entre informantes mais velhos.

Segundo indica o “mapeamento percentual da progressão gradual da mudança”, de Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014), por ter um percentual de 41% na análise geral do antepresente, a forma simples parece já estar “a meio caminho” na efetivação da mudança na expressão do antepresente. No entanto, considerando os subâmbitos temporais em que o PPS é menos recorrente que o PPC, isto é, o AP específico (34%) e o AP ampliado (32%), observa-se um processo de mudança novo e vigoroso, marcado pela significância dos fatores sociais.

Na mesma direção do que observamos nas demais variedades diatópicas, há uma diminuição brusca na recorrência da forma do PPC no âmbito de passado absoluto – como determinado inclusive pela norma-padrão. Em especial, identifica-se na variedade tucumana um percentual do PPC (11%) que inclusive supera sua recorrência em Madri.

A fim de destacar um pouco mais a relevância do tipo e/ou a abrangência da referência temporal do âmbito de anterioridade no comportamento das formas do *pretérito perfecto*, é válido observar que um tratamento meramente quantitativo das duas formas verbais que desconsidere a subcategorização da anterioridade pode apresentar dados menos significativos e até enviesados. O contraste de toda a descrição até aqui realizada com os dados da Tabela 6.2 mostra a necessidade de refinar esse tipo análise meramente quantitativa, que apenas compara a frequência geral de uso do PPC e do PPS. Em outros termos, apesar de termos acesso, por meio dessa abordagem generalizadora, à percepção de que em Madri há uma recorrência mais expressiva da forma composta – variedade que é seguida por San Miguel de Tucumán e, mais atrás, por Buenos Aires –, não dispomos de nenhum outro dado que auxilie a compreender as razões que estão por detrás das diferentes proporções de uso da forma composta nas variedades diatópicas.

Tabela 6.2: Da relação entre o PPS e o PPC desconsiderando os contextos temporais

	Madri		Buenos Aires		S. M. Tucumán	
PPC	310	53%	52	9%	157	34%
PPS	271	47%	499	91%	308	66%
Total	581	100%	551	100%	465	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Finalmente, submetemos uma última análise ao *Goldvarb Yosemite* a fim de evidenciar a relevância do grupo de fatores “variedade diatópica” para a análise da variação entre o uso do PPS e do PPC. Nesse exame, o software não apenas seleciona esse grupo de fatores, mais ainda afere o peso relativo atribuído ao PPC (Tabela 6.3) em cada variedade, confirmando as tendências já apontadas, de modo geral, pela análise percentual dos dados. Isto é, salvas as especificidades descritas ao longo deste estudo, há um favorecimento da forma composta em Madri, ao passo que é a simples que detém maior espaço em Buenos Aires. Por sua vez, em San Miguel de Tucumán, a variação entre PPS e PPC encontra-se mais equilibrada, tendendo para uma ou outra forma conforme os fatores envolvidos na análise.

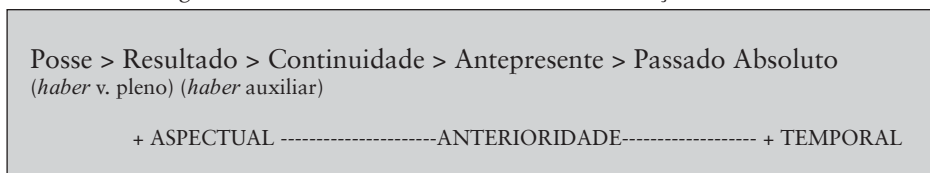
Tabela 6.3: Do peso relativo do grupo de fatores “variedade diatópica”

Madri	Buenos Aires	S. M. Tucumán
.82	.19	.63

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Atendo-nos ao estágio de mudança das formas do *pretérito perfecto* nas variedades diatópicas analisadas, observamos, no *corpus* de Madri, que o comportamento da forma composta parece se orientar pelo princípio de mudança gradual de função (LICHTENBERK, 1991), já que, segundo esse princípio, as funções mais próximas do comportamento original da perífrase são adquiridas antes daquelas mais distantes do funcionamento inicial. Em termos práticos, o uso categórico da forma composta nos subâmbitos de antepresente evidencia que, em Madri, o PPC especializou-se e se consolidou na expressão desse valor temporal – em parte, por ter começado a expressar, segundo Alarcos Llorach (1980), Harris (1982), Detges (2006), esse valor primeiramente e, por conseguinte, por ter tido mais tempo para se firmar como única forma na expressão do antepresente.

Figura 6.1: Saltos associativos do PPC: a mudança funcional



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A Figura 6.1 sintetiza o percurso de desenvolvimento do PPC até se consolidar na expressão do antepresente e, por conseguinte, estender-se ao âmbito de passado absoluto. Com base nos dados de que dispomos de Madri, o uso do PPC no âmbito de passado absoluto – mesmo que com um percentual relativamente baixo (8%) – parece resultar de um processo de extensão no uso da forma composta, posto que ela deixa de estar limitada à expressão específica do antepresente e começa a se ocupar da expressão de uma anterioridade mais geral, que, como tal, envolveria tanto a expressão do antepresente como do passado absoluto. Observa-se o início de uma mudança que deverá culminar, no nível semântico, na generalização da referência ao passado (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994).

A alta frequência percentual do PPC no âmbito de AP em Madri não é apenas um importante indicador de que o processo, de fato, tenha se desenvolvido nessa ordem, mas, conforme alertam Hopper e Traugott (2003), é provável que ela também tenha sido um agente propagador do PPC para os novos contextos de uso, visto que o aumento na frequência do emprego de uma forma pode conduzir à sua emancipação do contexto discursivo original e aumentar sua liberdade para se associar com uma variedade maior de âmbitos.

Desse modo, o percentual de uso ainda baixo do PPC no âmbito de passado absoluto, em contraste com o uso categórico dessa forma no antepresente, coloca em evidência a progressão da mudança funcional da forma composta em direção ao último estágio de mudança descrito por Harris (1982) e Detges (2006) – quando o PPC passa a fazer referência a toda anterioridade ao momento de fala. A observação do fator “idade” corrobora essa tendência e demonstra ser um processo mais recente na língua, posto que o percentual do PPC no âmbito de passado absoluto é alçado entre os falantes menores de 35 anos e diminui à medida que se aumenta a faixa etária dos informantes (Gráfico 5.3).

Os trabalhos de Schwenter (SCHWENTER, 1994; HOWE; SCHWENTER, 2003, 2008; SCHWENTER; CACOULOS 2008) e Serrano (1994, 1995) também

demonstram que o incremento no uso da forma composta, inclusive em contexto de passado absoluto, é uma clara evidência de que em Madri o *pretérito perfecto compuesto* tem avançado no *continuum* de gramaticalização, perdendo mais e mais os traços específicos de ordem aspectual e de antepresente e, por conseguinte, adquirindo um comportamento mais generalizado, que possibilita a veiculação do passado absoluto. Em outros termos, a alteração de significado visando à expressão de um valor mais genérico e abstrato caracteriza um processo de dessemantização pelo qual passa a forma composta.

Nesse estágio de expansão funcional, a forma composta é especialmente condicionada pelos contextos que favorecem uma leitura durativa (marcador temporal durativo, verbos atélcos, de atividade e estado) e de relevância presente (primeira e segunda pessoas gramaticais), comportamento que demonstra uma aparente persistência (HOPPER, 1991) de traços aspectuais – próprios de etapas iniciais de formação do PPC (resultado/duração) – encabeçando sua extensão ao estágio mais avançado na implementação do *continuum* de mudança do PPC.

As variedades da Argentina, por outro lado, não parecem seguir a tendência observada em Madri, havendo um estado de variação mais evidente na maioria dos contextos temporais examinados em Buenos Aires e San Miguel de Tucumán, favorecendo, muitas vezes, a forma simples em detrimento da composta. Além disso, o estudo de alguns fatores extralinguísticos demonstra que, nessas duas variedades, é o PPS que apresenta maior tendência à expansão, e não o PPC.

Em Buenos Aires, além do uso categórico do PPS no AP imediato e de seu maior percentual geral nos demais subâmbitos do antepresente e no passado absoluto, a análise dos grupos de fatores relativos ao “gênero/sexo” e à “idade” indicou que a forma simples tem seu índice ainda mais incrementado entre as mulheres e os jovens menores de 35 anos – grupo em que o PPC sequer foi encontrado. Esse comportamento não apenas enfatiza a posição de destaque que já detém a forma simples na expressão de todos os contextos de anterioridade que examinamos em Buenos Aires, mas também alerta para um possível processo de expansão do PPS e, por conseguinte, de retração do PPC, à proporção que se efetue uma troca nas gerações e a população mais jovem passe o uso que faz da língua às gerações subsequentes, podendo, desse modo, estender aos demais (sub)âmbitos temporais o uso categórico do PPS já observado no AP imediato. Conforme constatamos ao considerarmos o mapeamento percentual da progressão gradual da mudança (Quadro 2.1), os índices do PPS nos (sub)âmbitos temporais analisados

evidenciam uma mudança que, se não está concluída (como no AP imediato), está muito próxima à conclusão.

Em outros termos, o comportamento da forma composta na variedade portenha não parece ter forças para prosseguir o percurso de mudança tal qual delineado pelo *continuum* de gramaticalização do PPC proposto por Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006). Ao ter seu índice incrementado entre os maiores de 55 anos e estar ausente na fala da população menor de 35 anos, a forma composta demonstra um comportamento propenso ao desuso, tendência que é reforçada pela baixa frequência geral de uso do PPC nessa variedade diatópica. Contudo, a observação sincrônica, desprovida de conjecturas sobre comportamentos futuros, mostra que atualmente o uso da forma composta tende a ser mais favorecido à medida que se dilata a referência temporal dos subâmbitos de antepresente, até encontrar sua maior recorrência no AP ampliado (45%) – contexto em que o PPC tem maior especialização.

Isso posto, não é possível identificar, a exemplo de Madri, a implementação consolidada do PPC no contexto geral de antepresente em Buenos Aires, nem afirmar que o pequeno percentual de uso da forma composta no passado absoluto decorra da extensão de seu uso no antepresente. Porém, esse cenário de variação, em complemento ao comportamento da forma composta descrito a partir da análise multivariada, permite identificar em Buenos Aires a ocorrência do PPC marcada por valores aspectuais e pragmáticos, já que seu índice é incrementando quando com fatores que favoreçam uma leitura de relevância presente (marcador temporal conclusivo, primeira e segunda pessoas gramaticais), continuidade (marcador temporal durativo, verbos atéticos, de atividade e estado) e referência a situações genéricas ocorridas em um passado menos definido (orações interrogativas, marcador de tempo indeterminado, plural etc.).

O favorecimento da forma composta em contextos que permitam os dois primeiros valores parece decorrer da persistência de traços próprios das etapas iniciais de formação do *pretérito perfecto compuesto*, quando expressava fundamentalmente o sentido de resultado e de continuidade. O uso da forma composta, em Buenos Aires, não explicita a efetivação do processo de dessemantização que lhe permitiria a alteração do seu significado em favor da expressão especializada de traços especificamente temporais, procedimento que conduziria o PPC a uma maior ampliação de seu uso para o domínio temporal de antepresente e, mais adiante, para o passado absoluto. Por outro lado, parece que é a forma simples que gradualmente ganha mais espaço na referência à anterioridade,

seja ela de antepresente ou de passado absoluto. Também é pertinente destacar que o uso do PPC, na variedade portenha, pode fugir às limitações impostas pelo *continuum* de mudança funcional proposto por Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006), haja vista que também é usado para fazer referência a situações genéricas ocorridas em um passado menos definido.

Diante das particularidades funcionais identificadas no uso do PPC em Buenos Aires e do padrão de uso marcado socialmente como mais conservador (já que é recorrente apenas entre os mais velhos), parece haver a possibilidade de que, na verdade, a forma composta tenha definido, nessa variedade diatópica, outro *continuum* de mudança funcional, o qual não incluiria a completa perda dos traços aspectuais em favor dos traços temporais e estenderia o seu uso para a expressão de situações genéricas ocorridas em um passado menos definido.

Por último, em San Miguel de Tucumán, identificamos, de modo geral, uma variação mais equilibrada entre formas do *pretérito perfecto* na expressão de antepresente e de passado absoluto. Apesar da recorrência da forma composta nessa variedade ser bem maior que em Buenos Aires e de aparentemente haver uma avaliação positiva do PPC nas variedades diatópicas vizinhas (KEMPAS, 2002, 2006, 2009), também não é possível afirmar que o percentual de uso da forma composta no passado absoluto decorra da extensão de seu uso no antepresente. Isso porque, à semelhança do comportamento observado em Buenos Aires, a forma composta também não dá indícios claros de um total avanço no processo de dessemantização que lhe facultaria a alteração do seu significado em favor da expressão especializada de traços especificamente temporais

Mesmo havendo uma recorrência geral maior do PPC no antepresente e o incremento de seu uso na fala feminina (Gráfico 5.14), o estudo do grupo de fatores relativo à “idade” indica que é a forma simples a que tende a ter seu uso expandido na expressão do antepresente (Gráfico 5.15), posto que seu percentual de uso tende a ser alçado na população de até 35 anos. A propensa extensão no uso do PPS deverá acarretar um gradual deslocamento da forma composta, o que, de algum modo, já pode ser observado na comparação dos dados do AP imediato com os dados do AP específico e do AP ampliado. O AP imediato já indica um estágio mais avançado do uso do PPS (61%) que no AP específico (44%) e no AP ampliado (42%). De todo modo, esses índices apontam que a mudança na expressão do antepresente, em San Miguel de Tucumán, ainda está “a meio caminho” (NEVALAINEN, RAUMOLIN-BRUNBERG, 2014), dificultando, por isso, prever exatamente o direcionamento futuro desse processo.

Como também observado nas demais variedades diatópicas, há, nos dados de San Miguel de Tucumán, uma diminuição brusca na recorrência percentual do PPC com a passagem para o passado absoluto (11%). Em paralelo, a análise dos fatores extralinguísticos demonstra que, nesse âmbito temporal, a forma composta não ocorre na fala das mulheres nem entre os falantes maiores de 55 anos, o que parece indicar um comportamento inverso ao observado, de modo geral, no antepresente. Apesar de aparentemente não receber, na expressão do passado absoluto, o mesmo prestígio que identificamos no antepresente, encontramos uma leve tendência ao crescimento do PPC no passado absoluto, posto que está vinculado preferencialmente à fala da população entre 35 e 55 anos. Contudo, ainda assim, destaca-se o uso mais expressivo do PPS nesse âmbito temporal em San Miguel de Tucumán.

Todo esse cenário de variação, em acréscimo ao comportamento da forma composta descrito a partir da análise multivariada, permite novamente identificar o uso do PPC marcado por valores aspectuais e pragmáticos, já que sua recorrência é aumentada quando condicionada por fatores que favoreçam uma leitura de relevância presente (marcador temporal conclusivo, primeira e segunda pessoas gramaticais), continuidade (marcador temporal durativo, verbos atéticos, pluralidade de atividade e de estado) e referência a situações genéricas ocorridas em um passado menos definido (marcadores de tempo indeterminado e orações interrogativas). Com exceção do terceiro valor, os dois primeiros sentidos parecem decorrer da persistência dos valores próprios de etapas iniciais de formação do *perfecto compuesto* quando expressava um valor de resultado e continuidade.

Em suma, tendo em vista o uso ainda estratificado no âmbito de antepresente, não se pode afirmar que a forma composta tenha implementado efetivamente o terceiro estágio de sua gradual mudança funcional – conforme o *continuum* de Harris (1982) e Detges (2006). Mas, segundo indicam os dados da análise multivariada, parece se concentrar nas fases iniciais, quando apresentava um uso marcado por valores aspectuais. Na mesma direção, as ocorrências do PPC no contexto de passado absoluto demonstram a preferência pelo uso da forma composta com um valor de relevância presente e duração. Diante da preferência por valores aspectuais próximos aos de estágios iniciais de formação do PPC, parece que essa forma apresenta, em San Miguel de Tucumán, um comportamento mais conservador. Também é pertinente destacar que o uso do PPC, na variedade tucumana, pode fugir às limitações impostas pelo *continuum* de mudança funcional proposto por

Harris (1982) e Detges (2006), uma vez que é usado para fazer referência a situações genéricas ocorridas em um passado menos definido no antepresente.

A síntese da análise das três variedades diatópicas mostra, portanto, um uso menos estratificado das formas do *pretérito perfecto* na variedade madrilenha, posto que, no âmbito de antepresente, identifica-se o uso especializado (categórico) da forma composta e uma gradual extensão para o âmbito de passado absoluto – contexto em que se observa a forma composta sendo favorecida entre os falantes mais jovens e com valores de duração e relevância presente, ou seja, com a persistência de traços aspectuais próprios de fases anteriores de sua formação. Dessa forma, considerando o *continuum* descrito por Harris (1982) e Detges (2006), a variedade madrilenha apresentaria um uso mais inovador, já que o uso do PPC tende a se expandir efetivamente à expressão do passado absoluto, aproximando-se mais da implementação total da mudança que circunda a história do *pretérito perfecto compuesto* nas línguas românicas – estágio em que o PPC expressa valor temporal de passado, independentemente da distância e da relação com o momento de fala.

Por sua vez, em Buenos Aires, observa-se a estratificação das formas do *pretérito perfecto* favorecendo o uso do PPS em diferentes proporções, conforme o âmbito temporal analisado. No que se refere ao PPC, identificamos em seu uso a persistência de traços aspectuais próprios de etapas iniciais de formação da forma composta (continuidade e relevância presente) e a extensão de seu significado à expressão de situações genéricas ocorridas em um passado menos definido. Como o PPC não se especializou na expressão de nenhum âmbito temporal analisado, não parece haver um processo efetivo de extensão de seu uso à expressão estrita de traços temporais de anterioridade.

Pode-se afirmar que, em Buenos Aires, a forma composta apresenta um uso mais conservador ao se vincular preferencialmente a falantes mais velhos e à expressão de valores aspectuais próprios de etapas iniciais de sua construção. Contudo, poderíamos pensar ainda na possibilidade de essa variedade diatópica ter desenvolvido seu *continuum* próprio de mudança funcional, no qual, além dos valores de relevância presente e continuidade, a forma composta também se vincularia à expressão do valor de passado genérico, tendendo a deixar a cargo do PPS a expressão específica dos valores temporais antepresente e passado absoluto – hipótese que demandaria um estudo mais direcionado em trabalhos futuros.

Finalmente, apesar da variedade de San Miguel de Tucumán apresentar uma recorrência mais significativa da forma composta quando comparada com Buenos Aires, continuamos identificando um uso estratificado e mais conservador do PPC,

já que também está marcado pela persistência de traços aspectuais próprios de etapas iniciais de formação da forma composta (continuidade e relevância presente) e pela extensão de seu significado à expressão de situações genéricas ocorridas em um passado menos definido.

Em especial, paralelamente ao leve incremento no uso do PPC entre os falantes mais jovens, ainda se nota um uso do PPC mais vívido e expansivo nessa variedade diatópica, marcado tanto pela sua maior recorrência como pela avaliação prestigiosa que parece receber socialmente. Esse comportamento pode conduzir a que o PPC se especialize na expressão do antepresente ou ainda na definição de outro caminho de mudança funcional – o qual, eventualmente, não incluiria a completa perda dos traços aspectuais em favor dos traços temporais e estenderia o uso do PPC para a expressão de situações genéricas ocorridas em um passado menos definido. Contudo, parece que a comprovação de uma ou outra hipótese requereria um estudo longitudinal dessa variedade diatópica.

Diante dos dados mais concretamente obtidos, é possível afirmar que a inovação identificada em Madri resulta de um processo de mudança diferenciado daquele existente nas duas variedades da Argentina. Em Madri, observa-se não apenas a extensão do uso do PPC ao âmbito de passado absoluto, mas também se identifica que nos contextos de antepresente a preferência dada à forma verbal já é tida como consolidada (especializada). Desse modo, ao apontar o avanço no uso da forma composta no estágio mais distante do processo prototípico de mudança funcional do PPC nas línguas românicas, é possível caracterizar a variedade madrilenha como a mais inovadora entre as três. Por sua vez, por centrar o uso do PPC no valor continuativo e de relevância presente, as variedades argentinas apresentam um uso mais conservador, característico das primeiras fases de formação do PPC – considerando como referência o *continuum* de mudança funcional proposto por Alarcos Llorach (1980), Harris (1982) e Detges (2006). Entretanto, ao também marcar no uso do PPC a referência a passados genéricos e uma aparente tendência ao incremento no uso do PPC na expressão dos valores de antepresente e/ou passado absoluto, parece também possível afirmar que as duas variedades argentinas podem ter assumido direcionamentos particulares na mudança no uso das formas do *pretérito perfecto*, de tal modo que não poderíamos tratar o uso descrito como mais conservador, mas sim como diferenciado/particular.

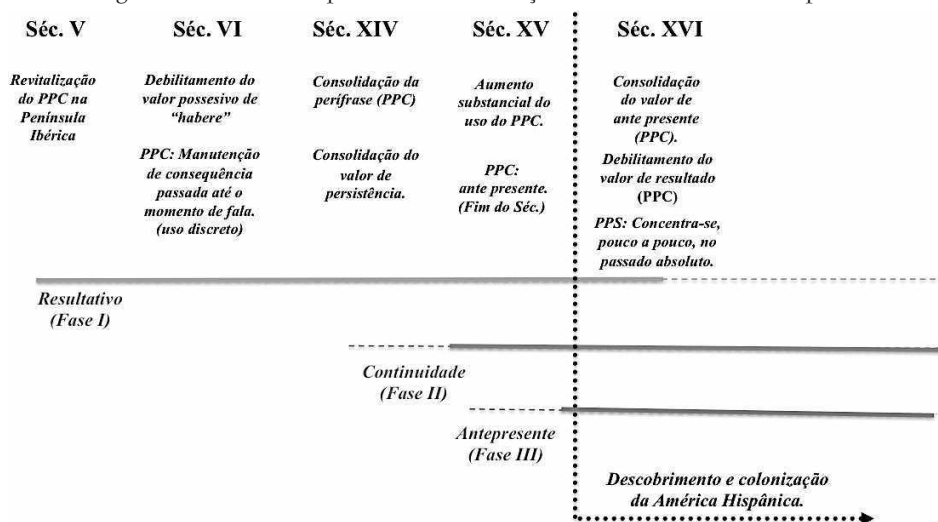
Parece prudente também considerar que, mesmo sofrendo o processo metonímico que possibilitou que a perífrase resultativa de origem latina adquirisse o *status* de tempo composto de anterioridade, o uso atual do PPC não descarta por

completo o valor aspectual original da perífrase, mas o transforma em um sentido de fundo, possibilitando seu ressurgimento conforme o estágio de desenvolvimento da mudança na variedade linguística. Os sentidos de relevância presente e de continuidade parecem ser explorados nas variedades argentinas e retomados apenas no âmbito de passado absoluto na variedade madrilenha. Cabe dizer que, com a persistência, também em Madri, desses traços aspectuais de base do PPC no passado absoluto, parece que esses sentidos seguem atuando como uma espécie de função de arranque que auxilia a extensão gradual do PPC a estágios mais avançados de seu processo de mudança.

Ainda sobre o comportamento do PPC com valor aspectual, é razoável buscar amparo nas propostas de Moreno de Alba (2006) e Company Company (2002) para a compreensão do comportamento mutável das formas do *pretérito perfecto* nas variedades do espanhol aqui investigadas. Conforme defendem os autores, as variedades da língua espanhola na América e na Península tomaram diferentes caminhos no processo de acomodação do funcionamento das formas do *pretérito perfecto* (COMPANY COMPANY, 2002). Na Península, a forma composta expressaria, de modo geral, um passado considerado pelo falante como inserido no *agora* da enunciação (antepresente), enquanto a forma simples, um passado considerado fora do *agora* da enunciação (passado absoluto). Guardadas as devidas ressalvas, essa tendência pode ser aplicada à descrição do funcionamento do *pretérito perfecto* em Madri, porque identificamos o uso do PPC concentrado no AP, e o PPS, no PA. Contudo, as ressalvas ficariam por conta do início de um aparente processo de extensão do uso da forma composta para o âmbito de PA.

Por outro lado, Moreno de Alba (2006) delinea a possibilidade de encontramos na América um sistema que privilegia o uso do PPS para a referência de qualquer situação passada, restringindo o uso do PPC para se referir a passados considerados especialmente relevantes no momento de fala. Nessa direção, os dados reafirmam que, de fato, por detrás da forma composta, pode se esconder um uso marcado por traços aspectuais de continuidade e de relevância presente – além da referência a passados genéricos.

Figura 6.2: Síntese do percurso da mudança funcional da forma composta



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Finalmente, parece possível relacionar o comportamento identificado nas variedades argentinas com a variedade histórica da língua trazida à América no seu período de descobrimento e colonização. Conforme demonstra a Figura 6.2, quando introduzido na América, o uso do PPC era fundamentalmente definido por seus valores aspectuais (resultado/continuidade). Foi depois desse contato ultramarino que a forma composta deu início a um processo de dessemantização que culminou na alteração do valor atribuído a ela, passando a expressar mais e mais uma informação exclusivamente temporal (antepresente>passado absoluto). Tendo em vista o contexto histórico e social das comunidades hispânicas presentes em ambos os lados do atlântico, é possível que cada variedade diatópica tenha gerado sua própria gramática, perfilando uma das possibilidades do sistema antigo e minimizando a outra possibilidade (COMPANY COMPANY, 2002).

Dessa forma, as variedades argentinas teriam concentrado a mudança do PPC nos padrões funcionais de uso mais consistentes quando a língua espanhola foi transplantada à América – isto é, preservando os valores de resultado (relevância presente) e continuidade –, enquanto a forma do PPS manteve-se especializada na expressão objetiva da anterioridade ao momento de fala, seja ela de antepresente ou de passado absoluto. Em Madri, por outro lado, a forma composta teria incorporado e acelerado, ainda mais, o processo que culminou na atribuição da função de antepresente ao PPC, limitando, por conseguinte, o contexto de uso do

PPS à expressão do passado absoluto. Não obstante, conforme revelam os dados deste estudo, esse âmbito temporal, a princípio reservado à forma simples, também começa a ter o PPC como variante competindo com o PPS – comportamento que parece decorrer da especialização da forma composta na expressão de valores temporais de anterioridade sem marcação aspectual.

Em outros termos, enquanto a variedade madrilenha mostra ter levado adiante o processo de mudança na expressão do antepresente e do passado absoluto, nas variedades argentinas, esse mesmo processo encontra-se em estágios mais embrionários, conservando formas e funcionamentos mais antigos e encontrando forças impulsionadoras que conduziram ainda a algumas vias particulares de mudança (como a expressão do passado genérico, por exemplo). A fim de justificar esse comportamento, Chambers, Trudgill (1994), Tagliamonte (2012) e Bagno (2012) explicam que variedades diatópicas mais isoladas dos grandes centros urbanos – como as variedades americanas, sobretudo até o século XIX⁶⁰, quando ainda eram colônias, sem qualquer hegemonia política e econômica – mantêm em funcionamento formas e normas linguísticas mais antigas e menos avançadas em seu processo de mudança, o que ocorre porque essas comunidades experimentam uma situação de maior restrição às interações comunicativas mais intensas e inovadoras, próprias dos grandes centros.

227

Diante desse comportamento mais conservador, entendemos porque, nas variedades de Buenos Aires e San Miguel de Tucumán, emprega-se um uso do PPC ainda com forte marcação aspectual (de continuidade ou relevância presente) ou, tendo em vista as demandas e experiências específicas dessas regiões afastadas, também se recorra a ele para expressar um novo valor, que escape ao *continuum* prototípico de mudança da forma composta nas línguas românicas (HARRIS, 1982; DETGES, 2006).

Visando ao cotejamento do padrão de uso descrito especificamente nas duas normas linguísticas da Argentina, observamos que, apesar de uma relativa proximidade funcional no que se relaciona à marcação de valores aspectuais e de passado genérico, encontramos uma significativa diferenciação quanto à frequência de uso e aos contextos temporais em que ocorre a variação entre as formas do *pretérito perfecto*. Além de mais frequente que em Buenos Aires, em San Miguel

⁶⁰ Conforme explica Fanjul (2011), é apenas a partir da segunda metade do século XIX, juntamente com a formação dos Estados Nacionais na América Latina, que se configura a formação das normas nacionais de uso da língua considerando as variedades de prestígio de cada um desses países (fase policêntrica de normatização). Todavia, conforme ainda observa o autor, o amadurecimento dessa “etapa policêntrica não anula a potencialidade centralizadora da ex-metrópole, que se mantém latente” (FANJUL, 2011, p.329).

de Tucumán, o PPC apresenta um inquestionável estágio de variação com a forma simples nos quatro contextos temporais analisados.

Aplicando à análise da dicotomia “inovação” x “conservação” os pressupostos de que (i) a variedade tucumana caracteriza-se, de modo geral, por apresentar comportamentos linguísticos mais conservadores, ao passo que a norma bonaerense apresenta um padrão mais inovador (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992; MONTES GIRALDO, 1995), e de que (ii) o uso linguístico da capital argentina repercute de modo intenso sobre a norma de prestígio geral do país (ROJAS MAYER, 2001; FANJUL, 2011), podemos pensar na possibilidade de que o uso mais restrito do PPC na variedade bonaerense corresponda, na verdade, a uma tendência “inovadora” para a norma argentina segundo a qual se acentuaria a especialização, pouco a pouco, da forma composta na expressão exclusiva de algumas informações aspectuais/pragmáticas – atribuindo, por conseguinte, a informação de anterioridade objetiva apenas à forma simples. No entanto, qualquer afirmação nessa direção demandaria um estudo mais cuidadoso, que envolvesse uma análise comparativa das duas variedades, observando a mudança gradual do comportamento do PPC/PPS no tempo e no espaço (isto é, ao longo da extensão territorial que vai desde Buenos Aires até San Miguel de Tucumán). Ademais, seria pertinente avaliar futuramente até que ponto a norma bonaerense – de prestígio nacional – intervém na norma tucumana, influenciando, quem sabe, o uso do PPC e do PPS.

Referências

ACERO FERNÁNDEZ, J. J. Las ideas de Reichenbach acerca del tiempo verbal. *In*: BOSQUE, I. (org.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Cátedra, 1990. p. 44-75.

ALARCOS LLORACH, E. Perfecto simple y compuesto. *In*: ALARCOS LLORACH, E. *Estudios de gramática funcional del español*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1980. p. 13-49.

ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2005.

ÁLVAREZ GARRIGA, D. Estudio sobre la variación perfecto simple y perfecto compuesto en los discursos presidenciales de Evo Morales: marcas del contacto lingüístico. *Cuadernos de la Alfal*, Buenos Aires, n. 4, p. 30-44. 2012.

ANDRÉS-SUÁREZ, I. *El verbo español: sistemas medievales y sistemas clásicos*. Madrid: Gredos, 1994.

ARAUJO, L. S. “*La gramática lo propuso, pero he escuchado...*”: um estudo comparativo sobre o uso dos pretéritos indefinido e perfecto segundo a perspectiva da gramática normativa e a impressão de uso efetivo de hispanofalantes. 2009. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2009.

ARAUJO, L. S. *Os valores atribuídos ao pretérito perfecto compuesto espanhol nas regiões dialetais da argentina*. 2012. 212 f. Dissertação (Mestrado em linguística e língua portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2012.

ARAUJO, L. S. *O pretérito em espanhol: usos e valores do perfecto compuesto nas regiões dialetais argentinas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

ARAUJO, L. S. O estudo da temporalidade verbal na língua espanhola: contribuições à dialetologia argentina. *In*: COSTA, Daniel Soares da (org.). *Pesquisas linguísticas pautadas em corpora*. São Paulo: Unesp Digital, 2015. p. 111-152.

- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBOSA, J. B. *Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de caracterização do pretérito perfeito no português*. 2008. 277 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2008.
- BELLO, A. *Análisis ideológico de la conjugación castellana*. Caracas: Plan Cultural, 1972.
- BELLO, A. *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: EDAF, 2004.
- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral*. Tradução: Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006. 2 v.
- BERMÚDEZ, F. Los tiempos verbales como marcadores evidenciales: el caso del pretérito perfecto compuesto. *Estudios filológicos*, n. 40, p. 165-188, 2005.
- BULL, W. E. *Time, Tense, and the Verb: A Study in Theoretical and Applied Linguistics, with Particular Attention to Spanish*. Berkeley: University of California Press, 1971.
- BYBEE, J; DAHL, Ö. The creation of tense and aspect systems in the languages of the world. *Studies in language*, v. 13, n. 1, p. 51-103, 1989.
- BYBEE, J; PERKINS, R; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.
- CARRASCO GUTIÉRREZ, Á. Reichenbach y los tiempos verbales del español. *DICENDA Cuaderno de Filología Hispánica*, Madrid, n. 12, p. 69-86, 1994.
- CARRICABURO, N. *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid: Arco Libros, 1997.
- CARTAGENA, N. Los tiempos compuestos. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. 2 v. p. 2933-2975.
- CASTILHO, A. T. A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português. *Alfa*, Marília, v. 9, p. 105-153, 1966.
- CASTILHO, A. T. Introdução ao estudo do aspecto na língua portuguesa. *Alfa*, Marília, v. 12, p. 7-135, 1967.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Tradução: Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros. 1994.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell Publishers, 2003.

COMPANY COMPANY, C. Sintaxis y valores de los tiempos compuestos en el español medieval. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, v. 32/2, p. 235-257, 1983.

COMPANY COMPANY, C. Gramaticalización y dialectología comparada. Una Isoglosa sintáctico-semántica del español. *DICENDA Cuadernos de filología hispánica*. Madrid, v. 20, p. 39-71, 2002.

COMPANY COMPANY, C. La gramaticalización en la historia del español. *Medievalia*, v. 35, p. 3-61, 2003.

COMPANY COMPANY, C.; CUÉTARA PRIDE, J. *Manual de gramáticas histórica*. 2. ed. Ciudad de México: UNAM, 2011.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, B. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola, 2005.

COSERIU, E. Geografía lingüística. In: COSERIU, E. *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, 1977. p. 103-158.

COSERIU, E. El español de américa y la unidad del idioma. In: SIMPOSIO DE FILOLOGÍA IBEROAMERICANA, 1., 1990, Sevilla. *Separata del I Simposio de filología iberoamericana*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1990. p. 43-75.

DAHL, Ö.; HEDIN, E. Current Relevance and Event Reference. In: DAHL, Östen (ed.). *Tense and aspect in the languages of Europe*. Berlin: de Gruyter, 2000. p. 385-402.

DE GRANDA, G. *Estudios lingüísticos hispanoamericanos: historia, sociedades y contactos*. Frankfurt: Peter Lang, 2003.

DETGES, U. Aspects and pragmatics. The passé composé in Old French and the Old Spanish perfecto compuesto. In: EKSELL, K.; VINTHER, T. (org.). *Change in Verbal Systems. Issues on Explanation*. Frankfurt: Lang, S, 2006. p. 47-72.

ELVIRA, J. *Lingüística histórica y cambio gramatical*. Madrid: Síntesis, 2015

ESCOBAR, A. M. Contrastive and innovative uses of the present perfect and the preterite in Spanish in contact Quechua. *Hispania*, n. 80, p. 859-870, 1997.

FANJUL, A. P. “Policentrismo” e “Pan-hispânico”: deslocamentos na vida política da língua espanhola. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011.

FERRER, M. C.; SANCHEZ LANZA, C. *Discurso Coloquial*: El verbo. Rosario: Universidad Nacional de Rosario, 2000.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FIORIN, J. L. Tempo e Temporalização. In: CAGLIARI, L. C. (org.). *O tempo e a linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 9-39.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. Variedades conservadoras e innovadoras del español en américa durante el periodo colonial. *Revista de filología española*, v. 72, n. 3/4, p. 361-377, 1992.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. (coord.). *El español de la Argentina y sus variedades regionales*. 2 ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004.

GALEANO, E. *El libro de los abrazos*. 12. ed. Buenos Aires: Catálogo, 2003.

GARCÍA DE DIEGO, V. *Gramática histórica española*. Madrid: Gredos, 1951.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. *El aspecto gramatical en la conjugación*. 2. ed. Madrid: Arco Libros, 2008.

GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. 9. ed. Barcelona: Biblograf, 1970.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; CARVALHO, Cristina dos Santos. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à gramaticalização*: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007. p. 15-66.

GUTIÉRREZ ARAUS, M. L. *Formas temporales del pasado de indicativo*. 2. ed. Madrid: Arco Libros, 1997.

GUTIÉRREZ ARAUS, M. L. Caracterización de las funciones del pretérito perfecto en el español de América. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º., 2001, Valladolid. *Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española*. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolingüística quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.

HARRIS, A. C.; CAMPBELL, L. *Historical Syntax in Cross-Linguistic Perspective*, Cambridge, Cambridge University Press. 1995.

HARRIS, M. The 'past simple' and the 'present perfect' in Romance. In: HARRIS, M.; NIGEL, V. (Org.). *Studies in the Romance Verb*. Londres: Croom Helm, 1982. p. 42-70.

HEINE, B. *Auxiliaries*: cognitive forces and grammaticalization. New York: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D; JANDA, Richard D (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.

HERNÁNDEZ, J. E. Focus on speaker subjective involvement in Present Perfect grammaticalization: Evidence from two Spanish varieties. *Borealis: An International Journal of Hispanic Linguistics*, Tromsø, 2013, v. 2, n. 2. p. 261-284, 2013.

HERNÁNDEZ ALONSO, C. *Gramática funcional del español*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1996.

HOPPER, p.J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C., HEINE, B. (ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1991. 1 v. p. 17-35.

HOPPER, P.J., TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOWE, C.; SCHWENTER, S. A. Present Perfect for Preterite across Spanish Dialects. *Penn working papers in linguistics: Selected Papers from NWAV-31*. Pennsylvania, v. 9.2, p. 61-75, 2003.

HOWE, C.; SCHWENTER, S. A. Variable constraints on past reference in dialects of Spanish. In: WESTMORELAND, M.; THOMAS, J. A. (ed.). *Selected Proceedings of the 4th Workshop on Spanish Sociolinguistics*. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, 2008. p. 100-108.

HURTADO GONZÁLEZ, S. El perfecto simple y el perfecto compuesto en el español actual: estado de la cuestión. *EPOS*, n. 15, p. 51-67, 1998.

JARA YUPANQUI, I. M. *The use of the preterite and the present perfect in the Spanish of Lima*. 2006. 237 f. Tese. (Doutorado em Filosofia) – University of Pittsburgh, Pittsburgh, 2006.

JARA YUPANQUI, I. M. El pretérito perfecto simple y el pretérito perfecto compuesto en las variedades del español peninsular y americano. *Signo e Seña*, Buenos Aires, n. 20, p. 255-281, 2009.

KANY, C. E. *Sintaxis hispanoamericana*. Tradução: Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1970.

KEMPAS, I. Sobre las actitudes de estudiantes españoles hacia el uso del pretérito perfecto prehodiernal en comparación con las de estudiantes santiagueños (Argentina). *Neuphilologische Mitteilungen*, v. 103, n. 4, p. 435-447, 2002.

KEMPAS, I. *Estudio sobre el uso del pretérito perfecto prehodiernal en el español peninsular y en comparación con la variedad del español argentino hablada en Santiago del Estero*. 2006. 335 f. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade de Helsinki, Helsinki, 2006.

KEMPAS, I. “Me alegro de que por fin hayas visto a Rafa ayer”. Acerca del uso del pretérito perfecto en los contextos prehodiernales: El caso de Santiago del Estero, Argentina. *Trabajo y Sociedad*, Santiago del Estero, v. 12, n. 13, p. 1-10, 2009

KOVACCI, O. *El comentario gramatical: teoría y práctica*. Madrid: Arco Libros, 1992

KUBARTH, H. El uso del pretérito simple y compuesto en el español hablado de Buenos Aires. Coordenação: Elizabeth Guadalupe Luna Traill. *Scripta philologica: in honorem Juan M. Lope Blanch*. Ciudad de México, 1992. 2 v. p.553-566.

KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. *Diogenes*, n. 55, p. 55-71, 1978.

LABOV, W. *Principios del cambio lingüístico: factores internos*. Tradução: Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 1996. 1 v.

LABOV, W. *Principios del cambio lingüístico: factores sociales*. Tradução: Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 2006. 2 v.

LABOV, W. *Padrões Sociolingüísticos*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMQUIZ IBAÑEZ, V. El sistema verbal del español actual. *Revista de la Universidad de Madrid: Homenaje a Menéndez Pidal*. Madrid, v. 18, p. 242-267, 1969.

— **234** LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: CHARLES, N. L. (ed.): *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 57-139.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. 2. ed. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität. 2002.

LENZ, R. *La oración y sus partes*. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1920.

LICHTENBERG, F. On the Gradualness of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. Closs, HEINE, B. (ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. 1 v. p. 37-80.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 2015.

MONTES GIRALDO, J. J. *Dialectología general e hispanoamericana: orientación teórica, metodología y bibliografía*. 3. ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo. 1995.

MORENO DE ALBA, J. G. *El español en América*. Ciudad de México: FCE, 2000.

MORENO DE ALBA, J. G. Valores verbales de los tiempos pasados de indicativo y su evolución. In: COMPANY COMPANY, C. (coord.). *Sintaxis histórica de la lengua española*. La frase verbal. Ciudad de México: FCE/UNAM, 2006. v. 1. p. 5-92.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Qué español enseñar*. Madrid: Arco Libros, 2000.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. 4. ed. Barcelona: Ariel, 2015.

NEBRIJA, A. *Gramática de la lengua castellana*. Edición de Antonio Quilis. Madrid: Editora Nacional, 1980.

NEVALAINEN, T.; RAUMOLIN-BRUNBERG, H. *Historical sociolinguistics: language change in Tudor and Stuart England*. Abingdon: Routledge, 2014.

OLIVEIRA, L. C. *As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus*. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

OLIVEIRA, L. C. *Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes*. 2010. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PAIVA BOLÉO, M. *O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas: estudo de caráter sintático-estilístico*. Coimbra: Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1936.

PENNY, R. *Variación y cambio en español*. Tradução: Juan Sánchez Méndez. Madrid: Gredos, 2004.

PENNY, R. *Gramática histórica del español*. Tradução: José Ignacio Pérez Pacual e Maria Eugenia Pérez Pascual. Barcelona: Ariel, 2014.

PIÑERO PIÑERO, G. El uso del perfecto simple y compuesto en combinación con unidades de tiempo que incluyen el ahora de la enunciación en la norma culta de Las Palmas de Gran Canaria. *Lingüística española actual*, Madrid, v. 20, p. 109-127, 1998.

PORTO DAPENA, J. A. *Tiempos y formas no personales del verbo*. Madrid: Arco Libros, 1989.

QUESADA PACHECO, M. Á. El sistema verbal del español de América: de la temporalidad a la espectralidad. *Español Actual*, Madrid, n. 75, p. 5-26, 2001.

RAE. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1986.

RAE. *Nueva gramática de la lengua española: Morfología y Sintaxis I*. Madrid: Espasa, 2009.

RAE. *Manual de la nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2010.

REICHENBACH, H. The tenses of verbs. In: STEVEN, D.; GILLON, B. S. (org.). *Semantics: a reader*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 526-533.

RIEMER, N. *Introducing semantics*. New York: Cambridge University Press, 2010.

RODRIGUES, A. T. C. “*Eu fui e fiz esta tese*”: as construções do tipo foi fez no português do Brasil. 2006. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RODRÍGUEZ LOURO, C. Usos del Presente Perfecto y el Pretérito en el español rioplatense argentino. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL, n. 15, 2008, Montevideo. *Actas del XV Congreso Internacional de ALFAL*. Montevideo: Alfal, 2008.

RODRÍGUEZ LOURO, C. *A sociolinguistic study of Preterit and Present Perfect usage in contemporary and earlier Argentina*. 2009. 288 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – School of Languages and Linguistics, Faculty of Arts, University of Melbourne. Melbourne, 2009.

RODRÍGUEZ LOURO, C. Past Time reference and Present Perfect in Argentinian Spanish. In: TREIS, Yvonne; DE BUSSER, Rik (ed.). *Selected Papers from 2009 Conference of the Australian Linguistic Society*. Melbourne: La Trobe University, 2010. p. 1-24.

RODRÍGUEZ MOLINA, J. *La gramaticalización de los tiempos compuestos en español antiguo: cinco cambios diacrónicos*. 2010. 2277 f. Tese (Doctorado en Filología Española) – Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2010.

ROJAS MAYER, E. M. *Evolución histórica del español en Tucumán entre los siglos XVI y XIX*. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1985.

— 236 ROJAS MAYER, E. M. La norma hispánica: prejuicios y actitudes de los argentinos en el siglo XX. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. *Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española*. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001.

ROJAS MAYER, E. M. El español en el Noroeste. In: FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. (coord.). *El Español de la Argentina y sus variedades regionales*. 2. ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004. p. 161-187.

ROJO, G. La temporalidad verbal en español. *Verba*: Anuário Gallego de Filología, Santiago de Compostela, v. 1, p. 69-149, 1974.

ROJO, G. Temporalidad y aspecto en el verbo español. *LEA Lingüística española actual*, Madrid, n. 10/2, p. 195-216, 1988.

ROJO, G. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE, I. (org.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Cátedra, 1990. p. 17-43.

ROJO, G.; VEIGA, A. El tiempo verbal: los tiempos simples. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. 2 v. p. 2867-2934.

ROMANI, P. Tiempos de formación romance I. Los tiempos compuestos. In: COMPANY COMPANY, C (coord.). *Sintaxis histórica de la lengua española*. Primera parte: La frase verbal. Ciudad de México: FCE/UNAM, 2006. v. 1. p. 5-92.

SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S. A; SMITH, E. *Goldvarb Yosemite*: a variable rule application for Macintosh. Toronto: University of Toronto. 2015.

SANTOS, A. J. O tempo e o aspecto verbal no indicativo em português. *Littera*, São Luis, n. 10, p. 55-74, 1974.

SANTOS, C. F. *Variação e mudança linguística dos pretéritos simples e composto, uma perspectiva sociolinguística e discursiva*: amostras de Madrid, Cidade do México e Buenos Aires. 2009. 259 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SCHWENTER, S. A. The grammaticalization of an anterior progress: evidence from a Peninsular Spanish dialect. *Studies in Language*, v. 18. p. 71-111. 1994.

SCHWENTER, S. A., CACOUULLOS, R. T. Defaults and indeterminacy in temporal grammaticalization: The ‘perfect’ road to perfective. *Language variation and Change*, v. 20, p. 1-39, 2008.

SERRANO, M. J. Del pretérito indefinido al pretérito perfecto: un caso de cambio y gramaticalización en el español de Canarias y Madrid. *Linguística Española Actual*, Madrid, v. 16, p. 37-57, 1994.

SERRANO, M. J. Sobre el uso del pretérito perfecto y pretérito indefinido en el español de Canarias: pragmática y variación. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, Santiago de Chile, v. 35, p. 533-566, 1995.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

SPERBER, D; WILSON, D. *Relevance: Communication and Cognition*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.

SQUARTINI, M; BERTINETTO, Pier Marco. The simple and compound past in Romance Languages. In: DAHL, Östen. *Tense and aspect in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 403-439.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TAGLIAMONTE, S. A. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

TERLERA DE NANNI, I. et al. *El verbo y el adverbio: su uso en Tucumán*. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1981.

- TORREGO, L. G. *Gramática didáctica del español*. 8. ed. Madrid: SM, 2002.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4. ed. Uberlândia: Edufu, 2006.
- VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Nova York: Cornell University Press, 1967.
- VET, C. The descriptive inadequacy of Reichenbach's tense system: A new proposal. *In*: SAUSSURE, L; MOESCHLER, J.; PUSKAS, G. *Tense, mood and aspect: theoretical and descriptive issues*. New York: Rodopi, 2007. p. 7-26.
- VIDAL DE BATTINI, B. E. *El español de la Argentina: estudio destinado a los maestros de las escuelas primarias*. Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación, 1964.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

Tipologia: Sabon e Gontserrat
Data de publicação: agosto de 2023

O interesse pelo estudo da expressão da anterioridade temporal na língua espanhola decorre da dissonância entre a descrição por parte da norma gramatical do castelhano e o uso observável das formas simples (*escribi*) e composta (*he escrito*) do *pretérito perfecto* em diferentes variedades do idioma.

O interesse em analisar a expressão do tempo em uma língua conduz à reflexão teórica sobre como essa categoria se estrutura na língua.

A elaboração dessa fundamentação teórica traz uma melhor compreensão da complexidade que envolve o sistema temporal do espanhol, por se tratar, nas palavras de Porto Dapena (1989), de “uma língua muito rica em formas de flexão, o que torna muito complexo o aprendizado do verbo tanto em seu aspecto puramente formal como, sobretudo, semântico e sintático”.